



# *Riscos da paixão*

série HOMENS MARCADOS  
Asa

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES & USA TODAY



JAY CROWNOVER

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Riscos da paixão*

# *Riscos da paixão*

série HOMENS MARCADOS  
Asa

JAY CROWNOVER



TÍTULO ORIGINAL *Asa*

© 2015 Jennifer M. Voorhees

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

EDIÇÃO Paolla Oliver

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

TRADUÇÃO Cassandra Gutiérrez

PREPARAÇÃO Luciana Soares

REVISÃO Juliana Bormio de Sousa

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

CAPA E PROJETO GRÁFICO Pamella Destefi

DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

IMAGEM DE CAPA Studio10Artur / shutterstock.com

Todos os direitos desta edição reservados à

**VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.**

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

*Star Books Digital*

---

Crownover, Jay

Riscos da paixão [livro eletrônico] / Jay Crownover; [tradução Cassandra Gutiérrez]. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2015. – (Série homens marcados)

2Mb; ePUB

Título original: *Asa*.

"MEB"

ISBN 978-85-507-0043-4

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

16-05906

CDD-813

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

Este livro é dedicado a todos que estão vivenciando este momento comigo. Riscos da paixão – Asa foi escrito para os leitores, os amantes dos livros, os bibliófilos, os viciados em palavras... e para meus amigos que entendem que não há nada melhor do que um livro novo, do que se refugiar em uma história nova. Adoro poder compartilhar este momento com vocês. Tenho e sempre terei orgulho de cada um dos meus leitores.

## INTRODUÇÃO

**C**ONSEGUIMOS! FIM. Dei minha palavra. Muitas e muitas de minhas palavras, para ser mais exata. Nem sei como, mas aí estão os seis livros, finalmente chegamos a este ponto. Parece inacreditável, mas tem tudo a ver este ciclo terminar com o Asa. Ele não deveria fazer parte da turma (não era para ser da família), não deveria ter um livro apenas dele, muito menos ter um final feliz. Mas o destino tinha outros planos para ele. Da mesma forma que tinha outros planos para mim. O Asa precisou lutar para encontrar seu lugar no mundo e, muitas vezes, no meio de toda essa jornada, também passei por isso. Vou contar uma coisa: esse garoto sulista mexeu comigo em vários níveis, e ele não mudou minha vida para sempre apenas porque acabou se tornando o último livro da série.

Mal consigo acreditar que o livro do Asa é o oitavo que escrevo em pouco mais de dois anos. Isso é muito louco e superempolgante. Nunca achei que teria um livro publicado! E é por isso que o fato de estarmos todos juntos aqui, na reta final, é absurdamente incrível.

Eu tinha escrito uma introdução bem diferente para este livro. Era longa, arrastada e contava todos os detalhes da luta que foi chegar ao ponto em que estou... o fim... e o começo. Minha jornada nem sempre foi tranquila, mas, em alguma parte do caminho, me dei conta de que não deveria me concentrar nisso ao encerrar esta etapa com vocês.

Não. Preciso me concentrar neste momento. Neste exato segundo em que posso me despedir desta coleção com os meus leitores. Em que posso seduzi-los e convencê-los a começar uma nova série comigo. Preciso me concentrar no aqui e no agora, em vez de olhar para trás ou pensar em tudo o que poderia ou deveria ter acontecido. Luto contra isso todos os dias. Às vezes me esqueço de que não sou a dona do mundo, e abrir mão da vontade e da necessidade de controlar certos resultados é muito difícil para mim.

Mas estou fazendo isso AGORA.

Agora, neste exato momento, estou atordoada com toda a gratidão que sinto por ter podido escrever uma história para cada

um desses homens e cada uma dessas mulheres. Estou absolutamente emocionada com o apoio e o amor que minhas histórias e ideias receberam ao longo do caminho. Fico lisonjeada com a quantidade de pessoas que estiveram dispostas a me dar uma chance, tantas e tantas vezes. E, mais do que tudo, estou tão repleta de amor por cada um desses livros, e pelas pessoas que os amam tanto quanto eu, que mal consigo suportar. Os leitores me dão tanta alegria e empolgação, que qualquer problema, qualquer reclamação e perrengue ficam pequenos.

Obrigada por estarem aqui. Obrigada por me permitirem estar aqui...

## CAPÍTULO 1

# *Asa*

**N**ÃO FAZ MUITO TEMPO que ver uma garota encher a cara de propósito como essa linda mulher estava fazendo me faria ir para o ataque. Eu a levaria para casa, para a minha cama, e não me sentiria nem um pouco culpado por ela ter decidido me acompanhar sem estar cem por cento lúcida. Nunca deixei uma oportunidade de sexo fácil passar batido e nunca me senti mal por minhas ações não serem nenhum exemplo de moralidade. Gostava de não precisar me esforçar muito para conseguir as coisas e também de virar as costas e pôr a culpa dos meus erros em qualquer um. Não sabia o que era responsabilidade e, naquela época, a evitava a qualquer custo, como se ela fosse um cobrador.

Mas os tempos mudaram e, entre morrer em uma cama de hospital e voltar a viver vendo minha última chance de ter uma vida normal refletida nos olhos da minha irmã, uma leve faísca de consciência se acendeu dentro de mim. Naquela noite, fiquei olhando aquela menina muito linda, que estava bêbada, descontrolada e a procura de encrenca, e desejei que ela soubesse como o peso do arrependimento é grande. Ainda tinha vontade de levá-la para casa e para a cama, mas isso tinha outro significado. Aquele fiozinho de consciência ficou me cutucando, pedindo que eu fizesse algo que nunca havia feito: bancar o cavalheiro e a proteger dela mesma.

Não posso ser chamado de altruísta ou de atencioso. Mas, se eu não tomasse uma atitude, aquela ruiva linda ia se afogar em um mar de mágoa. Sei, por experiência própria, que algumas mágoas e alguns erros podem atrapalhar alguém para sempre. Carregar esse peso é exaustivo, coisa que ela não merece, por mais que, naquele momento, parecesse não se dar conta disso.

Limpei as mãos no pano pendurado em meu cinto, na parte de

trás da calça, e levantei uma sobrancelha para a Dixie, a garçonete do Bar, que também assistia, com olhos arregalados, ao showzinho que rolava na pista de dança. Era sábado à noite, e o Bar estava bem cheio. Uma banda tocava no palco minúsculo da casa, mas quase todos os olhos estavam voltados para a linda ruiva e seus passos de dança. Eu deveria ter dado um corte ao ver que a garota já estava bem altinha, mas seus olhos cor de chocolate estavam tão tristes, tão atormentados, que não pude dizer “não”. Agora que consigo sentir coisas como empatia e compaixão, sabia que tinha dado bebida demais a ela, e isso a levou a quase fazer um *striptease* no meio da pista.

– Você acha que esses rapazes que estão tentando pegar a Royal vão surtar se souberem que, provavelmente, ela está armada? – perguntou Dixie, em tom meio sarcástico.

Em seguida, pegou o uísque com Coca-Cola que eu havia servido.

– Quando uma mulher está visivelmente bêbada, querendo se divertir, e, por acaso, é linda como a Royal, não há nada que a proteja. Vou tirá-la dali. Depois de servir esse drinque, você fica de olho no balcão um minutinho?

A Dixie levantou as sobrancelhas, deu um sorrisinho e respondeu:

– Tem certeza? Parece que tem uma matilha de chacais cercado uma gazela morta. A coisa pode ficar feia se você for lá acabar com a diversão.

A banda, que era a atração ao vivo da noite, começou a tocar “You got lucky”, do Tom Petty, e a Royal, que estava no olho do furacão, se virou de repente e fixou os olhos nos meus. Em algum momento daquela rebolação toda, ela tinha tirado a blusa e estava só com uma regatinha supercolada, que mal lhe cobria o corpo. Seu vasto cabelo ruivo escuro havia se soltado do rabo de cavalo e estava todo grudado no suor do seu pescoço e do seu peito. A maquiagem estava toda borrada, e havia manchas pretas embaixo daqueles olhos castanhos. Seu peito subia e descia rapidamente, e sua pele perfeita e à mostra brilhava de suor. Ela parecia uma mulher saída de um sonho erótico masculino ou uma modelo da Victoria’s Secret usando aquele bar sem nome para desfilarem seus atributos como se estivesse em uma passarela. Aquela garota ia

causar confusão, e acho que, apesar do sangue *kamikaze* que fervia em suas veias, ela sabia disso. Dava para perceber pelo olhar desafiador que ela me lançava lá da pista.

– Por mim, pode ficar feia o quanto quiser. Mas não quero que ela seja vítima de uma carnificina.

Eu não deveria me importar com isso. Não deveria me preocupar. Aquela ruiva era mais do que capaz de se cuidar sozinha. E, como a Dixie havia comentado, era bem provável que estivesse armada. Só que não consegui controlar o instinto protetor que aflorou em mim ao ver um universitário riquinho e desajeitado passar a mão na cintura dela e puxá-la para perto do seu peito.

A Dixie serviu o drinque, voltou ao balcão e soltou um suspiro.

– Mal posso esperar o Rome contratar aquele amigo para ficar por aqui e bancar o segurança nos fins de semana. Eu adoro este lugar, adoro o meu emprego, mas estou ficando cansada de ver vocês dois lidarem com esses bêbados esquentadinhos o tempo todo.

Encolhi os ombros e passei pela Royal a fim de tentar impedir o desastre iminente. A ruiva havia finalmente posto seus instintos adormecidos para funcionar e estava tentando se livrar do abraço do universitário.

– Ossos do ofício.

Mas preciso admitir que, quando o meu chefe, Rome Archer, falou que um antigo companheiro de pelotão estava para sair do Exército e ia precisar de um trabalho até pôr a vida nos trilhos de novo, fiquei aliviado por saber que meus dias de bater cabeça com a massa revoltada do fim de semana estavam contados. Tenho antecedentes criminais. Uma ficha bem longa e variada. Sempre que ponho as mãos em outro ser humano de um jeito mais violento, automaticamente penso que minha ficha vai ganhar algumas páginas. Como muitos aspectos da vida que eu levava antes de quase morrer na cama do hospital, isso é algo do meu passado que sempre vai me definir e me prejudicar.

Comecei a enfrentar a multidão na pista lotada, e a Dixie gritou, lá do balcão:

– Você é bonito demais para pôr essa carinha na frente de um

punho cerrado, Asa. Toma cuidado.

O universitário estava com as mãos no rosto, e sangue escorria por entre seus dedos. Dois sujeitos seguravam a ruiva, e um deles já estava com os punhos cerrados. Ela olhava feio para o grupo de homens. Aquela mulher é alta e muito malhada, mas nenhum daqueles bêbados fazia a menor ideia do porquê. Só conseguiam enxergar uma menina briguenta e bêbada, que tinha passado a noite inteira provocando, intencionalmente ou não. E agora que a gata havia arrancado sangue de um deles, fazendo-o parecer frouxo na frente do Bar inteiro, a coisa ia ficar mesmo feia. Tomar um chute na bunda de uma mulher é uma coisa. Tomar um chute na bunda de uma mulher que parece modelo de passarela e usa salto agulha é outra bem diferente. Também não ajudava o fato de ela estar com uma calça amarelo-ouro superjusta, que realçava todas as suas curvas, e ter uns peitos tão lindos que deveria ser crime cobri-los.

Em menos de um piscar de olhos, ela começou a tentar se soltar dos dois rapazes que a seguravam, e pude perceber a raiva refletida nos olhos lacrimejantes do sujeito cujo nariz estava provavelmente quebrado.

Mandei um olhar de repreensão para ele. A Dixie tem razão: sou bonito, bonito demais para ser tão feio por dentro. Mas, para se contrapor à beleza enganosa do meu rosto, sou grande e tenho me metido em confusão desde que me conheço por gente. É por isso que, normalmente, dou um jeito de transmitir ao meu oponente que, se ele ousar se meter comigo, sairá perdendo. O rapaz que estava sangrando deu um passo para trás, e tirei um dos sujeitos de cima da ruiva. Ele grunhiu e xingou, até porque, assim que se soltou e recuperou o equilíbrio, a garota deu uma joelhada bem em seu saco desprotegido. Seu corpo se dobrou de dor.

Sacudi a cabeça quando ela se virou e tentou dar um soco desajeitado no outro sujeito.

– Royal, pare com isso.

Ela me ignorou, e a banda começou a tocar um *cover* bem animado da canção country “A hard lesson to learn”, do Shooter Jennings. A ruiva entrou completamente em modo de ataque.

Olha, sou muito a favor de uma mulher se defender sozinha de

investidas indesejadas, e era óbvio que a policial não queria mais as mãos daquele sujeito em cima dela. Mas aquela garota em especial, aquela jovem mulher surpreendente que, aliás, parece uma *top model*, faz parte da força policial da cidade de Denver, e eu tinha certeza de que ela poderia causar um grande estrago, mesmo naquele estado. Eu não podia permitir que isso acontecesse. Não só porque o Bar podia ser processado, mas também porque não queria que ela colocasse seu emprego em risco.

Passei o braço em volta da Royal e pus a mão em cima dos dedos que seguravam o pulso dela. Ela se remexia e tentava loucamente socar o garoto que a segurava. Soltar os dedos dele foi difícil, porque eu precisava ficar me abaixando para a Royal não me acertar uma cotovelada ou um soco na cara. A mulher era rápida e forte, coisa que o sujeito que a segurava finalmente percebeu ao levar um soco bem forte na têmpora. Ele a soltou de repente e cambaleou para trás. Na mesma hora, segurei os braços da ruiva – que não paravam de atacar – ao lado do corpo dela e a puxei para perto do meu peito. Então me abaixei o suficiente para sussurrar em seu ouvido:

– Calma, Royal.

Nós dois encaramos o sujeito que a havia agarrado, e fingi não perceber que os peitos espetaculares da garota subiam e desciam bem em cima do braço que eu havia posto em volta de suas costelas. Mesmo que eu estivesse tentando ajudá-la, lá no fundo, meus velhos instintos gritavam. Tive vontade de passar a mão nela de um jeito que não ia ajudar nem um pouco.

– Ela me agrediu – disse o sujeito, com voz de moleque chateado que perdeu o brinquedo preferido no parquinho para um moleque maior.

Balancei a cabeça e comentei, fazendo questão de puxar bem meu sotaque do Kentucky:

– Agrediu, sim. Mas só depois que você passou a mão nela.

Meu charme sulista funciona muito bem na hora de lidar com uma situação delicada. As pessoas devem pensar que não tenho inteligência suficiente para representar uma ameaça, apesar do meu tamanho.

A banda continuava a tocar, mas acho que ninguém estava prestando atenção. Todos observavam o desenrolar do caos que a Royal havia criado.

– Essa mulher deu um soco na cara do Bob, que só queria dançar com ela. Essa mulher quebrou o nariz do meu amigo.

Balancei a cabeça de novo e lutei para não me fixar no fato de que o traseiro absolutamente perfeito da Royal estava bem em cima dos meus documentos. Ela virou a cabeça de leve, apenas o suficiente para eu ver seu olhar de pânico e de consciência pesada. Em seguida, lambeu o lábio inferior, e tive de lembrar que não sou mais aquele tipo que se aproveita de mulheres bêbadas. Pelo menos não quero mais ser esse homem, mas também não sei se tenho escolha.

– O Bobby precisa aprender a perguntar se a mulher quer dançar com ele ou não. Olha, cada um vai para o seu canto, e a gente pode esquecer que isso aconteceu...

Fui interrompido. O sujeito apontou para mim, espremeu os olhos para a Royal e disse:

– Vou chamar a polícia.

Senti a Royal começar a tremer nos meus braços. Era exatamente isso que eu tentava evitar. Levantei uma sobrancelha, a coloquei atrás de mim e cruzei os braços. Achei que ficaria muito mais intimidador sem aquela ruiva extremamente sensual me tapando.

– Você até pode fazer isso, mas vai acabar com a festa. A banda vai precisar parar de tocar, todo mundo que está aqui vai precisar parar de beber e vai ficar louco da vida, porque pagou consumação para entrar e curtir o som. Além do mais, vou precisar ligar para o dono e contar o que está rolando, e isso é como atrapalhar a soneca do Godzilla.

Passei o dedão no canto da boca e dei meu melhor sorriso de “caipira”. Essa jogada já desarmou muita gente que estava a fim de ver sangue, normalmente o meu sangue, mas não liguei de usá-la para evitar que o sangue da Royal fosse derramado.

– E, cá entre nós, a garota tem amigos na polícia – completei.

Como o outro sujeito tentava avaliar se eu falava sério ou não, inclinei o queixo e continuei:

– O melhor amigo dela é policial. Se você ligar para a delegacia, é bem provável que mandem ele para cá, porque ele sabe que a garota costuma vir aqui, e aí ela vai dizer que você e seus amigos passaram a mão nela sem permissão, e os vídeos de segurança vão mostrar que foi isso mesmo.

Apontei para uma das câmeras que o Rome havia instalado e concluí:

– Você acha que isso vai ser bom para você?

O garoto ficou pensando numa resposta e, de repente, o vocalista da banda falou no microfone, para todo mundo que estava no Bar ouvir:

– Vocês são uns bostas. Tirem esse amigo sangrando daqui e deixem todo mundo voltar a se divertir.

Isso atíçou os frequentadores, que começaram a gritar “vocês são uns bostas!”, e o bando de aproveitadores não teve escolha: foi obrigado a ir embora. Eles não tiveram como livrar a própria cara e não quiseram pagar para ver se a Royal tinha mesmo um amigo policial.

O grupinho rastejou até a porta, e eu arrastei a Royal até o balcão. Pousei sua linda bunda em uma banqueta, onde dava para eu vigiá-la. Prendi a garota nos meus braços e cheguei tão perto que nossos narizes quase se tocaram. Então sussurei:

– Senta aí. Olha, eu posso ligar para a Saint vir te buscar ou você pode ficar sentada aqui, tomar uma água, comer algo bem gorduroso e horrível até esse porre passar e você ter condições de ir para casa sozinha. Essas são suas duas únicas opções, Ruiva.

Ela ficou piscando para mim com aqueles cílios que são um crime de tão compridos, e posso jurar que estava com jeito de quem ia chorar. Ela engoliu em seco e balançou a cabeça de leve, concordando comigo.

Quando abriu a boca, a voz quase não saiu:

– Não liga para a Saint. Vou esperar aqui.

A Saint é a melhor amiga dela, namorada do meu amigo Nash. É uma mulher doce e tímida que, não sei como, consegue dar conta da atitude ousada e meio insolente da Royal Hastings. As duas formam uma dupla estranha, mas tenho certeza de que a Saint

largaria qualquer coisa em um piscar de olhos para cuidar da Royal. Não posso condenar a garota por não querer que a amiga a buscasse naquele estado. Ela estava um trapo. Ainda estava linda, de um jeito louco, meio selvagem, mas, debaixo daquela beleza toda, o desastre queria se juntar com a confusão, com o perigo e mais um monte de coisa ruim, e é assim que ela tem se comportado nas últimas duas semanas. Aquela não tinha sido a primeira catástrofe causada por suas travessuras, e fui obrigado a evitar. Estava na hora de dizer que ela precisava parar com aquilo.

Me afastei da Royal, fui para trás do balcão e olhei feio para a Dixie, que havia dado um tapinha na minha bunda a caminho da pista.

– Meu herói.

Apenas grunhi para a garçonete. Se tem alguém que não serve para ser herói sou eu. Acho que estou mais para aqui-inimigo ou vilão. Servi água para a Royal em uma daquelas canecas de cerveja gigantes que ficam atrás do balcão e pus na frente dela batendo o caneco no balcão, sem dizer uma palavra. Ela deu um pulinho de susto, e o arrependimento e o remorso começaram a se estampar em seu rosto. A parte do seu peito que estava à mostra ficou vermelha, e a vermelhidão subiu para as bochechas.

Fui até o outro lado do balcão, parando no meio do caminho para encher alguns copos, fechar uma conta e recolher alguns pratos vazios. Aí cheguei na entrada da cozinha, que ocupa toda a parte de trás do bar. Normalmente, a gente só serve comida até a meia-noite, mas eu sabia que a Avett Walker, a menina nova que o Rome contratou para trabalhar na cozinha como um favor para um velho amigo, ainda estava por lá, porque não cheguei a ver seu cabelo *pink* passar voando pela porta assim que seu turno terminou, como sempre acontece.

A Avett é uma coisinha bocuda que, pelo que sei, só tem veneno e marra correndo nas veias. É óbvio que ela não está a fim de trabalhar aqui. A Darcy, sua mãe, é a gerente da cozinha, e o pai foi quem vendeu o bar para o Rome, mas, pelo jeito, a Avett não curte o lugar e aparece para trabalhar todos os dias com jeito de quem está cumprindo uma pena. Como sou seu chefe, sou visto como

carcereiro. A gente não se dá exatamente bem. Acho que vejo nela muito do meu antigo comportamento sem noção e egoísta.

Chamei a Avett. Ela não respondeu, então entrei na cozinha vazia e caminhei até a câmara frigorífica. Como não tinha tempo a perder, peguei um pouco de queijo, pão e uns pedaços aleatórios de fruta, e dei o assunto por encerrado. Precisava enfiar alguma coisa que absorvesse a bebida goela abaixo da Royal, e então falar para ela parar de fazer merda e tomar jeito na vida.

Estava fechando a porta com o pé, porque minhas mãos estavam ocupadas, quando, de repente, a porta do *freezer* de cerveja se abriu, e a Avett apareceu de trás dela, mexendo no fecho da bolsa obviamente cheia. Ela me viu e virou estátua, arregalou os olhos e, em seguida, os espremeu com uma cara desafiadora.

– O que você está fazendo aqui? A cozinha já fechou.

Até parece que a Avett tem direito de questionar aonde vou ou deixo de ir dentro daquele bar. Aquela era uma tática de distração que conheço muito bem.

Fiquei só olhando para ela e não falei nada. Dei uma olhada inquisidora para a bolsa que ela segurava e depois para seus olhos castanhos e frios.

– O que tem aí na sua bolsa?

Ela se mexeu no mesmo lugar, e não pude deixar de ouvir o barulho das garrafas batendo na bolsa. A garota tentava roubar cerveja, óbvio. Era tudo o que eu precisava naquela noite: lidar com mais uma mulher complicada. Que dor de cabeça.

– Nada.

A Avett tentou passar reto por mim, e as garrafas se bateram de novo, fazendo ainda mais barulho.

Como eu estava com as mãos ocupadas, pus o corpo inteiro na frente dela, para obrigá-la a parar. A Avett puxou muito mais à Darcy do que ao pai. O Brite é um sujeito gigante e tem uma barba tão grande que muito cantor *folk* já deve ter escrito música em homenagem a ela. A Avett é baixinha, mal bate no meu peito, e precisou inclinar a cabeça para trás para continuar me olhando feio. O que essa garota não tem de altura, com certeza tem de marra.

– Devolve. Não faz mais isso, e essa é a última vez que eu aviso.

Quando fico irritado, meu sotaque sulista vem com tudo, mas não do mesmo jeito que acontece quando uso ele de propósito para conseguir alguma coisa que quero ou convencer alguém de que sou mais legal e mais burro do que realmente sou.

– Sai da minha frente, Asa.

– Não. Você não tem o direito de roubar o Rome. Não ligo se você tem problemas com o Brite e não quero nem saber se você preferia estar domando leões da montanha do que trabalhando aqui. Não vou deixar você tirar vantagem do Rome. Ele é legal e não merece isso.

Ficamos nos encarando e, por um instante, achei que a Avett ia tentar passar por mim porque via que eu estava com as mãos ocupadas. Mas acho que havia alguma coisa no ar, uma espécie de aura que fez a garota entender, por instinto, que ela até poderia se safar, mas não por muito tempo.

A Avett deu uma bufada que fez sua franja rosa voar pela testa. Ela seria uma garota bem bonitinha se não fosse um pé no saco e não tivesse, praticamente, dez anos a menos do que eu. A menina é só uma moleca e age de acordo com a idade.

– Tenho uma festa para ir e estou sem grana para comprar cerveja. Achei que não tinha problema nenhum eu pegar uma caixa do *freezer*. Afinal de contas, meu pai praticamente entregou esse bar de graça ao amigo soldado. Uma dúzia de cervejas é mais do que justo.

Revirei os olhos e falei:

– Não teria nada demais. Sabe que o Rome não ligaria se você se desse ao trabalho de pedir. Mas pegar escondido, como se te devessem alguma coisa, por algum motivo desconhecido, não pega bem comigo, e não vou deixá-la fazer isso. – Enruguei a testa, me apoiiei no outro pé e completei: – Como é que você pode estar dura? Recebeu na sexta-feira.

Como a Avett trabalha na cozinha, sei que o Rome a paga por hora. Não é grande coisa, mas o suficiente para durar mais de 24 horas. A menos que ela esteja fazendo algo de muito errado.

Em vez de me responder, ela deu meia-volta e foi devolver a cerveja no *freezer*. Esperei a Avett voltar e a fiz caminhar na minha

frente até o balcão. Demorei tanto que a banda havia parado de tocar, e todo mundo estava em volta da Dixie, que tentava atender todos os pedidos. Dei uma cotovelada de leve na Avett e coloquei o que eu estava carregando nas mãos dela. Apontei para a Royal, sentada, resignada, no meio da confusão, com a cabeça abaixada e olhando fixamente para o tampo do balcão.

– Dá comida para aquela ruiva. Fica lá até ela comer tudo e, se eu te pegar roubando de novo, você já era. Não quero nem saber da promessa que fiz ao Brite nem se vou partir o coração da Darcy.

A Avett me lançou um olhar raivoso e resmungou baixinho, mas alto o suficiente para eu ouvir:

– Vindo de você, isso só pode ser piada.

E ela não estava errada. O que eu disse soou ridículo. Por isso a ignorei e mergulhei de cabeça na confusão. Faltava apenas meia hora para o Bar fechar, e deu mais trabalho do que o normal. O lugar lota nos fins de semana desde que o Rome fez a reforma, e acho que vou pedir para ele contratar não só um leão de chácara, mas outro garçom também. Os negócios vão bem e, para continuarem assim, a gente precisa garantir que os clientes sejam servidos tão bem quanto a meia dúzia de veteranos de guerra que frequenta o boteco durante o dia.

Tentei ficar de olho na Royal. Fiquei com medo de ela tentar ir embora antes de eu conseguir conversar com ela e avaliar se tinha condições de dirigir. Mas ela ficou lá, parada no mesmo lugar, e tomou toda a água. Também mandou boa parte da comida para dentro, e pude respirar mais aliviado. A Royal estava meio amassada, parecia ter acabado de sair da cama, e isso não me ajudou a lembrar dos motivos pelos quais eu precisava ajudá-la a sair daquela crise emocional em que estava desde a semana que antecedeu o Natal.

Servi a última rodada para todo mundo. Paguei a banda e agradei ao vocalista por ter me ajudado com os universitários. Ele, por sua vez, me perguntou se a Royal teria interesse em acompanhá-los na turnê como dançarina. Tive que dar risada e contar para o sujeito que a moça já tinha um trabalho em tempo integral. Não me dei ao trabalho de explicar qual era, porque

provavelmente ele não acreditaria. Ajudei a Dixie a recolher os copos e, ao começarmos a enxotar os últimos clientes, parei do lado da Royal e falei:

– Dá mais um tempinho aqui.

Ela não respondeu, mas tirou o cabelo do rosto, pôs atrás da orelha e me olhou de soslaio.

Interpretei o gesto como um “sim” silencioso e ajudei a Dixie a mandar todos embora. Depois ajudei a colocar as cadeiras em cima das mesas para a equipe de limpeza contratada pelo Rome conseguir deixar o chão brilhando para o Bar reabrir no dia seguinte. Como fazemos isso seis vezes por semana, a Dixie e eu já temos um método e terminamos tudo bem rapidinho. Depois disso, fui para trás do balcão, me servi de um uísque escocês com gelo, voltei para o outro lado e me sentei em uma banqueta ao lado da Royal. Todos tiram sarro de mim, falando que eu deveria beber *bourbon*, porque sou do Kentucky, onde há muitas fábricas famosas de *bourbon*. Mas prefiro o sabor sedutor e meio safado de um bom *scotch*. Acho que combina comigo, porque também sou essas duas coisas.

Dei um gole no meu drinque e bati o copo em cima do balcão. Passei a mão em meu cabelo loiro cor de encardido e olhei de soslaio para a Royal.

– Então é isso que você anda fazendo? Enchendo a cara, provocando os frequentadores, tirando metade da roupa em público... ou seja, bancando a imbecil? Preciso te falar: depois de dois fins de semana seguidos te servindo e tendo que dar um jeito nas confusões que você apronta, acho que está na hora de você apavorar em outro bar.

Ela encolheu os ombros e também me olhou de soslaio.

– Por que você não contou para eles que sou policial?

Soltei um suspiro e fiquei de frente para a Royal. Queria muito que ela não fosse tão linda. Seria muito mais fácil ser racional e pé no chão.

– Porque, apesar de ter permissão legal para andar armada à paisana, graças a seu distintivo, você não pode beber quando está com uma arma carregada. É contra a lei, uma dor de cabeça que não precisa nem quer ter.

– De repente você se preocupa se os outros respeitam a lei ou não?

A marra dela estava voltando aos poucos, o que era bem melhor do que o jeito de bêbada deprimida que ela assumiu quando a arranquei da pista de dança.

– Não, não dou a mínima se os outros respeitam ou não a lei, mas você gosta do seu emprego, tem amigos que gostam de você e é muito nova para mandar tudo isso à merda. Mesmo achando que esse é seu novo objetivo na vida. Você precisa tomar jeito, Royal. Antes que se meta em uma confusão tão grande que não dê mais para consertar. O que, pelo jeito, é o que você quer.

Ela acabou de fazer 23 anos. Parece ser séculos mais nova do que eu, apesar de ainda faltarem alguns anos para eu chegar aos três ponto zero.

– Muito engraçado isso, vindo de você.

Era a segunda vez em menos de uma hora que eu ouvia aquilo. Vai ver, não tenho mesmo que me meter. É melhor deixar todo mundo aprender sozinho, do jeito mais difícil, como fui forçado a fazer. Peguei meu drinque e dei mais um gole.

– Você pode tomar jeito ou não, mas é a última vez que te aviso para não fazer esse tipo de merda no meu bar. Se quer tocar fogo na sua vida, fica à vontade, mas não vou ficar assistindo você queimar.

Alguma emoção brilhou em seus olhos, algo tão triste e perdido que me deu muita vontade de esticar o braço e fazer carinho nela. Mas tocar na Royal é como pôr a mão em um fio desencapado, e já é bem difícil não pensar com minha cabeça de baixo quando estou perto dessa mulher. Ela piscou para mim com aqueles cílios compridos, pôs a língua para fora e lambeu o lábio inferior. Fiquei sem conseguir respirar por um segundo. A garota fez isso de propósito, não tenho dúvida.

– Uma hora você não vai resistir ao meu convite e irá para casa comigo, Asa.

Ela se inclinou de leve e pôs a mão na minha coxa. Apertei o copo com tanta força que foi um milagre não ter quebrado.

– É por isso que está aqui? É esse o motivo daquele showzinho

todo? Tem certeza de que você quer cometer esse erro?

Meu sotaque estava tão carregado que as palavras saíram lânguidas e pesadas da minha boca. Senti meu sangue começar a ferver e não tenho dúvidas de que meus olhos brilhavam como ouro. É raro alguém me deixar sem jeito, me fazer perder a linha, mas a Royal conseguiu fazer isso mais de uma vez, no pouco tempo em que a gente se conhece.

Ela se inclinou ainda mais para frente e só parou quando sua boca quase encostou na minha. Quase dava para sentir seu gosto. Para falar a verdade, se eu pusesse a ponta da língua para fora, eu *sentiria* seu gosto. Eu cerrei os dentes para evitar isso, por mais que a imaginasse com um gosto de bala e de fogo. Ela deve ser deliciosa...

A Royal usou o apoio na minha coxa para se endireitar na banquetta, deslizando no assento com um único movimento, fluido e sensual. Tive que me segurar para não gemer.

– Se você não me quer aqui, não apareço mais – respondeu. Então jogou o cabelo para trás dos ombros e me encarou com aqueles olhos castanho-escuros. – Eu realmente achei que você iria facilitar as coisas.

Não falei nada, e ela foi embora, pisando firme com aqueles sapatos de salto arrasadores, sem blusa, apesar de estarmos em pleno inverno do Colorado. Era óbvio que ela já tinha condições de dirigir, mas eu não fazia ideia de onde ela estava com a cabeça.

A Dixie trancou a porta quando a Royal saiu e veio até o balcão. Pegou uma garrafa de cerveja sem álcool, o que é um sacrilégio no Bar, e me serviu mais uma dose de *scotch*.

– Não sei como você conseguiu dizer “não” para ela de novo – comentou. Depois sacudiu os cachos, também meio ruivos, sorriu para mim e completou: – Eu nem curto mulher, mas, se ela quisesse, eu faria. Ela é muito sensacional.

Resmunguei uns palavrões e mandei a segunda dose para dentro de uma vez, o que queimou um pouco a minha garganta, me obrigando a piscar.

– Ela é policial, a policial que me prendeu. Meus instintos de autopreservação vão bem, obrigado.

Pela minha experiência, os policiais não vão muito com a minha cara, e não posso condená-los. Pus o copo vazio em cima do balcão e levantei. Já era bem tarde, e eu precisava de uns cem banhos de água fria.

– Além do que, ela não quer trepar comigo de verdade, apenas acha que quer – completei.

A Dixie deu uma bufada sarcástica e falou:

– Não é o que parece.

Pode até parecer muito óbvio para quem olha de fora. A Royal é bonita, sou um homem bonito. E, definitivamente, rola uma química entre a gente. Mas não cheguei até aqui trepando com toda mulher que cruzou meu caminho sem aprender a enxergar mais longe, a perceber o perigo. Para mim, é bem claro que a Royal é perigosa em muitos sentidos.

– Ela é uma mulher muito linda com uma mágoa muito feia e, sei lá por que, pôs na cabeça que merece ser castigada, para que a mágoa doa ainda mais.

– Então quer dizer que a Royal está tentando te arrastar para a cama como forma de castigo? Isso me parece bem safado e divertido.

Joguei meu pano na Dixie e fui fechar o caixa para ir embora. A imagem da Royal só de algemas ficou na minha cabeça pelo resto da noite. Até parece que essa garota precisa de ajuda para se tornar inesquecível.

– Ela não está legal e tem feito de tudo para se sentir pior ainda.

Não sei de todos os detalhes da situação que tem feito a Royal ir ladeira abaixo, mas sei que o parceiro dela na polícia, seu melhor amigo, amigo da vida toda, foi gravemente ferido em serviço, e ela está de licença administrativa enquanto o departamento investiga as circunstâncias do evento em que dois policiais foram baleados. Um deles não sobreviveu, e o outro – o Dominic, parceiro da Royal – ainda está no hospital.

– Não quero colaborar com isso – completei.

Já usei muita gente na minha vida, incluindo pessoas que me amam incondicionalmente. Sei o que é servir de meio para outra pessoa chegar a um fim. Não vou ajudar a Royal a se autodestruir.

O sorrisinho que a Dixie me deu me fez lembrar que, apesar de ela ser bem durona quando precisa, no fundo não passa de uma romântica.

– Talvez você deva dar uma chance para a Royal. Ela pode se sentir melhor. Quem sabe ela perceba o quanto você mudou neste último ano.

Apenas sacudi a cabeça e falei, sem meias palavras:

– Isso não funciona comigo.

Não mesmo: eu destruo as coisas, não as conserto.

Nunca menti a respeito de quem fui a maior parte da minha vida nem a respeito do que fiz. Sou capaz de coisas muito ruins, erradas e sombrias. E, mesmo assim, todo mundo que conheço parece acreditar que sofri uma espécie de transformação quando acordei do coma, após morrer e voltar à vida. A verdade é que nunca vou ser um homem bom. Nunca vou ser o tipo de homem que melhora uma situação. Não importa o que todo mundo quer pensar ou o quanto a Royal necessita de alguém para sair da lama, não vou bancar o herói nem o salvador. Sou tão atormentado pelos fantasmas dos meus erros do passado que não consigo ajudar ninguém, de jeito nenhum.

O ditado é verdadeiro: pau que nasce torto nunca se endireita. E, como uma árvore podre, posso cair a qualquer momento, mesmo que os outros queiram acreditar que sou uma flor.

**Q**UANDO A VOZ ESTRIDENTE da Britney Spears cantando “Toxic” começou a tocar no celular que deixei ao lado do travesseiro, quase rolei da cama para o chão na pressa de desligá-lo. Me sentia péssima, em parte porque quase não tenho dormido – tirar um cochilinho à tarde é o que me mantém em pé –, mas, principalmente, porque agonizava há semanas esperando aquele número aparecer no meu aparelho.

Passei o dedo na tela para silenciar a música *pop* e tentei parecer mais acordada do que realmene estava ao dizer “alô”, com a voz trêmula. Não ligo para o que pensam do meu péssimo gosto musical. Passo os dias enfiada na sarjeta, lidando com drogados, maridos que batem na mulher e pais negligentes. Me recuso a ouvir o que não seja animado nem tenha o efeito chiclete das canções *pop*. Como meu trabalho nem sempre é divertido, faço questão de que tudo o mais na minha vida seja.

– Você sabe que é hoje que eu caio fora daqui, né?

Tirei um chumaço de cabelo ruivo embaraçado da cara e me arrastei até a beirada da cama. Mordi o lábio inferior e tentei estabilizar minha respiração. Eu sabia que ele sairia do hospital naquele dia, claro. O que não sabia é se ele iria me querer por perto quando finalmente tivesse alta. Apertei os olhos e dei graças a Deus por não estarmos frente a frente. O Dominic Voss me conhece melhor que qualquer outra alma viva deste planeta e, se estivéssemos no mesmo recinto, perceberia que tenho me afogado na culpa e me odiado nos últimos tempos. Que inferno! Se meu atual estado de agonia é visível para alguém tão desencanado quanto o Asa Cross, não tem como meu melhor amigo e parceiro de trabalho não notar. Além disso, se bem conheço o Dom, aposto que ele adivinharia que esse meu estado tem tudo a ver com o que

aconteceu com ele naquela chamada do inferno que nós dois atendemos.

– Eu sei. Só não sabia se iria me querer aí ou não. Sei que suas irmãs vêm para te fazer companhia até você se recuperar e não queria atrapalhar.

Até eu achei essa resposta patética e ridícula.

Eu e o Dom somos inseparáveis desde que tínhamos 5 anos de idade. Nunca, esse tempo todo, ele me quis longe. Nunca o atrapalhei, em nenhum momento sequer da nossa amizade, e toda a família dele me considera uma parente. Acho que por isso o que aconteceu pesa ainda mais sobre meus ombros.

O Dom soltou um suspiro, depois um palavrão. Sua voz grave parecia distante, e ele me xingou baixinho:

– Mexe essa bundinha linda e vem para cá, Royal. Já deixei você ficar emburrada por duas semanas. Supera. Acidentes acontecem, e vão continuar acontecendo, porque isso faz parte da vida de qualquer policial. Estou engessado da canela até o pau, caralho. Estou com o ombro quebrado e nem consigo respirar sem ter a impressão de estar engolindo ácido sulfúrico. Estou me sentindo uma bosta, parecendo uma bosta, e minha melhor amiga não está aqui do meu lado. Será que você pode parar com isso?

Não consegui controlar as lágrimas que começaram a escorrer dos meus olhos. Limpei-as com os nós dos dedos e levantei. As palavras que o Dom disse a seguir foram uma facada, e tenho certeza de que proposital:

– Preciso de você aqui, gatinha.

A gente sempre precisou um do outro, tanto na vida pessoal quanto na profissional, e é por isso que me sinto tão mal. É por isso que não consigo esquecer o quanto o decepcionei. Era para eu ter protegido meu amigo, como ele sempre me protegeu, mas, em vez disso, quase provoquei sua morte.

O Dom gritou que estava na hora de eu superar aquilo. Desliguei o telefone e fiquei no meu apartamento, andando de um lado para o outro, tentando ficar mais apresentável. Minha cara nunca fica muito boa depois de eu passar a noite bebendo. Isso, somado a uma noite em claro e eu ter levado outro fora de um certo *barman* sulista

extremamente *sexy*, e eu devia estar com a cara tão acabada quanto a do Dominic. Eu tinha olheiras fundas, estava mais pálida do que o normal, com os olhos vermelhos e uns machucados bem feios em volta dos dois pulsos. Tudo isso fazia a vergonha e o arrependimento disputarem com a culpa pelo primeiro lugar no pódio daquela enchente de emoções que estava me afogando.

Eu sabia que estava errada, sabia mesmo. Não sou do tipo que sai por aí perdendo o controle. Quase nunca bebo e, quando faço isso, sempre sou responsável, porque preciso pensar na situação como um todo, mas ultimamente minha visão anda bem limitada, e só consigo enxergar o Dom sendo baleado diversas vezes e caindo da escada de incêndio ao lado daquele prédio. Quando não é essa cena que passa diante dos meus olhos, vejo a esposa do policial falecido no tiroteio desmaiar na entrada do Pronto-Socorro no momento em que outro policial lhe contou que o marido não havia sobrevivido aos ferimentos. Como se isso não bastasse para atormentar minha alma, a lembrança do meu chefe me pedindo para entregar minha arma e meu distintivo e tirar uns dias de licença administrativa, enquanto o departamento investigava o acontecido, fica martelando na minha cabeça a cada segundo do dia.

Para fugir um pouco desses pensamentos horríveis, estou determinada a fazer coisas que nunca fiz, coisas que me façam sentir livre, e é por isso que tenho frequentado o Bar. É por isso que tenho bebido feito um gambá, e esse é o verdadeiro motivo pelo qual tenho me atirado em cima do Asa Cross sem a menor cerimônia. Nunca precisei correr atrás de homem. Nunca fui a fim de homens que exalam charme e confusão como o Asa. E, definitivamente, nunca fui de misturar trabalho e prazer. Sei que o Asa é encrenca na certa, que ele mal respeita a lei, e sempre tive como regra nunca me envolver com ninguém que tenha andado no banco de trás da minha viatura. Ainda por cima, ele entra e sai de prisões desde que aprendeu a dirigir. O Asa gosta de viver de acordo com as próprias regras, e seu passado não é dos melhores. Policiais não deveriam se interessar por criminosos, mesmo criminosos recuperados, mas eu me interessou. Para falar a verdade, estou mais do que interessada. No entanto, toda vez que dou em cima dele e

sou rejeitada, fico imaginando se ele consegue enxergar o fracasso que tem me assombrado. Será que é por isso que o Asa continua a me dizer "não"?

Sei que sou bonita. Quando a gente se vê, sei que seus olhos de bronze brilham de interesse e atração por mim e sei que ele é o tipo que gosta de uma aposta garantida. Eu sou uma aposta garantida. Preciso de algo que faça com que eu me sinta bem. Estou procurando desesperadamente por algo que me ajude a esquecer, mesmo que só por um segundo, e não tenho medo de admitir que quero esse homem. Seria tão simples o Asa dizer "sim", mas ele continua me virando a cara. Não consigo entender, e isso me deixa ainda mais perdida e à deriva do que já estou.

Se o Asa realmente quiser que eu encontre outro bar para frequentar, é isso que vou fazer. Só vou naquele boteco porque ele trabalha lá e quero que ele me leve para casa. Quero que me puxe para o outro lado do balcão e me beije até arrancar toda a mágoa e o desespero que estão tomando conta de mim. Sei que tenho encarado isso de um jeito errado, sei que alguém como o Asa não vai querer saber de uma garota que trabalha para a polícia e tenta manter os criminosos fora das ruas. É querer demais, considerando que fui obrigada a prendê-lo por agressão não faz muito tempo. O Asa pode até me achar bonita e pode até tentar me proteger de mim mesma, porque temos amigos em comum, mas duvido muito que, algum dia, vá me ver como o vejo, depois de ter sido algemado e arrastado até a delegacia por mim.

Prendi o cabelo em um rabo de cavalo todo errado, calcei umas botas velhas de motoqueiro e fui até a porta. Quando ia fechá-la, lembrei de pegar a chave. Vivo me trancando para fora de tudo quanto é lugar: do meu carro, do meu apartamento, até da minha viatura. É um mau hábito que incomoda não só a mim, mas não consigo abandoná-lo, mesmo depois de quase ter causado o fim do namoro do meu vizinho com a fofa da namorada dele por causa disso.

Voltei correndo para dentro de casa, estressada e frustrada. Peguei a chave no lugarzinho em que ela costuma ficar, ao lado da porta, e saí. Dessa vez, o corredor não estava vazio. A namorada do

vizinho que, por acaso, é a única amiga mulher que tenho neste mundo, estava saindo do apartamento dele, na frente do meu. A Saint é um amor. Calma e um tanto calada, chamou a minha atenção imediatamente. Quando estou com ela, parece que o ritmo caótico e o perigo que enfrento no dia a dia desaparecem. Eu a obriguei a ser minha amiga, apesar de ela ter relutado no começo. Agora, a Saint é quase tão próxima a mim quanto o Dom e está tão preocupada com o meu comportamento das últimas semanas quanto ele.

A Saint estava de jaleco por baixo de um casacão pesado. Era óbvio que estava indo para o hospital, onde é enfermeira do Pronto-Socorro. Seu cabelo acobreado, bem mais alaranjado do que o meu, estava preso no alto da cabeça, em um coque meio bagunçado, e seu rosto não tinha um pinga de maquiagem. Ela parece uma boneca e é daquelas que pode andar por aí de cara limpa. Infelizmente, esse visual menos é mais não funciona comigo, e minhas olheiras denunciavam que eu havia tido uma noite e tanto, sem eu precisar dizer uma palavra.

– O Dom vai ter alta hoje – falei, apressada.

A Saint piscou os olhos cinzentos, deu um meio sorriso e disse:

– Eu sei. Tenho passado no quarto do seu amigo para ver como ele está.

Soltei um suspiro. É claro que a Saint estava fazendo isso, porque ela é uma amiga incrível.

– Obrigada.

Ela balançou a cabeça de leve e fomos em silêncio até a porta da frente do prédio.

– Toda vez que passo lá, o Dom pergunta por você.

Engoli em seco. Não porque minha amiga estivesse me julgando nem sendo má, mas porque sabia tão bem quanto ela que deveria ter ido ao hospital visitar o Dominic. Apertei o molho de chaves com tanta força que o metal machucou minha mão.

– Não tive forças. Fiquei lá até o médico dizer que ele tinha sobrevivido à cirurgia e seu quadro era estável. Foi demais para mim.

Sacudi a cabeça e tremi quando o ar gelado de Denver entrou

pelo capuz do casaco de moletom que eu usava. O Dom não passou esse tempo todo no hospital por causa de um tornozelo esmigalhado nem de um fêmur quebrado, mas porque um dos seus rins foi atravessado por uma bala. Ele quase morreu de tanto sangrar antes de chegar ao hospital.

– A mãe dele ficou me olhando sem falar nada – continuei. – Senti que ela estava se perguntando como foi que eu deixei o Dom ser ferido daquele jeito. Dava para perceber que as suas irmãs pensavam “Por que o Dom, e não ela?”. Tive a certeza de que ia surtar e não queria que ninguém me visse assim.

A Saint esticou o braço e apertou meu cotovelo.

– Ninguém culpa você por nada, Royal. A família do Dominic não acha nada disso, e você sabe muito bem.

Droga. Quando foi que minha amiga começou a me ver tão bem? É por isso que para mim é tão difícil ter amigos.

– Eu me culpo, Saint.

Ela soltou um suspiro, tirou a mão do meu braço e disse:

– Foi o que eu imaginei, mas uma hora ou outra você vai ter que superar isso. Como vai a investigação?

Esse era um assunto sobre o qual eu tinha tanta vontade de falar quanto os motivos que haviam levado o Dom a ficar no seu deplorável estado atual.

– Indo. Sindicâncias internas são sempre complicadas quando envolvem a morte de um policial.

E está complicado porque, propositalmente, não tenho feito o que deveria para me livrar dessa. Havia outros policiais na cena do crime. Pessoas da vizinhança serviram de testemunha. O Dom prestou depoimento, assim como o parceiro do policial que não conseguiu sobreviver. Todas as histórias batem e provam que não fiz nada de errado, que não tive nenhuma culpa, e que o moleque em quem fui obrigada a atirar ia continuar disparando até tirar um policial da sua frente. No entanto, não me sinto inocentada. Me sinto suja e desqualificada. Não por ter puxado o gatilho, mas por ter disparado tarde demais.

– Tenho certeza de que vai acabar dando tudo certo. O Departamento de Polícia não mandou você ver um psicólogo? É uma

situação intensa demais para você superar sozinha.

A Saint é super a favor de digerir os sentimentos. Acho que é por isso que minha amiga é tão boa nas situações de crise que enfrenta todos os dias. Ela consegue suportar todas as tragédias e o estresse da sua profissão e consegue separar tudo isso da vida pessoal. Então, quando volta para casa, põe tudo para fora, para não correr o risco de essas coisas tomarem conta dela. Eu não sou tão boa assim no quesito superação. Para falar a verdade, ultimamente tenho me apegado a tudo que me afeta negativamente. Devo acreditar que, se me apegar a esses fatos, ninguém mais vai ter que lidar com toda essa merda.

– Tenho consulta marcada para amanhã – respondi.

Ênfase no “marcada”. Se eu conseguir encontrar qualquer desculpa para pular a parte em que preciso ouvir um psiquiatra me dizendo que estou apenas sofrendo de culpa do sobrevivente, vou mandar ver. Fiz merda. Sei disso e não preciso que ninguém me ajude a chegar a essa conclusão. Mas, se quiser voltar para o meu emprego, vou ter que engolir essa e me obrigar a contar mentiras no sofá de couro do consultório de algum médico da cabeça.

A Saint parou quando chegamos do lado da minha SUV, inclinou a cabeça para o lado e ficou me olhando com um ar solene. Fiquei olhando para ela, porque valorizo muito nossa amizade sincera para fazer pouco da sua preocupação.

– Vá. Ouça o que o psicólogo tem a dizer. Você não precisa passar por isso sozinha, Royal.

Então, ela me deu um abraço, e eu também a abracei, toda dura. Seja lá o que é *isso*, a essa altura do campeonato ficou evidente que não está afetando apenas a mim.

Quando nos soltamos, dei um sorriso sem graça e contei:

– Tentei trazer o Asa aqui para casa ontem à noite.

A Saint levantou uma daquelas sobancelhas cor de ferrugem e perguntou:

– De novo?

Enruguei o nariz e abri a porta da minha velha SUV.

– Ele vive dizendo que não está interessado. Vai ver, simplesmente não gosta de mim.

Minha amiga respirou de um jeito delicado e, como o vento estava mais forte e havia tornado o ar gelado algo quase insuportável, fechou o zíper do casaco.

– É claro que o Asa gosta de você, mas talvez perceba que você não está gostando muito de si mesma neste momento.

Fiz careta para a Saint, mas não discuti. Neste momento, também não estou gostando muito de mim mesma. Levantei uma das mangas do moletom e mostrei meu pulso para ela, que soltou um suspiro de surpresa.

– Bebi demais e me meti em uma situação desastrosa. O Asa me livrou dela e cuidou de mim até eu ter condições de dirigir e ir para casa sozinha.

– O Nash sempre fala que, apesar de tudo o que aconteceu no passado, o Asa é um sujeito bem decente.

Só que a Saint parecia não acreditar muito nas próprias palavras.

Apenas encolhi os ombros e liguei o carro. Estava um frio de gelar, e o motor demorou décadas para esquentar e fazer o ar quente funcionar.

– Ser decente é muito chato se isso significa que ele não vai sequer pegar nos meus peitos.

O que eu disse soou petulante e teve um ar de frustração. Minha amiga sacudiu a cabeça e falou:

– Acho que você está procurando encrenca.

O alerta dela entrou por um ouvido e saiu pelo outro. *Estou* procurando encrenca sim, mas essa encrenca nem olha para mim, ou seja, não faz a menor diferença.

– Estou procurando alguma coisa, sim, e acho que não tem nada de errado nisso.

– Não, não tem. Mas quando te devolverem o distintivo e você puder voltar a usar seu uniforme, tudo muda de figura, Royal. É bom começar a pensar nisso.

Não quero pensar em um futuro tão longínquo. Não quero pensar em nada disso. Resmunguei qualquer coisa baixinho, e a Saint recuou um pouco para que eu pudesse fechar a porta.

– Te ligo na segunda depois de falar com o médico, se eu for, e vou dizer para o Dom que você mandou “oi”.

– O Dominic te ama. Incondicionalmente, sabia?

Balancei a cabeça e, pela segunda vez naquela tarde, senti meus olhos se encherem de lágrimas

– Isso só torna as coisas ainda piores. Depois a gente se fala.

A Saint fez tchauzinho com a mão e foi até o carro dela, que ia esquentar e descongelar um milhão de vezes mais rápido do que minha lata velha. Até tenho dinheiro para comprar um carro mais novo e mais chique, mas tenho essa SUV desde que era adolescente. São tantas as lembranças ligadas a ela que não tenho coragem de vendê-la.

O Dom me ama mesmo, e eu o amo. Ele é tudo para mim. É meu guia, minha consciência. O Dom é, sem dúvida, meu herói e, mais do que isso, a pessoa que sempre me lembra que sou mais do que um rostinho bonito, que tenho um objetivo na vida. Se não fosse por ele, seriam grandes as chances de eu ter virado uma convencida quando era bem nova e me dei conta de que havia sido privilegiada pela genética no quesito atributos físicos. O Dom sempre me lembra de que não sou apenas um troféu para os homens conquistarem ou só um rostinho bonito. Sou inteligente, capacitada e quero fazer a diferença no mundo. Se não fosse meu amigo acreditar em mim e me incentivar, eu jamais teria atingido os objetivos que tracei. Se não fosse o Dom me lembrar constantemente do meu valor, é bem provável que tivesse acabado igualzinha à minha mãe.

Só de pensar nisso começo a tremer.

Amo minha mãe, de verdade, mas não tenho nenhuma paciência com as escolhas deploráveis que ela fez na vida, como ficar passando de homem em homem como se isso fosse uma competição esportiva. Ela sempre foi muito mais minha melhor amiga do que mãe. Ela me ama incondicionalmente, eu represento o mundo para ela, mas não sou o suficiente para preencher o vazio deixado por meu pai, que resolveu não largar a mulher e a família para ficar com a gente. Minha mãe nunca superou essa rejeição e, como resultado, fica caçando o verdadeiro amor o tempo todo, buscando ser valorizada pelos homens errados.

Minha mãe é uma gata, e puxei a beleza dela. É também uma adúltera compulsiva e já teve tantos casamentos e relacionamentos

que parei de contar quando cheguei à adolescência. Quando eu era mais nova, tinha vergonha disso, me sentia mal. À medida que fui crescendo, fui me dando conta de que ela simplesmente não era feliz, nunca foi. E, por mais que ela me ame e demonstre isso de forma exagerada, jamais vou ser capaz de preencher o vazio do seu coração. Aprendi a aceitar o relacionamento que temos, a não fazer perguntas, e tento apoiá-la como ela sempre me apoiou. Ainda que a maioria das suas escolhas em relação ao sexo oposto me deem vontade de me encolher toda, amo a mãe que tenho, mesmo volúvel e sedutora.

Foi por causa do Dom, e não da minha mãe, que me destaquei, batalhei para vencer na vida e atingi todos os objetivos que tracei para mim mesma. E agora, por minha causa, ele está de cama, todo quebrado e furado de balas. Eu não faço a menor ideia de como compensá-lo por isso, o que é muito injusto com ele.

Quando atravessei o estacionamento do hospital, estava tão frio que o lugar parecia ter um milhão de quilômetros. Ao chegar diante das portas de correr da entrada, meus dedos estavam dormentes, e minhas orelhas descobertas queimavam por causa do vento. Me senti uma imbecil por não saber em que andar o Dom estava nem o número de seu quarto. Que bela amiga eu sou. A vergonha caiu com tudo sobre os meus ombros, e precisei me segurar para não virar, voltar para casa e enterrar a cabeça embaixo das cobertas.

A recepcionista verificou onde o Dom estava e me passou as informações. Subi de elevador até o andar correto. Não precisei procurar o quarto, porque suas duas irmãs estavam no corredor, esperando por mim.

Os três irmãos da família Voss têm um lindo cabelo castanho e olhos em tons de verde. A Ariella é a mais nova, toda espevitada. A Greer, a mais velha e mais reservada, me abraçou, e virei estátua de tão chocada assim que cheguei perto delas.

– Estávamos tão preocupadas com você! Não ligou nem deu as caras. Ninguém sabia o que tinha acontecido nem como está encarando a investigação. Após a primeira semana em que você ficou sem aparecer, achei que a Ari ia precisar sentar em cima do Dom para prendê-lo aqui e ele não fugir do hospital – disse a Greer.

Soltei um gemido e retribuí o abraço. Não acredito que pude ser tão egoísta e sem consideração.

– É que... – minha voz falhou, porque a Ari revirou os olhos para mim.

– É que você estava sendo bundona.

A Greer gritou o nome da irmã, mas eu apertei sua mão e balancei a cabeça, concordando com a Ari.

– Estava mesmo. Nunca tinha decepcionado o Dom e não estava conseguindo lidar com isso.

O verbo “estava” implica que eu já havia superado isso tudo, mas elas não precisavam saber que essa era uma bela de uma mentira.

A Ari me olhou feio, mas inclinou a cabeça na direção da porta aberta alguns passos à frente.

– Faz séculos que o Dom está te esperando. A gente vai correr até a casa dele para ver se está tudo certinho. Ele ficará na cadeira de rodas por umas três ou quatro semanas. Eu e a Greer vamos nos revezar, passar uma semana com ele cada uma, até nosso irmão estar bem para ficar sozinho.

Fiquei piscando, feito uma idiota. O Dom é um sujeito grande, todo musculoso. Ele é alto e poderoso, está em ótima forma física e sempre foi o homem mais capaz que conheço. Só de pensar nele em uma cadeira de rodas, precisando de ajuda para as coisas mínimas do dia a dia, o bloco de cimento que tenho no estômago ficou cinco vezes mais pesado.

– Posso ajudar. Só me falem do que vocês precisam.

Minhas palavras saíram cortadas e abafadas, até eu percebi.

– Você logo vai voltar ao trabalho. A Ari e eu damos conta do recado. Além do mais, está na hora de retribuirmos ao Dom por ele ter cuidado de nós.

O pai do Dom era policial quando as meninas eram pequenas. Fazia patrulha até que um confronto com um ladrão armado deu muito errado. Da noite para o dia, a família Voss teve que enterrar seu patriarca muito antes do tempo. O Dom ocupou o lugar do pai, como qualquer bom filho teria feito. O fato de ele ter levado isso tão a sério a ponto de também virar policial ainda deixa sua mãe chateada.

Limpei a garganta e me segurei para não começar a mexer no cabelo loucamente.

– O Dom sempre cuidou de mim também.

A Greer soltou um suspiro, segurou meus ombros e me virou de frente para o quarto.

– É verdade. Cuidou, sim. E você sabe tão bem quanto eu que o que meu irmão mais quer é que volte a trabalhar. O Dom ficará de licença sabe-se lá por quanto tempo e viverá por tabela com você, Royal. Meu irmão sempre quis que desenvolvesse todo o seu potencial. Não deixe isso te derrubar, depois de ter lutado tanto para se levantar.

Ah, se fosse tão fácil assim. Respirei fundo e tomei a atitude que passei as duas últimas semanas evitando.

Encontrei o Dom sentado na cama, com o cabelo castanho todo bagunçando. Seus olhos verdes fixos na porta, obviamente me esperando. Seu corpo gigante todo engessado e enrolado em curativos. Seu belo rosto tinha uma expressão irritada e uma impressionante barba por fazer. Ele parecia péssimo e ótimo ao mesmo tempo. Tenho muita sorte de ele ainda estar vivo e de eu não ter precisado contar para a mãe e as irmãs dele da perda de mais um ente querido ao trabalhar para a polícia.

Não consegui me controlar, as lágrimas rolaram como uma cascata. Não sou de chorar, mas tem alguma coisa errada comigo, não estou funcionando direito. As lágrimas foram escorrendo, e o Dom esticou o braço que não estava machucado bem devagar na minha direção. Dava para perceber que o menor movimento já lhe causava dor.

Corri para o lado da cama, e meu amigo me puxou para perto. Senti seus lábios no alto da minha cabeça, e seu peito largo roncou quando ele me disse:

– Caramba, já era hora!

Só consegui sussurrar:

– Eu sei.

Eu deveria ter estado lá esse tempo todo. Para ser mais exata, eu é que devia estar naquela cama de hospital. Como é que o Dom pode me perdoar se tenho a certeza de que jamais vou conseguir

perdoar a mim mesma?

## CAPÍTULO 3

# *Asa*

O FIM DE SEMANA SEGUINTE CHEGOU e passou sem maiores incidentes. Não sei se porque a Royal resolveu obedecer meu conselho à risca e ficou em casa ou se porque o tal amigo do Rome, que se chama Dash (apelido de Dashed Churchill), entrou oficialmente para a folha de pagamento do Bar. Não apareceu ninguém suficientemente imbecil para se meter com aquela parede gigante de músculos que mal fala, mas grita que é uma maravilha. Uma xingada dele é capaz de pôr fim ao menor dos maus comportamentos. Apesar de ser legal dar um tempo no meu papel de cara mau, fiquei com medo de o jeito sombrio e mal-humorado do Dash afugentar possíveis clientes.

O Rome é bem grande e também está mais para quieto, mas algo nesse outro ex-soldado indica, sem a menor sombra de dúvida, que ele era um assassino a sangue frio até bem pouco tempo, e é melhor não se meter com ele. Até a Dixie, que consegue se dar bem com qualquer um, estava dando um gelo no novo recruta, apesar de olhar de soslaio para o brutamontes, toda interessada, quando acha que ele não está prestando atenção.

Como o movimento estava lento, mesmo para uma segunda-feira à noite, mandei os dois embora mais cedo e deixei a Avett fechar a cozinha. Não fazia sentido pagar para eles ficarem lá sem fazer nada, com apenas um cliente no bar. Conheço bem o Zeb Fuller. Ele é amigo do meu cunhado e do resto da turma com que ando, cliente fiel do Bar. Esse é outro brutamontes que tem “não fode comigo” escrito na testa. Deve haver alguma coisa no ar fresco das montanhas que faz os homens do Colorado virarem gigantes. Estou longe de ser um sujeito pequeno, mas não é raro eu ter que olhar para cima quando fico cara a cara com a maioria dos rapazes da minha turma. Apenas mais um incentivo para eu andar na linha. Aqui tem marmanjo demais, todos capazes de acabar comigo na

porrada se eu fizer merda de novo.

O Zeb estava pensativo, passando a mão na barba, distraído. Desde que me mudei para Denver, aprendi que o mais importante são os três Bs: barba, breja e belas. A cidade, que fica a um quilômetro e meio acima do nível do mar, tem bastante dos três e, quando faltar assunto, é só escolher um item da santíssima trindade. No aperto, o Broncos, time de futebol americano de Denver, serve como B substituto. O Zeb tem barba, não bebe muito e, como ele vive reclamado no Bar, sei que no quesito belas está no zero a zero atualmente, porque a garota de quem está a fim parece não ter ideia do que ele sente por ela. Sem contar que ela é a irmã mais velha de um de seus melhores amigos, o Rowdy, que não curtiu muito o interesse do Zeb pela irmã.

Fui terminar de limpar o balcão e reabastecer o *freezer* de cerveja, e o Zeb resolveu começar a reclamar, com um copo quase vazio de uísque com Coca-Cola na mão. Nunca pensei que seria a pessoa que as outras procuram para conversar sobre seus problemas, porque não costumo sentir muita empatia nem tenho muita paciência com o que, para mim, é óbvio, mas, desde que pus meu pé atrás do balcão do Bar, me sinto mais terapeuta do que *barman*. O mais chocante é que eu gosto disso. Gosto de poder ver a situação da perspectiva de quem está de fora e dar palpites que só eu poderia dar. Afinal de contas, já fiz muita merda e envolvi muita gente nas minhas confusões. Acho que, pelo menos, posso fazer bom proveito das lições que aprendi.

– Por que você simplesmente não a convida para sair? – perguntei, jogando o pano de prato na pilha dos panos sujos e pegando o controle remoto para desligar as TVs.

Meu plano era fechar o bar à meia-noite, já que o Zeb era o único cliente e eu sabia que ele só queria conversar, e não beber.

Ele me olhou, fez uma careta e respondeu:

– Você conhece a Sayer. Acha que ela é o tipo de mulher que sai com um homem como eu?

A Sayer Cole é meio misteriosa. É advogada, bonita de um jeito elegante e refinado e surpreendeu nosso grupinho de desajustados ao vir morar em Denver e dizer que um deles é sangue do seu

sangue. O Rowdy nunca soube que tinha uma irmã, porque cresceu no sistema de adoção do Estado e, por isso, o reencontro dos dois, na melhor das hipóteses, foi complicado. No entanto, agora ela se encaixa perfeitamente no grupo de almas rebeldes que formam a turma que a Ayden, minha irmã mais nova, tem a sorte de chamar de família, porque se casou com o Nash. Também tenho sorte por ter sido recebido por eles de braços abertos apenas com base no fato de a Ayden não ter desistido de mim. Às vezes minha irmã pode até não gostar muito de mim, mas, no fundo ela me ama acima de tudo, e isso foi suficiente para a turma toda me dar as boas-vindas.

– Ela é legal. Parece conseguir lidar com tudo muito bem.

O Zeb empurrou o copo vazio na minha direção e passou as mãos pelo cabelo bagunçado. Ele é empreiteiro, vive de construir coisas. Parece um lenhador dos tempos modernos.

– Estou dando em cima dela, provocando e dando indiretas desde o dia em que a gente se conheceu. Ela é inteligente. Se estivesse interessada, teria pego a bola que deixei quicando.

– Pode ser.

Apoiei os braços no balcão e me inclinei, me aproximando do Zeb. Olhei firme para ele e perguntei, bem sério:

– Mas você não acha que a Sayer está acostumada a receber convites formais quando alguém está a fim de sair com ela? Tudo nela é fino e formal. Talvez ela não tenha entendido que você está no páreo.

O Zeb piscou por um instante e depois se ajeitou na banquetta.

– Você acha? – perguntou.

Encolhi os ombros e respondi:

– Sei lá. A garota contratou você para trabalhar na casa dela mesmo depois de ter contado que já esteve na cadeia, ela deixa que chegue perto da irmã da Salem, e a gente sabe que a Sayer protege essa garota como uma mãe urso, então é óbvio que confia em você e se sente bem contigo. Talvez só esteja esperando você dar o bote. Nem todas as mulheres vão tirar a roupa e se enfiar embaixo dos seus lençóis apenas porque você sorriu para elas. Um dia ouvi você dizer ao Rowdy que não liga se uma mulher der trabalho, se ela valer a pena. A Sayer vale a pena.

Vale mesmo. A garota me ajudou em uma encrenca na qual eu me meti há pouco tempo e, quando a namorada do Rowdy precisou de um lugar seguro para a irmã se recuperar de uma situação terrível, a Sayer não pensou duas vezes e levou a menina para a casa dela. Ela é tão gentil e generosa quanto bonita. Merece um homem disposto a se esforçar por ela, mesmo que pareça mais um lenhador tatuado.

O Zeb se afastou do balcão e levantou as duas sobrancelhas.

– Não sei se posso confiar nos conselhos sentimentais de alguém que deu o fora várias vezes na bunda mais linda que já vi. Que desperdício!

Revirei os olhos, cruzei os braços e retruquei:

– Aí é que está: ela é mais que uma bunda, e não sei por que, de uma hora para a outra, começou a agir como se não fosse. Além do mais, mulheres que podem me jogar na cadeia se ficarem putas comigo estão fora de questão.

O que eu quis dizer, mas não disse, é que vou acabar fazendo merda, e ela vai ficar puta comigo. É o que sempre faço.

O Zeb grunhiu e retrucou:

– Acho que eu correria o risco de passar uma noite na cadeia com ela. Dizer “não” àquela beleza toda é uma tarefa e tanto. Alguém deveria entrar com um pedido de canonização da sua pessoa.

Dei uma risada amarga e acompanhei o Zeb até a porta, para poder trancá-la depois que ele saísse.

– A auréola pegaria fogo ao encostar na minha cabeça.

O Zeb me olhou feio e disse:

– Acho que você não é tão mau quanto pensa ser, Asa. Pode acreditar em mim: entendo muito bem de fazer merda em proporções épicas, mas nunca deixei isso definir quem vou ser pelo resto da minha vida.

Posso até ter sido preso várias vezes desde a adolescência, mas nunca precisei ficar na cadeia por mais de algumas semanas. Já o Zeb passou vários anos atrás das grades, pagando pelo erro que cometeu. A diferença entre nós dois é que o Zeb desrespeitou a lei por achar que não tinha escolha. Eu desrespeitei a lei porque quis. A

lei estava no meu caminho, me impedindo de conseguir o que eu queria ou achava que precisava, então simplesmente a ignorei e fingi que isso não tinha a menor importância.

– Tem gente que faz merda, tem gente que é uma merda. Eu me encaixo perfeitamente na segunda categoria.

Não há outra explicação para a minha irmã e eu compartilharmos metade da nossa herança genética, sermos tão parecidos no quesito atributos físicos e tão diferentes em todo o resto. Claro que devo ter puxado ao escroto do meu pai, que não é pai da Ayden, mas somos tão o oposto um do outro que fico me perguntando como podemos ter sido criados na mesma casa e vivido a mesma infância difícil. Não faço ideia de como a minha irmã consegue ser tão íntegra, tão firme e estável. Não sei como ela conseguiu encontrar um espaço para mim em sua nova vida nem por que ficou ao meu lado quando eu estava à beira da morte. Sei que a Ayden tinha motivos de sobra para me dar as costas, só que, em vez disso, fez tudo o que estava ao seu alcance para me ajudar e me dar uma vida nova. Uma vida nova que, a cada instante, morro de medo de estraçalhar.

O Zeb sacudiu a cabeça de leve, abriu a porta e concluiu:

– Acho que você precisa pegar mais leve consigo mesmo.

Encolhi os ombros e respondi:

– Talvez.

Empurrei o Zeb para fora do Bar pelo ombro e fechei a porta na cara dele. Gosto do Zeb. A gente tem muita coisa em comum, mas ele não sabe da missa a metade, não sabe de muitas coisas terríveis que fiz. Não sabe que, quando fiquei em coma, quando tudo virou trevas e tive a certeza de que não voltaria mais para o mundo dos reles mortais, cada uma das coisas terríveis, horríveis, pavorosas que fiz na vida passou diante dos meus olhos ao vivo e em cores.

A maneira como usei a Ayden. O fato de eu nunca a ter impedido de fazer o que ela fazia apenas para eu conseguir o que queria. O sexo, as drogas. Tudo formou um caleidoscópio de arrependimento tão duro e pesado que tive a certeza de que iria me arrastar para o inferno. Amo a minha irmã mais do que tudo neste mundo, mas isso não me impediu de tratá-la como uma marionete nos meus teatrinhos. Ver o que fiz à Ayden e o que permiti que minha irmã

fizesse por minha causa foi pior do que cada pancada com taco de beisebol que levei daqueles motoqueiros. Perceber a mágoa em seus olhos cor de uísque quando finalmente a vi, depois de anos, foi o que bastou para eu me sentir feliz com a possibilidade de nunca mais poder abrir os olhos de novo.

Além disso, havia as velhinhas em quem dei golpe e os motoqueiros que roubei. Os carros que furtei e os homens com quem minha mãe dormia para pagar o aluguel, sem que eu fizesse algo para impedir isso ou para ajudar minha família. A herdeira a quem convenci a me dar todo o seu dinheiro para pagar minha faculdade e que torrei instantaneamente em um jogo de pôquer ilegal. Um cavalheiro mais velho que buscava companhia e que convenci não só de que eu era *gay*, mas de que estava interessado nele, apenas o suficiente para ele me dar um cheque assinado como incentivo à minha paixão pela fotografia. Nem preciso dizer que não sou *gay*, muito menos fotógrafo, mas os dez mil dólares que ele me deu patrocinaram o golpe seguinte. O número de pessoas que fodi é infinito e, à medida que seus rostos apareciam na minha frente, como em um filme, e a vida se esvaía de mim, tive a certeza de que estava tendo o que merecia.

Quando acordei, vi a Ayden me olhando enquanto eu tentava entender o fato de nem o demônio, lá nas profundezas do inferno, ter me querido. Nesse momento me dei conta de uma verdade muito óbvia: sou um merda. Sou um homem mau que fez muita maldade e sempre serei esse homem, mas nunca, nunca mais mesmo, quero magoar minha irmã. Nunca mais quero que ela se preocupe comigo, não quero mais que ela sofra nem perca nada por minha causa. Sempre vou ser um bosta, mas vou tentar, com todas as minhas forças, evitar mais estragos. Até agora as coisas têm ido bem. Só preciso me apegar a essas lembranças, a esses arrependimentos e a esse remorso, me apegar com bastante força para que minha cabeça não fique vazia e não vire oficina do diabo de novo.

Coloquei a gaveta do caixa e os recibos de cartão de crédito no cofre do escritório do Rome. Verifiquei se todas as câmeras estavam ligadas, especialmente as do estacionamento, instaladas há pouco

tempo. Fui atacado uma noite por um bando de moleques com sede de vingança, o que acabou me mandando para a prisão e me dando uma dor de cabeça legal que demorou muito mais do que o necessário para ser resolvida, por causa do meu passado. Por isso agora eu tomo o maior cuidado e faço questão que a câmera siga todos os meus passos.

Era pouco mais de uma da manhã. O estacionamento estava praticamente vazio, com exceção de alguns carros que as pessoas haviam largado lá porque tinham bebido e não queriam voltar dirigindo ou que pertenciam a alguns moradores do bairro, os quais o Rome deixa parar lá de graça. O Bar não fica em uma área muito perigosa da cidade, e estou acostumado a andar pela região em horários estranhos, porque saio do trabalho quando a maioria da população está dormindo. Eu gosto da tranquilidade desse horário.

Estava bem frio. Como sou do sul do país, onde faz muito calor, levei uns dois invernos para me acostumar com o ar gelado das montanhas. Não gosto muito do frio. Odeio tanto o inverno que estou pensando em comprar um carro, apesar de morar em uma quitinete alugada que fica a pouco mais de duas quadras do bar. Outra coisa que mudou depois que voltei à vida: agora dou muito menos importância às coisas materiais. Antes, queria tudo do bom e do melhor. As roupas mais bacanas, o carro mais irado, a maior casa da rua e, é claro, a garota mais linda de todas. Queria tudo que nunca tive quando era moleque e queria ostentar essas coisas para mostrar que tenho valor. Agora não quero mais nada. Quanto menos eu tiver, menos terei a perder.

Esfregava uma mão na outra e soprava dentro delas para tentar me esquentar quando faróis se acenderam bem em cima de mim. Um carro entrou no estacionamento e só parou ao quase me atropelar. As luzes se apagaram, e a porta do motorista se abriu. Eu teria ficado com medo, tenso, teria saído correndo se não tivesse reconhecido aquela SUV antiga e a sua motorista. A Royal sempre será mais bonita que qualquer um dos troféus que eu costumava exibir nos meus dias de glória... mesmo quando está na cara que ela não anda dormindo bem.

Levantei a gola do meu casaco forrado com lã de ovelha para

proteger meu maxilar do frio e fui até a porta do carro, de onde a Royal estava saindo. Ela parecia ter acabado de deixar a academia: usava uma calça justa de *stretch* e um moletom bem solto. O cabelo estava todo embaraçado, preso com um nó no alto da cabeça, e seus olhos estavam bem mais escuros do que a natural cor de chocolate.

– É tarde e você está na rua – falei, tentando manter um tom neutro.

Essa mulher é imprevisível, e nunca sei como ela vai reagir. Costumo ler as pessoas como se fossem um livro aberto, mas a Royal vive virando as páginas.

Ela cobriu os dedos com as mangas do moletom e me olhou de um jeito que fez meu pau se remexer dentro da calça. Devia ser proibido uma mulher ser assim tão *sexy* sem o menor esforço.

– Estava na academia porque não ando dormindo direito. Decidiram que posso voltar ao trabalho no fim da semana, desde que vá ver o psiquiatra do departamento por três meses.

Achei que ela devia estar mais feliz.

– Essa é uma boa notícia... não?

A Royal já estava tremendo, mas seu corpo começou a se sacudir todo, e eu sabia que não era por causa do frio. Indo contra meu bom senso, estiquei o braço, pus em volta do seu pescoço e a puxei para perto. Abri o casaco e deixei ela se aninhar em mim. Ela tremia descontroladamente. Senti suas mãos percorrerem as laterais do meu corpo e tocarem a pele quente das minhas costas por baixo da bainha da minha camiseta. Dei um pulo e tentei me convencer de que a culpa era de suas mãos geladas, mas não era verdade. Seu toque deixou minha pele toda arrepiada de excitação.

– Nunca trabalhei sem o Dom ao meu lado. É como se ele fosse minha outra metade. Me designaram um parceiro temporário até o Dom voltar – explicou. Então ela se afastou um pouco, para conseguir me olhar nos olhos por baixo daqueles cílios sedosos. – Só que não falaram *quando* o Dom voltar, falaram *se* o Dom voltar. Não sei se consigo ficar sem ele.

Senti seus dedos afundarem no vão que fica bem em cima da minha bunda e precisei me controlar para meu corpo não tremer da

cabeça aos pés.

– Você ama o seu trabalho – respondi. Sabia que era verdade. Por mais que, nos últimos tempos, a Royal esteja agindo de um jeito maluco e descompensado, ela simplesmente adora o que faz. – Você não precisa do seu parceiro para ser uma boa policial, Royal.

Ficamos nos encarando em silêncio por um tempão, então ela esboçou um sorriso que me fez sentir um aperto no estômago e fez meu sangue ferver. Eu precisava soltar aquela garota e ir embora antes que resolvesse fazer algo imbecil.

– Você sentiu minha falta no fim de semana, Asa?

Não poderia existir uma pergunta mais capciosa do que essa. Percebi que ela não apareceu no Bar, é óbvio, mas me recusei, com todas as forças, a aceitar os sentimentos que sua ausência despertou em mim. Apenas suspirei e perguntei:

– O que você está fazendo aqui tão tarde?

Ela inclinou a cabeça para o lado e espremeu os olhos muito de leve. Então desceu os dedos para a cintura da minha calça jeans, e tive que puxar o ar pela boca, o que fez meus dentes doerem, porque o ar estava gelado.

– Não sei. Ultimamente, toda vez que tento entender aonde estou indo, acabo no mesmo lugar onde você está.

Soltei um palavrão e fiz que ia me afastar, mas ela baixou as mãos ainda mais e me puxou para perto.

– Você precisa mandar consertar sua bússola, então. Acho que ela está apontando na direção errada, Ruiva.

A temperatura estava abaixo de zero, mas, de repente, parecíamos pisar a superfície do Sol. Minha respiração ficou curta e descompassada, porque ela me olhou de um jeito todo doce e derretido.

– Quanto mais você fala isso, mas me sinto determinada a provar que está errado.

A gata ficou na ponta dos pés e colou a boca na minha. Tive certeza de que tudo tinha ido por água abaixo. Sabia o que ia acontecer. Há meses estávamos naquela enrolação. Ela é linda e persistente demais para que isso não acontecesse uma hora ou outra. Além disso, é boa e gentil demais para permitir que alguém

como eu encoste as mãos nela. Não era isso que a Royal queria, mas eu estava cansado de lhe explicar isso. Apesar de eu ter as melhores das intenções, aquele incêndio que ardia entre a gente ia fugir do nosso controle, e a garota havia acabado de riscar o fósforo e acender o pavio sem o menor cuidado.

A Royal passou as mãos pelas laterais do meu corpo, e seus lábios macios fizeram de tudo para me deixar sem ação, tonto de tesão. Dava para sentir seu cheiro. Seria tão fácil me perder na doçura e na maciez que a tornam tão gostosa, mas os motivos para isso dar completamente errado não paravam de cutucar minha consciência. Levantei as mãos e segurei seu maxilar com cuidado. Passei o dedão naquela pele que não poderia ser mais macia e tentei, com todas as minhas forças, não deixar a Royal me levar a um lugar do qual eu jamais poderia sair. Me afastei daquela sensação única da sua boca roçando a minha bem na hora em que a Royal passou a língua em meus lábios fechados. Soltei um gemido alto. Eu ia parar com aquilo, precisava acabar com aquela história naquele momento, mas ela foi mais rápida e tirou vantagem da minha reação enfiando a língua nos meus lábios entreabertos. Ficou impossível segurar a avalanche de desejo que tomou conta de mim.

Afinal de contas, nunca disse que sou um anjo, e até o diabo consegue brincar com fogo horas antes de sucumbir à tentação profana e sair dançando pelas chamas do inferno.

Encostei a Royal na porta do carro. Enfieei meus dedos em seus cabelos, bem perto de sua cabeça, e meti uma perna no meio das dela, para nossas pélvis se roçarem. Não fui carinhoso. Beije aquela mulher como ela queria que eu a beijasse desde que começamos esse joguinho. Usei a língua. Usei os dentes. Não a deixei respirar e não dei espaço para ela se afastar de mim enquanto devorava sua boca. Passei os braços em volta de seu corpo e agarrei aquela bunda espetacular com uma mão, numa manobra sem nem um pouco de classe, e fiz questão de tocá-la de um jeito bem óbvio.

Se a Royal me queria do jeito que realmente sou, era isso que ela ia receber. Não tive o menor problema em abandonar o fingimento, até porque ela estava se contorcendo toda contra mim, gemendo muito. Enrosquei minha língua na dela. Chupei seu lábio inferior com

força até ela ficar sem ar. Grudei meu peito no dela, para sentir seus mamilos durinhos mesmo por baixo de todas aquelas camadas de roupa entre nós dois.

Suas mãos ainda estavam embaixo da minha camiseta, e ela enfiou as unhas na minha pele. De repente, achei que ela estivesse começando a entender que aquilo seria uma catástrofe e que seu bom senso estivesse, finalmente, voltando a funcionar, mas, bem quando eu ia soltá-la e me afastar para conseguir respirar e organizar meus pensamentos confusos, uma daquelas mãos perigosas rumou na direção sul com tudo e, quando dei por mim, a Royal estava com a mão inteira em volta do meu pau duro e pulsante, que fazia volume na parte da frente da minha calça jeans.

Fiquei tão surpreso com esse contato que fui para trás sem querer e segurei o pulso dela. A Royal só me deu um sorrisinho malicioso e bateu os cílios com ar de inocência fingida.

– Estamos no estacionamento, no meio da rua. Você quer mesmo fazer isso comigo, Ruiva?

Sem contar que aquele pequeno showzinho estava sendo filmado para a posteridade e não era um espetáculo que eu queria que fosse visto pelos olhos errados. Acho que a Royal não faz o tipo exibicionista, mas algo bem ousado estava passando por sua cabeça complicada e a fazendo agir de um jeito surpreendente e arriscado. Ela ficou subindo e descendo a mão, fazendo meu pau pular como um animal. Gritei seu nome. Ela levantou uma das sobrancelhas, pôs só a pontinha da língua para fora e passou pelo lábio inferior. Caramba! Tudo o que essa mulher faz me traz à cabeça imagens de quartos escuros e corpos sem roupa.

– Por que não? Nunca fomos tão longe.

A Royal deu uma apertada no meu membro inchado, e fui obrigado a revirar os olhos. Eu estava a um passo de agarrá-la, atirá-la no banco de trás do carro e lhe dar o que ela vinha pedindo, mas, bem nessa hora, meu celular tocou.

Como era bem mais de meia-noite, e o toque era o que escolhi para minha irmã, tive um leve ataque de pânico. Fiz a Royal soltar o meu pau e, finalmente, dei vários passos cambaleantes para trás.

– Ayd? – perguntei, sem conseguir disfarçar a rouquidão da voz.

– Ai, meu Deus! Asa, a Shaw acabou de entrar em trabalho de parto!

Como minha irmã estava gritando, tive que segurar o celular longe do ouvido.

– Ok... e...?

A Shaw Archer é a melhor amiga da Ayden. As duas são mais do que unha e carne, e sei que tem sido bem difícil para a Ayd, porque ela se mudou para Austin, no Texas, para passar mais tempo com o marido, e sua melhor amiga está esperando o primeiro filho. Fiquei mais calmo quando me dei conta de que tanto a minha irmã quanto a Shaw estavam bem e que não se tratava de nenhuma emergência maluca.

– É melhor você mexer essa bunda e ir para o hospital no meu lugar, até eu conseguir chegar em Denver. O Jet está reservando nosso voo neste exato momento, mas só vou chegar aí de manhã. Você tem que fazer isso por mim, Asa.

O Jet é marido da Ayden e grande amigo do pai da criança. Ele é capaz de mover montanhas para garantir que minha irmã não perca esse momento tão importante da vida do Rule e da Shaw. Passei as mãos no cabelo e dei um suspiro que fez o ar frio virar fumaça.

– A Shaw não me quer lá, Ayd. Ela quer você.

– Eu sei disso, mas acho que não vou chegar a tempo, então você precisa ir ao hospital me substituir!

Como minha irmã gritava exaltada, sabia que não ia ter como conversar de um jeito civilizado com ela.

– Precisa me manter informada de tudo o que acontecer enquanto eu estiver a caminho. Você tem que fazer isso por mim, Asa.

O Rule é o irmão mais novo do Rome. Todo o clã dos Archer devia estar por lá, sem falar nos outros integrantes da gangue que trabalha com o Rule no estúdio de tatuagem que ele tem com o Nash. A sala de espera da maternidade devia estar lotada só com a família Homens Marcados, e ninguém vai precisar de mim lá, atrapalhando, mas prometi a mim mesmo que nunca mais decepcionaria a Ayden. Sendo assim, grunhi dizendo que concordava e desliguei antes que minha irmã pudesse gritar comigo de novo.

Olhei para a Royal, que escrevia uma mensagem no celular e mordida o lábio inferior como se, um segundo atrás, não estivesse com a mão na minha calça. Ela me olhou com um sorriso sem graça nos lábios e disse:

– A Saint acabou de me mandar uma mensagem contando que a Shaw entrou em trabalho de parto.

Balancei a cabeça e, em seguida, franzi a testa, porque meu celular apitou com uma mensagem. Achei que fosse da Ayden, mas fiquei surpreso ao ver que era do Rome.

Tem mais um Archer a caminho. Mexe sua bunda e vem logo para o hospital.

Demorei para entender que queriam mesmo a minha presença naquele evento tão importante. Olhei para a Royal, meio confuso, e comentei:

– O Rome quer que eu vá para lá.

– É claro que quer.

Fiz uma careta e perguntei:

– O que você quer dizer com isso?

A Royal também fez careta e se sentou no banco da SUV.

– Vocês dois são amigos, praticamente sócios. O Rule tem o Nash, o Jet tem o Rowdy, e o Rome tem você. Todo mundo precisa de um ombro amigo, e pôr uma criança no mundo é algo bem sério. Agora anda, te deixo lá.

Eu estava sem palavras de tanta surpresa, então apenas fui até o outro lado do carro e me sentei no banco do passageiro. Me encolhi e fiquei olhando para a frente.

Gosto do Rome. Respeito muito ele. Ele também está na minha lista recém-escrita de pessoas que não quero decepcionar jamais. O Rome me deu uma oportunidade quando todo mundo parecia estar só esperando eu fazer merda de novo. Devo muito a ele, mas nunca me ocorreu que, em algum momento, ele tivesse passado a contar comigo e a me respeitar também. Isso é completamente novo para mim, e não sei direito como lidar com essa situação.

– Qualquer hora dessas você vai ter que me deixar terminar isso

que estou sempre tentando começar com você, Asa.

A Royal falou com uma voz grave e com um tom de desejo que me deu um aperto no coração. Isso não pode acontecer. Não posso deixar essa mulher mexer comigo. Seria péssimo para nós dois. Está na hora de parar de fingir e mostrar quem realmente sou.

Olhei para ela de soslaio e disse, sem meias palavras:

– Qualquer homem que tiver o pau tocado por você vai querer terminar isso, Ruiva.

Um comentário grosseiro e desnecessário, mas que pelo menos a manteve quieta até chegarmos ao hospital, e pude passar esse tempo tentando me convencer de que é melhor assim...

Será?

**M**INHA ADRENALINA ANDA A MIL. Em parte por falta de sono e por malhar demais na academia, mas, principalmente, porque o Asa está me queimando por dentro. Tenho certeza de que, assim que ele me deixar tocá-lo, não conseguirei mais parar. Ele tem uma coisa, uma espécie de feitiço, que mexe comigo de um jeito que fica muito difícil resistir.

Não posso dizer que sou tímida, mas também não sou daquelas que sai por aí enfiando a mão na calça dos homens e partindo para os finalmentes. O Asa me faz ultrapassar todos os meus limites, me faz esquecer que minhas atitudes têm consequências, e adoro cada segundo. Adoro quando ele fica tão perto de mim que posso sentir sua respiração, adoro como seus olhos cor de âmbar parecem enxergar tudo que me esforço tanto para esconder. Eles brilham com tanta intensidade que são capazes de derreter qualquer metal com seu calor e, no momento, estou longe de ser de ferro. Acho que estou mais para papel ou plumas.

Eu estava determinada a deixá-lo no hospital e ir para casa, fingir que consigo dormir. Ficamos em absoluto silêncio o percurso todo, e dava para perceber que os músculos daquele maxilar que parece ter sido esculpido ficavam tensos à medida que a gente se aproximava do local. Não sabia ao certo se isso era por minha causa ou porque a família estava prestes a ganhar um novo integrante, mas era óbvio que ele estava perdido nos próprios pensamentos, e eu estava proibida de entrar. Não sei o que o Asa estava imaginando, mas ele não parecia nada feliz. Era possível perceber, mesmo na escuridão do interior do carro, que seus olhos, normalmente de um tom de ouro polido, estavam bem mais escuros, quase castanhos.

Parei na frente daquele prédio gigante do hospital e esperei o Asa descer do carro. Eu não ia falar nada, porque pensava já ter

arrumado confusão suficiente por uma noite, mas ele inclinou a cabeça para o lado e se virou no banco, me olhando de frente com ar inquisidor.

– Você não vai entrar? – perguntou.

Sem querer, minhas mãos apertaram o volante. Fiquei piscando, confusa.

– Por que entraria? – respondi.

Sou superamiga da Saint e gosto muito do Nash, que é um dos homens mais legais que já conheci, mas mal conheço a Shaw e morro de medo da Cora, a mulher do Rome. Até me dou bem com a Salem, acho seu jeito despachado incrível e gosto do fato de ela sempre dizer o que pensa. Além disso, quando sua irmã foi sequestrada, eu fui a primeira pessoa a quem essa menina pediu ajuda, e isso criou uma ligação forte entre a gente. Porém tinha certeza de que a Ayden não ia demorar para chegar, e eu não queria estar lá quando isso acontecesse. Sim, ela pediu desculpas por ter perdido a cabeça e ter sido uma grande vaca comigo ao descobrir que eu havia prendido o irmão dela. Acredito que ela tenha sido sincera, mas eu não estava com a menor vontade de ficar ali e transformar aquela ocasião feliz em um momento constrangedor. Não via a Ayden desde o dia em que ela pagou a fiança e tirou o Asa da cadeia, e não estava com a menor pressa de reencontrá-la, até porque não sabia se ia conseguir controlar os sentimentos que tenho por seu irmão.

Meu instinto me diz que a Ayden não vai aprovar isso.

– Por que não?

O sotaque do Asa é tão doce, tão suave, que mais parece uma canção de ninar. Meu único desejo é tê-lo sussurrando no meu ouvido, no escuro, para sempre.

– Sou amiga da Saint e adoro o Nash, mas essa é uma ocasião importante, só para a família. E eu não faço parte da família.

O Asa me encarou um pouco e depois resmungou:

– Estaciona o carro. Você vai entrar comigo.

Sacudi a cabeça e respondi:

– Não vou, não.

Observei o fogo reacender em seus olhos, os quais voltaram a ter

aquela cor inebriante de uísque.

– Tudo bem – ele disse se ajeitando no banco. Depois cruzou os braços, levantou uma das sobrancelhas cor de areia e falou: – Você não precisa entrar. Nem eu. Pode me levar de volta para o Bar.

Suspirei surpresa, espreguei os olhos e retruquei:

– O Rome te pediu para vir. A essa altura, devia estar lá dentro, não aqui, discutindo comigo. Querem você lá.

Ele deu um meio sorriso, e notei sua facilidade em convencer os outros a abandonar o bom senso. Ele é lindo, faça chuva ou faça sol, mas aquele sorriso é coisa do capeta, uma verdadeira tentação, que o faz parecer de outro mundo. Nenhum reles mortal devia ser tão bonito depois de um dia inteiro trabalhando e de ter ficado na mão após um belo de um amasso. Ficou óbvio que todos os caminhos do pecado e da luxúria levam ao Asa, e, ai meu Deus, eu estava louca para percorrer esses caminhos correndo. Nunca vou entender por que esse homem insiste em pôr tantos obstáculos na minha frente.

– A Saint te mandou uma mensagem, então é óbvio que alguém quer que você esteja lá também. A sua amiga é tímida, e rola muita comoção quando essa turma se anima com alguma coisa. Já parou para pensar que ela pode precisar que você seja o escudo dela?

Me encolhi toda, pois sabia que aquilo era verdade. A Saint adora os amigos do Nash, está profundamente envolvida com o mundo do namorado e foi aceita de verdade naquela família improvisada, mas se perde facilmente naquele mar de personalidades fortes e dominadoras e gosta mesmo de me ter por perto como um porto seguro no meio da tempestade. No entanto, em vez de querer entrar no hospital e apoiar a Saint, eu tinha vontade de sair correndo, porque não sabia se ia aguentar ser julgada pelos outros de novo. Só estava cumprindo meu dever. Não queria ter sido a pessoa que algemou o Asa e o levou para a prisão, mas isso precisava ser feito. Infelizmente, eu é que precisei cumprir essa tarefa. Respeito muito todas aquelas mulheres. Ver a expressão de decepção em seus olhos pode muito bem ser a gota d'água que me faria transbordar naquele momento.

Suspirei, porque dava para ver que o Asa falava sério ao me ameaçar. Xingando-o de todos os nomes que pude imaginar, parei

minha SUV em uma vaga e desliguei o motor.

– Você é um babaca manipulador, sabia?

Ele finalmente abriu a porta e desceu do carro. A rajada de vento gelado quase me derrubou, e lembrei, tarde demais, que estava apenas com a roupa de ginástica.

O Asa deu a volta no carro e parou ao lado da minha porta, a qual ele abriu sem dizer uma palavra. Então pôs a mão em meu ombro e me arrastou para fora do carro. Ele sacudiu a cabeça ao perceber o quanto eu estava tremendo, tirou seu casaco grande e pesado e o colocou sobre os meus ombros. A roupa tinha seu cheiro, e desejei me aninhar e passar o rosto no couro do casaco, mas estava concentrada em fazer cara feia para ele, que me disse:

– Agora você está começando a entender, Ruiva.

Como ele estava apenas com uma camiseta térmica de manga comprida, tentei devolver o casaco, mas ele resmungou, pôs a mão na parte de baixo das minhas costas e me empurrou até a porta do hospital. Ao soltar o ar, minha respiração formou uma névoa à nossa volta.

– A sua irmã me odeia. Ela vai ficar louca ao chegar e me ver aqui, no meio de todo mundo – comentei, baixinho.

O Asa deu uma risadinha, que me deixou toda arrepiada, e falou:

– A Ayden é superprotetora... com os amigos, com o marido dela, comigo, e às vezes fala sem pensar. Minha irmã não te odeia, odeia o fato de eu ter levado a vida que levei. Para falar a verdade, a única pessoa que ela já odiou mesmo fui eu. Aquela não foi a primeira vez que a Ayd teve que me tirar da cadeia, e só Deus sabe se será a última. Ela tem noção de que estava apenas cumprindo o seu dever, Royal. Ela só quer me salvar. Sempre quis.

Olhei feio para ele e perguntei:

– Por que não disse nada naquele dia? Aqueles moleques te atacaram, te machucaram e, mesmo assim, você me deixou te levar para a delegacia sem reclamar. Por quê?

É uma pergunta que me faço desde o dia em que o Dom e eu fomos mandados ao Bar para prender o Asa.

O hospital estava lotado. Eu havia entrado lá tantas vezes que sabia como chegar à maternidade sem precisar pedir informações. O

Asa me acompanhou sem responder à minha pergunta. Achei que ele fosse apenas me ignorar, até entrarmos no elevador e as portas se fecharem. Ele virou o rosto e me encarou com aquele sorrisinho que me faz sonhar por toda a eternidade.

– Para quê? Sempre serei tratado como o sujeito mau, mesmo quando não sou.

Fiz careta e respondi:

– Você era inocente, poderia ter se defendido. Aqueles moleques armaram tudo.

As imagens das câmeras de segurança provavam isso, o que acabou livrando o Asa de todas as acusações feitas contra ele.

Dei um pulinho quando o Asa passou a ponta do dedo indicador bem de leve na marca de expressão formada quando franzi a testa para ele.

– Nunca mais vou me defender. Nem para a minha irmã. Nem para a polícia. Nem para ninguém. As pessoas podem pensar o que quiserem e, infelizmente, a maioria estará certa ao pensar mal de mim. Fiz um monte de merda, das grandes, Royal, e não paguei pela maioria delas. A lei do carma uma hora cobra seu preço, principalmente quando você passou a vida inteira rindo dela.

Fiquei perplexa com essa resposta e meio chocada com o carinho que aquele toque tão leve continha.

– Por acaso você está dizendo que iria para a cadeia por um crime que não cometeu como uma espécie de penitência por todas as coisas erradas do passado? Isso é loucura, Asa.

Ele apenas encolheu os ombros, e as portas do elevador se abriram bem nessa hora. Entramos na sala de espera cheia de amigos e parentes ansiosos e animados. Sabia que o Asa carrega um peso grande de vergonha e remorso pelas falhas do passado, só não tinha me dado conta, até aquele exato momento, de que ele estava disposto a deixar esse peso esmagá-lo, em vez de colocá-lo no chão e tentar encará-lo de frente.

A Saint falava com a moça do balcão de informações. O Rome andava de um lado para o outro na frente de um casal de mais idade. Concluí que eram os pais dele e do Rule, já que a Shaw mal tem contato com a própria família. A Salem estava toda enrolada em

cima de uma das cadeiras, com a cabeça no colo do Rowdy. O Nash estava encostado na parede, com um boné enterrado até a altura dos olhos. Não vi a Cora...

Fiquei meio insegura quando todos os olhos se voltaram para nós. A princípio, achei que todos se perguntavam o que eu fazia ali, mas logo me dei conta de que estavam é imaginando como eu e o Asa havíamos aparecido exatamente na mesma hora. Também deviam estar curiosos para saber por que eu estava enrolada no casaco dele. Então sacudi os ombros para tirar aquela peça de roupa – apesar da sensação de entregar minha naninha, de quando era bebê, que fazia com que me sentisse segura –, limpei a garganta e falei:

– E aí?

O Asa repetiu minha saudação e apertou a mão do Rome, porque o ex-soldado gigantesco havia se aproximado dele. Soltei um gritinho quando o gradalhão me levantou e me deu um abraço tão apertado que não tive alternativa senão retribuir. Ao me colocar no chão, apenas olhei para ele de queixo caído. O Rome sorriu, e não consegui controlar meu próprio sorriso.

– Eu já ia pedir para a Cora te ligar e te fazer arrastar o Asa se ele não aparecesse. Era para usar a força, se necessário.

O Asa soltou um grunhido, levantou a sobrelanceira para o chefe e perguntou:

– Cadê a Cora? Esse é o tipo de coisa que ela não perde por nada.

Fomos mais para dentro da sala de espera, e suspirei aliviada quando a Saint se aproximou de mim. Ela passou um braço pelo meu e me olhou de forma sugestiva. Apenas sacudi a cabeça e disparei:

– Depois. A gente conversa depois.

Ela sorriu para mim e foi ficar ao lado do Nash, que me cumprimentou baixando a cabeça.

O Rome passou a mão na cabeça e soltou um suspiro de frustração, o qual expandiu seu peito enorme.

– Está no banheiro – respondeu. Não consegui interpretar a expressão de seu belo rosto. E completou: – Ela não está se

sentindo muito bem.

O Rome e a Cora ficaram noivos recentemente e têm uma filha que está começando a engatinhar e deixa os dois louquinhos. A menina tem a personalidade forte da mãe e herdou a teimosia do pai, ou seja, cuidar da pequena RJ é um trabalho em tempo integral. Os três formam uma família sólida, e isso me dá esperança em relação ao meu próprio futuro. Quero acreditar que, em algum momento da minha vida, eu possa ter um relacionamento como o do Rome e da Cora, sem infidelidade, sem ciúme e sem drama. Para falar a verdade, todas aquelas pessoas têm relacionamentos que eu invejo e admiro. Todos são determinados e se esforçam para dar certo, não importa o preço a pagar. Eles querem ficar juntos e fazem de tudo para isso acontecer. Quero muito que alguém sinta isso por mim.

O Nash levantou a aba do boné, e seus olhos cor de violeta brilharam para mim com uma expressão divertida.

– Por acaso existe algum motivo para a senhorita aparecer aqui exatamente na mesma hora em que o Asa?

Tenho certeza de que a Saint comentou com ele sobre minha atual paixãoite, mas eu não estava a fim de tratar do assunto com o Nash, nem de ser zoada, então só encolhi os ombros e respondi:

– Um bom senso de oportunidade, talvez.

Como o Nash é o melhor amigo do Rule, não ia pegar bem eu socar seu estômago para arrancar aquele sorrisinho insolente da cara dele, dadas as circunstâncias.

Soltei o braço da Saint e me sentei em uma cadeira mais afastada, ao lado da sala. Pus os pés na cadeira da frente e me preparei para esperar. Dar à luz pode levar muito tempo e, de qualquer maneira, eu não ia dormir mesmo.

Fiquei viajando em meus pensamentos, refletindo sobre as revelações surpreendentes do Asa, sobre ele estar disposto a ir preso para pagar por crimes do passado, no gosto dele, na sensação de ter seu pau duro e quente na minha mão. Pensei na possibilidade de voltar a trabalhar sem ter o Dom para me proteger e que estava quase impossível pôr minha cabeça no lugar. Também não conseguia parar de pensar no fato de que, quando não conseguia dormir e a

malhação não era suficiente, tudo o que eu queria era ficar juntinho daquele *barman* sulista que não saía da minha cabeça. Minha paixonite estava se transformando em obsessão.

Levei um susto quando um corpinho minúsculo sentou na cadeira ao lado da minha. A Cora me viu toda esparramada e fez a mesma coisa com as próprias pernas, bem mais curtas do que as minhas. Então deu um sorrisinho e falou:

– Perdi feio.

Faltavam uns quarenta centímetros para ela conseguir apoiar os coturnos na cadeira da frente.

Rolei a cabeça para o lado para conseguir olhá-la. A Cora é o anjo da guarda extraoficial da turma. É uma mulher baixinha e guerreira e, quando não me deixa apavorada, gosto muito dela, a respeito muito. Naquela noite, a Cora parecia um pouco pálida e estava com bolsas de cansaço bem visíveis abaixo daqueles olhos que são um de cada cor.

– Como vão as coisas? – perguntei, certa de que se alguém ali sabia a quantas andava a situação esse alguém era ela.

– Tudo certo. O Rule, para falar a verdade, está se saindo bem melhor do que o Rome se saiu quando nossa filha nasceu. Ele deixou os enfermeiros e o obstetra morrendo de medo de se aproximarem de mim. Se a Shaw está tranquila, o Rule está tranquilo, mas as contrações de verdade ainda não começaram. É bem capaz de a gente precisar de reforços se ele surtar como o irmão.

Dei risada. Não tenho dúvida de que o Rome deve ser superassustador quando está estressado e que acabe surtando. Ele, que parece capaz de vencer uma guerra sozinho e desarmado, ficou meio de lado, em pé, conversando com o Asa.

– Que bom. Legal que você está aqui para dar um apoio. A Ayden ligou para o Asa. Ela já está vindo para cá.

A Cora encostou a cabeça na cadeira, pôs a mão em cima da barriga e fechou os olhos. De repente, ela ficou meio verde. Me endireitei na cadeira e já ia perguntar se estava tudo bem quando ela respirou profundamente e se virou para mim. Pelo jeito, o incômodo havia passado.

– A Ayden ficará arrasada se o bebê nascer antes de ela chegar. Mudar para Austin com o Jet foi uma decisão acertada, mas é difícil para os dois, porque a gente continua aqui.

– A Ayden disse para o Asa que ele precisava estar no hospital, caso ela não chegasse a tempo.

A Cora balançou a cabeça, sorriu de leve e comentou:

– O Asa tem que estar aqui de qualquer jeito. E você também.

É tão estranho, mas parece que a Cora sempre vê tudo.

– Estou aqui – respondi, contrariada.

– É, mas sei que precisou pensar duas vezes antes de vir. Seu lugar é aqui, Royal. Não duvide disso.

Eu duvido. De verdade. Não sei direito como me encaixo nessa turma.

– As coisas ficaram um pouco estranhas depois que fui obrigada a prender o Asa. Não sabia direito como lidar com isso, e fazer amigos nunca foi fácil para mim.

A maioria das mulheres não gosta de mim ou não confia em mim, e os homens só querem fingir que são meus amigos na esperança de conseguir algo mais. Com exceção da minha mãe, do Dom, das irmãs dele e, mais recentemente, da Saint, minha vida tem sido bem solitária.

– Acidentes acontecem. O que aconteceu com o Asa não foi culpa sua, a gente sabe disso – ela respondeu. Então seu olho castanho assumiu uma expressão séria, e o azul, uma expressão inquisidora. – E você, sabe?

Me deu vontade de dizer que é tudo culpa minha, que tenho a impressão de que, agora, só consigo cometer um erro depois do outro, mas não tive oportunidade, porque um ar de pânico tomou conta de seu lindo rosto e, em um piscar de olhos, a Cora levantou da cadeira e voou até o outro lado da sala, onde ficam os banheiros. A voz grave do Rome retumbou em uma ladainha de palavrões. Sua mãe o repreendeu, mas ele a ignorou e entrou atrás da noiva miudinha no banheiro feminino. O Rome também ignorou a enfermeira que chamou sua atenção por isso, e todos os rapazes se juntaram para dar risada.

Fiquei pensando no que a Cora havia dito sobre culpa e, de

repente, o lugar vago ao meu lado foi ocupado por um corpo bem maior e masculino. Sempre que fico a uma distância em que posso tocá-lo, meus sentidos entram em curto-circuito. Ele passou um daqueles braços compridos por trás da minha cadeira e me olhou de soslaio.

– Você está bem? – perguntou, com a voz um pouco mais delicada do que de costume, bem perto do meu ouvido.

Engoli em seco e balancei a cabeça.

O fato de o Asa ter perguntado isso, de eu achar que ele se importa mesmo se estou bem ou não, apagou todos os sinais de alerta que faz questão de me dar para ver se me mantenho longe dele.

– Estou. Que bom que subi com você. É uma coisa legal de se ver.

– O quê?

Fiz um gesto vago com a mão, abrangendo a sala toda, na direção de onde a Salem e o Rowdy estavam aninhados um no outro, de onde o Nash abraçava a Saint, de onde o Rome tinha sumido atrás da Cora e até de onde os pais dos irmãos Archer estavam, juntinhos.

– Felicidade. Companheirismo. União. Cresci apenas com a minha mãe, que pulava de homem em homem, sempre procurando alguma coisa que não conseguia encontrar. É muito legal ver casais que querem estar juntos de verdade. Estabilidade não faz parte do meu repertório.

O Asa pôs as pernas para cima e ficou mais ou menos na mesma posição que a minha. Tremi de leve quando seu corpo encostou no meu. Ele deu um sorrisinho ao perceber minha reação.

– Você pode ter toda a estabilidade do mundo se parar de querer procurar encrenca.

Ele deve ter razão, mas isso me parece muito mais divertido neste momento. Além disso, o que quero e o que preciso são duas coisas completamente diferentes.

Não respondi. Em vez disso, me esforcei para ficar bem quieta, porque senti as pontas dos dedos do Asa se mexerem em meu longo rabo de cavalo pendurado na parte de trás da cadeira. Pensei que o

rapaz não havia se dado conta de fazer isso, pelo menos até eu olhar para ele e ver que seus olhos dourados brilhavam. Esse homem não faz nada sem saber direitinho o efeito provocado nas pessoas à sua volta. Não é apenas uma encrenca, é algo poderoso e que oferece muito mais perigo do que os crimes que vejo acontecerem nas ruas todos os dias.

Em algum momento daquela espera interminável e monótona, que se esticou por horas e horas noite adentro, o murmúrio baixinho das vozes, o som dos sapatos de borracha no piso de linóleo e todos os demais ruídos acabaram embalando meu sono. Em determinado momento pensei em como aquela noite havia sido estranha, em como, quando eu estava me sentindo a última das criaturas, aquela rede de pessoas maravilhosas estava ali para me salvar. Não estou acostumada a ter com quem contar além do Dom, e preciso admitir que é muito bom ter algo macio para aterrisar uma vez na vida, em vez de tomar a pancada brutal de sempre.

Mas é claro que, como todas as coisas em minha vida nos últimos tempos, tirar um cochilinho não ia ser fácil e revigorante. Assim que tudo ficou escuro, ele apareceu. O dia que mudou tudo para sempre.

Ouvi os tiros. Ouvi os gritos dos policiais que haviam chegado ao local antes de nós. Ouvi os moradores da região tagarelarem ao lado do edifício abandonado que tinha sido convertido em um monstruoso laboratório de metanfetamina. Ouvi as sirenes. Ouvi o rádio comunicar que vários policiais haviam sido baleados. Era uma situação terrível em todos os sentidos, mas o Dom e eu éramos treinados. Fazia parte do nosso trabalho cotidiano entrar em situações difíceis e melhorá-las.

Ouvi o Dom dizer que devíamos ir pelo beco, e eu concordei cegamente. Ouvi seus coturnos rasparem no metal da escada de incêndio quando ele começou a subir. Comentei que estava bem atrás, sempre fazíamos isso um pelo outro. O Dom gritou para eu ficar alerta e lhe dar cobertura. Não fazíamos ideia de quantos atiradores havia, se o prédio estava vazio ou não, mas repito: éramos treinados, e aquilo fazia parte do nosso trabalho.

Empunhei minha arma. Fiquei observando, olhando fixamente para o céu acima da cabeça do Dom, cuidando para que ninguém

pudesse atingi-lo. Ouvei mais tiros, não sabia se haviam sido disparados pelos bandidos ou pela polícia, mas nem liguei, só me importava com o bem-estar do meu parceiro. Ouvei o barulho que o Dom fez ao chegar no alto da escada de incêndio. Posso jurar que ouvi cada floco de neve que caiu no chão de terra perto de meus coturnos.

Ouvei o Dom gritar que o prédio estava vazio, vi meu parceiro ir na direção de uma janela quebrada e então ouvi... Pouco mais que um sussurro. O ruído distante de uma lata ou qualquer outra coisa que estava no lixo rolando no asfalto. Tirei os olhos do Dom por um centésimo de segundo, meio piscar de olhos, e as portas do inferno se abriram.

Um moleque, um menino que tinha acabado de sair da puberdade, apareceu no teto, começou a atirar naquela posição mais alta e acertou o Dom. Ele levou dois tiros no colete à prova de balas, e um atravessou seu braço. O impacto e a surpresa o fizeram cair de costas até chegar no corrimão da escada de incêndio e começar a rolar até o chão. Uma última bala acertou em cheio a lateral de seu corpo, mas foi a queda que causou o maior estrago.

Depois disso, só ouvi gritos, meus e do Dom, que continuou caindo. Comecei a atirar, acertei o moleque bem no meio do peito, e ele caiu, morto. Não me importei. Achei que o Dom havia morrido e não conseguia parar de gritar.

Acordei assustada. Minha pele brilhava de suor, e eu tremia visivelmente. Por sorte, dessa vez não fiz nenhum barulho, e acho que ninguém percebeu meu estado perturbado, até porque o Jet e a Ayden haviam acabado de chegar, e todo mundo foi lá cumprimentá-los. Fiquei observando o Asa dar um abraço bem apertado na irmã, que é bonita de um jeito impressionante.

Foi como se a Shaw e o bebê soubessem, como se o filho dela e do Rule estivesse esperando o momento certo para sua grande estreia no mundo. Parece que o garoto sabia o minuto exato em que sua família estaria toda reunida para conhecê-lo, porque o Reyer Remington Archer só nasceu quando a turma toda estava no hospital.

Preciso dizer que essa foi a melhor coisa que eu poderia

presenciar depois dos pesadelos daquela noite horrível, e serei sempre grata por terem me deixado participar desse momento.

## CAPÍTULO 5

# Asa

**U**MAS DUAS SEMANAS DEPOIS daquela noite no hospital, entrei no Bar todo nervoso. O Rome havia me ligado e pedido para eu chegar uma hora mais cedo, porque queria conversar comigo. Não consegui, por nada neste mundo, pensar em alguma merda que eu tivesse feito, um erro que tivesse cometido, mas sua voz grave estava ainda mais séria do que de costume, e isso despertou meus instintos de autopreservação. Tentei me convencer de que, se ele me dispensasse, me mandasse cair fora, não ia ser grande coisa. Eu poderia cair na estrada, arranjar outra coisa para fazer, mas o Bar é o primeiro lugar onde me sinto seguro, e não queria admitir que estava morrendo de medo de perdê-lo. Não ter mais esse lugar ia me deixar à deriva, de verdade. E, quando fico à deriva, arranjo encrenca... muita encrenca.

A Ayden e o Jet passaram uma semana em Denver. Minha irmã queria estar ao lado da Shaw quando ela levasse o pequeno Ry para casa. O apelido é fofo. A Shaw adorou, porque parece a palavra "centeio" em inglês, e ela é muito fã do J. D. Salinger, autor de *O apanhador no campo de centeio*. Além do mais, conhecendo o pai do garoto, é bem capaz de o moleque ter a rebeldia do Holden Caulfield, personagem central do livro. Essa semana não bastou para matar a saudade da minha irmã e, por mais que seja possível ver que ela está feliz, feliz mesmo, por ter se mudado para ficar mais tempo com o marido, sinto sua falta e percebi que ela ainda se preocupa demais comigo. Tentei falar que estou bem, explicar que, se for para eu fazer besteira, não vai fazer a menor diferença se ela estiver aqui em Denver ou lá em Austin, mas, ao dizer isso, seus olhos escuros brilharam de raiva. Amo a Ayden mais do que imaginava ser capaz, mas não vou tentar iludi-la, fazê-la acreditar que nunca mais vou errar na vida. Só posso tentar. Tentar ser uma

pessoa melhor, tentar ser honesto, tentar respeitar a lei e tentar não fugir quando as coisas ficarem difíceis. Tentar precisa bastar. Para a Ayden e para mim.

Durante o dia, o Bar é bem tranquilo. Vários veteranos aposentados gostam de ficar por lá contando histórias de guerra. Nunca deixo de me surpreender com a quantidade de causos sobre ex-mulheres e amantes, muito maior do que a de relatos de guerra. O Rome costuma abrir o Bar e ficar lá até o fim da tarde, quando entro para o turno da noite. Ele quer passar a noite com a família, e não posso condená-lo. Além disso, como também é um ex-soldado, o Rome se dá bem com a clientela grisalha e prefere deixar o público mais animado e barulhento comigo.

Ao entrar pela porta, não vi meu chefe. O Brite, que vendeu o Bar para o Rome, estava atrás do balcão de madeira, no lugar que costumo ocupar. A Darcy, cozinheira do boteco e ex-mulher do Brite, estava com a cabeça para fora da cozinha e parecia que os dois discutiam em voz baixa.

Acho que nem ele nem ela assumem o fato de que podem até ser ex um do outro, mas que na prática continuam casados. A esposa número 3 do Brite já era faz tempo, e a Darcy, além de ser a mãe da única filha dele, é o amor da sua vida. Tentei assuntar sobre os dois com o Rome, mas ele só encolheu os ombros e disse que as mulheres boas são complicadas e difíceis de segurar. Não entendi nada até que, um dia, entrei no depósito de bebidas fora do meu turno e me deparei com a Darcy de pernas para o ar e aquele gigante do Brite por cima dela numa posição inconfundível. Os dois podem até não usar aliança, mas ainda são apaixonados e se amam. Pena a filha deles ser um pé no saco de primeira categoria.

O Brite interrompeu o que estava dizendo para a Darcy, e ela voltou à cozinha. Os dentes dele brilharam no meio dos quilômetros de barba que cobrem seu rosto, e ele cruzou os braços em cima daquele peito que mais parece um barril. O Brite tem um jeitão de "não fode comigo", que sempre me surpreendo ao ver como ele é gentil e sábio. Ele parece muito mais um integrante da gangue de motoqueiros Hell's Angels do que um anjo salvador, mas é isso que ele é. O Brite salvou o Bar, salvou o Rome, deu a todos aqueles

veteranos um lugar para se sentirem seguros e, agora, estava tentando de tudo para salvar a própria filha rebelde, por mais que a garota não goste nada disso.

– Como vão as coisas, filho? – perguntou, com aquela voz de trovão.

Tirei o casaco, passei as mãos no cabelo e respondi:

– Tudo indo. Você tem ideia de por que o Rome me pediu para chegar mais cedo?

O Brite sacudiu a cabeça, levantou uma daquelas sobrancelhas cerradas e perguntou:

– Como anda a Avett? Fala a verdade, Asa. O Rome não quer que eu me preocupe, diz que consegue dar um jeito nela, mas eu criei essa menina e sei que ela pode ser uma grande dor de cabeça.

Suspirei e falei:

– O comportamento dela é uma droga. A garota não ouve ninguém, briga com a Darcy e odeia trabalhar aqui, o que é uma pena, porque ela cozinha muito bem.

Cozinha mesmo. Quando não está fazendo comida de boteco, quando cozinha para si mesma ou resolve brincar, a menina é bastante talentosa. Já falei para a Darcy sugerir à filha cursar gastronomia, mas a cozinheira suspirou e ficou com cara de choro. Acontece que a Avett tinha acabado de largar a faculdade, e pagar um curso caro e especializado estava fora de questão. A garota está indo ladeira abaixo. Consigo ver isso nitidamente, até porque conheço bem essa história.

O Brite soltou um palavrão baixinho e levantou a mão para passar na barba.

– Você se sente à vontade para demiti-la se ela ultrapassar os limites?

Baixei o queixo e lembrei das cervejas que a Avett escondeu na bolsa.

– Vou fazer o que for preciso para garantir a segurança do Bar e do Rome.

O Brite me deu um sorriso sinistro e disse:

– Era isso que eu queria ouvir. A Avett está enlouquecendo a Darcy. Essa menina vai acabar nos matando.

Fiz um ruído para demonstrar que concordava com ele e perguntei:

– O Rome está no escritório?

O Brite balançou a cabeça e, de novo, me deu um sorriso que precisou brigar com os pelos do rosto para aparecer.

– Você parece nervoso, filho. Não fique assim.

Fiquei irritado, porque minha costumeira máscara de indiferença e despreocupação havia caído. Tentei colocá-la de novo enquanto andava pelo corredor que levava aos banheiros, ao estoque e ao pequeno escritório. Bati na porta antes de entrar e notei que o Rome estava no telefone. Esperei sentado em uma das cadeiras surradas que ficam contra a parede, enquanto meu chefe continuava a grunhir e a responder em monossílabos para a pessoa do outro lado da linha. Havia uma papelada em cima da mesa, várias caixas de bebida no chão, e a mochila de academia do Rome ocupava a outra cadeira. Ele se jogou para trás, e sua cadeira rangeu. Depois disse “te amo mais”, ele devia estar conversando com a Cora. Aí desligou e finalmente olhou para mim.

Eu queria sorrir, fingir que não ligava a mínima para o que quer que estivesse acontecendo, mas meu corpo ficou todo duro. Espremi os olhos e perguntei:

– O que está acontecendo?

Não sabia como lidar com o fato de me importar tanto com alguém. Até então, só tinha me importado com coisas materiais e a minha irmã. Aquela era uma sensação tão estranha... Odiei o fato de aquilo me deixar tão sem jeito. Tive vontade de me encolher todo, mas me obriguei a ficar parado.

O Rome passou as mãos espalmadas nos olhos e apertou a cicatriz que corta sua sobrancelha ao meio.

– A Cora está grávida – respondeu.

Revirei os olhos e cruzei a perna, pousando o tornozelo no joelho.

– Sério? – comentei com um sarcasmo tão grande quanto os campos do Kentucky.

Meu chefe ficou piscando por um momento, depois respirou fundo e perguntou:

– O que você quer dizer com isso?

Também respirei fundo antes de responder:

– Eu vi a Cora no hospital. Eu vi você no hospital. Se a sua noiva estivesse apenas gripada ou resfriada, você não teria ficado em volta dela como uma galinha com seus pintinhos. Além disso, duvido que a Cora ia estar com uma cara tão feliz.

Seus olhos azuis se arregalaram um pouco, e então um sorriso modificou sua expressão séria.

– Sim. Acaba de completar dois meses. Na gravidez da RJ, a Cora não enjoou tanto, mas ficou bem mais mal-humorada.

– Não sabia que vocês dois estavam tentando ter mais um filho.

O Rome levantou os ombros largos, soltando-os logo em seguida.

– Não estávamos, mas também não estávamos evitando. Arrumei uma noiva e mais um filho meses depois do primeiro. Fico só imaginando qual será a próxima novidade.

Depois dessa, tive que rir. Fiquei feliz por ele, de verdade.

– Parabéns – falei.

– Queríamos contar só depois de o Rule e a Shaw levarem o pequeno Ry para casa e aproveitarem a maravilha que é ter um bebê recém-nascido. O Rule ser pai é um milagre que precisa ser cem por cento admirado por um tempo, e acho que minha mãe não aguenta receber mais notícias da família Archer sem explodir. Então, por enquanto, só você e o Brite estão sabendo.

– Entendi. Era sobre isso que você queria conversar comigo?

Se fosse, eu já poderia relaxar todos os meus músculos e voltar a respirar, porque o ar havia congelado meus pulmões de tanto eu segurá-lo.

O Rome sacudiu a cabeça, dando a entender que não, e cerrei os dentes.

– Preciso conversar com você sobre o Bar.

Como não queria demonstrar estar desmoronando por dentro, fiquei em silêncio e esperei o Rome continuar a falar.

Meu chefe me encarou por um tempo, depois se acomodou na cadeira e pôs as mãos atrás da cabeça.

– O Brite me vendeu esse Bar por cem contos. Achei uma loucura.

Concordo.

– Na época, não entendi – continuou o Rome. – Mas agora entendo. Não tinha nada a ver com o Bar nem era para me manter ocupado, era para eu pegar algo detonado, algo que havia se adaptado e sobrevivido e lhe dar uma vida nova. Você sabia que, mesmo com a despesa extra de ter a Dixie e a Avett na folha de pagamento, a gente saiu no lucro ano passado? E não foram só uns trocados, não, foi um lucro real, bem considerável.

O Bar fica mais lotado a cada dia que passa, e o público está cada vez mais diverso. A música ao vivo ajuda, assim como o fato de os amigos e familiares do Rome serem pessoas lindas e gostarem de frequentar a casa. O Bar está em alta, e isso não era nenhuma surpresa para mim.

– Que boa notícia.

– É, sim. E isso tem muito a ver com você, Asa. Você se mata de trabalhar, passa muito mais horas aqui do que deveria, cuida dos funcionários, cuida dos clientes, não importa quem sejam e, caramba, ainda manda bem atrás daquele balcão. O povo te adora, porra.

É porque passei a maior parte da minha vida enganando os outros, tentando fazer as pessoas me acharem legal, quando, na verdade, sou exatamente o contrário.

O Rome soltou os braços, ficou de pé e deu a volta na mesa para se sentar no canto dela, perto de mim. O espaço era pequeno, e meu chefe é um tipo intimidador, mas tinha um brilho no olhar de pura animação e expectativa.

– Quero que você contrate mais funcionários: alguém para ajudar a Dixie no salão, um *barman* em tempo integral que saiba atender os militares e mais um para a noite, para te ajudar e te permitir ter um tempo livre.

– Não sei se ter tempo livre vai ser bom para mim. Você conhece o ditado, “cabeça vazia...”.

Levantei as duas sobancelhas, e o Rome, que é muito mais alto do que eu mesmo sentado, fez cara feia.

– Esse bar serviu de muleta para nós dois, quando tanto eu quanto você tentávamos descobrir o que fazer da vida. Nos manteve ocupados e serviu para nos concentrarmos em alguma coisa. Para

ocê mais ainda, porque eu tenho minha Peso Pena e a bebê para cuidar. Acho que também me deu uma luz em relação a qual vai ser a próxima etapa.

O Rome me olhou para ver se eu ainda estava acompanhando o que ele dizia, e eu estava. Não posso discordar que o Bar foi meu porto seguro em um momento no qual eu tentava deixar para trás aquela vida e me tornar alguém respeitável.

– Há muitos lugares que poderiam ganhar uma revitalização, uma segunda chance, digamos – prosseguiu. – A academia que eu frequento está caindo aos pedaços e precisa de equipamentos novos e sangue novo, para se atualizar, chegar ao século XXI. O lugar parece um daqueles clubes de ginástica dos anos 1930, mas só precisa de ajuda. Quero investir lá.

Fiquei piscando, surpreso, e apenas o olhei fixamente. O Rome levantou a sobrancelha que tem a cicatriz e continuou:

– O Nash tem um amigo que é dono de uma oficina. Ele faz umas restaurações iradas, mas é café pequeno. Conheço o trabalho do sujeito e já falei com ele algumas vezes. Quero pôr um dinheirinho lá também.

Assoviei baixinho e disse:

– Você não estava brincando ao dizer que o lucro era bem considerável, né, chefe?

O Rome grunhiu e continuou:

– Também quero ajudar o Rule e o Nash, se eles resolverem expandir os negócios e abrir um terceiro estúdio. O que não quero mais é ficar com minha bunda parada, só esperando a próxima surpresa bater na minha porta. Vou comprar uma casa, vou ter outro filho e, quando tudo isso estiver resolvido, vou casar com a mulher mais perfeita do mundo.

Não acho que “perfeita” e “Cora” combinem na mesma frase, mas para o Rome ela é absolutamente perfeita, e isso é muito importante quando se trata da mãe dos seus filhos.

– Todos esses planos me parecem muito bons, Rome. Preciso dizer que fico um pouco chocado em te ver descobrir que sua vocação é ser empreendedor e ter investimentos, mas entendo sua motivação para ajudar nesses negócios que lutam para sobreviver. É

uma atitude muito nobre a sua.

Ele me olhou sério e falou:

– Segundas chances são muito importantes. Você sabe disso tão bem quanto eu.

– São mesmo.

Me esforço muito todos os dias para não desperdiçar minha segunda chance. Devo isso a mim mesmo e às pessoas que me amam. É o mínimo.

– Quero que você pense em ser meu sócio. Você manda bem aqui, bem demais. Sabe lidar com as pessoas muito melhor do que eu, e acho que é o único capaz de entender por que escolhi esses negócios para investir.

Ai, merda, por essa eu não esperava.

Fui um pouco mais para a ponta da cadeira e esfreguei o pescoço com força. Minha velha amiga vergonha e o amargo arrependimento vieram à tona, e precisei lutar com todas as minhas forças para mantê-los sob controle.

– Não tenho essa grana dando sopa, grandão.

O Rome me paga um salário justo, e meu custo de vida é praticamente zero, mas quando você quase morre em uma mesa de cirurgia e os médicos te trazem de volta à vida uma fortuna vai embora. Sem seguro-saúde, todo centavo que ganho vai para o pagamento das despesas médicas, que foram astronômicas. A Ayden e o Jet até se ofereceram para me ajudar com isso, mas, assim que consegui o emprego no Bar, decidi não aceitar. É a primeira vez na minha vida que reconheço as consequências das minhas ações.

Meu chefe repuxou a boca e levantou da mesa com um impulso.

– Me dá cem dólares, então. Vai ser o dinheiro mais bem gasto da sua vida.

Xinguei o sujeito e fiquei de pé. Ainda precisava olhar para cima, mas ele parecia menos imponente agora que eu não estava mais sentado.

– Olha, agradeço muito a oferta e, em outros tempos, agarraria a oportunidade com unhas e dentes, mas não posso. Não posso permitir que você me dê essa moleza.

Ele abriu a boca para argumentar, mas o cortei, colocando a mão

em seu ombro e sacudindo a cabeça.

– Sempre apelei para todos os atalhos que pude encontrar. Quando não me entregavam as coisas de bandeja, eu simplesmente roubava, porque me achava no direito. Não posso fazer isso com você, não depois de tudo o que fez por mim, Rome. Se, em algum momento, eu puder ser seu sócio do jeito certo, e a oferta ainda estiver de pé, pode contar comigo. Até lá, me avisa se você precisar de ajuda com alguma coisa. Posso ser seu pau para toda obra.

– Desde que começou a trabalhar aqui, é isso que você é.

Limpei a garganta, porque uma imensa gratidão estava pesando dentro de mim, e falei:

– Obrigado por confiar em mim até mesmo para ser seu sócio nos negócios.

O Rome grunhiu de novo, e nós saímos do escritório.

– Nunca me deu motivo para *não* confiar em você. Sei que já fez umas merdas bem feias, mas isso são águas passadas, não tem nada a ver com o presente. Tive que aprender a deixar o passado em seu devido lugar, do contrário ele acaba fodendo com tudo de bom que acontece no presente.

Voltamos para o salão com um ar bem solene. O Brite havia ido embora, e a Dixie estava atrás do balcão olhando para o Dash – que insiste para que o chamemos de Church, como o Rome o chama – e endireitando as mesas. O Rome deu um abraço na garçonete e pôs a cabeça dentro da cozinha para a Darcy saber que ele estava indo embora. Depois fez um “toca aqui” com o Church, porque o outro ex-soldado de pele morena tinha ido até o balcão. Então me olhou com as sobrancelhas levantadas e disse:

– Me avisa se você mudar de ideia, Caipira.

– Pode deixar.

Esse apelido é ridículo. Estou tão longe de ser o caipira típico e ingênuo do sul dos Estados Unidos, o que usa macacão jeans e vai buscar água na bica, que dá vontade de rir, mas um moleque bêbado uma vez me chamou assim, achando que me insultava, e o nome pegou.

Como era sábado à noite, dei uma passada geral no que íamos precisar e falei para a Dixie e o Church que o Rome queria mais

funcionários. Pedi indicações, caso eles tivessem, e fui até a cozinha para ver se a Avett havia, pelo menos, aparecido para trabalhar. Ela estava parada na frente da câmara frigorífica, de frente para a Darcy.

A mulher segurava o queixo da filha e gritava com ela:

– Eu sei muito bem que você não ficou com esse olho roxo porque tropeçou e caiu, Avett.

A garota olhava para todos os lados, menos para a mãe furiosa, e acabou fixando o olhar em mim. Percebi que seu lábio inferior tremia e fiz uma careta para ela, por trás da mãe.

– Se esse sujeito está te deixando com marcas em lugares que todo mundo pode ver, as coisas só vão piorar. Isso significa não só que esse merda não dá a mínima para você, mas que também não dá a mínima para o fato de haver pessoas que não querem te ver machucada. Isso é perigoso. Você deveria cortar relações e correr dele feito um coelho com o rabo pegando fogo.

A Avett espremeu os olhos inquietos para mim e se afastou da mãe de um jeito brusco.

– Você não sabe de nada. Nenhum dos dois sabe. O Jared estava bêbado. Foi um acidente. Me deixa em paz, ou vou sair andando, e você vai ficar sem ninguém para trabalhar aqui à noite pelo resto da semana.

A garota tremia, e tive a certeza de que nem ela acreditava nas próprias palavras. Era possível ver que estava mordendo a bochecha por dentro. Para mentir para os outros, primeiro é preciso saber mentir para si mesmo, e a Avett ainda não era boa nisso. Talvez estivesse na hora de fazê-la parar, antes que ela ficasse boa. Cansei de bancar a babá. Estava na hora de soltar o sujeito ruim que vive em mim. Quem sabe ele consegue algum resultado, já que mimar aquela menina perturbada não estava dando certo.

Falei, sem rodeios:

– Se você sair andando, não poderá voltar. Estou cansado dessas suas brincadeiras de criança mimada. Não quer trabalhar aqui? Adivinha! Eu também não estou muito a fim de ter você aqui, porra, mas devo favores ao seu pai, e sua mãe é uma senhora legal, por isso aguento trabalhar com você. Isto aqui... – girei a mão no ar,

para dar a entender que estava falando daquela cena dramática que eu havia interrompido – ...ultrapassou o meu limite de tolerância à papagaiada.

Fiz questão de olhar para a Darcy, para ela entender que eu falava bem sério, e saí da cozinha.

Mesmo sem banda ao vivo, o Bar estava bem movimentado naquele sábado, e todos os clientes estavam se comportando bem. Houve uma pequena discussão entre algumas meninas, mas, assim que viram o Church indo na direção delas, sossegaram e entraram imediatamente no modo sedução. Fiquei bem ocupado até a meia-noite, quando um homem desgrenhado entrou, tenso e irrequieto. Na hora, tive fortes suspeitas de que ele estava atrás da Avett. Era bem o tipinho escroto que não via o menor problema em bater em mulher ou em pedir que ela roube coisas em seu local de trabalho.

O sujeito ficou perto da porta e agia de modo tão suspeito que o Church foi para perto dele e ficou de olho. Eu estava prestes a sair de trás do balcão para perguntar qual era a dele quando a Avett saiu correndo da cozinha e foi até o cara. Ele a olhou feio, foi bem grosso e a arrastou porta afora. Vi que as sobrancelhas do Church rapidamente formaram um V furioso e, sem me falar nada, ele foi atrás do casal no estacionamento. Pelo menos poderíamos impedir que o imbecil batesse nela durante o expediente. Preciso lembrar de comentar isso com o Brite. Ele é o mais durão entre os durões, e a menor palavra que ele der com o vagabundo do namorado da filha será muito mais eficiente e aterrorizante do que qualquer coisa que eu possa falar.

– Você pode me dar mais uma vodca com limão, por favor?

Virei o rosto para a coroa sorridente que estava sentada ali no balcão desde as dez da noite. Ela devia ter uns 45 anos, e era bem gata. Não consegui diferenciar o que era natural e o que era plástica, mas ela tinha um rosto incrível, um cabelo loiro bem liso e uma expressão naqueles olhos castanhos que dava a entender que ela queria muito mais do que um simples drinque. Ela estava na companhia de um rapaz que parecia ser mais novo do que eu e que tentava de tudo não só para chamar a atenção da coroa, como para desfrutar de sua óbvia riqueza. Como o garoto me olhava feio toda

vez que ela tentava conversar comigo, é claro que passei a noite inteira provocando.

Sorri para ela, fiz questão de mostrar os músculos do braço ao sacudir a coqueteleira para preparar seu drinque e beijei sua mão quando ela me entregou uma gorjeta de vinte dólares. Ri baixinho ao ver o sujeito ficar mais roxo do que uma beterraba, parecendo que ia explodir. A mulher era classuda, mas não curto ser homem-objeto. Peguei o dinheiro e tirei sarro do moleque, apenas para me divertir. Os dois não eram como as pessoas que costumam frequentar o Bar, e fiquei imaginando de onde teriam saído. Pensei em perguntar, mas me distraí com um barril de chope que havia terminado e que eu precisava trocar e com um casal que tinha jeito de quem ia cair fora sem pagar a conta para a Dixie.

Na hora em que o Bar fechou, e o Church foi acompanhar a Dixie até o carro, eu estava bem cansado. Os dois perguntaram se eu queria que eles me esperassem, mas precisava de um tempo sozinho para desopilar. Havia muita coisa passando pela minha cabeça: a proposta do Rome, o namorado péssimo da Avett, o rumo que a minha vida vai tomar e, é claro, a Royal. Não a vejo desde aquela noite no hospital, mas sei que voltou a trabalhar. Vai ver que isso bastou para ela voltar a andar na linha, em vez de dar showzinho por aí. Não quero envolvê-la na confusão da minha cabeça, mas, quando fecho os olhos antes de dormir, ainda sinto o gosto dos seus lábios gelados.

Já eram três da manhã quando desliguei as luzes e tranquei tudo. Tomei uns bons dedos de *scotch* ouvindo o *rock* dos Raconteurs na *jukebox* digital. Antes de sair pela porta dos fundos, me encolhi no casaco para encarar a caminhada até minha casa. Ainda bem que moro perto, porque não gosto nada do clima de inverno do Colorado. Como bom sulista, não consigo entender por que aqui faz ainda mais frio em fevereiro do que em dezembro e janeiro. Enfiei as mãos nos bolsos, baixei a cabeça para me proteger do vento cortante e comecei a atravessar o estacionamento. Uma voz feminina suave falando um monte de palavrões cabeludos me fez parar.

Pisquei surpreso, porque não conseguia acreditar que ela estivesse de novo no Bar em plena madrugada. De novo com a

roupa da academia e de novo muito gostosa. Ela andava de um lado para o outro, muito agitada, parando de vez em quando para chutar o pneu da SUV e bater a testa no vidro do lado do motorista.

– Royal?

Ela deu um pulo quando a chamei e me encarou com aqueles olhos castanhos hipnóticos.

– Juro que não estou te perseguindo – disse.

Percebi que ela ficou tensa quando me aproximei. Parecia na defensiva.

– Não achei que estivesse.

A Royal suspirou e soltou a cabeça para trás, batendo no vidro.

– Não consegui dormir e fui para a academia. Não adiantou nada, aí pensei em passar aqui e beber alguma coisa, mas lembrei que você não me quer aqui. Então fiquei um tempo sentada no carro para resolver o que queria fazer, mas nesse meio tempo uma menina muito bêbada saiu daquela loja de conveniência ali.

Ela apontou para a loja da esquina, no outro lado da rua.

– Ela ia sair dirigindo, então fui lá falar com ela.

Nessa hora, a boca linda da Royal esboçou um leve sorriso.

– Peguei a chave do carro da garota e esperei ela entrar num táxi, mas, como sempre, deixei minha bolsa dentro do carro, com a chave e o celular dentro.

A Royal bateu a cabeça no vidro de novo, e me deu vontade de puxá-la para perto de mim e abraçá-la.

– Ou seja: fiquei trancada para fora do carro.

Soltei o ar, que virou fumaça por causa do frio. Era quase a mesma cena da última vez em que nos encontramos ali, só que ela não estava com a mão no meu pau, e eu não fiquei dando patadas nela feito um idiota.

– Você não tem uma chave reserva?

Ela revirou os olhos e respondeu:

– Claro que tenho, mas não aqui. Sou policial. Um criminoso puto da vida pode entrar e ficar me esperando no banco de trás depois do trabalho. A Saint tem uma cópia, o Dom tem uma cópia, até o Nash tem uma, mas são três da manhã, e não estou muito a fim de fazer essa ligação que deixaria todo mundo puto comigo. Além do

mais, sempre ligo para o Dom, só que ele não está em condições de dirigir para me salvar neste momento.

Ela engoliu em seco e tirou os olhos dos meus.

Soltei um gemido e sei que ela ouviu.

– Chega. Você pode dormir na minha casa e chamar a cavalaria pela manhã. Está muito frio, e estou muito cansado para pensar em uma solução mais inteligente.

Então a Royal inclinou a cabeça para o lado e ficou me olhando por um tempão. Depois perguntou:

– Como assim uma solução mais inteligente?

Segurei seu cotovelo e senti o corpo dela tremer. Mais uma vez, tirei meu casaco e a enrolei nele. Alguém precisa explicar para essa mulher que está fazendo muito frio e que ela precisa se agasalhar, em vez de andar com essas roupinhas de ginástica, se quiser andar por aí no meio da noite.

– Você e eu a sós é a ideia mais imbecil que eu já tive, Ruiva. Não vai dizer que não te avisei.

**E**U SABIA QUE PODIA pedir o celular do Asa emprestado, chamar um táxi e voltar para Capitol Hill, o bairro onde moro. Também sabia que o Nash levantaria da cama e viria me buscar de bom grado, mesmo sendo de madrugada. Mas há semanas que eu tramava para o Asa me levar para a casa dele e, se aquela ia ser minha única oportunidade, eu ia aproveitá-la, por mais que ele parecesse mais incomodado e agitado do que apaixonado. Além do mais, ele me emprestou o casaco de novo, com a temperatura abaixo de zero, e tive certeza de que isso significava alguma coisa, por mais que ele não tivesse consciência disso.

– Como foi voltar ao trabalho? – ele perguntou com aquele sotaque doce e gentil, enquanto me mostrava o caminho para a sua casa.

Acho que não conheço outro adulto que não tenha carro além dele. Mais uma pecinha deste quebra-cabeça que atende pelo nome de Asa Cross.

– Complicado. Nunca tive outro parceiro além do Dominic, é estranho fazer a ronda com alguém diferente.

Meu parceiro temporário se chama Barrett. É bem mais velho do que eu e faz o tipo forte e silencioso. Eu estava acostumada a ter o Dom tomando a iniciativa, a seguir os passos dele, e é estranho fazer o papel de quem fala mais na dupla. Até agora, meus turnos sem o Dom foram bem tranquilos, não precisei puxar a arma nem me meti em nenhuma situação perigosa. Estou morrendo de medo do dia em que isso acontecer, por mais que a psiquiatra do departamento me diga que isso é normal. Ela está convencida de que estou sofrendo de estresse pós-traumático e de que a culpa que sinto por ter me distraído e quase provocado a morte do Dom está ligada ao fato de eu ter escapado do tiroteio sem ferimentos.

Percebi que o Asa estava tremendo de frio e me encostei nele. Senti um arrepio em todo o corpo quando ele passou o braço pelo meu ombro e se aninhou em mim. Claro que deve ter sido para se aquecer, mas minha libido não se importou.

– Como vai o seu parceiro?

Odeio pensar no Dom de licença. Ele adora ação, pôr a mão na massa, mas, em seu atual estado, só pode ficar na cama vendo TV por horas e horas, com as irmãs cuidando dele. Toda vez em que visto o uniforme, penso que posso ir trabalhar, que acabei bem, enquanto o Dom está preso nessa situação, sem saber o que vai ser do seu futuro. Isso é tão injusto, que minha pele se arrepia toda e sinto um aperto no estômago toda vez que vou para o trabalho.

– Está melhorando. Vai precisar fazer muita fisioterapia quando sair da cama. Quebrar o fêmur não é brincadeira.

– Se você precisar de uma indicação, conheço um sujeito.

Olhei para ele por baixo dos cílios e perguntei, surpresa:

– Você conhece um fisioterapeuta?

Chegamos a um prédio bem genérico e caído e subimos alguns andares de escada. Não era bem a casa que eu imaginava.

– Bom, o Rome conhece. O sujeito namorava seu irmão mais novo, o Remy, gêmeo do Rule. O nome dele é Orlando Frederick, ele é especializado em esportes. Encontrei com ele algumas vezes no Bar, quando ele foi lá conversar com o Rome. Parece ser um sujeito bem legal e, de acordo com o meu chefe, manda muito bem no que faz.

O Rome não me parece o tipo que elogia ou respeita qualquer um, então guardei o nome para passar ao Dom e entrei com o Asa no apartamento. O lugar era pequeno, bem pequeno, e quase não tinha nada lá dentro. Quer dizer, é uma quitinete, não tem muito lugar mesmo, mas além da cama, de uma TV de tela plana até que bem grande, um jogo de copa pequeno e uma poltrona reclinável bem surrada, não havia nada que dissesse que aquele apartamento era do Asa.

Se o gato ficou preocupado com a minha reação de surpresa quando vi onde ele mora, não demonstrou. Ligou a luz, atirou a chave e o celular em uma mesinha minúscula e passou a mão na

cabeleira vasta e meio loira.

– Deixa eu pegar uns lençóis limpos para você arrumar a cama enquanto tomo banho – disse, inclinando a cabeça na direção da poltrona. – Vou deitar ali, porque consigo dormir em qualquer lugar, e você pode ficar com a cama.

Abri a boca para discutir. Não era uma cama *king size*, mas dava para nós dois dividirmos. Então, vi um brilho naqueles olhos dourados, uma luz de alerta que me fez ranger os dentes e ficar em silêncio, frustrada. Sempre acho que ele está tentando me dizer alguma coisa sem falar nada, como se houvesse uma mensagem implícita muito difícil de entender. Alguma coisa estava passando por aqueles olhos de gato do mato, uma tensão cuja vibração eu podia sentir, que estava só esperando ser liberada. Sacudi os ombros para tirar o casaco e o pendurei em uma das cadeiras perto da mesa. Em seguida, peguei os lençóis e o cobertor que ele havia atirado para mim antes de se virar e ir para onde achei que era o banheiro.

Sentei na beirada da cama e observei, sem reação, a fresta aberta da porta. Pus as cobertas ao meu lado e tentei entender o que estava acontecendo. Aquilo não tinha nada a ver com o que eu imaginava para a primeira vez em que o sulista *sexy* me levaria para a sua casa. Tinha certeza de que, assim que ficássemos a sós, a química ardente e inegável que ferve entre a gente chegaria ao ponto de ebulição. Então, finalmente, eu receberia tudo o que sei que o Asa tem a oferecer. Queria aquele charme sedutor, aquela sensualidade natural e todo aquele desejo turbulento que tenho certeza de que existe por baixo de sua fachada de caipira legal. Suspirei e olhei para o celular que ele havia abandonado ali, pensando se, de repente, não deveria mesmo ligar para alguém vir me salvar. Eu começava a desconfiar de que a vontade que o Asa tem de me proteger do que, em sua opinião, é um erro retumbante era muito mais forte do que meu desejo de cometer esse erro.

Fiquei de pé e aumentei um pouco a fresta na porta do banheiro, apenas o suficiente para ele me ouvir dizer que ia chamar um táxi e voltar para casa. Não ia tirá-lo da própria cama se era evidente que ele não me queria ali. Já tem muita coisa na minha vida que me deixa mal, não preciso procurar mais rejeição.

– Olha, vou só... – minha voz falhou porque minha língua esqueceu como é que funciona, e não consegui mais pensar.

É claro que aquele apartamento tão pequeno não teria um banheiro espaçoso. Tinha apenas um chuveiro com um *box* de vidro jateado que não tapava nada. O vapor da água não foi suficiente para cobrir aquela visão, e minha mão terminou de abrir a porta, como se funcionasse de modo independente.

O Asa estava com um dos braços acima da cabeça e a testa mergulhada na água que cascadeava por seu corpo. Quando abri a porta, ele virou o rosto para mim. Mesmo com o vapor do chuveiro e o vidro jateado entre nós, dava para ser seus olhos brilharem, fixos nos meus, e sua mão começou a se movimentar para cima e para baixo, massageando o membro que havia ficado ereto, obviamente por minha causa.

Sei que eu deveria ter fechado a porta e ido embora. Estava invadindo seu espaço, sua privacidade. Mas não consegui e fiquei tão excitada quanto furiosa de vê-lo se masturbar enquanto me olhava sem piscar. Ele é lindo, aquilo era lindo, mas eu estava furiosa, porque havia deixado claro, tantas vezes, que estava a fim dele e, apesar disso, ele preferia a autogratisação do que me levar para a cama. Ficou difícil apreciar aquela beleza toda, por mais que eu estivesse hipnotizada com a cena. O Asa estava desperdiçando algo que era meu por direito, e me deu vontade de gritar para ele parar, para me convidar a ir para o chuveiro com ele e dar um destino melhor àquela excitação toda. Só que eu estava tão perplexa que fiquei sem palavras e criei raízes no chão, fiquei paralizada pela fúria e pela paixão.

O Asa é todo sarado, sua pele é dourada e torneada. Seu cabelo loiro estava escorrido, bem mais escuro por causa da água, e o brilho de seus olhos parecia vir de dentro, de algo muito profundo. Os músculos de seu braço e de seus ombros largos flexionavam e dançavam enquanto sua mão se mexia em cima daquela ereção impaciente e grossa erguida entre suas pernas. Seu abdômen definido se contraía e relaxava, e ele não parava de gemer. Mais uns movimentos bem feitos, e ele chegou ao orgasmo. Seu corpo inteiro se curvou, e posso jurar que meu nome saiu de seus lábios quando

ele gozou, mas isso pode ser apenas fruto da minha imaginação. Seu pulso relaxou, e ele piscou devagar para mim ao abrir a porta do *box*. Ficamos nos encarando por um tempão. Pus a mão na garganta, porque tinha a impressão de que tudo o que eu queria dizer para o Asa estava entalado ali.

– Você é um merda e te odeio muito neste momento.

Minha voz saiu rouca e esganiçada. Dei meia-volta e saí correndo do banheiro, fazendo questão de bater a porta.

Tinha vontade de esganar o Asa e de trepar com ele ao mesmo tempo. Não sei dizer qual dos dois desejos era mais forte. Fui até a mesa e peguei o celular dele, determinada a sair dali e ir para longe daquele homem. Eu estava emocionalmente sobrecarregada e não queria fazer nada de que fosse me arrepender depois, quando conseguisse pensar melhor. O fato é que havia caído em uma armadilha do Asa, ele queria que eu entrasse e visse o que estava fazendo. Ele não deixou a porta entreaberta por acaso, me pôs em banho-maria de propósito desde o primeiro minuto em que entramos naquele apartamento. O Asa é um filho da puta calculista, e estou começando a enxergar quem ele é de verdade por baixo daquela máscara de sujeito charmoso atrás da qual se esconde a maior parte do tempo.

O Asa queria que eu soubesse que, apesar de me desejar, nunca vai ficar comigo, nem quando estivermos a sós em seu apartamento. Ele deixou isso evidente, de um jeito muito explícito, e eu precisava fugir dali, ainda que nunca mais conseguisse esquecer aquelas imagens que com certeza ficarão gravadas na minha memória para sempre.

O celular estava bloqueado com senha, óbvio, o que só aumentou minha frustração. Fiquei olhando para o aparelho sem saber o que fazer, tentando pensar em meu próximo passo. De repente, vi os dedos do Asa em volta do meu pulso, tirando aquele aparelho inútil da minha mão. Então, ele me virou e jogou o celular na mesa. Ele me olhava feio, o que até podia ser intimidador – afinal de contas, não o conheço tão bem assim –, mas aquele gostoso não tinha se dado ao trabalho de vestir uma peça de roupa sequer, nem mesmo uma toalha. E estava bem pertinho e pelado demais para eu

sentir qualquer outra coisa que não fosse o maldito tesão que ele me provoca.

Ficamos nos olhando feio, e ele ainda segurava meu pulso, que disparou com seu toque. Sua boca estava com uma expressão séria, água pingava de suas têmporas e de seu peito plano e lisinho. O Asa já é bonito de calça jeans surrada e camiseta velha. Pelado e bravo, parece um deus grego que resolveu visitar os reles mortais como nós.

Levei um susto quando, com a outra mão, ele desfez o nó que segurava meu cabelo no alto da cabeça. As mechas enredadas caíram em meus ombros de qualquer jeito, e joguei a cabeça para trás olhando feio para ele.

– Você não tem ideia de onde está se metendo ao ficar comigo, Royal.

A voz do Asa é sempre tão grave e tem aquele sotaque gostoso do sul, mas naquele momento estava meio rouca, com um tremor que fez meu coração sair pela boca.

– É? Bom, já sou bem crescadinha, Asa. Tenho o direito de chegar a essa conclusão sozinha, você não precisa decidir isso por mim.

Ele roçou os dedos no meu pulso, depois foi subindo até pousar a palma da mão no meu ombro. Então segurou meu maxilar e ficou passando o dedão no meu lábio inferior.

– Você é policial – falou.

Como se isso fosse motivo para ele continuar lutando contra aquele vórtice de desejo e tesão que nos atraía.

Suspirei fundo e levantei a mão para segurar seu pulso.

– Eu sei, mas não sou só isso – argumentei.

Era tão surreal ter essa conversa com ele pelado, e, ao mesmo tempo estar puta da vida com ele, que fiquei zozza. Vai ver o Asa tem razão. Vai ver eu não saiba mesmo onde estou me metendo.

Ele esboçou um sorriso malicioso e deu um passo para trás. Parecia algo demoníaco e tentador demais.

– Você está louca da vida comigo – falou.

Balancei a cabeça e respondi:

– Estou. Aquele seu showzinho no chuveiro foi jogo baixo. Tenho certeza de que planejou tudo. Você queria que eu te visse. Queria

que eu soubesse que, por mais que tenha dado em cima de você e tenha deixado bem claro que te desejo, não vai ultrapassar esse limite. Foi uma jogada muito babaca.

No começo, quis ficar com o Asa porque ele parecia a distração perfeita para eu me esquecer de tudo o que tem dado errado na minha vida. Depois, quis ficar com ele só porque era impossível conquistá-lo. Agora, quero ficar com ele apenas porque quero. Aquele homem todo sensual e pelado estava bem na minha frente, e qualquer motivo que eu tinha para desejá-lo me pareceu sem importância ao me deparar com a sua beleza masculina absurda.

O Asa abaixou o queixo bem de leve, apenas o suficiente para dar a entender que eu havia acertado em cheio. Então soltou os braços ao lado do corpo, levantou as duas sobrancelhas cor de areia e falou, em um tom charmoso e sedutor:

– Devia ter bastado para que entendesse. Pena que não bastou, porque fiquei pensando em você o tempo todo. Não sei se a gente tem sorte ou azar de eu nunca conseguir ter a atitude correta por muito tempo. Você começou a andar atrás de mim esses dias, Ruiva. Não vou ultrapassar esse limite, mas, se quiser, não sou eu que vou te impedir.

Mordi o lábio e fiquei observando a reação dele pela expressão em seus olhos.

– O que vai acontecer se eu fizer isso? – perguntei, com certa hesitação em minha voz, e tenho certeza de que o Asa percebeu.

Ele soltou os braços e ficou de costas para a cama desarrumada.

Eu não havia pensado muito nas consequências ao enfiar a mão nas calças dele aquela noite, no estacionamento, nem ao tirar a roupa de propósito na sua frente, na pista de dança do Bar. Só sei que o Asa foi o primeiro homem que eu desejei, que eu desejei mesmo, o primeiro homem que me fez correr atrás dele. Nunca parei para pensar no que iria acontecer se eu conseguisse agarrá-lo.

– Não tenho como responder isso, mas aposto que vai acabar em destruição e mágoa. Normalmente, é o que rola quando alguma coisa boa acontece na minha vida.

Então ele se deitou na cama, virou de barriga para cima e pôs as mãos atrás da cabeça.

– Se você quiser a senha do meu celular – completou –, eu te passo para você ir embora. Se quiser ficar, apaga a luz e vem para cá. Prometo me comportar... por enquanto.

Olhei para ele, depois para o celular que estava em cima da mesa, e suspirei. Óbvio que só havia uma alternativa válida, que não tinha nada a ver com o Asa se comportar e eu ir embora. Ele disse que eu é quem deveria decidir se ultrapassava o limite ou não, e era isso mesmo que eu pretendia fazer, mesmo que tudo acabasse em destruição e mágoa.

Passei os dedos em meus cabelos, tentando desembaraçá-los, tirei os tênis e apaguei a luz. Aquele apartamento minúsculo ficou completamente às escuras na mesma hora, e eu só conseguia enxergar o brilho do cabelo loiro do Asa. Posso jurar que seus olhos brilhavam na escuridão, por mais que eu saiba que isso é impossível. Não sei se porque estava tudo escuro ou porque sabia que ia ter que rolar de tudo, já que provavelmente eu não teria outra oportunidade, mas meus instintos me disseram que, se eu queria provar não haver mais limites entre nós dois, eu precisaria deitar na cama tão nua quanto ele.

Tirei a camiseta pela cabeça, arranquei o *top* de ginástica e larguei a calça e a calcinha no chão. Achei estranhamente libertador ficar assim e fui até a cama. Não sou tímida nem reservada, mas essa foi a coisa mais ousada que já fiz. Com ele sou sempre obrigada a ser agressiva, a predadora, e gosto da ideia de, enfim, receber minha recompensa por não ter medo de ir atrás de algo proibido e tão sedutor.

Cheguei na beirada da cama, e o Asa mexeu as pernas e esticou uma das mãos para me guiar na escuridão. Senti que os músculos de sua panturrilha ficaram tensos com o toque dos meus dedos e não pude controlar o sorriso. A cama não era grande o suficiente para eu me esparramar ao seu lado, então tive que literalmente subir no Asa, e nossa pele nua começou a se roçar. Não ia ter como ele recusar o meu convite. Minhas mãos tremiam, meus mamilos estavam ficando durinhos, e não pude deixar de perceber que o Asa ficou ofegante com nosso contato. Ele me segurou na cintura, e montei sobre seu corpo ali, no escuro. Suas coxas ficaram tensas por

baixo da minha bunda sem roupa, e seu pau ficava mexendo e levantando no meio da gente. Então ele fez carinho nas minhas costelas e disse, com a voz rouca:

– Acho que esse vai ser o pior crime que já cometi.

Não dava para ele ver minha expressão, mas fiz careta e me inclinei para a frente, com as mãos apoiadas em seu peito. Adorei a sensação lisinha e rígida de seus músculos sob as minhas mãos. O Asa é mesmo uma estátua muito bem esculpida, criada para o mundo apreciar e admirar.

– Como assim? – perguntei.

O Asa subiu as mãos e segurou meus dois peitos avantajados. Dei um pulinho com a sensação e fiquei sem ar, porque ele passou o dedão nos meus mamilos salientes. Estava tão bom que comecei a tremer por dentro. O jeito como ele me tocava não era exatamente gentil ou respeitoso, e acho que isso tornava a carícia ainda melhor.

– Quando uma mulher linda como você tira a roupa, devia ser crime estar com a luz apagada. Só de pensar em você pelada, Royal, muitos homens já devem gozar. Estar diante dessa realidade sem conseguir enxergar deveria ser ilegal.

Foi um elogio rústico, mas fofo mesmo assim. Já ouvi coisas parecidas, mas, vindo do Asa, não pareciam palavras à toa, ditas apenas para me levar para a cama. Não que ele precisasse dizer alguma coisa para conseguir isso. Eu já estava bem na cama dele.

Me deu vontade de dizer que me sentia da mesma maneira, que ele é bonito demais para transar no escuro, mas não conseguia pensar, porque, de repente, ele começou a beliscar de leve meus mamilos. Arqueei as costas e joguei a cabeça para trás. Seu toque despertava um prazer que vinha do fundo do meu ser. O Asa ainda nem tinha me beijado, não tinha feito nada romântico ou apaixonado, e eu já estava com vontade de subir no pau dele, que estava se levantado entre nós dois, e acabar logo com aquele tesão que vinha da parte baixa do meu abdômen e não parava de aumentar.

O Asa soltou um dos meus mamilos e enfiou os dedos em meus cabelos, na altura da nuca. Então, puxou minha cabeça até nossas bocas se tocarem. Seu pau, que estava preso embaixo da minha

barriga, roçou minha pele, e ele devorou minha boca, me fazendo suspirar. Sua habilidade em beijar deveria ser considerada uma arma. Ninguém beija como o Asa, pelo menos ninguém que eu já tenha beijado. Ele beija de um jeito que demonstra estar tentando dar o melhor beijo do mundo, como se quisesse que nenhum beijo depois do seu fosse comparável, como se quisesse me contar coisas com os lábios e a língua que não podiam ser expressas com palavras. Fiquei zonzona, e meu coração disparou. Inconscientemente comecei a me esfregar nele de tanto tesão.

Antes do Asa, não me importava muito com sexo. Quer dizer, não sou nenhuma virgem, mas aprendi bem cedo que transar agrada muito mais ao homem do que a mim mesma. Nunca tive vontade de tirar a roupa e partir para o abraço. Namorei um sujeito bem legal por quase um ano enquanto estava na Academia de Polícia, mas em algum momento me dei conta de que ser apenas legal não era o bastante para manter um relacionamento e, mesmo com ele, o sexo foi, na melhor das hipóteses, só agradável. O que aconteceu com o Asa não era agradável. Era ardente, de arrepiar, de se acabar, com muitos níveis de sensações, e não estou falando só das reações do meu corpo. Meu coração estava acelerado. Minha cabeça tentava desesperadamente absorver cada sensação, e meus pulmões queimavam por falta de oxigênio, já que o Asa não parava de chupar e morder minha boca. Ele estava tentando me fazer gozar apenas com seus beijos e tinha o talento necessário para isso acontecer, mas eu tinha esperado muito por aquilo, tinha imaginado por muito tempo como seria ficar com ele para não ter aquele homem dentro de mim.

Eu me afastei um pouco, e nós dois ficamos ofegando no escuro. Estiquei o braço, encontrei a ponta do nariz do Asa e fiz carinho nele.

– Você estava pensando em mim lá no chuveiro ? – perguntei, com uma voz que até eu percebi estar cheia de tesão.

Ele fez um barulhinho que veio lá do fundo da garganta, passou a mão pelas minhas costas e virou a nós dois, me deixando esparramada embaixo de seu corpão. Ficou por cima de mim, alinhando nossos quadris e pressionando o pau no meio das minhas

pernas, bem onde eu queria. Ouvi o som de uma gaveta abrir e fechar e o farfalhar de um pacotinho que só podia ser de camisinha sendo jogado no travesseiro, ao lado da minha cabeça. Ele não podia ser tão mau quanto fazia questão de me dizer. Eu sequer havia pensado em proteção e, mais uma vez, ele pensou no melhor para mim sem eu precisar pedir.

– Ando pensando em você desde a primeira vez que te vi. Penso em seus olhos e em seu cabelo. Penso em suas pernas compridas e no fato de você ter o melhor par de peitos que já vi na vida.

Respirei fundo depois dessa, mas o Asa não parou de falar:

– Penso em como sua bunda fica nos jeans justinhos que você usa quando quer chamar a minha atenção. Então lembro que tudo isso vem acompanhado de um distintivo e uma arma e que bater uma no chuveiro em vez de te levar para a cama é a saída mais segura para nós dois.

Fiquei toda tensa, automaticamente, mas o Asa pegou uma camisinha, pôs na minha mão e abaixou a cabeça para lambe minha clavícula. Depois enfiou o nariz na minha bochecha, encostou os lábios na minha orelha e sussurrou:

– Mas, mesmo assim, estamos aqui.

Engoli em seco, porque o Asa se levantou, apoiando um antebraço em cada lado da minha cabeça. Abri o pacote de camisinha com os dentes e, não sei como, consegui colocar no lugar certo, apesar de as minhas mãos tremem loucamente. De repente, me peguei pensando no que eu ia fazer se aquela transa acabasse sendo tão meia-boca como as outras que já tive. Me pareceu muito imbecil entrar na cova dos leões e puxar o rabo de um deles sem saber se o risco valia a pena. Onde é que essa clareza havia se escondido até aquele momento?

Passei um braço em seus ombros largos e o outro em sua bunda torneada.

– Estamos mesmo – sussurrei.

O Asa deixou um braço perto da minha cabeça e foi abaixando o outro, até agarrar minha coxa com força. Ele levantou minha perna, e senti apenas a pontinha de seu pau cutucar minha entrada.

Seus dentes brancos brilharam no escuro e, logo depois, ele

colou os lábios nos meus e murmurou:

– Vamos acreditar que sairemos vivos desta.

E me beijou daquele jeito capaz de roubar minha alma, metendo fundo no meu corpo convidativo.

Senti ele me penetrar por todos os lados, por dentro e por fora. Ele enfiava os dedos na minha carne, e sua boca se mexia contra a minha insistente e ávida. Era demais. Sensações demais, sentimentos demais, desejos demais. Meu corpo reagia à menor das suas carícias. O Asa só precisava encostar em mim, entrar e sair naquele ritmo intenso e regular. Eu me contorcia, sentindo tremores por dentro, me contraindo toda em volta de seu pau. Soltei uma das mãos que segurava sua bunda durinha e enterrei os dedos nela, só para me agarrar a algo concreto, porque estava perdendo o senso de realidade. Tudo naquela relação sexual era feito pensando em mim. Ele me beijava por todos os lados, na boca, atrás da orelha, no pescoço, onde minha veia pulsava. Ele segurou minha perna levantada, bem onde queria, e só a soltou quando ficou óbvio que eu permaneceria de pernas abertas, com as costas curvadas. Então começou a brincar com aquele ponto quente no meio delas. Já na primeira vez em que pressionou meu clitóris com a ponta dos dedos, gritei seu nome, tão alto que minha cabeça doeu, mas o Asa apenas riu com a boca encostada na minha pele úmida e continuou a me morder com tanta força que ia deixar marcas.

Seus dedos se remexiam, e eu estava perigosamente perto de chegar ao clímax. Sentia que estava ficando cada vez mais quente e lubrificada com suas carícias e suas metidas. Não tinha como disfarçar, ele sabia muito bem como me tocar para conseguir a mais dinâmica das reações. Apertei meu corpo contra o dele com mais força ainda. Queria ficar mais perto, e já nem tinha como. Era tudo tão bom que quase doía. Senti o início de um orgasmo percorrendo meu corpo. Queria pedir para o Asa ir mais devagar, que aquilo ia acabar muito rápido depois de tanta espera, mas ele pôs a boca perto da minha orelha de novo e sussurrou, com aquela voz de mel e fumaça:

– Não consigo te enxergar, mas consigo te sentir, Royal. E a sensação é linda.

Caralho, como ele manda bem. Entre suas palavras e o que estava fazendo com os dedos, mais o entra e sai incessante de seu corpo no meu, me acabei. Joguei o rosto para o lado, e o Asa beijou minha bochecha, enquanto eu atingia o clímax embaixo dele. Foi tão diferente de tudo o que eu já tinha vivenciado que, definitivamente, valeu todo o trabalho que tinha me dado. Fechei os olhos. O Asa começou a respirar mais rapidamente e suspirou meu nome. Seu corpo estremeceu contra o meu, seu peito se acalmou e ele se jogou em cima de mim. Seu coração batia tão descompassadamente quanto o meu, os dois galopavam loucamente um contra o outro. Eu sentia muitas coisas e fiquei exposta de uma maneira que nunca havia imaginado. Não sabia se ia conseguir lidar com seja lá qual fosse a expressão de seu olhar cor de âmbar. Ainda bem que as luzes estavam apagadas.

O Asa se levantou um pouco para conseguir sair do meu corpo dormente e satisfeito. Apertou minha bunda e rolou para fora cama. Ouvei ele se mexendo no banheiro, virei para o lado e pousei o queixo sobre as mãos. Não sei por que, mas de repente me deu vontade de chorar. Destruição e mágoa não me pareciam tão divertidas agora que eu havia transado com ele.

Quando o Asa voltou do banheiro, senti o colchão afundar com o peso de seu corpo e achei que ele fosse apenas virar para o outro lado e dormir. Nunca achei que o Asa fosse do tipo que gosta de dormir de conchinha e, para ser bem sincera, eu precisava de um tempinho para pôr a cabeça no lugar, só que ele não me deu. Em vez disso, se encolheu atrás de mim, passou um daqueles braços fortes pela frente do meu corpo e me puxou para perto de seu peito. Ficamos bem juntinhos. Então ele avisou, com a voz sonolenta e o sotaque bem carregado:

– Encencas são sempre muito divertidas... até umas horas.

Finalmente eu começava a acreditar nele. Só pude fechar os olhos e deixar que sua respiração regular embalasse meu sono, por mais que eu sentisse não ter ultrapassado os limites. Tinha é dinamitado e sapateado em cima deles.

## CAPÍTULO 7

# *Asa*

**A**CORDAR ENROSCADO NUM CORPO QUENTINHO não é nenhuma novidade para mim. Agora, acordar enroscado no corpo de alguém que eu queria acariciar, me perder dentro dessa pessoa um milhão de vezes e não largar nunca mais... Bom, foi a primeira vez.

Estávamos de frente um para o outro na minha cama estreita. A Royal havia enfiado a cabeça embaixo do meu queixo, e sua respiração fazia cócegas na minha garganta. Um de seus braços envolvia minhas costelas, e uma perna dela tinha ido parar no meio das minhas. Estávamos tão juntos quanto duas pessoas que não estão transando podem estar, e minha ereção matutina insistia para eu tirar proveito da situação. Meu pau ficou pulsando ali no meio, onde nossos quadris se encontravam. Era uma cena íntima demais para a minha cabeça.

Gosto de sexo. Gosto muito. E não tenho a menor aversão ao fato de a mulher com quem transo ficar para dormir. Sou mestre em me livrar de situações embaraçosas com palavras bonitas e um sorriso esperto, então nunca precisei me preocupar com possíveis catástrofes no dia seguinte. Na verdade, costumo até ficar ansioso para repetir a performance quando o sol nasce. No entanto, algo me dizia que, se eu fizesse isso com a Royal em plena luz do dia, tudo iria mudar.

Já dava para sentir isso pelas minhas mãos, que não queriam sair da curva delicada da cintura daquela mulher. Pela minha pele, que formigava e se sentia mais viva nas partes em que encostava na dela. Pela vontade que eu tinha de ficar apenas olhando para a Royal, que estava abraçada a mim em todo o esplendor de sua beleza nua e ferosa. Eu não posso levar essa mulher a sério, não tem como sermos a escolha mais errada um para o outro... Não que eu seja a pessoa certa para alguém, mas sou especialmente errado

para ela. Que pena meu corpo e minha mente não concordarem com isso.

Quando a Royal murmurou meu nome e se aproximou ainda mais de mim, meu corpo inteiro ficou tenso por dentro, preparando o bote. É sério, essa mulher ia me fazer gozar só de respirar em cima de mim. Suspirei e me soltei de suas mãos sonolentas com a maior delicadeza que consegui. Precisava me afastar, física e mentalmente. É fácil demais se perder na Royal, e o fato de ela ter sido forte e segura a ponto de correr atrás do que queria, por mais que eu tenha falado qual seria o resultado inevitável disso, é muito excitante. Outras mulheres já correram atrás de mim, boa parte porque eu as provoquei com segundas intenções, mas eu nunca havia sido agarrado por alguém que, antes de entrar, sabia todas as regras da casa. Amo e odeio, na mesma medida, o fato de ela ser tão destemida. É impossível dizer "não" a essa garota.

Como não fazia ideia da hora em que ela tinha que acordar e ir trabalhar, resolvi tomar um banho rápido e depois ligar para o Nash para ver se ele podia resgatar a bolsa da Royal, que estava presa dentro do carro dela, mas não estava nada a fim de dar esse telefonema. Podia imaginar as chamadas de preocupação que iam arder na nossa turma de amigos quando todos soubessem que eu e a Royal havíamos passado a noite juntos.

Tudo bem, somos adultos que podem tomar suas próprias decisões, e não era segredo para ninguém que ela já vinha correndo atrás de mim há um tempinho, mas, agora que o selo havia se quebrado, que eu havia aceitado o que ela me oferecia, a brincadeira ia ficar bem diferente, cheia de indiretas sutis e avisos mais óbvios de que é melhor eu tratá-la bem e não fazer nada que possa magoá-la. Óbvio que não quero magoá-la, e por isso tentei evitar essa trepada por tanto tempo quanto foi humanamente possível, mas agora não há o que fazer. O limite foi oficialmente ultrapassado, e tenho certeza de que um incêndio está à nossa espera. É assim que as coisas funcionam no meu mundo, e é melhor aceitar essas condições do que criar falsas esperanças e ficar arrasado quando o desastre acontecer.

Demorei para escovar os dentes, depois abri o chuveiro na

temperatura mais alta possível e entrei embaixo da água. Era cedo para eu já estar acordado, mas meu pau insistente e minha cabeça, que não parava de rodopiar, não iam me deixar voltar para a cama sem uma trepada ou uma briga. O calor da água bastou para eu acordar completamente, e soltei um gemido quando me dei conta de que nunca mais poderei entrar no *box* sem a imagem da Royal me observando, com aqueles olhos cor de chocolate arregalados, para sempre impressa na minha memória.

Ela deveria ter ficado ofendida e envergonhada, mas ficou puta comigo, com toda a razão. Eu sabia o que estava fazendo desde o princípio, senti o desejo por ela arder e pressionar a base da minha coluna. Também sabia que ela não ia ficar lá sentada enquanto eu sumia dentro do banheiro. A Royal é curiosa por natureza, gosta de resolver problemas, por isso tive a certeza de que ela assistiria a um belo espetáculo quando viesse me procurar. Só que ela ficar lá assistindo e o tesão ridículo que tomou conta de mim quando ela fez isso não estavam nos meus planos. Eu queria apenas provar meus argumentos, tentando fazer a Royal enxergar quem realmente sou e como me importo pouco com seus sentimentos. No entanto, ela virou a mesa e tornou aquilo mais significativo. Com seus olhos cor de chocolate derretido e seu biquinho furioso, tornou aquilo mais expressivo. É evidente que falei seu nome como se fosse um palavrão quando gozei e também tinha certeza de que ela não iria embora até transarmos, mas aí a garota se enroscou em mim de um jeito tão inocente e confiante enquanto dormia e, simples assim, também transformou o sexo em algo mais significativo. Essa mulher está dando um novo significado a tudo, incluindo a mim, e isso é mais do que perigoso.

A água quase escaldou minha cabeça e meus ombros, mas essa era uma sensação boa, pois aliviava um pouco a tensão que estava tomando conta de mim. Ouvei um leve ruído e virei a cabeça. Não posso dizer que fiquei surpreso quando a Royal entrou no *box* comigo. A água fez seu cabelo cor de mogno polido parecer quase preto, e ela ficou me olhando, com as sobrancelhas quase chegando à raiz do cabelo.

– Está tudo bem?

Eu é que deveria ter perguntado isso, mas apenas estiquei os braços e a prendi entre o meu corpo e a parede de azulejos, enquanto a água continuava a cascatear à nossa volta.

– Estava só imaginando o sermão que, com certeza, vou levar quando ligar para o Nash e pedir para ele abrir o seu carro.

A Royal ficou passando as mãos escorregadias pelas minhas costelas. Aquela carícia certamente tinha a intenção de me acalmar, mas deixou meu pau ainda mais duro. Não tinha como ela não perceber, porque ele estava apontando para cima, bem no meio da gente.

– Não vai ser pior do que o sermão que ouvirei da Saint – comentou, com a voz ainda baixa e sonolenta e carregada de alguma outra coisa que nem tentei decifrar.

Abaixei a cabeça de leve, e a água escorreu do meu nariz para os lábios entreabertos da Royal.

– Você deveria dar ouvidos a ela, seja lá o que sua amiga disser.

Eu ia beijá-la, porque precisava. Era muita tentação, aquela garota toda molhadinha e reluzente bem ali, na minha frente. A Royal fica mais bonita quando não está toda arrumada e maquiada. Daquele jeito, pelada e molhada, nada nesse mundo pode ser mais bonito do que essa mulher. É impossível não me sentir muito sortudo por ela estar ali comigo, querendo estar ali, e não porque usei de subterfúgios ou truques para atraí-la. A Royal virou a cara no último segundo. Fiz careta e me inclinei para a frente, pressionando meu peito contra seus lábios.

– Ouvir a Saint dizer que preciso ser cuidadosa e ficar esperta porque você é imprevisível? Faz semanas que você mesmo me diz isso. Ouvi todos os avisos e resolvi ir em frente por minha própria conta e risco.

Então ela levantou a cabeça e me olhou, e acho que cheguei a amá-la um pouquinho ao vê-la piscar para tirar a água dos olhos e sorrir.

– Só que ainda não escovei os dentes e acho que não estou a fim de te apavorar com o meu bafo matinal depois de, finalmente, ter conseguido o que queria.

Depois dessa, tive que dar risada. De jeito nenhum algo tão

insignificante quanto bafo matinal ia me distrair da maravilha que é a Royal, mas achei fofo ela ter inseguranças básicas como todo mundo. Ela poderia muito bem ser uma dessas mulheres que acham que podem tudo só porque são bonitas, e foi uma surpresa adorável a menina não ser desse jeito.

– Acho que é preciso muito mais do que mau hálito para alguém se apavorar com você, Ruiva – falei, com a voz toda rouca, contra a minha vontade.

Aquela mulher mexe comigo de um jeito que me dá vontade de lutar contra todas as minhas tendências de ser filho da puta.

A Royal deu uma risadinha e começou a lambar meu mamilo, o que me deixou sem ar, e a passar os dedos nas linhas dos meus músculos do abdômen, que se contraíam e relaxavam ao seu toque. Queria muito beijá-la, mas antes que eu conseguisse agarrá-la, ela ficou de joelhos na minha frente e pôs meu pau em sua boca. Depois dessa, não ia conseguir formular um pensamento sequer, de jeito nenhum.

Somando a água quente, sua boca mais quente ainda e o quanto ela estava *sexy* e molhada de joelhos na minha frente, não tinha jeito de eu me segurar por muito tempo. Passei os dedos em seus cabelos pesados, fechei os olhos e tentei me lembrar de algo tão bom assim que já tivesse vivido. A Royal passava a língua pela cabeça e por cada dobrinha do meu pau de um jeito que fez meu coração sair pela boca. Depois também usou as mãos, explorando o meio das minhas pernas. Tive que me concentrar muito para conseguir ficar de pé, porque o prazer era tanto que quase me derrubou. Ela soltou um gemido de satisfação que vibrou por todo meu pau, preso entre seus lábios carnudos.

Puxei de leve as mechas de cabelo que haviam se enrolado em meus dedos e falei, sem rodeios:

– Você precisa me soltar se também quiser brincar.

A Royal abriu os lábios que rodeavam meu membro e começou a usar a boca e as mãos de um jeito que só podia ter a intenção de aniquilar um homem. Minhas pernas ficaram bambas, porque gozei com seu nome saindo de meus lábios mais uma vez. A Royal se levantou em um único movimento elegante. A água escorria por seu

corpo nu, fazendo-a parecer uma espécie de sereia satisfeita que sabia muito bem que havia acabado comigo. Eu estava com dificuldade para respirar, para tirar a cabeça das nuvens. Então ela ficou de costas para mim, pegou o xampu que estava na prateleira e falou:

– Preciso pegar o carro e ir para casa. Estou de plantão hoje à noite e antes quero passar para ver como o Dom está. Não tenho tempo para brincar, mas aceito um vale.

Ela tinha sido bem clara. Na noite anterior, só ela importava. Naquela manhã, eu havia sido o centro das atenções.

– Você precisa aprender que algumas brincadeiras são mais divertidas em dupla – completou.

Então passou xampu nos longos cabelos sem perceber ou ignorando solenemente que eu tinha virado geleia. Nunca ninguém me ofereceu nada sem esperar algo em troca, normalmente algo bem mais caro. Como não consegui controlar as batidas descompassadas do meu coração, guardei todas as emoções que as atitudes altruístas da Royal haviam despertado em mim em um lugar seguro.

Reuni forças para ajudar a Royal a lavar aqueles cabelos extraordinários. Quase tive energia para ensaboá-la, o que, na verdade, consistiu em passar a mão por cada centímetro escorregadio de seu corpo até ela ficar com a respiração pesada e me olhar com ar de desejo. Eu estava pronto para levá-la até a cama e retribuir a satisfação matinal que ela havia me proporcionado e mais, porém a Royal sacudiu a cabeça e saiu do *box*. Depois, passou a mão na única toalha que tenho e me mandou um olhar sugestivo.

– Da próxima vez que você estiver aí dentro pensando em mim, pensa nisso.

E saiu correndo do banheiro com muito mais dignidade do que uma mulher enrolada em uma toalha surrada deveria ter.

Depois que a água ficou morna, e meu desejo ardente foi aplacado, tomei banho de verdade. A Royal gritou perguntando a senha do meu celular. Não pensei duas vezes para dizer os números. Já faz muito tempo que não tenho o que esconder e nunca fui

imbecil a ponto de deixar evidências incriminatórias em algo tão fácil de perder quanto um celular. Ouvi ela conversar com a pessoa que escolheu para resgatá-la e soltei um suspiro, porque precisei ficar parado e pingando em cima do tapete do banheiro por alguns minutos antes de ir procurar algo para vestir no único armário do apartamento.

A Royal estava sentada no braço da poltrona, já com as roupas de ginástica e uma longa trança no cabelo. Parecia tão limpa e inocente que, se eu não tivesse acabado de presenciar, jamais acreditaria nas coisas sensuais e safadas que essa mulher sabe fazer com a boca.

Pus uma calça jeans sem nada por baixo. Nunca uso cueca. Não vejo necessidade, mesmo quando faz frio em Denver e fico me xingando por não ter mais uma camada de roupa entre meu pau e o metal gelado do zíper. Encontrei uma camiseta térmica preta e um moletom de capuz e atirei as duas peças para a Royal, depois de ter passado a camiseta pelo pescoço. Ela pegou a roupa com um sorriso malicioso nos lábios e atirou o celular para mim, que estava sentado na beirada da cama calçando minhas botas pretas.

– Você ligou para o Nash?

A Royal respondeu à minha pergunta balançando a cabeça e ficou olhando meu apartamento bagunçado, que parece cem vezes pior em plena luz do dia.

– Não imaginei que você vivesse assim.

Também não, mas acidentes acontecem.

– Quando me mudei para Denver, fiquei com a Cora e a Ayden. Foi legal por um tempo, porque o Jet mal ficava lá, mas então a Ayden começou a pegar no meu pé por qualquer coisinha. Quando ela pensou que eu estava envolvido no assalto que o Bar havia sofrido, tive a certeza de que eu precisava me mudar de lá, ou a gente ia se matar.

Passei a mão no meu cabelo molhado, que ficou para cima e espalhou água por todos os lados.

– Eu estava de cama, não podia trabalhar porque minha perna estava quebrada e tinha um monte de coisa confusa por dentro. Só conseguia mancar pela casa e ficar na internet. Fico perigoso

quando não tenho nada para me dedicar.

Mal acreditei que eu estava prestes a fazer certas revelações para a Royal, não porque tenha ficado preocupado com o que ela iria pensar de mim, mas porque ela é da polícia, e eu ia admitir umas atividades completamente ilegais.

– Comecei a fazer apostas *on-line*. Me enfiei em *sites* de pôquer, ganhando e perdendo dinheiro loucamente. Não fazia ideia de como ia me sustentar dali para a frente, já que estava determinado a andar na linha. Na época, me pareceu um dinheiro fácil, que não faria mal a ninguém.

Soltei uma risada amarga e fiquei de pé. A Royal me observava atentamente.

– A Cora me pegou no flagra mais de uma vez e perguntou o que eu estava aprontando. Eu sempre desligava o computador ou mudava de *site* antes que ela conseguisse ver o que eu estava fazendo, mas acho que ela sabia que eu estava aprontando. Ganhei dinheiro suficiente para pagar uma boa parte das minhas despesas médicas, mas em vez de fazer isso...

Antes de continuar, quis ver se a Royal estava prestando atenção, para que ela entendesse como sou problemático.

– ...em vez de fazer isso, apostei tudo de novo em uma só jogada, porque achei que estivesse em uma maré de sorte, mas perdi tudo.

Fiz um gesto mostrando o apartamento quase vazio e a decoração caída e completei:

– Acho que por isso perdi a cabeça quando a Ayden pensou que eu estivesse metido no roubo do Bar. Semanas antes, eu estava mesmo fazendo merda, mas, assim que o Rome me deu uma oportunidade, me agarrei nela com unhas e dentes e me dei conta de que o único jeito de eu não me afogar em meus próprios erros seria começar a viver de acordo com o que realmente ganho.

Fiz uma careta e olhei para a ponta dos meus pés.

– A vida inteira, mesmo quando tentei fazer algo de bom para mim ou outra pessoa, só fiz merda. O dia em que o Rome me ofereceu o emprego no Bar, resolvi que ia viver com o dinheiro que ganho e pronto. Chega de golpes para ficar rico logo. Chega de

empreendimentos de risco que podem ou não valer a pena. Moro aqui porque é barato e perto do trabalho. Não tenho carro porque, com o que sobra no mês, pago a minha dívida. Pela primeira vez, estou levando a vida que deveria, em vez da vida que eu acho que *deveria ter* custe o que custar. Você consegue entender?

É muito importante que a Royal entenda isso. Ter as evidências do tipo de homem que sou bem na cara pode fazê-la abrir os olhos e enxergar como essa coisa que nos atrai pode ser perigosa, caso ela tenha resolvido vir atrás de mim só para se sentir bem por um instante passageiro.

A Royal enfiou o moletom e se virou para a porta. Achei que ela havia ficado enojada ou brava com a minha sinceridade, mas se virou de novo, tirando o cabelo comprido de dentro da gola, e falou baixinho:

– Acho estranho você pensar que viraria um santinho depois de passar a vida toda fazendo o que bem entendia. As pessoas não nascem más nem boas, precisam ser ensinadas a ser uma coisa ou outra. Ninguém se deu ao trabalho de te ensinar a ser bom, Asa.

Ela caminhou, abriu a porta, olhou para trás e concluiu, com os olhos castanhos fixos nos meus:

– Você pode até aprender pelo método de tentativa e erro, mas, até agora, está se saindo mais bem do que mal. Pelo jeito, está aprendendo.

Saí com ela pela porta e tranquei o apartamento. Fomos descendo a escada, e pus a mão na parte de baixo de suas costas. Caminhamos a curta distância até seu carro, e não respondi à leve esperança que estava subentendida em suas últimas palavras. Era o seguinte: todo mundo que gosta de mim quer pensar que estou indo bem. E estou, por enquanto. Não posso garantir que continuarei desse jeito, mas as pessoas que gostam de mim parecem ter certeza de que sim. Também não posso garantir que não nasci mau. A tentação de não agir direito é um peso que carrego nos ombros todos os dias, tanto que, às vezes, impedi-la de tomar conta de mim e me arrastar para o fundo do poço, onde sempre estive, dá muito mais trabalho do que costumo admitir.

Quando chegamos ao estacionamento, o Nash já havia aberto a

SUV da Royal e ligado o motor para esquentar. Ela saiu de perto de mim sem nem me dar um abraço de “tchau” e foi correndo para os braços tatuados do Nash, mas não falei nada. Então deu um beijo na bochecha do amigo e passou as mãos pelas chamas que ele tem tatuadas na cabeça. Depois acenou para mim do vidro do carro e se mandou sem dizer uma palavra sobre minha confissão nem sobre o fato de a gente ter trepado até morrer.

Fiquei parado, me mexendo no mesmo lugar, todo constrangido, e o Nash caminhou na minha direção com uma expressão questionadora naqueles olhos que têm uma cor tão rara. Achei que conseguiria mudar o foco tocando no assunto mais óbvio.

– Como é que seu parceiro anda se virando com o bebê?

Ainda não tinha visto o Rule nem a Shaw desde o dia em que o novo integrante da família havia chegado.

O Nash esboçou um sorriso e enfiou as mãos nos bolsos do casacão que estava usando.

– Ele está se adaptando, sobretudo ao fato de agora ter duas pessoas neste mundo para cuidar e amar para sempre, acho. O Rule sempre fez o tipo lobo solitário, e agora há tanta coisa importante em sua vida que ele está tentando entender como fazer para equilibrar tudo isso.

– Ele vai dar um jeito – comentei.

Não cheguei a conhecer o Rule antes de ele se casar, mas ouvi muitas histórias, nenhuma delas muito lisonjeira. Se ele conseguiu mudar por causa da garota, vai se entender com a paternidade.

– Ah, vai. Enquanto isso, está mais mal-humorado do que o normal, e é óbvio que a gente pega muito mais no pé dele por causa disso.

Nós dois sorrimos, e achei que teria a sorte de escapar do sermão, mas o Nash inclinou o queixo na minha direção, espremeu os olhos e perguntou:

– E aí? Você e a Royal, hein?

Soltei um suspiro e fui um pouco para trás. É óbvio que não sou tão sortudo.

– Tudo o que você acha que tem para me dizer sobre ela eu já falei para mim mesmo e para a Royal. Ela não quis me escutar e

cansei de dar o fora na garota.

O Nash riu, o que me surpreendeu, e começou a falar:

– Asa, conheço bem a Royal para saber que vai fazer o que bem entender, não importa o que os outros digam. Só ia te falar para tomar cuidado, porque ela anda meio estranha, não tem se comportado direito desde que seu parceiro foi ferido. Não sei o que anda rolando com a Royal, mas ela anda um pouco inconsequente, e tudo o que fizer agora pode ser apenas uma reação ao que aconteceu com o Dom. Não quero que você seja vítima da reação exagerada do que aconteceu a essa garota.

Ele levantou uma daquelas sobrancelhas pretas e murmurou:

– Além disso, o Dom é um sujeito muito grande, que tem porte de arma e ama essa mulher loucamente. Se a Royal for chorar no ombro dele, o sujeito não vai querer saber quem acabou com a história ou o motivo.

Sacudi os ombros e levantei a mão para massagear a nuca. Sei que o parceiro da Royal é bem grande. Ele foi lá no Bar na noite em que me prendeu. Ele é bastante assustador, não só porque usa um crachá de autoridade, mas porque exala tanta seriedade e determinação que fica bem evidente que levaria balas e muito mais pela Royal se fosse preciso.

– Ela e o Dom... já...? – assuntei, na esperança de a pergunta ser tão óbvia que eu não precisaria falar diretamente.

O Nash encolheu os ombros e puxou do bolso o celular, que havia acabado de tocar.

– Não sei. Os dois são íntimos, muito íntimos, e sei que ele arrancaria qualquer um que a magoasse de bom grado. O Dom e a Royal cresceram juntos e cursaram juntos a Academia de Polícia, mas não sei se já tiveram algum relacionamento romântico. A Royal nunca falou nada, e a Saint também não, mas vai saber... Não entendo como um homem pode ser amigo de uma mulher linda como a Royal e não tentar pelo menos tirar uma casquinha.

O Nash leu um torpedo no celular, me olhou com um sorrisinho nos lábios e comentou:

– A Saint quer saber de quantas semanas a Cora está.

Soltei uma risada perplexa e perguntei:

– Quê?

Meu amigo me mostrou o celular, para eu ler a mensagem que a namorada tinha acabado de mandar. E não é que dizia mesmo:

Pergunta para o Asa de quantas semanas a Cora está. Sei que ela está grávida e aposto que o Rome comentou com ele!

– Não posso dizer nada. O Rome não quer desviar a atenção do Ry por enquanto. Diz para a Saint que ela vai ter que encher o saco da Cora para descobrir.

Se o Rome ainda não queria que essa informação fosse divulgada, não vou ser eu quem vai vazá-la, de jeito nenhum.

O celular do Nash apitou de novo e, pelo jeito, a mensagem não era para ser compartilhada, porque ele apertou os olhos e suspirou rapidinho.

– Tudo bem. Tenho que ir. A Saint vai trabalhar apenas à noite, e eu só preciso ir para o estúdio lá pelo meio-dia.

Pelo jeito, o torpedo da Saint deixou o Nash morrendo de vontade de voltar para casa. Não posso condená-lo por isso, a enfermeira ruiva é uma gata, e é muito carinhosa. O Nash é mais um homem de sorte no quesito par perfeito.

– Só não se esquece de que ninguém quer ver você nem a Royal magoados. Tenta tomar cuidado e olhar onde pisa. Sei que não está acostumado a fazer isso.

Soltei um grunhido e me virei sem dar “tchau”. Queria entrar logo no Bar, dar um “oi” para o Rome e ver se conseguia, com o meu charme, convencer a Darcy a fazer alguma coisa para eu comer. Há meses tenho olhado por onde piso. Não posso voltar atrás agora que sei o que me espera do outro lado do limite que a Royal fez questão de ultrapassar. Agora só posso me segurar nisso até que tudo desmorone sobre a minha cabeça.

—VOCÊ ACHA QUE SE A SITUAÇÃO fosse inversa, e o policial Voss estivesse no beco enquanto você subia a escada de incêndio, ele ficaria se chicoteando com a mesma violência que tem usado?

Olhei para a psiquiatra do departamento e me segurei para não revirar os olhos. Ela tem me feito variações dessa pergunta toda semana. Acho que está cansada de ouvir a mesma resposta, mas não vou mudá-la.

– O Dom não teria se distraído. Podia passar uma manada de elefantes naquele beco que ele sequer teria piscado.

A médica me olhou por baixo dos óculos estilosos e suspirou. Ela estava frustrada comigo, isso era óbvio. Me deu vontade de dizer “bem-vinda ao clube”. O Dom também se cansou da minha autocomiseração e das montanhas de arrependimento que sinto pelo que ocorreu com ele. Disse, com todas as letras, para eu sumir e não voltar enquanto não pusesse minha cabeça no lugar. Meu amigo está de saco cheio de eu me lamentar pelos cantos e dos constantes pedidos de desculpas que saem da minha boca. Não para de repetir que acidentes acontecem e que eu preciso aceitar esse fato. Ele me deu um sermão de uma hora, falando como era imbecil eu ter me enfiado na casa de um criminoso por vontade própria e não quis nem me ouvir dizer que ficar com o Asa é a única coisa que acalma os sentimentos ruins que fervem dentro de mim.

Preciso usar toda a minha concentração, minha energia e emoção para acompanhar esse homem. Ele muda tão rapidamente de charmoso e sedutor para desafiador e brutalmente sincero que, se eu não ficar esperta, perco as dicas do que está acontecendo de verdade em sua cabeça, as dicas que atravessam sua máscara tão bem construída. Mas já espiei o verdadeiro Asa Cross sem disfarces e vi o suficiente para entender algumas coisas. Um dos fatos mais

importantes com o qual precisei lidar é que ele não mente ao dizer que era um homem mau. Até pode estar se esforçando para não prejudicar ninguém nem fazer nada contra a lei, mas dá para enxergar isso toda vez que ele manda eu me afastar... O perigo que vive por baixo da superfície, não muito fundo. O Asa já fez muita maldade e está convencido de que vai continuar fazendo maldades. Vai ver, tem razão. Outra coisa da qual tenho certeza é que não me importo com isso. Seja ele bom ou mal ou qualquer alternativa intermediária, me sinto muito fascinada, muito atraída e seduzida por ele, de um jeito que nunca estive por ninguém. Já vi nele bondade suficiente, vontade de ser uma pessoa melhor e de levar uma vida melhor do que a atual, na qual ele tem muito a perder. Por isso, a ameaça da sua maldade não basta para eu me afastar dele. Na verdade, me atrai. Gosto do seu lado mau, por mais que esteja começando a entender que isso é algo que ele odeia e o faz não gostar muito de si mesmo.

A psiquiatra, que estava sentada em uma cadeira de couro chique, inclinou o corpo para a frente, apoiou o cotovelo no joelho, pousou o queixo em cima da mão e me lançou um olhar inquisidor.

– Você se acha uma boa policial, Royal?

Eu estava deitada em seu inconfundível divã de couro, mas sua pergunta fez com que eu me endireitasse na hora.

– Sempre quis ser policial – respondi.

Ela ficou me olhando, e eu me remexi toda sem jeito.

– Não foi isso que eu perguntei. Nós deveríamos conversar sobre você, sobre por que não consegue dormir, por que não consegue aceitar que o que aconteceu naquela batida poderia ter acontecido com qualquer dupla de policiais, mas só ouço você dizer “Dom isso”, “Dom aquilo”. Quem te ouve fica com a impressão de que o Dom é que comanda o show, e você é uma mera figurante. Isso não é ser um bom policial. E, definitivamente, é pouco para uma jovem inteligente e talentosa como você. Já parou para pensar no que vai acontecer se o Dom não puder retornar por questões de saúde? O seu futuro, que é muito promissor, vai acabar porque o dele está comprometido?

Suspirei surpresa sem querer e fechei os olhos com força. Esse é

o meu maior medo. Como posso continuar existindo se sou o motivo de o Dom não poder exercer a profissão com a qual sempre sonhou? Cerrei os punhos e sussurrei:

– Não posso responder a essa pergunta.

A psiquiatra soltou mais um suspiro, e me obriguei a abrir os olhos bem quando ela se acomodou de novo na cadeira.

– Mas precisa. Se você está apenas dançando conforme a música porque ser policial não é o que *realmente* quer, está correndo o risco não apenas de pôr a sua vida em perigo, mas a de qualquer um que trabalhe nas ruas com você. Precisa descobrir se ser policial é o que realmente quer ou se estava apenas realizando o sonho do Dominic com ele, em vez de ter seus próprios sonhos. Cursar a Academia de Polícia e se formar requer dedicação e perseverança, então tenho certeza de que, por um lado, você quer ser policial, mas trata-se de um trabalho perigoso, que exige cem por cento de quem o realiza.

Senti lágrimas ardendo nos meus olhos. Mordi a ponta da língua para segurá-las. Pelo jeito, a parte da consulta destinada a me fazer sentir melhor tinha acabado, e era a hora do papo sério. Me deu muita vontade de chamar aquela mulher de uns nomes bem imaturos, levantar e sair correndo do consultório, mas não podia fazer isso se quisesse continuar empregada... O que eu queria... Não queria?

– Não vou colocar a vida de mais ninguém em risco – retruquei, com a voz entrecortada.

– Você não tem como prever isso. Só pode sair e fazer seu trabalho, usar o bom senso e acreditar que seu treinamento e seus companheiros policiais podem garantir sua segurança. E foi exatamente isso o que fez na noite em que o policial Voss foi ferido. Dei uma olhada na sua ficha, Royal. Posso responder à pergunta por você.

A psiquiatra levantou a sobrancelha e falou:

– Sim. Sim, você é uma boa policial. Uma policial muito boa. E, sim, o seu trabalho tem uma margem de erro minúscula, mas as pessoas erram. Se não consegue aceitar isso, essa não é a profissão certa para você.

Por sorte, vi que a doutora olhou no relógio elegante que usava,

e a sessão havia terminado. Era a minha vez de suspirar de alívio. Levantei e peguei meu quepe, que faz parte do meu uniforme de guarda. Ela estendeu a mão, como sempre, mas desta vez me deu um aperto de mão mais demorado.

– Na semana que vem, precisamos mesmo conversar sobre seus motivos para não conseguir dormir. Essas suas olheiras te deixam com cara de uma criminosa que se deu bem.

Que ótimo. Não estou apenas um caco mentalmente, mas minha cara também está uma merda. Apenas balancei a cabeça de um jeito automático e caí fora do consultório.

A noite que passei com o Asa naquele apartamentinho horrível foi a que eu mais dormi no último mês. Foram só algumas horas, e fiquei exausta depois daquele sexo tão intenso. Mesmo assim, os pesadelos me deixaram em paz, e a ansiedade que me come por dentro deu um tempo, porque outros sentimentos complicados e excitantes que ele me desperta tomaram conta de mim. Havia mais de uma semana que eu não aparecia no Bar nem ligava para o Asa. Não sei direito o que dizer para ele ou como abordá-lo depois daquela noite tão intensa que passamos juntos. Pelo que entendi, ele acha que fiquei atrás dele só por diversão, que estava apenas tentando espiaçar ou brincar com alguém que deveria ser proibido para mim, mas não é o caso. Eu não apenas o desejo, tenho quase certeza de que preciso do Asa, e que ele também precisa de mim. Por mais que sua vida tenha mudado, por mais que *e/e* tenha mudado, precisa de alguém com quem possa ser ele mesmo. Não tenho medo do Asa que se esconde atrás do véu. Para ser sincera, morro de desejo por esse homem. Quero ser o porto seguro dele, mas, dada a profissão que escolhi, nem sei se isso é possível.

Como o consultório da psiquiatra fica no Ba-Tro, e a delegacia, em Capitol Hill, tive que ir de carro. Se não fosse inverno, eu iria a pé, porque a delegacia fica muito perto do Victorian, o prédio onde moro, mas estava fazendo muito frio, e eu não queria chegar atrasada. Meu parceiro novo é bem tranquilo, firme como uma rocha, mas não suporta falta de pontualidade. Estava tentando fugir do trânsito do meio-dia, cantarolando uma música do One Direction, quando meu telefone tocou no banco do passageiro. Adoro Justin

Timberlake e adoro o fato de, quando ele canta para mim, ser minha mãe me ligando. Ela tem a estranha habilidade de adivinhar quando estou mal, prestes a explodir, e ligou para saber como eu estava. Eu bem que precisava ouvi-la, depois daquela consulta com a psiquiatra. Minha mãe sempre me aceitou do jeito que sou, nunca me pressionou, nunca quis que eu seguisse este ou aquele caminho, e eu precisava um pouco desse carinho, depois daquela sessão de terapia que revelou minha alma.

– Oi, mãe!

– Royal! Faz um tempão que não conversamos. Como você está? E o Dominic, como anda?

Por “um tempão”, ela queria dizer quatro ou cinco dias. É que minha mãe gosta de saber o que acontece no meu dia a dia. Resmunguei um pouco, peguei os óculos de sol que estavam no porta-copos, enfiei na cara e respondi:

– Ando muito ocupada. Desculpe não ter ligado. Voltar a trabalhar e me acostumar com meu novo parceiro está sendo um desafio. O Dom está bem, ele está pirando, e acho que perdeu 10 quilos de músculo e ganhou 3 de barba. As irmãs estão cuidando bem dele.

Minha mãe deu um gritinho estridente para demonstrar sua empatia, e quase consegui enxergá-la pondo a mão na garganta de um jeito bem dramático. Se tem uma coisa que ela é, é exagerada.

– Você está se adaptando ao trabalho. Que notícia maravilhosa, querida. E como é seu novo parceiro? Bonito?

No fim das contas, por mais que minha mãe me ame, sempre chega ao mesmo ponto: homens. Nunca vai entender que estou bem sendo solteira, que encontrar alguém nunca vai ser uma das minhas prioridades como é para ela.

– Ele é casado.

– E?

Soltei um urro alto.

– Mãe, é por isso que você precisa pagar um salário fixo para o advogado de família. Homens casados estão fora de questão.

Às vezes tenho a impressão de que estou conversando com alguém da minha idade, não com uma mulher adulta que já deveria

ter aprendido certas coisas. Se, para começar, ela simplesmente obedecesse as regras jamais teria pensado que meu pai largaria da mulher e dos filhos para ficar conosco.

Minha mãe deu uma risadinha.

– Acho que ser casado e ser bem casado são duas coisas muito diferentes. Além do mais, faz tempo que não cisco nesse terreiro, e você sabe muito bem disso.

E ela não precisava me lembrar disso. Sua última conquista foi um magnata do setor de imóveis, rico, que acreditava no amor verdadeiro e foi bobo a ponto de não pedir para a minha mãe assinar um acordo pré-nupcial. Depois de um casamento rápido e de um divórcio mais rápido ainda, ela está nadando na grana e namorando uns garotões quase da minha idade. Minha mãe se jogou de cabeça no papel de loba de meia-idade e, do seu jeito tipicamente sem noção, não liga para o que isso representa à sua imagem nem para como me sinto a respeito. Às vezes, acho que minha mãe age dessa maneira bizarra só para chamar atenção. Não a vejo nem passo tanto tempo com ela agora que trabalho em tempo integral, que pus a cara no sol e fiz alguns amigos. Minha mãe não fica muito bem quando está sozinha.

– Em se tratando de você, nunca se sabe.

Nunca mais quero que minha mãe chegue perto de um homem que seja casado.

– Então, como seu novo parceiro está fora de questão, imagino que não esteja saindo com ninguém. Sabe que tenho medo de você acabar sozinha e não encontrar ninguém para me dar lindos netos.

Soltei um palavrão, e ela riu.

– Sério, mãe?

– Sério. O tempo está passando, e seu trabalho é muito perigoso, mocinha. Você precisa arrumar um marido antes de ficar velha ou se machucar. Quero que seja feliz como eu nunca fui.

– Você sabe que é louca, não sabe?

Não preciso de homem para ser feliz, mas isso não quer dizer que vou fugir se, de repente, um certo deus loiro do sexo se declarar para mim. Ainda falta muito tempo para eu começar a me preocupar com coisas do tipo “e foram felizes para sempre”, mas a minha mãe

nunca vai entender isso.

– Você não pode falar assim com a sua mãe.

Gemi de novo e parei o carro no estacionamento da delegacia. Pus meu quepe e me olhei no espelho retrovisor. A psiquiatra tinha razão. Parecia que eu estava com os dois olhos roxos, e minha pele era de cera e nojenta.

– Tem um sujeito aí.

Eu vou me arrepender de ter contado, tenho certeza.

– É diferente. Gosto muito dele, mas ele dificulta as coisas.

Dificulta mesmo. Gostar de alguém não deveria ser uma batalha.

Minha mãe soltou um gritinho alto e estridente, e tive que tirar o celular da orelha.

– Como é que ele é? O que faz da vida? É de família rica?

Eu me certifiquei de ter pego a chave e tudo o mais de que precisaria antes de descer do carro e bater a porta com mais força do que a necessária.

– Ele é complicado e inteligente. Mais bonito do que eu e sabe disso. É charmoso quando quer. Nasceu no sul do país e...

Minha mãe me cortou antes que eu pudesse contar que o Asa tem os olhos cor de uísque mais lindos que eu já vi, o que é uma riqueza maior do que todo o dinheiro que existe no mundo, e que ele é *barman*.

– Aaaaaaaah... Os homens do sul são os melhores. Basta que eles digam nosso nome com aquele sotaque, e a gente se apaixona na hora. Vai ver, ele é de uma daquelas famílias ricas e aristocráticas.

Quem é que fala um troço desses em pleno século XXI? Revirei os olhos, abri a porta da delegacia e disse:

– Mãe, estou trabalhando, preciso desligar. Depois a gente se fala, tá?

– Eu te amo. Cuide-se.

– Também te amo.

Entrei e acenei para o Barrett. Ainda tinha que pôr o colete à prova de balas, pegar o rádio e o cinturão no meu escaninho. Precisei de alguns minutos antes de sair, e meu parceiro já me esperava na viatura quando terminei. Peguei um café e fui até ele. O

Barrett não liga para quem vai dirigindo, o que era um grande problema quando o plantão era com o Dom. Meu melhor amigo sempre quer ficar atrás do volante, e nunca discuti. O que a psiquiatra disse sobre eu ser coadjuvante do Dom voltou à minha cabeça e ficou martelando. Não gosto da verdade óbvia contida nessas palavras, e isso me deixou mal-humorada, um pouco grossa e calada durante metade do nosso turno.

O Barrett é sensível, gosta de falar da mulher e dos filhos. Ele é da terceira geração de policiais na família e pretende ser promovido a sargento em breve. Já está na polícia há alguns anos, e sua ficha é impecável. Tenho certeza de que alcançará seu objetivo. Na verdade, ouvi-lo é bem parecido a ouvir o Dom falar sobre o próprio futuro. A mesma paixão, a mesma motivação. Fiquei imaginando se também sou assim quando falo do meu futuro na força policial.

Jantamos cedo, porque pegamos o turno das duas da tarde até às dez da noite ou meia-noite, dependendo do que acontecesse durante esse período. Estávamos nos empanturrando de hambúrguer e batata frita quando fomos interrompidos por um chamado da central, um caso de violência doméstica. Como a nossa viatura era a mais próxima do local, largamos o jantar e fomos atender ao chamado. Até então, desde que comecei a trabalhar com o Barrett, não tivemos nenhum chamado que deixasse meus nervos à flor da pele ou aticasse minhas dúvidas a respeito de mim mesma, mas casos de violência doméstica são tão imprevisíveis que comecei a suar e a respirar um pouco mais rapidamente do que o normal.

O chamado veio de um bairro na avenida Colfax, passando a avenida Colorado. Não chegava a ser no bairro de Five Points, que é meio barra-pesada, mas era bem perto. Tanto que um arrepio percorreu minha pele, e meus cinco sentidos ficaram em modo de alerta.

Ao que parece, foram os vizinhos que chamaram a polícia, pois ouviram o casal gritando através das paredes do complexo de apartamentos. Infelizmente, a maioria das pessoas tenta não se envolver quando conversas privadas entre marido e mulher ficam violentas, mas esse vizinho em particular ficou preocupado, porque sabia que o casal tem filhos pequenos. Além dos gritos e das

paredes chacoalhando, contaram que ouviram coisas sendo quebradas. O Barrett e eu seríamos os primeiros a chegar na cena do crime e não sabíamos em que tipo de situação estávamos nos metendo. Não sabíamos se alguém estava armado, se as crianças estavam presentes, nada. Toda essa incerteza fez meu sangue ferver, e fiquei prestando atenção no ambiente. Os reforços já estavam a caminho, mas, segundo o rádio, ainda iam demorar de dez a quinze minutos para chegar.

Fui na frente, subindo a escada. Mais uma vez pensei ser estranho tomar a iniciativa. Por hábito, eu sempre deixava o Dom entrar primeiro, seja qual fosse a situação, talvez porque tenha seguido seus passos minha vida inteira, exatamente como a psiquiatra havia dito. Só que esse tipo de pensamento não podia me distrair, não com aqueles sons de vidro sendo quebrado e os gritos que vinham de um dos apartamentos. Virei para trás, olhei com apreensão para o Barrett, que apenas encolheu os ombros. Nosso trabalho é assim mesmo.

Bati com força na porta, e o barulho que vinha do interior do apartamento parou. Como ninguém respondeu, bati de novo e gritei:

– Polícia. Recebemos uma reclamação por causa do barulho.

Ouvi movimentos vindos do outro lado da porta e percebi que o Barrett ficou tenso e alerta ao meu lado. A porta se entreabriu, e um homem pôs só o olho para fora. Ele olhou meu rosto, depois meu distintivo, em seguida olhou para a parte do meu corpo em que o distintivo estava apoiado, e arregalou os olhos. Já estou acostumada com essa reação.

– A gente não chamou a polícia – falou, com a voz trêmula.

Ouvi uma voz feminina vindo de dentro do apartamento, que gritava e o xingava de filho da puta traidor.

Levantei as sobrancelhas e falei:

– Não chamou, não, mas seus vizinhos chamaram. Reclamaram dos gritos e disseram que parecia ter um ringue de luta livre no andar de cima. Também falaram que vocês têm filhos, e deve saber muito bem que se comportar dessa maneira na frente deles não está certo.

A voz da mulher aumentou de volume, e ouvi vidro ser quebrado

atrás do homem. Ele olhou para trás e se encolheu todo.

– As crianças estão na casa dos meus pais. Eu e a Carla estamos só tendo uma pequena discussão. A situação fugiu do controle. Vamos falar mais baixo, prometo.

– Discussão! Seu cuzão traidor. Te peguei na cama com a minha irmã.

Pelo jeito, a mulher tinha razão de estar furiosa com o sujeito. Eu também ficaria com vontade de quebrar todas as coisas dele.

– Olha, precisamos nos certificar de que todo mundo se acalmou e que ninguém está ferido.

Também precisávamos nos certificar de que as crianças não estavam no meio daquela merda toda.

– Olha, guarda...

Ele olhou para o meu peito de novo, e o Barrett ficou todo tenso do meu lado. Como estou acostumada a esse tipo de reação, apenas ignorei e continuei com os olhos colados nele.

– ...Hastings. A Carla é uma mulher intensa. Vamos nos acertar e, logo, logo, vamos acabar na cama. A senhora não precisa...

Sua voz falhou no meio de um palavrão, a porta se escancarou de repente, e o sujeito caiu duro no chão, perto dos meus pés. Uma faca de serra grande, com cabo de madeira, estava enfiada em seu ombro, e uma mulher baixinha estava de pé a alguns metros de distância, olhando o homem caído no chão com uma expressão de ódio e fúria. Aquela devia ser a famosa Carla.

Uma de suas mãos estava coberta de sangue, e a outra segurava uma faca bem maior. Pelo jeito, ela havia corrido até a cozinha enquanto eu conversava com o marido traidor.

Na maior calma, a mulher apontou a faca para mim e disse:

– Vou cortar as bolas dele.

Pisquei surpresa. A mulher não podia estar falando sério. Então me dei conta de que sim, estava, porque ela começou a caminhar na direção do Barrett, que socorria o homem ferido. Meu parceiro já havia chamado a ambulância e me olhava com os olhos arregalados enquanto cuidava da vítima.

Eu não conseguia tirar os olhos da Carla. Puxei a faixa que segura minha arma no coldre e tirei a arma de choque que todos

carregamos para lidar com situações como essa.

– Carla, você sabe que não posso permitir que faça isso – avisei, com a voz calma.

Me recusei a me mexer, por mais que ela chegasse cada vez mais perto de mim.

– Ele é um rato, um filho da puta – gritava a mulher, tremendo da cabeça aos pés.

Sua fúria era quase palpável.

– Com a minha irmã. Minha própria irmã, caramba. Como esses dois puderam fazer isso comigo?

Não tinha outra resposta para essa pergunta que não fosse “as pessoas são uma merda”, mas isso não ia fazer a mulher recobrar a razão nem largar a faca.

– Isso é muito ruim, Carla. Ruim para você e ruim para os seus filhos. Você não quer piorar a situação, quer? Precisa largar essa faca e me acompanhar.

Já era possível ouvir as sirenes ao longe, o que era ótimo, porque o imbecil do traidor tinha reunido forças para gritar com a Carla. Começou a xingá-la de tudo quanto era nome e a dizer que a irmã era cem vezes melhor na cama do que ela. O sujeito não estava ajudando. A Carla tremia da cabeça aos pés, e seu rosto, que estava vermelho de fúria, ficou pálido. Aquela mulher ia perder a cabeça, e mudei o foco para a única coisa que, imaginei, poderia direcionar sua raiva para longe do péssimo marido.

– Carla, sei que você está louca da vida com ele, decepcionada, e ninguém pode te condenar. O que ele fez é terrível e imperdoável, mas e a sua irmã? Quando um não quer, dois não fazem, e ela é da sua família, sangue do seu sangue. Você não quer contar para a sua irmã como se sente a respeito do que ela fez?

Parecia o sol vencendo as nuvens e iluminando o céu em um dia de verão. Vi que a Carla recobrou a consciência, direcionou a fúria para outro alvo, e a traição recém-descoberta atingiu o corpo daquela mulher como um trem de carga. A faca caiu de seus dedos frouxos, e ela se encolheu no chão, bem na minha frente. Soltei um suspiro de alívio e olhei para trás. Os paramédicos estavam colocando a vítima em cima da maca e se preparando para levar o

homem embora. O Barrett conversava com alguém, provavelmente um vizinho, colhendo seu depoimento, e a unidade de reforço estava parada na porta, assistindo ao espetáculo.

Cheguei perto da Carla e pus a mão em seu ombro. Ela me olhou com olhos perturbados:

– Minha irmã é uma puta – falou.

Balancei a cabeça solenemente e concordei:

– Parece que é mesmo.

– O que vai acontecer com os meus filhos? Eles estão na casa dos pais desse verme.

Ufa, isso era bom. Pelo menos as crianças não terão que viver com a imagem da mãe tentando castrar o pai com uma faca de serra.

– Não posso responder a essa pergunta, Carla, mas você deveria ter se preocupado com eles antes de pegar a faca.

Ajudei a mulher a se levantar e me encolhi toda quando ela limpou uma mistura de lágrima e ranho com o braço.

– Eu vou para a cadeia.

Balancei a cabeça de novo.

– Temo que sim – respondi.

Ela soltou um suspiro bem profundo e me olhou de soslaio.

– Eu devia ter mirado mais embaixo.

Isso não tinha graça, e eu não ia compactuar com esse tipo de violência, mas meio que concordava com ela.

Dei a voz de prisão, li os direitos da Carla, e a levei até o banco de trás da viatura. Sabia que seria preciso acusá-la de, no mínimo, agressão com agravante. Levamos um tempinho para acalmar a cena do crime e colher os depoimentos necessários para escrever o relatório.

No caminho de volta para a delegacia, só se ouviam os soluços vindos do banco de trás e os murmúrios do Barrett, que ficou falando sozinho enquanto dirigia no trânsito do final de tarde. Fichamos a Carla e começamos a fazer a papelada. De repente, o Barrett parou de digitar e me olhou com uma expressão confusa. Eu estava morrendo de fome, porque havíamos interrompido nosso jantar, e só queria terminar aquela papelada e voltar para a rua

para, de repente, dar uma escapadinha até alguma lanchonete *fast-food*.

Pus meu quepe na mesa do lado e esfreguei as têmporas. Lidar com a papelada é tão chato... Odeio essa parte.

– Que foi? – perguntei.

O Barrett sacudiu a cabeça, voltou a olhar para a tela do computador e respondeu:

– Nada.

Suspirei e insisti:

– Óbvio que tem alguma coisa. Desembucha.

– Você me surpreendeu, só isso.

Me recostei na cadeira e espremi os olhos.

– Como assim?

Meu parceiro encolheu os ombros e explicou:

– Não imaginava que você fosse tão *imperturbável*. Quer dizer, é uma policial há pouco tempo, e não é nenhum segredo que rolou um monte de coisa com você e o Dom antes de trabalharem juntos. Não vou mentir... Imaginava que você apenas ia na cola dele, mas eu estava redondamente enganado.

Fiquei piscando de tão chocada. Imperturbável? Achava que, na maior parte do tempo, eu perturbava por tudo quanto é canto.

– Não esboça reação quando os esquisitões te olham como se você fosse um prato de comida. Não perde a cabeça quando os vagabundos tentam te intimidar. Fala com as vítimas na maior facilidade, o que diminui o perigo de situações hostis. Você não surta nem se mexe quando uma mulher armada com faca começa a andar na sua direção. E, acho que o mais importante, odeia ficar sentada na mesa preenchendo relatórios quase tanto quanto eu, mas mesmo assim não solta um pio, apenas senta e faz. Acho que só fiquei surpreso de ver como é adequada para essa nossa profissão. Tenho certeza de que já ouviu isso antes, mas você não tem jeito de policial, muito menos de policial bom de verdade, no entanto dá de dez a zero em qualquer parceiro que tive na minha carreira até hoje.

Não consegui responder. O Barrett é um bom policial. Tem uma reputação ilibada na força e não tem a menor obrigação de me elogiar ou de demonstrar reconhecimento. Não tem como ele saber

da pergunta que a psiquiatra me fez antes de nosso turno começar. Só consegui limpar a garganta e falar, toda sem jeito:

– Bom, acho que você não é nada mau, Barrett.

Acabamos a papelada. Fiquei me sentindo mal pela Carla, mas as pessoas precisam pensar em como suas ações vão afetar os outros a longo prazo. Meu parceiro e eu concordamos que eu iria dirigir, e fui direto para uma lanchonete quando terminamos nosso turno sem maiores incidentes. Dirigir tanto sem grandes emoções me deu tempo livre para pensar nas provocações da psiquiatra e nas palavras do Barret.

Nunca quis andar na cola de ninguém, nem por causa da minha aparência, nem pelo fato de eu poder ter o mundo de bandeja apenas batendo meus cílios. E, com certeza, nem porque o Dom me ama e vai sempre cuidar de mim. Até aquele dia, nunca tinha me ocorrido que os outros não me viam como sua parceira, mas como sua sombra ou seu animal de estimação, e não gostei nada de ficar sabendo disso. Minha maior luta nessa vida é provar que tenho meus próprios méritos, que tenho substância além de um rosto e de um corpo bonitos. Parece que me agarrar ao Dom como se ele fosse uma tábua de salvação por tanto tempo havia minado meus esforços para vencer essa luta.

Quando o turno terminou, tudo o que eu queria era um banho quente e uma bebida. Bom, para falar a verdade, queria o homem que ia me servir essa bebida, mas ainda não sabia direito como é que tudo isso iria se desenrolar. Havia tantas perguntas martelando na minha cabeça que não estava a fim de lidar com o mistério de Asa Cross.

Tomei banho e fiquei assistindo TV. Comecei a andar para lá e para cá dentro do apartamento e a encher o saco da Saint, que estava do outro lado do corredor, com torpedos. Também tentei puxar papo com o Dom e fiz biquinho quando a resposta dele à minha mensagem foi:

Vai dormir.

Já era mais de uma da manhã quando me enfiei embaixo dos

lençóis. Não estava cansada ou, pelo menos, não achava que estivesse, mas apaguei assim que minha cabeça encostou no travesseiro. Acordei umas duas horas depois. Ofegando. Tremendo. Coberta de suor da cabeça aos pés. Não via o Dom cair. Não estava de novo naquele beco. Não, em vez disso, acordei com uma mão dentro da minha calcinha e outra apertando meu peito por baixo da blusa, enquanto eu sussurrava o nome do Asa.

Gemi alto e me joguei contra os travesseiros. Tateei o criado-mudo e encontrei o celular. Havia ligado para mim mesma quando o Asa me emprestou seu celular para eu falar com o Nash e pedir para ele trazer a chave do carro na manhã seguinte.

Estou precisando pegar aquele vale.

Nem parei para pensar que era tarde ou que ele poderia não responder. Só mandei a mensagem e fiquei me virando na cama, toda excitada, precisando de algo que só o Asa poderia me dar.

Meu celular tocou "Trouble", da Pink, quando ele me respondeu. E foi o que bastou para a minha pele se arrepiar toda de expectativa. Segurei a respiração quando olhei para o aparelho, só para o caso de ele ter me mandado pastar, mas a tela brilhava com as seguintes palavras:

Chego em casa umas 3.

Soltei um suspiro e segurei o celular perto do peito, porque eu fervia por dentro e pulsava de desejo e ansiedade. Eu estava mais do que excitada.

## CAPÍTULO 9

# Asa

**G**UARDEI O CELULAR DE VOLTA NO BOLSO após responder o torpedo da Royal e sacudi a cabeça para refrescar as ideias. Naquela semana, havia pensado muito nela, não só porque não precisava me esforçar para enxergar cada centímetro do seu corpo, mas fiquei imaginando como ela estaria se sentindo depois de ter ultrapassado os limites comigo, de ter conseguido o que queria. Na verdade, senti medo de ter conseguido fazê-la se sentir mal por desejar se meter com um homem como eu e tê-la assustado e afastado de mim. O fato de isso me incomodar de um jeito visceral só comprovava que ficar com a bela ruiva era uma péssima ideia. Às vezes, ter acordado do coma e voltado para o mundo dos vivos, no qual existem todas essas emoções tênues, é mesmo uma merda, porque estou longe de saber lidar com elas.

Além de eu estar todo perturbado por causa da Royal, outras coisas estranhas aconteceram a semana inteira. Aquela senhora atraente que anda com um jovem a tiracolo apareceu no Bar duas vezes. Na primeira, o garotão foi junto. Na segunda, ela estava sozinha e passou a noite inteira dando em cima de uns homens e tentando chamar a minha atenção. Evidente que lhe dei minha atenção de bom grado, porque a coroa deixa umas gorjetas boas. Não estou interessado nela, não quando uma policial *sexy* não sai da minha cabeça, mas foi estranho, porque me deu vontade de alertá-la a respeito do que homens como eu costumam fazer com mulheres como ela.

A coroa era obviamente bem de vida. Uma mulher muito bonita que, pelo jeito, gosta de se divertir. Há alguns anos, eu teria me jogado em cima dela como se ela fosse uma gazela nas planícies. Teria me inserido em sua vida. Teria mentido, dito tudo o que a mulher gostaria de ouvir. Teria levado essa coroa para a cama e feito

ela pensar que era especial, que eu a amava... e depois teria passado a mão em toda a sua grana. Teria levado tudo o que ela tem que não estivesse pregado no chão e teria feito isso sem pensar duas vezes, sem um pingo de remorso. Agora minha única vontade é lhe dizer para não ser mais uma vítima, para tomar cuidado, porque mesmo o seu garotão sem cérebro não está com ela sem querer algo a mais em troca.

No entanto, em vez disso apenas servi os martinis que ela pediu e retribuí seus flertes. Pensando racionalmente, sei que não posso impedir que ninguém se torne uma vítima, assim como não posso impedir a Royal de flertar com o perigo. A coroa anotou seu celular em um guardanapo e, para ser sincero, tive uma pequena batalha interna antes de jogá-lo no lixo. Ainda é muito difícil para mim deixar passar uma aposta garantida. Dinheiro fácil e todas as coisas fáceis e sujas que há no fundo do poço, onde estou tão acostumado a ficar, ainda exercem uma atração sobre mim, não posso fingir que não. Por fim, caiu a ficha de que, se eu tivesse guardado o guardanapo, teria usado o número e a mulher a qual ele pertence, e meu sangue ferveu. Amaldiçoei minha própria batalha interna, amassei o guardanapo e o joguei fora, enojado com o fato de que a luta entre o bem e o mal ainda ser travada dentro de mim por causa de algo obviamente tão errado.

Também ando tendo problemas com a Avett.

Ela não apareceu mais machucada, provavelmente porque a Darcy deve ter contado da briga que elas tiveram para o Brite. Nada como um pai furioso, que mais parece um antigo guerreiro *viking* ou, melhor, um guerreiro dos tempos modernos, para pôr um namorado valentão em seu devido lugar. Só que a menina anda caladona, distante, irritadiça e pula de susto quando eu ou outro funcionário fala com ela. Contratei uma amiga da Dixie para trabalhar no salão, e dois *barmen* meio período para o Rome não precisar trabalhar durante o dia. Um é um tipo meio almofadinha, que ainda está na faculdade e vai se dar bem com os universitários que frequentam o Bar no fim de semana. O outro é mais velho e bem rodado, aposentado do Exército, mal-humorado e direto como o Rome, apesar de ser uns vinte anos mais velho. Perfeito para

atender a clientela grisalha e rabugenta que vem durante o dia. A Avett tem feito de tudo para ser grossa e evasiva com todo mundo. Estou começando a achar que ela precisa de uma bela surra à moda antiga para se comportar direito, em vez de ser mandada para o olho da rua. Não consigo entender qual é a dela.

Além da atitude de merda e da tendência a rosar para qualquer um que chegue muito perto, a Avett pediu para receber adiantado e, na semana seguinte, pediu mais um vale. O Rome foi legal e pagou uns dias antes, mas quando disse que não ia dar o vale, ela surtou. Nunca tinha visto uma mulher adulta dar um piti daqueles, mas estou acostumado a analisar as pessoas e a descobrir a verdade por trás de suas ações. Deu para ver que a reação exagerada da garota era por medo, não por ganância. Alguma coisa está acontecendo com a problemática do cabelo rosa, e não é nada de bom. Aposto um dinheirão que tem a ver com aquele bosta do namorado dela.

À noite, quando fui fechar o caixa e mostrar ao rapaz novo como se faz, contei três vezes o dinheiro que estava na gaveta e me dei conta de que faltavam uns duzentos dólares. Contei, recontei e pedi para o novato contar mais duas vezes. Tinham sumido 220 dólares, e a única explicação era alguém ter passado a mão nessa grana. O funcionário novo começou a surtar, jurando que não tinha dado oportunidade para ninguém mexer ali, e levei uns quinze minutos para conseguir convencê-lo de que eu não o estava acusando pelo roubo. Também falei que há câmeras cobrindo quase cada centímetro do balcão e, se algum dia ele tentasse fazer algo suspeito, os olhos eletrônicos estariam observando.

Separei o depósito do dia mesmo assim e deixei um bilhete na mesa do Rome pedindo para ele me ligar pela manhã e fiz um resumo das minhas suspeitas, sem citar nomes. Não acredito que a Avett tenha sido imbecil a ponto de roubar o dinheiro mesmo sabendo que estava sendo vigiada, mas também sei, por experiência própria, que o desespero torna as pessoas mais ousadas e caras de pau.

Quando cheguei em casa, só tive alguns minutos para deixar o lugar apresentável, não que meu apartamento algum dia vá perder o jeito de moquifo, mas recolhi as roupas do chão e as joguei na

cesta, troquei os lençóis e dei um jeito na louça suja que estava na pia. Não devia me importar com o que a Royal pensa, se ela acha que vivo em um chiqueiro, mas é difícil abandonar os velhos hábitos. Ser mal visto, por mais que esse lugar seja o que cabe no meu bolso neste momento, machuca meu ego.

Olhei para o relógio do micro-ondas e me dei conta de que não ia dar tempo de tomar banho se a Royal chegasse às três em ponto. Então, servi uma dose de *scotch* em um copo de plástico e mandei para dentro. Acho que fiquei com medo de ela não aparecer. Que ridículo. É a Royal. Ela corre atrás do perigo e se joga de cabeça no incêndio por gosto. Ouvei uma batida de leve na porta bem na hora combinada.

Abri a porta e grunhi de surpresa, porque ela passou voando por mim, impaciente, atirou a bolsa gigante que trazia debaixo do braço na poltrona e depois se virou, jogou os longos cabelos para o lado, em um gesto deliberado, e me olhou. Ela usava um sapato de salto preto de verniz e estava com os cabelos soltos, que brilhavam como uma pele luxuosa de animal. Pelo jeito, a garota vestia apenas um casaco preto, preso na cintura com uma faixa, que chegava até o meio das coxas nuas. Eram quilômetros de pernas à mostra que me fizeram parar de pensar e mandaram todo o sangue do meu corpo para aquela parte, debaixo do meu cinto, que começou a subir, pronta para o ataque. Minhas sobrancelhas subiram até a raiz dos cabelos, e fechei a porta, após aquela entrada dramática. Tive que me encostar nela porque meu coração saiu pela boca e voltou.

– Então, você finalmente está de casaco – comentei, sem conseguir controlar o tom de deboche.

Meu timbre mudou quando a Royal me olhou com aqueles olhos castanhos entreabertos. Ela deu um sorrisinho *sexy* e malicioso, e fiquei pensando se ela me bateria caso eu deixasse a *finesse* de lado e a jogasse no chão ali mesmo.

– Não por muito tempo – respondeu, levando a mão até o último botão.

Ela abriu o casaco sem tirar os olhos de mim.

Senti o ar congelar meus pulmões e tive a impressão de que o mundo inteiro dependia do movimento de suas mãos em direção ao

próximo botão do casaco.

– Não conseguiu dormir de novo? – perguntei.

A Royal sacudiu a cabeça bem devagar, e seus dedos chegaram ao segundo botão. Ela ficou com os olhos fixos nos meus enquanto o tirava da casa.

– Eu estava dormindo. Você me acordou.

Minha vontade era passar a mão em seus cabelos e grudar os lábios naquele pedaço de pele tentador que havia ficado à mostra acima do seu peito. Achei que eu ia dar uma apressada no joguinho se diminuísse o campo de ação da Royal. Sou mestre em joguinhos... em vencer joguinhos. Levantei o braço e tirei minha camiseta em um único movimento. Joguei a peça de roupa na poltrona e senti uma pontada de orgulho masculino ao perceber que a veia no pescoço dela começou a pulsar mais rapidamente. Ela baixou a mão e ficou passando os dedos em círculo no terceiro botão. Também deu um passo para trás, em direção à cama. Quando dei por mim, estava chegando mais perto dela.

– Como assim eu te acordei?

A Royal deu mais um passo para trás, com aqueles sapatos loucamente sensuais, baixou o queixo e me olhou por baixo dos longos cílios. Essa mulher é a coisa mais impressionante que já vi na vida, e ainda não consigo entender por que está desperdiçando seu tempo comigo.

O terceiro botão se soltou, e precisei me segurar para não pular em cima dela. O casaco abriu apenas o suficiente para eu ver um pedacinho de uma auréola rosada e a curva dos seus peitos grandes e empinados.

– Acordei falando seu nome e acariciando meu corpo. Estava com desejo e pensei que não precisava cuidar disso sozinha, já que você está me devendo.

Seu tom de malícia acabou comigo. Não consegui mais ficar longe de seu corpo.

A Royal estava brincando com o último botão do casaco, e minha paciência foi para o espaço. Uma das razões para eu mandar bem em joguinhos é que costumo ditar minhas próprias regras e quase sempre trapaceio. Fui para cima dela com passos largos e a joguei

de costas na cama. Ela ficou deitada, nua, parecendo um prato, no qual eu ia me deliciar em poucos segundos. Apoiei as mãos ao lado da sua cabeça e olhei seus olhos com o desejo selvagem que tomava conta de mim.

– E se a polícia te parasse, você batesse o carro ou seu motor enguiçasse no meio do caminho? – perguntei.

Só de pensar que aquelas pernas compridas e desnudas poderiam ter sido vistas por mais alguém, meu cérebro entrou no modo homem das cavernas. Cometer um assassinato virou algo completamente lógico. Não que eu tenha achado ruim ser tão fácil levá-la para a cama, quer dizer, ela foi para a minha cama por vontade própria. O que ia rolar era óbvio, mas, além da paixão e do tesão que me comiam vivo, fiquei preocupado com ela, e essa era uma sensação nova para mim.

A Royal sacudiu os braços para acabar de tirar o casaco, e seus peitos balançaram de um jeito que me fez gemer alto. Ao se livrar da roupa, ela levantou as pernas, que passou pelos meus quadris. Me inclinei por cima dela e pus seus braços em meus ombros.

– Se a polícia tivesse me parado, eu teria explicado o fato de estar praticamente pelada, e é bem provável que o guarda me desse os parabéns. Se eu tivesse batido o carro, os paramédicos teriam presenciado um espetáculo e tanto, mas tenho certeza de que já viram isso antes. E, se o motor tivesse enguiçado, eu teria chamado um táxi e pronto – respondeu. Então passou o dedão no meu lábio inferior. Prendi seu dedo entre meus dentes e o acariciei com a língua, fazendo-a suspirar. – Você é sempre um investimento de alto risco, mas de alto retorno.

Muita gente correu o risco de investir em mim e perdeu tudo. Nunca dei retorno a ninguém. Tive vontade de prometer coisas para a Royal que jamais vou conseguir cumprir. Me deu vontade de dizer que ela não vai se arrepender de ter me dado uma chance, mas não era o caso. Dobrei um pouco os cotovelos, para conseguir alcançar sua boca, e falei:

– É melhor eu dar um jeito de esse risco valer a pena, então.

Em seguida, beijei sua boca como se quisesse guardar para sempre cada leve gosto, cada movimento de sua língua, cada

mordiscar de seus dentes, cada suave gemido que escapava de seus lábios enquanto nos beijávamos com uma intensidade febril. A Royal ficou com uma mão na minha nuca, me segurando perto dela, e com a outra arranhava meus ombros, fazendo minha pele se arrepiar toda de desejo.

Eu ainda estava vestido da cintura para baixo, mas dava para sentir o calor de seu corpo ardendo entre nós na área em que nossos quadris se encostavam. Saber que aquela mulher não apenas estava ali comigo, mas que queria muito, muito mesmo, estar ali me deu vontade de beijá-la ainda mais desesperadamente. Parecia que estar com ela era uma oportunidade dessas que só aparecem uma vez na vida e que eu precisava saboreá-la como uma iguaria.

Parei de beijá-la quando tive a sensação de que o quarto inteiro estava sem ar. Nós dois estávamos ofegantes, e comecei a beijar suas têmporas e mordiscar o lóbulo da sua orelha. Acho que acertei um ponto-chave, porque a Royal soltou um suspiro alto e pressionou – com força – seu quadril contra o meu. Fiquei brincando, beijando a parte de trás de sua orelha, lambendo sua clavícula, e corri a mão pela lateral de seu corpo. Seu corpo é todinho macio e flexível. Gosto tanto do fato de ela não ser apenas bonita, mas também musculosa e forte. Essa é uma combinação inebriante de beleza e poder, e gosto do fato de a Royal conseguir cuidar de mim de um jeito delicado e feminino, mas também saber cuidar de si mesma.

Passei o dedão pela curva da sua perna dobrada, até chegar ao seu centro ávido de prazer. Como a luz ainda estava acesa, dessa vez pude ver todas as partes rosadas e lindas de seu corpo. Aquela cena da Royal esparramada na cama, ainda com aqueles sapatos de “me come agora”, esperando por mim, era um exagero de tão sensual. Até parece que cair de boca em uma mulher tão linda e gostosa quanto ela é uma obrigação. Trepar com a Royal não tem nada a ver com fazer os movimentos de sempre só para chegar ao que interessa. Minha vontade é fazer todas as sacanagens, todas as safadezas possíveis e imagináveis com essa mulher para fazê-la gozar e, depois, fazer tudo de novo até ela gritar meu nome e sacudir aquele cabelo acobreado de tanto prazer.

Segui a curva da parte interna da sua coxa e dei um passo para

trás, ficando de joelhos na sua frente. Percebi que seu peito arfava e que sua respiração ficou descompassada quando passei o dedão de leve em sua abertura exposta. A Royal já estava quente e úmida. Um som de fome estava preso no fundo da minha garganta. Ela agarrou o edredom com as duas mãos, que estavam ao lado dos seus quadris inquietos, e ficou me olhando com os olhos quase pretos. Segurei um dos seus tornozelos e o coloquei sobre o meu ombro. A ponta do salto me machucou um pouco mas, para a minha surpresa, gostei da agulhada. Usei uma mão para brincar com seus grandes lábios e, com a outra, puxei seu quadril mais para a beirada da cama. Então virei o rosto e beijei sua coxa torneada, que estava bem na minha cara.

– Você está me torturando, Asa – reclamou com a voz rouca de impaciência.

Dei risada com a boca colada na sua pele lisinha, porque eu estava mesmo brincando com a Royal. Estava indo com toda a calma, o que nunca faço quando o assunto é sexo. Normalmente, só quero saber da gratificação instantânea, de aliviar aquele desejo. Com ela, me dá vontade de observar, sentir sua reação, tentar fazê-la responder dos melhores jeitos possíveis. Acho que esse lado que luto tanto para segurar se solta quando vou para a cama com a Royal e, inconscientemente, estou tentando pôr um fim no sexo para ela, para nenhum homem que vier depois de mim seja tão bom quanto eu.

Sem pedir permissão, enfiei os dedos em sua vagina e fiquei acariciando seu clitóris com o dedão. A Royal levantou o corpo inteiro da cama, sussurrou meu nome e pôs automaticamente a outra perna em cima do meu ombro, se contorcendo toda ao meu toque. Ela puxou o tecido do edredom, se retorcendo descontrolada, enquanto eu punha e tirava os dedos de dentro dela, com os olhos fixos na avalanche de emoções estampada em seu rosto. Suas bochechas ficaram rosadas, e ela não conseguiu mais ficar de olhos abertos, apenas ficou mordendo o lábio e apertando os quadris contra os meus dedos. Tenho certeza de que nunca me senti tão poderoso, nunca tive um objetivo tão claro na vida. Parecia que minha única razão para existir era dar prazer àquela mulher

espetacular, e eu não estava nada incomodado com isso.

Senti suas coxas, que seguravam minha cabeça, começarem a tremer. Vi sua barriga musculosa se contrair. Sabia que poderia fazê-la gozar apenas com as mãos, mas isso não ia pagar o que eu estava devendo.

Girei o dedão em seu clitóris por um bom tempo, depois o pressionei com força e falei:

– Royal, olha para mim.

Demorou um tempinho, precisei chamá-la outra vez, mas por fim ela fixou os olhos castanhos nos meus. A Royal estava bêbada de desejo e tão perto do clímax que dava para ver que ela estava se segurando. Queria que ela chegasse lá e eu estaria lhe esperando.

Inclinei a cabeça na direção de suas mãos, que estavam com os punhos cerrados, e pedi:

– Põe nos seus peitos.

Ela piscou com cara de quem não estava entendendo, mas em seguida atendeu ao meu pedido, vagarosamente. Aquelas mãos lindas naqueles peitos maravilhosos fizeram meu pau tentar escapar da calça jeans sozinho. A região estava úmida, e não porque eu havia me roçado na Royal. Isso nunca tinha me acontecido.

– Vou te devorar e, enquanto faço isso, quero que você brinque com seus peitos.

A Royal estava com o rosto vermelho e arregalou os olhos. Uma expressão de incerteza brilhou em seu olhar. Então pressionei seu clitóris até seu corpo se sacudir.

– Quero que você passe a mão neles, aperte, e quero que você os segure até quase doer. Quero que você faça isso até sentir que o prazer é demais, que vai te partir ao meio... Só aí você tem permissão para largar. Está me entendendo?

Ela gemeu um pouco e balançou a cabeça, uma única vez, para me comunicar que havia entendido. Dei um sorriso que não era legal, de propósito. É o sorriso que costumo dar quando saio para o abate.

– Que bom – falei. – Por que, se você parar, eu também vou parar.

Ela me xingou e enterrou o salto em meu ombro de propósito.

Continuei a sorrir. A sua resistência me deixava tão excitado quanto o seu corpo.

Ela abriu os dedos e segurou seus peitos túrgidos sem tirar os olhos dos meus. Os biquinhos rosados apareceram, durinhos, entre seus dedos, e fiquei observando ela apertar os peitos exatamente como eu tinha mandado. Isso fez o desejo que crescia dentro de mim aumentar umas cem vezes. Nada melhor do que uma mulher bonita que encara uma safadeza quando a ocasião pede.

Com o dedão, afastei seus grandes lábios e lambi sua vagina de cima a baixo. Nós dois gememos. A Royal estava toda molhadinha, era uma delícia, e sua lubrificação brilhava na minha língua. Aquela mulher é mais gostosa do que o *scotch* mais caro que já tomei, e tão potente quanto. Remexi a língua em seu clitóris, me aproximei para conseguir prendê-lo entre meus dentes, de olho nela o tempo todo, para me certificar de que ela continuava acariciando os próprios peitos. Quanto mais eu chupava, mais ela apertava, ofegante, e seu corpo começou a tremer. Por um milésimo de segundo ela parou de se tocar, e, na mesma hora, levantei a cabeça e tirei os dedos de dentro dela. A Royal deu um grito profano. Acho que, se eu não estivesse segurando suas pernas abertas, ela teria me chutado na cara. Fiquei observando até ela beliscar os biquinhos obviamente excitados e gemer se contorcendo nas minhas mãos.

Como recompensa, murmurei com os lábios colados em seu pequeno ponto de prazer e fiquei observando enquanto ela subia cada vez mais em direção ao éter da paixão. Àquela altura, seus quadris estavam fora da cama, e precisei pôr a mão nas suas costas para mantê-la na altura da minha boca. Lambi e mordisquei. Enfiei e tirei os dedos repetidas vezes. Enchi a Royal de carícias e fiz exatamente o que havia prometido: devorei aquela mulher como se ela fosse minha última refeição. Suas pernas tremeram encostadas na minha cabeça, suas mãos se remexiam, frenéticas pelo próprio corpo, e ela me observava como se estivesse hipnotizada com o que eu estava fazendo.

Dava para ver que estava chegando o instante em que tudo isso seria demais para ela. A Royal abriu a boca em um grito silencioso. Vi suas mãos se soltarem dos seus músculos definidos e caírem ao

lado de seu corpo, dormentes. De repente, sua vagina se contraiu e se despedaçou em um milhão de partículas de prazer na minha língua. Suas paredes internas vibraram e sugaram meus dedos. Ela apertou minha cabeça com as pernas em uma tentativa desesperada de prolongar a sensação e, quando sussurrou meu nome diversas vezes, só consegui pensar que aquela mulher tem sabor de vitória, da vitória mais doce que já conquistei. Essa é uma dívida que jamais vou reclamar de pagar.

Acariciei suas coxas, que apoiei de leve na beirada da cama, e fiquei de pé. A Royal ofegava, mas seus olhos estavam arregalados, fixos em mim, um tanto enevoados, porém cheios de satisfação e prazer residual. Abri o cinto e fui até o criado-mudo.

– Agora é a minha vez.

A Royal esticou a mão e ficou remexendo na gaveta até encontrar um pacotinho.

Subiu o corpo até ficar sentada de frente para mim, com os olhos bem na altura da ereção instantânea que pulou para fora do meu zíper aberto. A Royal baixou minha calça até a bunda, físgou meu pau e ficou subindo e descendo a mão por ele. Inconscientemente, gemi e comecei a meter o pau na sua mão. Gosto muito de ela não ter medo de pôr a mão na massa e ser um pouco bruta. Depois soltou e colocou a camisinha com movimentos rápidos e eficientes. Em seguida, se inclinou para a frente e deu um beijo bem em cima da penugem loira que leva às minhas bolas.

– Adoro revezamento – disse.

Então roçou o rosto no meu quadril, e seu cabelo sedoso roçou meu pau. Era uma sensação inacreditável. Passei a mão em seu cabelo e me abaixei para beijá-la de novo. Nossas bocas tinham sabor de sexo e de eternidade.

Quando eu me afastei, a Royal estava sorrindo e me puxando para baixo. Tinha ido mais para trás na cama, o suficiente para eu ter espaço de cair em cima dela. Seus saltos pontudos espetavam minhas costas, e seus seios estavam grudados no meu peito. Meti o mais fundo que consegui. Dei mais um beijo em seus lábios e comecei a me movimentar. Ela já estava toda molhadinha e escorregadia, não me preocupei em pegar leve. Enterrei meu pau

com força, trepei com violência. Entre suas reações e as agulhadas do seu salto nas minhas costas, não demorei muito para libertar em seu corpo todo o prazer que eu estava segurando dentro de mim. Levantei uma de suas pernas ao lado do meu corpo, enterrei o rosto em seu pescoço e meti sem parar no seu calor acolhedor. A Royal segurou meu cabelo, respirando ofegante, colada nos meus ouvidos. Assim que senti a mais leve sensação correr pelo meu pau, não teve jeito. Meus dedos apertaram seus quadris com tanta força que deixaram marcas. Murmurei coisas sem sentido quando ela alcançou a máxima satisfação um segundo depois de mim. Como um imbecil, não tinha nem me preocupado em fazer a Royal gozar de novo, porque, assim que entrei em seu corpo, só consegui ir atrás das sensações incríveis que essa mulher me faz sentir. Perco a inteligência sexual só de estar ao lado dela.

Fiquei em cima daquela mulher por um bom tempo, completamente inerte, mesmo sabendo que devia levantar e tirar a camisinha, mas era tão bom estar dentro da Royal, que acariciava minhas costas de um jeito tão agradável, que a única coisa que eu queria era me oferecer ao seu toque. Passei o rosto em seu ombro e perguntei:

– Você quer sair comigo sem ser para ficar pelada na minha cama, Royal?

Ela se remexeu debaixo de mim, e suas mãos congelaram em meus ombros. Sei que a Royal gosta de trepar comigo, mas precisava saber se ela queria mais alguma coisa de mim além de frequentar meu quarto.

– Tipo um encontro? – perguntou, baixinho.

Cerrei os dentes e respondi:

– Tipo isso, o que você quiser.

Rolei para sair de cima dela, mas a Royal abraçou meus ombros e me manteve grudado em seu corpo.

– Sim, Asa. Quero sair com você. Não me importa se é em cima da cama ou fora dela.

Ela riu e se remexeu de novo, fazendo aquela parte do meu corpo que ainda estava dentro do seu se contrair.

– Apesar de eu gostar muito do que acontece quando a gente vai

para a cama – completou.

Respirei fundo e tirei seus braços de cima de mim para ir me limpar. Passei as mãos no cabelo e olhei para ela. Todas as lindas promessas que eu tinha vontade de fazer estavam gritando dentro de mim, tentando sair à força pela minha boca.

– Não sei por que você está aqui, mas acho que tenho que agradecer a todos os deuses por isso.

A Royal piscou, depois piscou de novo e ficou enrubescida. Então endireitou o corpo e ficou me encarando de olhos arregalados.

– Estou aqui porque você finalmente permitiu que eu estivesse.

Seu cabelo se esparramou pelos travesseiros, e me deu vontade de saber pintar para capturar toda a sua beleza para as futuras gerações apreciarem.

– E vou ficar aqui enquanto você deixar – completou.

Ah, se fosse assim tão fácil. A Royal iria ficar aqui até algo ruim acontecer ou eu fazer alguma coisa que a forçasse a ir embora. Precisava de um tempinho para pôr meus pensamentos em ordem depois do que essa mulher havia feito comigo, por isso não respondi e me enfiei no banheiro. Queria que descobrir o que fazer com ela e com todos os sentimentos que ela desperta em mim fosse tão fácil quanto me limpar depois do melhor sexo que já fiz na vida.

**Q**UANDO O CELULAR DO ASA TOCOU na manhã seguinte, tive a sensação de que estava na hora de o sol nascer, e não que já fosse nove da manhã. Passamos a noite enroscados e nos ocupamos bem até os primeiros raios surgirem no céu. Não dormimos muito. Ele gemeu e passou o braço por cima de mim para silenciar o aparelho. Seus olhos cor de âmbar estavam sonolentos, e a barba por fazer o deixava com uma cara ainda mais safada que o normal.

Me espreguicei por baixo dele, morrendo de cansaço, e levantei os braços. Os olhos cor de uísque do Asa passaram de letárgicos a desejosos e brilhantes em questão de segundos. Ia perguntar por que ele tinha acordado tão cedo, já que, na minha cabeça, os *barmen* ficam na cama até o meio-dia, mas meus movimentos sonolentos por baixo do seu corpo obviamente despertaram outros pensamentos em sua mente. Embarquei de cabeça no seu plano até estar prestes a ter um orgasmo que certamente ia me virar do avesso, mas então ele congelou e me encarou com os olhos arregalados e uma expressão incomodada.

Eu estava com a mão em volta do seu bíceps e senti que seus músculos haviam congelado. Sua respiração estava pesada, e, quando me levantei um pouco para ver se ele voltava ao ritmo, ele gritou, mandando eu não me mexer. Fiz careta e enterrei as unhas em seus braços tensos. Ele falou:

– Se você se mexer, já era, e eu não estou usando camisinha.

Ele franziu ainda mais a testa e completou:

– Nunca fiz sexo sem proteção. Não é para menos que os homens falam mal das camisinhas. Estou prestes a perder a cabeça.

O Asa começou a sair do meu corpo, com movimentos tortuosos, os dentes cerrados e as narinas abertas. Eu estava quase lá. Mesmo esses movimentos controlados eram muito gostosos e, por mais que

eu tenha me esforçado para não mexer nem um músculo externo, meus músculos internos não quiseram nem saber e ficaram apertando seu membro, e nós dois tivemos que lidar com um resultado grudento de paixão quando tudo terminou. Achei engraçado. O Asa não ficou nada feliz e me arrastou até o chuveiro, para a gente se limpar.

Tentei dizer que não era nada, mas me dei conta de que ele não estava chateado com a situação, estava louco da vida consigo mesmo por ter se deixado levar pela empolgação a ponto de esquecer algo tão básico quanto a camisinha. O Asa está acostumado a ditar as regras, e acho que não gosta do fato de eu ser tão eficiente no quesito excitação quanto ele é comigo. Nunca tomei pílula na vida. Tive tão poucos parceiros sexuais, com um intervalo tão grande entre eles, que mesmo o sujeito que namorei não despertou meu interesse por sexo suficientemente para justificar o uso de pílula. Com ele não havia essa de empolgação do momento. Para ficar com o Asa, tomaria pílula sem problemas, não sem antes ter alguma garantia de que ele não vai transar com mais ninguém daqui para a frente, mas que acho que ele ainda não está preparado para ter essa conversa.

– Por que acordamos tão cedo? – perguntei.

O Asa estava lavando meu cabelo, com a cabeça obviamente a quilômetros de distância.

– Preciso conversar com o Rome sobre uns assuntos do trabalho. A gente anda tendo problemas com a filha do Brite.

Soltei um suspiro, e ele continuou massageando meu couro cabeludo.

– O Rome admira muito o Brite. Aposto que vai ser uma conversa difícil.

Ele foi para trás de mim, e fiquei sem ar quando nossa pele escorregadia roçou uma na outra. Ele respondeu, com um tom frustrado:

– É, não entendo por que ela é tão mimada. Quer dizer, eu era um pesadelo, mas não tinha pai e mãe que se preocupassem comigo nem ninguém para me dar uma mão e me tirar do fundo do poço. A Avett tem um namorado que é o maior vagabundo, que está

obviamente se acabando nas drogas e deve ter batido nela mais de uma vez, e tem um monte de gente querendo ajudá-la a sair dessa situação de merda, mas ela vira a cara para todo mundo.

O Asa passou aquelas mãos grandes na frente do meu corpo, e o xampu escorreu pelos meus ombros. Ele não estava ensaboando meu peito, mas apenas brincando com os meus seios e me deixando ofegante.

– Você acha que teria aceitado se alguém tivesse te oferecido ajuda quando você era mais novo?

Ele espalmou uma das mãos na minha barriga, e senti seus lábios beijando minha nuca delicadamente. Em seguida, esticou o braço para desligar o chuveiro.

– Acho que não. Nasci predestinado a ser um bosta – respondeu. Então passou a mão pelo cabelo molhado, saiu do *box*, pegou uma toalha e a passou para mim. – Meu pai estava na cadeia antes de eu nascer. Minha mãe nunca fez o Ensino Médio nem quis sair do *trailer* onde a gente vivia. Sempre fui pobre, caipira, e, em vez de ter vergonha disso, usava a pena que os outros sentiam por mim, a compaixão, para conseguir o que eu queria.

Observei atentamente o Asa enrolar uma toalha na cintura e se encostar no móvel minúsculo do banheiro. E ele me observou tirar o excesso de água do cabelo com a mesma atenção. Então cruzou os braços em cima do peito largo e continuou a falar:

– Quando entrei na escola e me dei conta de que as outras crianças levavam almoço ou tinham dinheiro para comprar coisas na cantina, e eu não, minha primeira reação foi ficar triste.

Nesse ponto, ele sacudiu a cabeça e apertou os lábios.

– Depois fiquei com raiva por todas aquelas crianças terem algo que eu não tinha e porque minha mãe não se prestava a me dar o que comer. Então encontrei uma menina da minha classe, quietinha, sem muitos amigos por ser tímida e meio esquisita, e passei o tempo todo tentando convencê-la de que eu era seu melhor amigo.

Os olhos do Asa, de dourados, ficaram cor de bronze, e vi ele voltar décadas em suas lembranças. Era óbvio que não se sentia bem, seus ombros tensos revelavam isso.

– Ela era uma menina legal, meio lerda, mas com um coração

gigante, e sua família tinha muito dinheiro. Ela passou a me levar almoço todos os dias até a quinta série.

Fiz um turbante com a toalha e tentei passar por ele, mas o Asa segurou meu pulso e me fez parar na sua frente. Ele queria que eu ouvisse aquela história e estava sempre tentando revelar as trevas que residem nele. Ele parecia não considerar o fato de eu já saber que ele havia cometido muitos erros e crimes e simplesmente não ter me preocupado com isso.

– Na quinta série, me dei conta de que outras meninas além dela me achavam bonitinho e que, se eu desse atenção para mais garotas, poderia conseguir outras coisas além do almoço. Para uma disse que ela era a mais linda da sala, e ela fazia meu dever de casa. Falei que seria o namorado de outra para ganhar roupas. E dei uns beijinhos em uma terceira para ela me levar para comer fora, e nem eram restaurantes chiques, porque esse tipo de coisa não existe na cidade de Woodward, no Kentucky. Teve outra menina, horrível, metida e cruel, que tratava mal todo mundo que cruzasse seu caminho, só porque na sua casa tinha piscina; resolvi começar a acompanhá-la depois da aula, para ela me convidar para nadar. Eu odiava essa garota, mas fazia isso todos os dias só porque ela tinha algo que eu queria. E fiz tudo isso depois de dar o fora, de um jeito frio e insensível, na primeira menina que havia sido legal e boa comigo por *anos*. Simplesmente dei um pé na bunda dela sem a menor cerimônia e não liguei quando os colegas da escola começaram a pegar no pé dela, mesmo depois de essa garota ter se preocupado em não me deixar passar fome. Não havia sequer chegado à adolescência e já era esse tipo de pessoa.

Me soltei da mão do Asa e saí do banheiro para vestir a roupa que tinha na minha bolsa. Vesti uma calça jeans *skinny* e uma regata com um suéter bem fofo por cima, caído no ombro. Tirei a toalha e sacudi meu cabelo embaraçado enquanto procurava a escova. O Asa saiu do banheiro com cara feia. Levantei a sobancelha e comecei a dar um jeito no meu cabelo.

– Que foi? – perguntei.

Fiz questão de falar baixo porque percebi que ele esperava de mim uma tormenta de nojo e condenação, e não sabia o que fazer

com a minha indiferença.

– Isso é tudo o que você tem a dizer sobre o que eu acabei de te contar?

O Asa jogou a toalha no chão com movimentos bruscos e foi pelado até o armário. Ele é realmente perfeito. Cada linha esbelta das suas costas, cada músculo torneado da sua bunda, seus ombros largos e sarados... Não tem um pingão de imperfeição em seu corpo. Há um contraste interessante entre sua casca tão belamente cinzelada e seu interior tão cheio de feiúra e autodesprezo.

– O que você quer que eu diga? Que é um bosta? Que é um babaca e mereceu o que acabou acontecendo? Quer que eu te diga que agiu como um babaca não só com a primeira menina, mas até com a malvada, porque também a usou? Você sabe disso muito bem, Asa. Podia até não saber naquela época ou, se sabia, não ligava, mas agora sabe. E não faz o menor sentido eu te dizer algo que você já sabe.

Terminei de desembaraçar meus cabelos, fiz um rabo de cavalo baixo e fiquei remexendo na bolsa à procura da minha *nécessaire* de maquiagem e completei:

– Para começo de conversa, alguém deveria ter cuidado daquele menininho. Aí ele não teria precisado ter esse tipo de comportamento.

O Asa vestiu uma camiseta preta desbotada e se jogou em cima da cama para calçar as botas.

– Ninguém me obrigou a fazer essas coisas, ninguém me ensinou. Descobri tudo isso sozinho e, quando virei adolescente, já tinha aprendido todos os truques sujos possíveis e imagináveis.

Soltei um suspiro e passei uma camada de *gloss* nos lábios. Cruzei os braços e retribuí seu olhar de predador.

– Você quer me confessar todos os pecados que já cometeu? Acha que vou sair correndo de medo ou que isso vai te absolver? Pode acreditar: nenhuma dessas duas coisas vai acontecer – falei.

Então, eu franzi a testa e impus a voz para o Asa entender que eu estava falando muito sério.

– Nunca vou te odiar como você se odeia, Asa.

Ele ficou de pé e veio andando na minha direção. Quanto mais se

aproximava, mais parecia um gato do mato prestes a atacar a presa. Parou quando quase encostou em mim. Eu me recusei a me mexer ou a olhar para o outro lado.

– Você não tem ideia do que está falando, Ruiva.

Estiquei o braço e pus a mão sobre seu coração sobressaltado. O Asa estava chateado, mas, como sempre, estava mais chateado consigo mesmo do que comigo.

– Tenho, sim. Porque está sendo bem difícil gostar de mim mesma desde que o Dom foi ferido. Sei exatamente como é isso. Por que acha que corri tanto atrás de você? Precisava de alguém que não viesse me dizer que foi apenas um acidente e que a culpa não era minha. Precisava de alguém com quem eu pudesse me sentir mal, e você também precisa disso. Nem sempre fazemos a coisa certa ou tomamos as decisões mais acertadas e, por algum motivo, é a única pessoa com quem me sinto segura para lidar com esse fato. Você não me julga, não tenta fazer com que eu me sinta melhor. Apenas me deixa me sentir mal ao mesmo tempo em que me faz me sentir muito bem... Quero fazer isso por você também.

Seus olhos de cor exótica brilharam, reconhecendo que minhas palavras continham verdades. O Asa murmurou alguma coisa que não consegui entender, inclinou a cabeça levemente para o lado e disse:

– Sou o oposto de segurança. Trepei contigo sem camisinha hoje de manhã porque você me deixa burro de tanto tesão, e isso não é exatamente ter o nosso bem em mente.

Segurei sua camiseta e o puxei para baixo para ficarmos quase olho no olho. Gosto que ele viva tentando me alertar sobre como esse lance volátil que rola entre a gente pode dar errado, mas em algum momento ele vai ter que criar coragem, se jogar no que está acontecendo e parar de esperar que o mundo à nossa volta imploda.

– Nós dois estávamos na cama hoje de manhã, e sou tão responsável quanto você pelo que aconteceu. Tenho como me proteger e estou mais do que disposta a fazer isso se estiver disposto a ser sincero comigo e dizer que o nosso lance é importante e interessante a ponto de nos darmos uma chance. Se sua resposta for “não”, por mim tudo bem, mas não vou voltar, e a gente vai ter

que se contentar em sentir os hormônios e o desejo em fúria.

O Asa segurou minha mão e acariciou a veia do meu pulso, que batia descompassadamente. Imaginei se algum dia as coisas com ele serão mais fáceis.

– Não vou levar mais ninguém para a minha cama enquanto você estiver nela, Royal.

Essa resposta é o mais perto de uma declaração de que ele sente a mesma coisa que eu sinto que conseguirei. Fiquei na ponta dos pés e dei um selinho nele.

– Que bom. Agora deixa eu te levar até o Bar para você conversar com o Rome. A gente toma café em algum lugar depois? Estou morrendo de fome.

Era algo tão simples, tão de caszinho, mas era exatamente disso que eu estava precisando. Morria de vontade de fazer isso com o Asa.

Ele passou a mão no meu rabo de cavalo ainda úmido, me deu um tapinha de leve na bunda e respondeu:

– Parece ótimo.

Por que as coisas entre a gente não podem ser sempre simples e claras assim?

TOCAVA UM *blues-rock* DO GEORGE THOROGOOD na *jukebox* quando o Asa e eu entramos no Bar. Era cedo, as portas ainda estavam fechadas para os clientes, mas a Cora estava sentada no balcão, conversando com um homem que eu não conhecia. O Asa me deixou ao lado dela e me apresentou para o Danny, o novo *barman*, e depois sumiu lá para os fundos, onde fica o escritório do Rome. Cumprimentei a Cora e passei uns cinco minutos tentando entender o que havia de diferente nela desde a última vez em que a tinha visto.

Seu cabelo loiro ainda estava curto, com um penteado meticulosamente bagunçado, e seus olhos um de cada cor continuavam claros e com um brilho malicioso. A Cora balançava as pernas para a frente e para trás e observava a minha análise com uma expressão divertida. Ela usava uma calça preta justa e uma blusa soltinha com estampa floral, colorida e alegre como sempre,

mas, quando se virou e me olhou, arregalei os olhos ao notar que certa parte do seu corpo havia crescido de forma desproporcional ao seu corpo miúdo.

– Você pôs peito? – perguntei, e, na hora, me dei conta de que tinha sido grossa e ia pedir desculpas, mas a Cora riu tanto que ficou com os olhos cheios de lágrimas.

– Não pus, não, mas acho que um dos motivos pelos quais o Rome gosta de me engravidar é esse efeito colateral específico.

Fiquei de queixo caído por um instante.

– Você está grávida? Uau! Parabéns.

Olhei a Cora de cima a baixo. Seu corpo é bem miúdo e, com exceção do que estava acontecendo em seu peito, ela ainda parecia uma fadinha.

– Eu não sabia – completei.

A Cora balançou a cabeça e disse:

– Estávamos mantendo segredo. Queria que a Shaw e o bebê dela recebessem a mesma atenção que recebi quando a Remy veio ao mundo, mas vamos fazer um ultrassom hoje para ver se a RJ vai ganhar uma irmã ou um irmão. Então, não vai dar para guardar segredo por muito tempo.

Dei um abraço nela e falei:

– Não acredito que não percebi. Vou ser uma péssima detetive.

A Cora riu de novo e deu um tapinha no meu joelho.

– Você não passa tanto tempo assim comigo para notar todas as pistas sutis. Aliás, essa é uma coisa que você deveria mudar – comentou. Então me olhou, inclinou a cabeça para o lado e continuou: – Você sabe que a Ayden e o Jet vêm passar as férias de primavera em Denver, daqui a algumas semanas. Deveríamos nos juntar e sair uma noite, só as meninas, como a gente costumava fazer antes de eles se mudarem. Aposto que a Shaw está precisando passar uma noite longe do bebê... e do Rule.

A Cora sorriu, porque, sem querer, me encolhi toda só de pensar em passar a noite com a irmã do Asa. Já tinha saído com elas, mas, desde que a Ayden se mudou e os bebês começaram a aparecer, as meninas quase não têm saído. Agora, costumo ir tomar um café com a Saint pela manhã ou saio para beber quando a Salem me convida.

Faz tanto tempo que a gente não se encontra que nem sei se a última vez foi antes ou depois de eu prender o Asa.

– Ähnnnn...

A Cora revirou os olhos.

– Se você e o Asa resolverem virar um casal, você entende que a Ayden vem no pacote, não é?

– Queria muito que outra pessoa tivesse atendido àquele chamado. Odiei ter que prender o Asa, já que ele estava todo machucado e era inocente. Se eu fosse irmã dele, também não ia gostar muito de mim.

Ela não teve chance de falar mais nada, porque os dois rapazes voltaram lá dos fundos com uma cara sombria e triste. O Rome estava com uma bela careta, e o Asa tinha os lábios bem apertados.

A Cora girou na banquetta e foi até seu namorado gigante. Passou as mãos pela sua cintura, e ele automaticamente retribuiu o abraço e se abaixou para lhe dar um beijo no alto da cabeça. O jeito que esses dois se complementam é tão simples, sem requerer nenhum esforço, que de repente senti uma bola de emoção fechar a minha garganta.

– Não foi bom? – perguntou a Cora, baixinho.

O Asa que respondeu. Ele se encostou no canto do balcão, sacudiu a cabeça e repetiu:

– Não foi bom.

Ele parecia frustrado e decepcionado. Minha vontade era abraçá-lo, fazê-lo se sentir melhor, como a Cora estava fazendo com o Rome, mas estamos longe de ter essa intimidade. O Asa olhou para mim, depois para o seu chefe e, em seguida, para mim de novo.

– O grandão aí não quer prestar queixa, mas teremos que demitir a Avett e conversar com o Brite e a Darcy.

A Cora fez um ruído demonstrando sua empatia e falou:

– Isso vai partir o coração do Brite.

O Asa se afastou do balcão e veio até mim. Me levantei da banquetta, e ele passou o braço no meu ombro e me puxou para perto do seu corpo. Fiquei arrepiada dos pés à cabeça e passei o braço na sua cintura esbelta. Queria poder pegá-lo no colo. Só não sei se tenho força para isso.

– Ele não vai destir dela. Ama demais a menina.

A voz do Asa tinha um leve tom de culpa e penitência, e fiquei me perguntando se ele falava da funcionária do Bar ou de si mesmo.

O Rome soltou um grunhido e apertou a Cora tão forte que ela soltou um gritinho.

– A gente precisa ir. Quero ver meu novo bebê.

Acompanhamos os dois até lá fora. A Cora olhou para trás antes de o Rome a colocar dentro da sua picape gigante e falou:

– Você não vai escapar de sair comigo e com as meninas, Royal. Me aguarde.

Soltei um gemido e encolhi os ombros para dizer que “sim”.

O Asa me deu um olhar inquisidor e fomos andando até uma lanchonete a poucas quadras do Bar. Depois de sentarmos e recebermos nossas canecas de café fumegante, quis perguntar o que exatamente estava acontecendo com a funcionária, mas ele me pegou e perguntou por que eu tinha feito aquela cara de desânimo quando a Cora falou de sair com as meninas.

Pus um monte de açúcar no meu café e fiquei olhando para baixo enquanto pensava em como responder à essa pergunta.

– Nunca tive muitos amigos, só o Dom. Gosto de todas as meninas e morro de amor pela Saint, mas não estou acostumada a fazer esse tipo de programa e, para ser sincera, continuo com muito medo de levar uma surra da sua irmã.

O Asa me lançou um olhar irritado, indicando que achava meus temores relacionados à Ayden ridículos. Então pegou sua caneca de café. Seus olhos dourados brilharam por cima da caneca, e ele perguntou:

– Só o Dom, né? Por acaso houve alguma coisa entre vocês dois que dê motivos para o policial ficar puto e pegar no meu pé quando descobrir por onde você tem andado nas suas noites de insônia?

Pisquei por alguns segundos. Aquela pergunta era tão ridícula que levei um tempo para entender.

– NÃO! Por Deus, não. O Dom foi meu melhor amigo a vida toda e agora é meu parceiro. Nunca rolou nenhum romance entre nós, e ele não tem direito de se intrometer nas minhas escolhas de homem, assim como não tenho direito de interferir na vida pessoal

dele. A gente se ama, mas não estamos apaixonados um pelo outro. Nem nunca estivemos.

O Asa me encarou sem nem piscar por um bom tempo, depois pôs a caneca na mesa e se inclinou para a frente com um sorriso malicioso nos lábios.

– Como é possível? Como é que ele consegue passar horas e horas ao seu lado, preso todos os dias dentro de uma viatura com você, e não tentar tirar uma casquinha? Isso não faz sentido.

Fiquei vermelha com o olhar inquisidor e dei a resposta que sempre dou quando alguém me pergunta como eu e o Dom conseguimos ter um relacionamento estritamente platônico por tantos anos.

– Não faço o tipo do Dom, e o conheço bem demais para saber que jamais daria certo.

O Asa se encostou no sofá, e pela sua expressão estava tentando encaixar as peças do quebra-cabeça. Ele é mesmo tão inteligente quanto bonito.

— Como assim, não faz o tipo dele?

Encolhi os ombros e respondi:

– Não faço mesmo, nadinha.

– Sei.

Ele parecia desconcertado, e acho que também ouvi, talvez por esperança minha, um certo tom de alívio em sua voz.

Imitei a pose dele e perguntei:

– Entende mesmo?

– Ruiva, só existem duas razões possíveis para um homem achar que você “não faz o tipo dele”. E não é preciso ser gênio para saber qual é a primeira.

Soltei um suspiro de alívio e não falei nada. A garçonete trouxe nossa comida e a deixou sobre a mesa.

Havia feito essa pergunta a mim mesma muitas vezes ao longo dos anos, especialmente depois que eu e o Dom viramos adultos e entramos para a polícia. No Ensino Médio, até fomos eleitos rei e rainha do baile de formatura, apesar de não namorarmos na época e de nunca termos namorado. Claro, talvez em uma outra vida, em que o Dominic gostasse de mulheres e não de homens, poderíamos

ter nos apaixonado e sido felizes para sempre, mas, sendo as coisas como são, tenho absoluta certeza de que NÃO faço o tipo do Dom e que a gente vai ser o melhor amigo um do outro pelo resto da vida. Sou grata por tê-lo na minha vida, seja qual for o modo. Nunca me achei no direito de perguntar ao Dom por que nunca rolou nada entre nós, por isso fiquei feliz quando o Asa leu nas entrelinhas e esqueceu o assunto.

Ele ficou me observando, com uma expressão entretida, enquanto eu enfiava meu café da manhã na boca sem a menor fineza. Não liguei. Eu estava com fome, e ele já tinha me levado para a cama. Então me fingir de dama, de bem educada, não fazia mais sentido. Depois de ter limpado meu prato e comido o que havia sobrado no dele, me encostei no sofá, soltei um suspiro de satisfação e pus as mãos em cima da minha barriga cheia. Ele ainda me observava, e seus olhos brilhavam como se algo no fundo de sua alma tivesse se acendido.

– Você é tão fofa – falou, todo feliz.

Enruguei o nariz e respondi:

– Isso não me parece um elogio.

A garçonzete perguntou se a gente queria mais alguma coisa, e eu disse que “não”, apesar de estar bem a fim de um *milk-shake* de chocolate. O Asa pediu a conta e pegou o celular para conferir se havia chegado alguma mensagem, então falou, com toda a sinceridade e honestidade, mesmo que não tenha olhado nos meus olhos:

– Mas é. Você me surpreende. A sua aparência nem sempre casa com as suas atitudes... Nunca sei o que esperar.

Joguei meu rabo de cavalo para trás do ombro e saí do sofazinho. O Asa jogou algumas notas de dinheiro na mesa e foi atrás de mim. Ele pegou na minha mão, e me derreti toda. Parecia uma coisa bastante normal de um homem fazer com a mulher de quem gosta e ao mesmo tempo algo que ia contra todas as suas atitudes a meu respeito até então.

– Ouço isso o tempo todo, sabia? Como se a minha aparência tivesse alguma coisa a ver com *qualquer* coisa.

O Asa passou o dedão no meu pulso, e minha pulsação acelerou

em reação àquela carícia tão banal.

– Minha mãe é muito linda, e a sua beleza só lhe trouxe problemas – completei.

– Se ela for parecida com você, posso entender.

Quando a gente chegou na calçada, falei, em tom de deboche:

– Todo mundo achava que ela era minha irmã ou minha amiga quando cresci. Os meninos do colégio davam em cima da minha mãe o tempo todo. Eu ficava para morrer, e ela só dava risada. Minha mãe sabia como lidar com esse tipo de atenção, e também soube como me deixar seguir meu próprio rumo quando ficou claro que eu não seguiria seus passos glamourosos.

Ele me observava como se eu estivesse entregando minha alma em cada palavra que saía da minha boca. Vai ver, estava mesmo. Às vezes é fácil esquecer os maravilhosos atributos da minha mãe e me perder na sua busca incessante pelo príncipe encantado.

– Como assim?

Sorri porque me lembrei da minha mãe aparecendo nos jogos de futebol do colégio de salto 15, toda maquiada e arrumada. Encolhi os ombros e respondi:

– Ela me deixou ser quem eu gostaria de ser e nunca me questionou. Quando contei que queria entrar na Academia de Polícia com o Dom, ela não fez nem um comentário. Ficou preocupada com a minha segurança, mas nunca questionou se eu tinha ou não capacidade para isso. Ela falou para eu ir em frente, ser a melhor policial que eu pudesse ser e continuar linda e maravilhosa. A minha mãe sempre apoiou todas as minhas iniciativas e, como sempre só tive ela, sua aprovação era muito importante para mim. Ainda é.

– Eu gosto da sua aparência – disse o Asa, como se isso fosse uma obviedade, e talvez até seja, mas ouvir isso dele me fez tremer por dentro.

Eu tive a sensação de que pedacinhos minúsculos do meu coração iam sair pela boca e parar nas suas mãos muito perigosas.

– Mas também gosto das coisas que você faz, das suas atitudes, das coisas que diz e, mais ainda, do você é. Você poderia ter o cabelo que nem um ninho de rato, ser toda cheia de acne e estrábica que continuaria sendo linda, só por ser você. Sua mãe

sempre soube disso, e é por isso que te deu toda a liberdade.

Tive que parar, apesar de estarmos no meio da rua. Queria olhar o Asa para ver se estava mesmo falando sério. Ele é muito bom com as palavras, tem um jeito de dizer as coisas que sabe que quero ouvir, que qualquer mulher quer ouvir, caramba. No entanto, vi estampado em seu lindo rostinho que ele estava sendo sincero. Precisei limpar a garganta para conseguir responder.

– Acho que é a coisa mais legal que já ouvi, Asa. Especialmente porque, nesses últimos tempos, não ando gostando muito de mim mesma.

Ele sacudiu os ombros, como se aquilo não fosse nada demais, como se não tivesse acabado de me dar um ótimo motivo para mandar o bom senso para o espaço e me apaixonar completamente por ele. O Asa sempre sabe escolher as palavras perfeitas. Não à toa ele tinha sido um golpista tão bom. Palavras lindas saídas daquele rostinho lindo dão vontade de acreditar que é tudo verdade.

– É verdade – disse, com a voz meio rouca.

Ele ficou se mexendo um tempo no mesmo lugar, e depois voltamos ao Bar. Paramos na frente do meu carro. Inclinei a cabeça para trás, olhei em seus olhos e disse:

– Também gosto de quem é, por mais que você não goste.

– Não tem muita coisa para gostar em mim, Royal. Vivo te dizendo isso, mas você não me escuta.

– Você está enganado.

Tenho certeza de que está. O Asa se abaixou e beijou minha boca delicadamente. Estava com gosto de calda de panqueca e café. Quando beijo o Asa, há tantas coisas que eu gosto nele que tenho a impressão de poder me afogar nelas. Quando seus lábios tocam os meus, essa é a única coisa que parece verdadeira e certa na minha vida instável. Tinha vontade de dizer que vê-lo se torturar por coisas que ele não pode mudar me fez pensar em mim mesma sob outra perspectiva, e eu estava precisando desesperadamente disso. Mas sabia que a gente ainda não tinha chegado a esse ponto. Segurei seu rosto barbado e fiquei na ponta dos pés para conseguir colar meus lábios em seu ouvido.

– Mas, se quiser – sussurrei –, podemos voltar um pouquinho

para o seu apartamento, e eu te mostro o que *mais* gosto em você.

Como meu corpo estava espichado contra o dele, não tive como não perceber a reação do seu pau às minhas palavras, mesmo por baixo da sua calça jeans. Se eu quiser que esse lance que rola entre a gente desabroche e vire algo firme e duradouro, precisarei fazer o Asa enxergar que, apesar de ele ter vários defeitos e partes feias por dentro, tem salvação e é lindo. Ele pode até ter sido um criminoso, mas agora sou eu quem quer roubar algo dele e guardar comigo para sempre... O Asa vai brigar muito quando se der conta de que estou atrás do seu coração, afinal de contas, capturar tipos malvados faz parte do meu trabalho... só que não planejo soltar esse malvado específico de jeito nenhum.

## *Asa*

—A LATARIA NÃO É GRANDE COISA, e o interior está meio detonado, mas o motor está cem por cento. Com um pouco de amor e cuidado, pode ficar uma belezinha.

Pus a cabeça para fora do vidro daquele carro de 1971 que eu estava pensando em comprar e olhei para o Machina. Não conheço ele muito bem, mas o Nash me garantiu que ele é legal e que não me passaria para trás. Além disso, o Rome estava comigo e, mesmo com uma menina pequena e loira gritando e correndo à sua volta, meu chefe não tem jeito de quem pode ser passado para trás, ainda mais que ele está pensando em investir uma bela quantia nessa oficina muito em breve. O Rome estava com os olhos fixos na filha, para garantir que ela não pegasse nada daquele chão cheio de graxa e pusesse na boca, e mandando mensagens pelo celular. Não prestava muita atenção nem em mim nem no mecânico.

— Eu gosto. É um clássico.

Mesmo com a lataria toda enferrujada e o interior todo detonado.

O Machina balançou a cabeça e se apoiou no para-lama. Ele é um pouco mais baixo do que eu, tem um cabelo acaju meio desgrenhado e uma tatuagem irada na lateral do pescoço. Não fala muito, mas é óbvio que adora os carros da sua oficina e não deixaria qualquer um dar palpite em seu estoque.

— Eu ia guardar este para um projeto de restauração, mas acabei de receber uma joia que vai me dar bastante trabalho. Prefiro abrir mão deste e investir todo o meu dinheiro no outro.

Balancei a cabeça, como se estivesse entendendo tudo, e pensei em seu dilema. Gosto de carros bacanas como qualquer homem, mas só preciso de uma lata velha que funcione e me leve de um lado para o outro. Já tive uma opinião bem diferente sobre esse assunto. Antes de entrar em coma, só me importava com ostentar,

com o preço do possante e com o que os outros iam pensar de mim se eu andasse por aí em um carro que custa mais do que certas casas.

– Quanto você quer por ele?

O motor estava em bom estado, mas não havia sido restaurado nem turbinado, então tive esperanças de que o Machina fizesse um preço razoável. Antes que ele pudesse responder, fui atingindo na canela por um corpinho risonho que me observava com imensos olhos azuis. A RJ levantou os bracinhos gorduchos e ficou me olhando até eu pegá-la no colo. Depois começou a rir e a cutucar meu nariz. Essa menina é uma mistura perfeita do Rome e da Cora. Agora que está andando e falando, dá um trabalho e tanto.

O Machina sorriu e falou:

– Cinco mil.

Era mais do que eu queria gastar. Eu tinha o dinheiro, porque quase não tenho despesas, mas comprar o carro significaria menos grana para quitar minhas dívidas médicas. A RJ deu outra risada e bateu na minha bochecha com aquelas mãozinhas minúsculas. Estava cantando alguma música infantil, e não consegui controlar o sorriso.

– É o melhor preço que você pode fazer? – perguntei.

O dono da oficina olhou para mim e para a bebê. Um leve sorriso se esboçou em seus lábios, ele abaixou o queixo e respondeu:

– Normalmente não faço desconto, mas já que você é amigo do Nash e da galera do Marcados, e é obvio que a RJ te acha um bom sujeito, vou baixar para quatro e duzentos.

A RJ é nova demais para saber com quem anda, mas eu é que não ia dizer isso para o Machina. Passei a menina para meu outro braço para apertarmos a mão e fechar o negócio. Então olhei para o Rome que, de repente, havia aparecido bem do meu lado. A menina estendeu os braços imediatamente e começou a falar “pa-pai, pa-pai”, e o meu chefe grandão a tirou do meu colo.

– Vocês fecharam negócio? – perguntou.

Eu e o Machina balançamos a cabeça. O Rome grunhiu para demonstrar sua aprovação, se virou para mim e falou:

– Preciso parar em um lugar antes de voltar ao Bar. Tudo bem?

Não tive como discutir. Eu não sabia se ia ou não comprar um carro naquele dia, então não tinha como levar minha nova aquisição para casa naquele momento e precisava de uma carona até o centro. O Machina e eu trocamos nossos contatos. Falei que ligaria em uns dois dias. Queria muito estar com um possante antes de a Ayden chegar na semana seguinte para passar as férias.

Entrei na picape gigante do Rome enquanto ele fechava o cinto da RJ e perguntei aonde estávamos indo. Meu chefe anda mais sério e calado do que o normal desde que assistiu às imagens da Avett tirando dinheiro da caixa registradora que fica atrás do balcão. Não sei o que ela disse para o novo *barman* achar que não tinha problema, mas era uma prova irrefutável de que ela havia roubado a grana que ficou faltando naquela noite, bem debaixo do nosso nariz. O Rome teve uma longa conversa com o Brite sobre essa situação, mas a Avett não apareceu mais no Bar. A gente se livrou do incômodo de ter que demiti-la. De acordo com o Rome, o Brite era super a favor de ele prestar queixa contra a filha, mas meu chefe não teve coragem de fazer isso.

– Para onde estamos indo? – perguntei.

Me pareceu uma pergunta pertinente, já que o Rome estava olhando direto para a frente, com cara feia e sem falar muita coisa. Ele havia saído do trânsito do centro e seguido em direção a Capitol Hill.

– A gente precisa dar uma passadinha na casa do Rule – respondeu, me olhando de soslaio com um sorriso. – A Shaw deixou ele sozinho com o bebê e foi para a faculdade verificar quando poderá voltar às aulas, e meu irmão está surtando.

Depois dessa, tive que dar risada.

– Sério?

O Rome também riu.

– Sério. É a primeira vez que ele fica sozinho com o bebê, e diz que o Ry não para de chorar. Ele não quis ligar para a Shaw e deixá-la preocupada, então ligou para mim.

– O irmão mais velho salvador.

Eu podia até estar tirando um sarrinho do Rome, mas admiro ele de verdade. Em outra vida, eu teria sido um homem melhor e teria

salvado minha irmã, e não o contrário. Não me arrependo de muita coisa, apenas aceito o fato de eu ter nascido para ser um fracassado e um bosta, mas essa é uma verdade que faz meu estômago queimar toda vez que penso nela. É algo que eu mudaria se tivesse a oportunidade de fazer tudo de novo.

– O Rule não está muito acostumado a pedir ajuda. Quando pede, sei que é porque precisa mesmo.

– Ele tem muita sorte de saber que pode contar com você.

Até eu percebi o que o tom da minha voz denunciava. Por trás do meu sotaque arrastado e suave, estava o arrependimento que sinto até os ossos pelas coisas que obriguei a Ayden a fazer, pelo modo como permiti que nós dois sofrêssemos e tivéssemos que nos sacrificar apenas para sobreviver.

O Rome me deu uma olhada e depois olhou pelo retrovisor, porque a Remy havia chamado pelo pai. Ao ouvir a filha falar no banco de trás, um sorriso involuntário se esboçou em seu rosto, sempre tão sério.

– Vai me dizer que, se a Ayden te ligasse neste exato momento e falasse que precisa de alguma coisa, você não iria mexer essa bunda e entrar em um avião para o Texas antes mesmo de desligar o telefone?

Me mexi sem jeito no banco e olhei para fora do vidro. Estávamos entrando em Capitol Hill, a região onde o Rule e a Shaw moram.

– Se fosse hoje, sim. Mas antes...

Minha voz falhou porque era quase impossível descrever em palavras como fui insensível e sem coração com a minha irmãzinha. Parecia que algo muito fundo na minha alma queimava, algo muito feio e sombrio.

– Antes, eu estava realmente convencido de que a Ayden podia tomar conta de si mesma sozinha. Mas eu sabia. Sabia que ela andava fazendo coisas perigosas, arriscando o próprio pescoço para me livrar de encrencas, fazendo coisas que não queria só porque o desejo que os outros sentiam por ela era maior do que seu desejo de me castigar. E eu permiti que tudo isso acontecesse porque era o melhor para mim.

Depois dessa, foi o Rome que se mexeu no banco todo sem jeito. A Ayden é uma jovem forte e brilhante, que sempre tem resposta para tudo e uma carapaça bem dura. O Rome a conhece muito bem, o suficiente para saber que sua armadura de ferro esconde um interior muito frágil e delicado. Ouvir, sem meias palavras, sobre algumas partes chocantes do passado dela deve ter sido desagradável para o grandão. Fico me sentindo um monstro toda vez que acordo e penso em como a minha irmã sofreu e se arriscou por minha causa.

– Isso são águas passadas. Hoje você abriria mão de qualquer coisa para vê-la feliz. Sei que ficou triste quando a Ayden foi morar no Texas com o Jet, mas ficou de boca fechada por querer que ela tenha uma vida boa, e a única maneira de isso acontecer é se ela ficar ao lado do marido. Se tivesse pedido para a Ayden ficar, ela teria ficado, por você, como sempre. O que fizer pela sua irmã daqui para a frente tem a mesma importância do que aquilo que você deixou de fazer no passado.

Não precisei responder, porque havíamos parado na frente da casa estilo século XIX que o Rule comprou para a Shaw há poucos anos e, assim que descemos do carro, ouvimos o choro de um bebê muito incomodado vindo lá de dentro. A RJ levantou as sobrancelhas, preocupada, e o Rome a tirou do carro e a segurou na altura de seu quadril.

– Vamos lá ver por que o seu primo está tão chateado.

A bebê balançou a cabeça, como se tivesse entendido o que o pai havia dito, e fui entrando atrás deles, já que o Rome não tinha se dado ao trabalho de bater na porta.

Na verdade, meu chefe foi obrigado a gritar o nome do irmão e, quando entramos na sala, tive que me segurar muito para não rir. A RJ tapou os ouvidos com as mãozinhas minúsculas e olhou para aquela pessoa tão pequena que estava fazendo um dos maiores barulhos que já ouvi na vida. O Rule estava com o bebê pelado no colo, andando de um lado para o outro. Seu cabelo, em geral todo espetado e radical, estava manchado de talco e de vômito de bebê. Me surpreendi ao ver que não havia nenhuma das cores do arco-íris que ele costuma usar, só um castanho escuro normal, bem parecido

com o do Rome.

Meu chefe olhou para o irmão, que tinha uma cara de desespero, com aqueles olhos azuis claros. Pôs a Remy no chão e pegou o bebê chorão no colo.

– Quando tempo faz que ele está berrando desse jeito?

O Rule enfiou as duas mãos no cabelo, em um gesto de clara frustração, e se abaixou para abraçar a sobrinha, que andava na sua direção. Ele começou a morder o *piercing* que tem no lábio inferior e vibrava de tão nervoso. A Remy bateu os dedinhos na cobra que o tio tem tatuada nas costas da mão e riu quando ele mexeu os dedos, fazendo a língua bipartida do réptil se movimentar. Pelo jeito, a menina nem reparou que ele estava absurdamente estressado.

– Mais de meia hora. Não sei qual é o problema. Troquei a fralda, tentei deitar o Ry no berço, para ele tirar uma soneca, tentei dar a mamadeira que a Shaw deixou pronta... Que merda, ela nunca mais vai me deixar ficar sozinho com o bebê.

O Rule se levantou e começou a andar para lá e para cá de novo. Só que, dessa vez, sem o menininho, que ficou no colo do Rome, sendo embalado. O Ry não estava nada feliz, e isso todo mundo podia ver.

Tive vontade de esperar do lado de fora da casa, mas achei que ia ser uma grosseria. Então fui para perto da lareira e me desviei da Remy, que tentou atacar meus joelhos. Em cima da lareira, havia uma porção de fotos: algumas do Rule com o Remy, seu irmão gêmeo que já faleceu; e outras tantas de todos os irmãos e do restante da gangue do estúdio de tatuagem. Fiquei feliz ao ver que a Ayden estava sorrindo e parecia bem feliz em todas as fotos nas quais aparecia. Também tinha fotos do casamento e do Rule e da Shaw com o bebê. Era uma vida inteira deixada ali, à mostra para quem quisesse ver.

– Você nunca teve um filho. Tem muita coisa para aprender, e a Shaw sabe disso. Você e o pequeno vão ficar bem assim que começarem a se entender – falei.

Entrar no modo *barman* conselheiro é automático para mim. Só percebi que tinha feito isso quando o Rule parou de andar de um lado para o outro e começou a me encarar.

Ouvi barulho de coisas batendo na cozinha e alguns palavrões ditos em alto e bom som. De repente, um silêncio maravilhoso tomou conta da casa. A RJ olhou para o tio, depois para mim, e bateu as mãozinhas. Em seguida, girou num pequeno círculo e falou para o Rule algo que me pareceu “tudo bem”.

O Rome saiu da cozinha com o bebê no colo. Ele balançava uma mamadeira e murmurava de um jeito grave e mal-humorado que não devia servir para acalmar ninguém, mas, pelo jeito, o bebê gostou.

– O buraco do bico da mamadeira era pequeno demais. O bebê estava com fome, mas não conseguia se alimentar. Ele será grande e forte como todos os homens da família Archer e precisa ser alimentado.

Meu chefe sorriu para o irmão e lhe devolveu o bebê. Por uma fração de segundo, o Rule fez cara de quem não o queria de volta, mas isso durou tão pouco, que devo ter sido o único a perceber. Conheço esse medo.

O Rule pegou o bebê pelado no colo e o apoiou na dobra do braço, com um suspiro.

– Eu sou um pai de merda.

O Rome cruzou os braços e olhou feio para o irmão.

– Não é, não. Você precisa pegar mais leve consigo mesmo. Não tem manual para criar os filhos. É na base da tentativa e do erro.

O bebê balbuciou para o pai, e posso jurar que o Ry estava tentando dizer que estava tudo bem. O Rule levantou uma das mãos tatuadas e fez carinho na penugem escura da cabeça do filho.

– Sinto que, se fizer merda, não vou ter uma segunda chance.

Ele estava bastante arrasado, evidenciando que aquele bebê e sua vida em família são muito importantes para ele.

A RJ estava batendo com o controle remoto da TV no chão. O Rome foi até lá, a pegou no colo e a levantou acima da própria cabeça. A menina riu, descontrolada.

– Se amamos alguém, perdoamos essa pessoa infinitas vezes quando ela faz merda. A Shaw fez isso por nós dois. Você teve que se entender com a mãe e o pai. Graças a Deus, a Cora nunca me largou, mesmo quando tinha todos os motivos para isso.

O Rome me olhou, e entendi o que ele estava querendo dizer, por mais que não tenha mencionado o nome da Ayden.

– Você vai fazer merda, Rule, e seu filho também. E irão perdoar um ao outro, continuar se amando e seguir em frente – completou.

O Ry bocejou e piscou, como se concordasse com o tio.

O Rule tirou a mamadeira vazia da boca do bebê e o segurou apoiado no ombro. Então bateu de leve em suas costas até ele regurgitar. O menino soltou um suspiro e fechou os olhos.

– Obrigado por passar aqui e não fazer com que eu me sentisse ainda pior do que já estava.

O Rome balançou a cabeça, a RJ acenou, e fomos até a porta. Eu fiquei para atrás, ainda hipnotizado com aquela linha do tempo de amor e felicidade disposta sobre a lareira. Acho que eu e a Ayden não temos nenhuma foto de infância. Para falar a verdade, a primeira vez que lembro de ter estado na frente de uma câmera, exceto pelas fotos da escola, foi quando tentei roubar um posto de gasolina aos 14 anos de idade. Em vez de chamar a polícia, o dono tirou uma foto minha e pôs na vitrine, embaixo de um cartaz escrito “NÃO ATENDEMOS”. Nunca tive retratos de momentos de alegria, o que fez as trevas que moram dentro de mim ficarem ainda maiores.

– Estou às ordens. Você sabe.

O Rule acariciava as costas do bebê e levantou a sobrancelha que tem um *piercing*.

– Aliás, parabéns pelo novo bebê... – disse, deixando a palavra “bundão” implícita por consideração às crianças.

O Rome abria a porta, mas parou o que estava fazendo e perguntou:

– A Cora te contou?

– Cara, eu trabalhei com ela da última vez que você a engravidou. Sei o que significam aquelas mudanças súbitas de humor e os peitos gigantes da noite para o dia. Eu sei há meses, só estava esperando um dos dois confessar.

A Remy olhou os dois irmãos Archer e arregalou os olhos azuis, tão parecidos com os do pai.

– Bebê? – perguntou.

Pelo menos foi isso que eu entendi de sua fala de criança

pequena. O Rome balançou a cabeça e grunhiu. O Rule e eu rimos.

– É, querida. Bebê.

A menina só riu e repetiu a palavra sem parar. Meu chefe sacudiu a cabeça, exasperado.

– Acabamos de descobrir que é menino. A Cora queria muito que vocês tivessem toda a atenção voltada ao Ry antes de contar.

O Rule nos acompanhou até o carro. O Ry dormia, todo feliz, encostado no peito do pai.

– Nossa turma tem animação pelas boas coisas da vida o bastante para lidar com o Ry e seu novo bebê. Você e a Cora deviam saber disso. Menino, hein? Pelo andar da carruagem, vamos acabar como o estoque de nomes que começam com “R”.

O Rome deu uma risadinha e comentou:

– Acho que, desta vez, vamos escolher um nome que comece com “C”, em homenagem à Peso Pena. Vamos ver.

Meu chefe deu a volta na picape para acomodar a Remy, e eu estava prestes a sentar no banco do passageiro quando o Rule me chamou baixinho.

Olhei para ele e fiquei surpreso com o olhar inquisidor e a expressão séria.

– Você dá ótimos conselhos para os outros, Caipira. Sabe o que dizer na hora certa. Quando vai começar a dar esses conselhos a si mesmo?

Enruguei a testa, porque não estava entendendo.

– Como assim? – perguntei.

– Soube que você finalmente deixou a Royal te pegar, mas, agora que mordeu a isca, está se debatendo como peixe fora da água.

Não gostei muito da comparação, apesar de bastante adequada. Passei a mão na nuca, olhei para o chão e respondi:

– Para ser justo, não corri tanto dela assim.

– Não importa. Pensa no que acabou de me dizer. Você nunca teve nada de bom na vida. É novidade. Então talvez deva se permitir aprender, como eu e o rapazinho aqui. Todos nós precisamos de um tempinho de vez em quando.

– A diferença é que você fez por merecer se dar um tempinho. Eu não mereço nada.

Sobretudo uma oportunidade de um relacionamento duradouro com uma gata ruiva que vira a minha cabeça e que, a cada vez que respiro, sinto precisar dela. Estou finalmente acordando mesmo do meu coma, mas não queria pensar nisso, então apenas balancei a cabeça para me despedir e entrei na picape.

A viagem até o Bar foi bem silenciosa. A RJ pegou no sono, e o Rome parecia perdido em seus próprios pensamentos. Meu chefe se ofereceu para passar na oficina do Machina, para eu pegar meu carro novo, mas falei que dava um jeito de ir até lá depois. Meu turno ia começar em menos de uma hora. Fiquei lá pelo Bar e pedi para a Darcy alguma coisa para comer enquanto esperava.

Ela estava cabisbaixa e tem estado assim desde que a Avett sumiu. Sei que está preocupada com a filha e não sabe o que fazer para ajudá-la. Além disso, agora estamos com um cozinheiro a menos, e não consegui ninguém para substituí-la. Como a Darcy não pode trabalhar de dia e de noite, o Brite chamou um ex-companheiro da Marinha para tapar o buraco até o Rome e eu conseguirmos uma solução mais permanente. Me surpreendi com meu próprio grau de preocupação com a ameaça do cabelo rosa. Sei que a Avett não estava roubando dinheiro e cerveja para si mesma. Sei que ela não está inventando desculpas para livrar seu namorado abusivo porque é burra. Existe algo mais complicado rolando. O tipo de complicação que conheço muito bem, e odeio o fato de a menina ter se enfiado nessa lama. Ninguém devia ter esse tipo de experiência, mesmo que seja jovem e bobo como a Avett.

O começo do meu turno foi bem devagar, mas depois bombou com a chegada de uma turma de garotas em uma despedida de solteira. A Dixie ficou frustrada ao ver que as garotas só queriam dar em cima de mim e paquerar o Church, ou seja, ela ficou quase o tempo todo atrás do balcão, enquanto eu atendia a turma. As meninas estavam bem bêbadas e deram um bom trabalho, mas eu tinha certeza de que ia acabar ganhando uma bela gorjeta. Por isso não me importei de caprichar no sotaque e fiz questão de sorrir para cada uma delas.

Em algum momento da noite, aquela mulher mais velha que virou frequentadora do Bar apareceu e, ao perceber que eu não

estava preso atrás do balcão, sentou em uma mesa. Ela me olhava como se eu fosse um filé e ela estivesse morrendo de vontade de comer carne vermelha. A Dixie acenou para mim de um jeito debochado lá de trás do balcão, e eu fui desfilando até minha admiradora e perguntei o que ela queria beber. A coroa sorriu e, mais uma vez, me surpreendi com minha facilidade para voltar aos velhos hábitos. Faz tanto tempo que eu não levo uma vida fácil que não sei mais reconhecer uma oportunidade de ouro.

– Você nunca me chama de Roslyn – disse.

A coroa já me falou seu nome várias vezes desde que deu o fora no garotão, mas continuo usando o termo “senhora”, porque não quero ser mal interpretado. Encostei o quadril na cadeira que estava à sua frente e a olhei fixamente.

– Não. Com certeza não.

A mulher bateu os cílios e começou a mexer no colar chique e obviamente caro que tinha no seu pescoço.

– Mas deveria. Eu adoraria ser sua amiga.

Inclinei a cabeça para trás e dei risada. Se a testa da mulher não fosse quimicamente paralisada com Botox, aposto que ela a teria franzido nesse momento, mas ela apenas espremeu os lábios.

– Você não quer ser minha amiga, Roslyn. Você quer outra coisa que, já te disse, não está no cardápio. Não estou interessado.

Por motivos que vão além da Royal, não vou deixar sequer uma fresta desta porta aberta, de jeito nenhum. A vida fácil é viciante, e eu larguei esse vício a seco. Não vou voltar.

A mulher esticou o braço e segurou minha mão no momento em que eu ia me afastar da mesa, porque uma das meninas da despedida de solteira estava tirando a roupa. O olhar do Church se cruzou com o meu. Ele sacudiu a cabeça e foi até a confusão. Olhei para a mulher e sua tentativa desesperada de segurar minha mão. Pelo que me lembrava, a vida fácil não era tão sufocante. Algo estava errado. Aquela coroa exalava um alto nível de tensão e desejo que me pareceu tóxico e perigoso. Parecia que estava realizando aquela tentativa não porque quisesse, mas porque *precisasse*. Não gostei daquilo nem do incômodo que seu gesto me fez sentir.

– Qualquer coisa entra no cardápio pelo preço certo. Você quer ser *barman* pelo resto da vida, Asa? Será que a sua vida não pode ser mais do que isso? Não quer mais nada?

Já quis. Quis muitas coisas. Já quis ter tudo na vida, e isso quase me matou e quase destruiu a minha família. Agora só quero o pouco que posso conseguir honestamente e uma pausa para aquela perfeição que me cega chamada Royal Hastings. É mais do que suficiente.

– Não. Querer mais é uma armadilha da qual não se pode escapar, porque nunca é o suficiente. Não sei se está sugerindo o que estou pensando, mas tenho que te dizer que não me agrada o fato de você achar que sou desses.

A mulher soltou meu pulso, foi para trás com a cadeira e se levantou com um movimento elegante. Ficou me olhando, pensativa, por um tempo e pegou sua bolsa.

– Gosto de coisas bonitas. Os homens são complicados, uma dor de cabeça que eu não quero ter. Minha época de namorar acabou faz tempo, mas eu ainda gosto de me divertir e de ser bem tratada. Aprendi que um jeito certo de conseguir isso é oferecer o que a maioria dos homens quer: muito sexo e muito dinheiro. Gosto de cuidar das pessoas que cuidam de mim. Você é lindo, Asa. Eu recompensaria muito bem qualquer tempinho que pudesse passar comigo.

Tenho certeza que sim e odiei o zumbido de ganância nos meus ouvidos, dizendo para eu aceitar aquela proposta desesperada e indecente.

– Não faço sexo por dinheiro e não me aproveito de mulheres solitárias, por mais lindas que sejam.

Pelo menos não faço mais nada disso. Ela havia chegado uns dois anos e um coma atrasada.

– Não estou procurando uma mulher que me sustente, Roslyn. E, para ser bem sincero, você precisa ter mais cuidado com quem convida para te fazer companhia.

Ela apertou os lábios e passou por mim com o ar arrogante de pessoa ofendida, como se eu é que estivesse errado.

– Não volto mais aqui – disse.

Balancei a cabeça e respondi:

– Me parece uma boa ideia.

A mulher me olhou de cima a baixo uma última vez e disparou:

– Que desperdício.

E foi embora. A observei sair um pouco incomodado, e o Church se aproximou de mim. Ele levantou a sobrancelha e me olhou com ar de quem estava refletindo. Queria muito poder ler os pensamentos dele.

– Está tudo bem? – perguntou.

O Church veio lá do fundão do Mississippi, e seu sotaque é bem mais pronunciado do que o meu. Ele fala de um jeito tão arrastado e com uma voz tão grave que parece o inconfundível Johnny Cash. Com essa voz e o cabelo loiro que contrasta com sua pele morena, não é nenhuma surpresa ele passar o tempo todo dispensando admiradoras afoitas. As mulheres amam um bonitão emburrado, e acho que nunca conheci ninguém que fique emburrado tão bem quanto o Church.

Passei a mão no rosto e respondi:

– Acabaram de me fazer uma proposta para virar gigolô.

– Que merda. Sério? – retrucou. Depois se virou e olhou para a Rosalyn, que estava passando pela porta. – Sacanagem.

Olhei para ele e tirei o celular do bolso de trás da calça.

– Acho que não importa o quanto você se esforce, o quanto tente subir... depois de viver muito tempo no fundo do poço, parece que não dá mais para sair dele. Parece que fica estampado na sua cara que é isso que você vai ser para sempre. A coroa obviamente pensou que sou desses que dariam uma trepada em troca de um dinheirinho qualquer.

Procurei o contato da Royal e comecei a escrever uma mensagem para ela. Depois de tudo o que rolou de estranho nesse dia, as trevas que me rondam começaram a tomar conta de mim, e eu precisava desesperadamente da luz que ela traz para a minha vida.

Quer fazer alguma coisa amanhã à noite?

O novo funcionário precisa ter a oportunidade de fechar o bar

sozinho, e eu precisava de um tempinho para respirar. Torci para a Royal não estar de plantão.

O Church inclinou a cabeça para o lado, fez uma careta e falou:

– Isso não é verdade, e você sabe muito bem. E daí que uma garota pensou que estivesse à venda? A culpa é dela, não sua. Trabalho aqui com você há um mês e não vi nenhum indício de que seja um desses. O fundo do poço é uma questão de perspectiva. Você deveria ter visto uma meia dúzia de coisas que eu vi, a pobreza, a degradação de uma vida passada lutando em uma guerra que ninguém pediu para acontecer, muitas perdas... – O ex-soldado apertou os lábios nessa hora, depois completou: – E, apesar de tudo isso, ainda existe alegria, felicidade e amor nesses lugares onde nada disso deveria existir. Existe vida no fundo do poço se souber para onde olhar, e a única coisa que serve para identificar quem você é são as suas ações. Você mandou a coroa cair fora.

O Church balançou a cabeça, como se tivesse provado o próprio argumento por A mais B, e se afastou de mim.

De repente, todo mundo tinha conselhos para me dar. Pena que sou muito melhor em dar conselhos do que em segui-los. Meu celular vibrou, e meu coração parou de bater por um instante com a resposta da Royal:

Na cama ou fora dela?

Não consegui controlar o sorriso. Essa menina é a minha cara: rápida e meio selvagem.

Os dois.

Estou dentro. Aonde vamos?

Tive uma ideia e achei que a Royal fosse gostar. Ela é tão boa, tão cumpridora da lei e elegante o tempo todo, que me deu vontade de ver se ela gosta de andar só um pouquinho no lado negro da força.

Surpresa.

Levou um tempinho, mas finalmente ela respondeu com uma carinha feliz e estas simples palavras.

Que nem você.

E isso fez toda aquela treva que sempre tenta tomar conta de mim não só diminuir, mas desaparecer completamente.

**M**E ENCOLHI TODA vendo o Dominic manobrar as muletas para se sentar na minha frente. Meu amigo me ligou e disse que estava ficando louco preso sozinho no apartamento, então pediu para eu almoçar com ele no dia da minha folga. Falei que iria buscá-lo, é óbvio, já que ele não pode dirigir com a perna imobilizada do jeito que está. Quando cheguei, vi que sua irmã estava tão enlouquecida quanto ele. Ela me contou que o Dom estava ainda mais rabugento porque estava precisando trepar com alguém. Meu amigo gritou com a irmã, dizendo para ela ficar quieta, por mais que eu tenha dado risada. O Dom não fala muito sobre a sua vida pessoal. Ele sempre manteve seus interesses e preferências sexuais em sigilo, mas ele é solteiro e tão lindo que tenho certeza de que ficar preso em casa com as irmãs deu uma boa acalmada na sua vida sexual.

Para minha surpresa, em vez de me sentir culpada e achar que arruinei mais um aspecto da vida do Dom, eu só dei risada com a Ari, sua irmã mais nova, e levei meu amigo para almoçar fora. Em vez de chafurdar na minha culpa e no meu arrependimento, estava determinada a curtir o fato de estar com o Dom, depois de tantas semanas que até havia perdido a conta. Acho que minhas sessões com a psiquiatra do departamento estão começando a dar resultado... Bom, isso e ficar com o Asa. Por algum motivo, assisti-lo ser comido vivo pela culpa por seus erros do passado me faz questionar de verdade o quanto quero me agarrar ao sentimento de ter destruído a vida do Dom, mesmo meu parceiro não concordando nadinha com essa tese. Além disso, trabalhar com o Barrett e receber seu reconhecimento pelas minhas contribuições à nossa parceria fez com que eu me desse conta de que realmente sou uma boa policial, com ou sem o Dominic para me proteger.

Meu amigo grunhiu e encostou as bengalas na cadeira ao lado. Não consigo me acostumar a vê-lo tão magro desde que foi ferido. Parece outra pessoa.

– Você está tão magrinho...

Os olhos verdes do Dom brilharam com uma expressão de bom humor.

– Eu sei. Acho que nunca fui tão magro. Nem na época do colégio.

Aceitamos a água que a garçonete trouxe e dissemos que ainda estávamos escolhendo os pratos. O Dom me observava com atenção, e vi que ele tentava descobrir se eu finalmente estava bem.

– Você parece bem. Bem mesmo. Seu novo parceiro deve estar cuidando bem de você.

Tomei um gole de água. Encolhi os ombros e joguei o cabelo para trás.

– O Barrett é legal, um bom policial. Eu podia ter pegado alguém bem pior.

O Dom se acomodou e colocou o braço nas costas da cadeira vazia.

– Não importa quem você pegue. Você é uma ótima policial, Royal. Sempre foi.

Pensei no que ele me disse por alguns instantes e respondi:

– Estou começando a acreditar nisso. Acha que eu só entrei para a polícia porque você também entrou? Acha que eu simplesmente não sabia o que fazer sem você e me convenci de que queria isso também?

O Dom apertou os lábios de leve e franziu a testa.

– O que *you* acha? – perguntou.

A garçonete voltou à nossa mesa e se mostrou incomodada ao perceber que nem sequer havíamos aberto o cardápio. O Dom sorriu para a moça, e o brilho dos seus dentes brancos e perfeitos bastou para ela ficar vermelha e sair rindo toda boba.

– Acho que estou onde deveria estar. Posso não ter chegado até aqui pelas razões certas, mas estou feliz de ter chegado. Sendo bem sincera, não sei. Não sabia se ia conseguir fazer meu trabalho sem você quando voltei da licença, mas pelo jeito consigo, sim. E não ter

você para me apoiar o tempo todo torna as coisas ainda melhores.

Uma emoção estranha brilhou em seus olhos de esmeralda, e me dei conta de que minhas palavras davam a entender que eu não me importava com que aconteceria quando o Dom melhorasse e voltasse a trabalhar. Abri a boca para dizer que eu mal podia esperar para ele ser meu parceiro de novo, mas ele levantou a mão e me pediu para ficar em silêncio. Então balançou a cabeça bem devagar.

– Não fala nada, por favor. Chega de conversa fiada e de pedidos de desculpa. Você sabe tão bem quanto eu que meu ombro está bem fodido e que perdi um rim. Além do mais, com esta perna, só Deus sabe se vou ficar manco ou não. Meu futuro na polícia é incerto, e é assim que as coisas são. Não é culpa sua, e quero que continue a fazer o que faz com ou sem mim. Tudo que sempre desejei para você é seu sucesso e sua felicidade.

Mordi minha própria língua para não deixar escapar outro pedido de desculpas automático por ser, pelo menos em parte, responsável por essa incerteza. O Dom sabe que eu o amo e que sinto muito. A psiquiatra tem razão, temos um trabalho arriscado, e a situação podia muito bem ser a inversa, o meu futuro é que poderia estar incerto e de jeito nenhum eu poderia responsabilizar o Dom por isso.

– Estou me esforçando para ter essas duas coisas: sucesso e felicidade.

Ver o Asa se torturar o tempo todo abriu mesmo meus olhos para o fato de que preciso ter um pouco de paz em minha vida e aceitar o que está acontecendo.

O Dom levantou as duas sobrancelhas e, por fim, pedimos hambúrgueres para a garçonete, que começou a dar em cima do meu amigo.

– Ah é? E quem anda te fazendo feliz?

É por isso que amo o Dom com todas as minhas forças. Ele me conhece tão bem...

Mordi o lábio. Ele arregalou os olhos, e suas narinas ficaram mais abertas enquanto ele tentava decifrar minha expressão.

– É aquele sujeitinho que a gente prendeu há uns dois meses, não é? Eu sabia que tinha alguma coisa rolando pela pressa com que você quis se livrar da papelada quando a irmã dele apareceu lá na

delegacia para pagar a fiança.

Balancei a cabeça de leve, apoiei o cotovelo na mesa e o queixo no cotovelo.

– Gosto dele... Mais do que gosto.

– Ele tem uma ficha corrida bem cabeluda.

É óbvio que o Dom ia me lembrar disso.

– Eu sei. E ele também não me deixa esquecer, para falar a verdade.

O Dom deu uma risadinha e provocou:

– Bom, pelo menos ele sabe que não está à sua altura.

Tamborilei as unhas na mesa e espremi os olhos para o meu melhor amigo.

– Não fala isso. Ele está com o pé atrás em relação a esses... sentimentos.

Não sabia que outro nome dar às correntezas que nos arrastam quando estamos juntos.

– Porque ele acha que alguma tragédia vai acontecer e que serei obrigada a abandoná-lo. Estou tentando, com as duas mãos, trazê-lo mais para perto de mim, mas ele resiste a tudo – completei.

O Dom grunhiu e questionou:

– Mas vai para a cama com você.

Senti que fiquei completamente vermelha do pescoço para cima.

– Vai, mas sou eu que tomo todas as iniciativas – expliquei.

– Você está pedindo para ter dor de cotovelo, Royal.

Soltei um gemido e respondi:

– Eu sei, mas esse é um risco que preciso correr.

Estava cansada de falar da minha vida amorosa complicada, então mudei de assunto e concentrei a atenção no meu amigo:

– Por que a Ari acha que você está precisando trepar?

Foi hilário ouvir a irmã mais nova do Dom fazer essa declaração tão sem rodeios.

Ele apenas resmungou, e, naquela hora, a garçonete finalmente trouxe nossos pratos. Não pude deixar de notar que ela enrolou um pouco ao lado do Dom até ele lhe dar uma piscadinha e dizer que tudo parecia ótimo. É bom mesmo meu amigo não se interessar por mulheres, porque elas não teriam como resistir à sua beleza rústica

e ao seu carisma de homem durão.

– Eu estava saindo com alguém não fazia muito tempo. Depois que voltei do hospital, ele nem se deu ao trabalho de me visitar. Não que a gente tivesse algo sério, nada disso, mas não custava dar um “oi”, dizer “fico feliz que você não tenha morrido”...

Ele deu uma mordida raivosa no hambúrguer, e não consegui controlar o sorriso.

– A Ari acha que preciso arrumar um namorado e sossegar, mas tenho quase certeza de que essa é a opinião da minha mãe, não a dela.

– Mas você não quer isso? Alguém te esperando quando você voltar para casa à noite? Alguém que sempre estará lá para te apoiar?

Nunca tinha visto de perto um relacionamento desse tipo até conhecer a Saint e o Nash. Agora, com aquela turma toda de amigos e parentes, sei que isso existe e é lindo. Preciso admitir que é isso que quero para mim. E quero com o Asa.

O Dom fez careta e se acomodou na cadeira. Ele precisou mudar de posição e aproveitou para bater em mim com o gesso. Mostrei a língua para ele.

– Não sei mais o que eu quero. Queria ser policial, seguir os passos do meu pai e cuidar da minha família – disse. Em seguida, baixou a voz, e seus olhos ficaram mais escuros. – Só que agora minhas irmãs é que estão cuidando de mim, e não sei o que vou fazer da vida se não puder voltar para o Departamento de Polícia de Denver. Então, bom... – Sua voz falhou, mas ele concluiu: – Simplesmente não sei. O que eu sei é que, se você está atrás de alguém com quem possa ser feliz para sempre, é melhor procurar um homem que não tenha uma ficha criminal do tamanho do meu braço. Eu sei que ele é lindo e que é difícil resistir àquele sotaque arrastado do sul, mas você devia saber muito bem que não vai dar certo.

Me encolhi toda, porque esse discurso do Dom serviria muito bem para a minha mãe. Ela nunca resistiu a um rostinho bonito, e isso nunca deu certo, nem para ela nem para mim. O desespero é uma emoção muito feia e perigosa.

– Quando você se machucou, eu simplesmente não consegui lidar com isso. Me sentia tão responsável por tudo o que aconteceu que não consegui aguentar. Dei uma pirada.

Empurrei o prato para longe e me inclinei para a frente, para o Dom perceber que eu estava dizendo algo muito importante.

– Tive atitudes irresponsáveis, descontroladas e, por incrível que pareça, foi o Asa quem me segurou todas as vezes em que fiquei à beira do precipício. Eu estava me odiando, odiando minha vida e todas as decisões que já tomei. Ninguém conseguia me fazer parar a não ser ele.

O Dom imitou minha pose, e ficamos bem próximos, falando baixo, com toda a seriedade. Nunca senti por ninguém o que sinto pelo Asa Cross. Sei que o Dom nunca vai me obrigar a justificar minhas escolhas, mas era importante dizer a ele que estou determinada a acabar com esse manto de precaução e distância que o Asa insiste em pôr sobre nós, ainda que me estenda a mão e me puxe cada vez mais para perto dele.

– Ele fez um monte de coisa errada no passado e, em vez de se desculpar, de tentar se arrepender, está se apegando tanto a esses erros que é capaz de sufocar. Ele me diz o tempo todo que é um homem mau, não para de falar que é capaz de fazer coisas terríveis, e eu acredito. De verdade. Mas também acredito que, se conseguir deixar isso para trás e perdoar a si mesmo por alguns desses erros e ressentimentos que pesam sobre seus ombros, ele pode desabrochar, sair do fundo do poço das falhas passadas e se tornar o homem que deveria ser agora. Sua autorrecriação abriu meus olhos, me fez enxergar como isso poderia ser perigoso se eu não conseguisse me perdoar pelo que aconteceu com você.

– E se esse tal Asa nunca deixar isso para trás, Royal? Você irá para o fundo do poço com ele? Você está tentando me dizer que se afogaria por esse sujeito com quem não está nem namorando?

Não podia responder a essa pergunta. Todas as vezes em que o Asa me mandou embora e falou que nosso relacionamento só pode acabar mal, me senti ainda mais determinada a ficar com ele. Quando comecei a dar em cima dele, queria que ele me protegesse de mim mesma. Agora não sei mais quem está protegendo quem ou

se estamos predestinados a destruir um ao outro, como o Asa parece acreditar tão piamente.

– Ainda bem que sou boa nadadora, mas espero que as coisas não cheguem a esse ponto.

Depois dessa, o clima ficou pesado, e o Dom resolveu me contar todos os episódios da série que ele anda assistindo desde que entrou de licença. Era tão bom estar assim à vontade com ele outra vez, sem a minha tensão e a minha ansiedade para nos distanciar. Vi que o Dom estava com saudade da Royal de sempre. Parei e comprei sorvete para a Ari, e depois nós três passamos o dia juntos, como fazíamos quando éramos crianças. Isso era exatamente o que eu precisava para me preparar para meu encontro com o Asa naquela noite.

Fiquei ansiosa, porque ele não me contou quais eram seus planos e, além de almoçar ou tomar café da manhã com ele, nunca tínhamos feito nada só nós dois. Aquele seria o nosso primeiro encontro oficial, fora da cama, e eu estava feliz como uma criança que ganha um brinquedo novo com o fato de o Asa ter tomado a iniciativa. Posso dizer que estou disposta a me afogar por ele, mas o que quero de verdade para o nosso relacionamento ir em frente é que o Asa faça mais do que apenas jogar água.

Minha mãe me ligou quando eu estava saindo do apartamento do Dom e pediu para eu ir jantar na casa dela. Pelo tom melancólico, vi que ela estava chateada, o que só poderia significar uma coisa: o caldo havia entornado com seu mais recente garotão. Seus relacionamentos nunca dão certo, mas eu a amo demais para jogar isso na sua cara.

Como o Asa só ia me buscar bem mais tarde, falei que passaria lá, mas o arrependimento bateu quase instantaneamente. Minha mãe já é dramática quando está bem, e quando está se sentindo preterida e desvalorizada se torna um pesadelo emocional. Ela tem uma tendência a se comportar como uma líder de torcida que acabou de levar um pé na bunda do capitão do time de futebol americano. Fica emocionalmente imatura e instável a esse ponto quando seu coração leva uma chapoletada. Ela não parou de falar que está ficando velha e que não é mais bonita, e fui obrigada a

dizer que ela não precisa fazer mais nenhuma plástica vinte vezes. Ela sugou minha energia e fiquei me sentindo mal por não poder ajudá-la. Nunca posso ajudá-la com seus problemas com os homens. O tipo de amor de que ela precisa é assustador, porque os homens têm que idolatrá-la. Serei eternamente grata ao Dom por não permitir que eu pense desse jeito.

Não tive tempo de descansar. Tomei banho correndo, depois sequei o cabelo e passei chapinha. Como não fazia ideia de para onde iríamos, fiquei na dúvida do que vestir. Acabei escolhendo uma saia cinza com amarelo até o joelho, de cintura alta e com uma fenda bem perigosa na parte de trás, e uma blusa assimétrica preta, que deixa um dos ombros de fora. Alisei o cabelo o máximo que consegui, e ele quase chegou ao meio das costas. Ficou um pouco mais elegante do que meu tradicional rabo de cavalo ou o coque bagunçado. Pus o mínimo de maquiagem para não parecer que eu estava querendo agradar a qualquer custo e resolvi usar sapatilhas em vez de sapatos de salto, já que eu não sabia se caminhar fazia parte do plano misterioso do Asa. Ele me contou que, finalmente, havia comprado um carro e que passaria para me buscar, mas fora isso eu não fazia a menor ideia do que me esperava.

Ouvi baterem na porta pouco depois das onze da noite e precisei respirar fundo umas duas vezes para não agir como uma adolescente desesperada pronta para o baile de formatura. Ao abrir a porta, meu coração saiu pela boca, e minha respiração ficou presa no pulmão. O Asa está sempre com uma aparência meio largada, parece evitar qualquer tipo de sofisticação de propósito, mas não naquela noite. Ele estava todo arrumado e elegante. Fiquei sem reação de tão boba.

Ele estava usando uma calça de alfaiataria preta com uns sapatos de bico fino também pretos, no lugar das botas de sempre, e uma camisa cinza-escuro com as mangas dobradas. Seu cabelo cor de areia estava cuidadosamente despenteado, e ele havia se barbeado, o que tornava o sorriso que me deu, ao reparar que eu o observava na cara dura, ainda mais cativante. O Asa parecia sofisticado e perigoso de uma maneira bem diferente. Ele é um verdadeiro camaleão, muda de estilo facilmente. Um arrepio de apreensão

percorreu minha espinha.

– Você está bonito – falei, e até eu percebi que estava ofegante.

– De vez em quando eu fico mesmo, mas você...

O Asa me olhou de cima a baixo, depois voltou para o meu rosto com uma expressão radiante.

– ...você é perfeita – completou. – Está pronta?

Balancei a cabeça, meio anestesiada, e deixei o Asa me guiar para fora de casa. Ainda bem que o Nash e a Saint não apareceram do outro lado do corredor, porque eu não estava conseguindo falar naquele momento. Até o cheiro dele estava diferente, era um perfume que parecia mais caro e exótico do que o usado normalmente. Quase tive a impressão de estar saindo com um estranho, e não sabia direito se isso me deixava animada ou apavorada. Minha cabeça começou a girar antes mesmo de chegarmos ao carro dele.

O Asa parou na frente de um carro antigo bem detonado. O veículo, obviamente, já tinha tido seus dias de glória, mas o interior era limpinho, e o motor roncava de um jeito sensual. Eu estava me esforçando muito para não ter vários tiques nervosos, mas toda a elegância e a sofisticação que o Asa emanava estavam me deixando insegura e, pela primeira vez, desconfiei dele.

– Já posso saber aonde vamos? Como você estava sendo todo misterioso, fiquei sem saber o que vestir.

Ele me olhou de soslaio, e seus lábios esboçaram um sorriso.

– Você pode ir a qualquer lugar vestida de saco de lixo, com um cone de trânsito na cabeça, que ainda será a mais bonita de todos os presentes. Não quero te contar aonde vamos antes de chegar lá, para diminuir as chances de você dizer que não está a fim.

Bom, essa explicação não serviu para acalmar os meus nervos.

– Se for com você, quero ir a qualquer lugar.

O Asa virou de frente para mim, e seus dentes brancos brilharam na escuridão que nos cercava.

– Isso a gente vai ver – disse.

Não falei mais nada, nem ele, o que aumentou ainda mais minha tensão. Saímos do centro da cidade e fomos a um bairro cheio de armazéns e complexos industriais depois do bairro de Santa Fé.

Parecia não haver nenhum estabelecimento apropriado para um encontro normal ali. O Asa parou na frente de um galpão de metal corrugado e, para a minha surpresa, havia vários carros estacionados e as luzes estavam acesas no lado de dentro. Abri a boca para perguntar onde é que estávamos, e o que estava acontecendo, mas ele saiu do carro e veio abrir a porta para mim antes que eu pudesse questioná-lo. Com esse gesto simples de cavalheirismo, quase voltou a ser o velho Asa de sempre. Mas então ele passou os braços pelos meus ombros, me puxou para perto do seu peito e beijou minha boca de um jeito possessivo, um jeito com o qual nunca tinha me beijado. Fiquei com a impressão de que ele estava me testando.

– Que lugar é este? – perguntei.

O Asa fechou a mão sobre a minha e me levou até uma porta na lateral do prédio, bem escondida. Abriu a porta e me fez entrar naquele armazém gigante, cheio de luzes, música e gente. Parecia que um carnaval havia ficado preso entre as paredes metálicas do lugar. Arregalei os olhos para ele, que apenas me encarou um pouco e perguntou:

– Você ficaria surpresa se eu te contasse que sou descendente de uma longa linhagem de contrabandistas de bebida? O pai da minha mãe era dono de uma destilaria lá no fundão do Kentucky quando ela era pequena e foi preso por causa disso antes de eu nascer, porque na época era proibido vender bebida alcoólica.

Um sujeito que parecia ter saído direto dos anos 1920 cumprimentou o Asa e apertou sua mão, recebendo algumas notas de dinheiro dobradas. Continuei a mandar olhares inquisidores para o Asa, que foi me guiando e desviando daquele monte de gente.

– Sério, Asa. Que lugar é este?

Ele encontrou uma mesa no fundo da pista, coberta de um veludo vermelho pesado e cafona, de frente para um palco que, naquele momento, estava vazio e parecia bem suspeito. Puxou a cadeira para mim e ficou me esperando decidir se eu me sentava ou corria porta afora. Nada entre aquelas quatro paredes parecia permanente. Parecia mais uma fantasia em Technicolor que tinha virado realidade, o que levantou todas as minhas suspeitas de que

nada ali era conforme a lei.

– É um bar itinerante clandestino. O dono é lá do meio-oeste, e só passa por aqui uma vez por ano. Achei que seria divertido.

Cruzei os braços e encarei o Asa.

– Alguma coisa aqui está de acordo com a lei? – perguntei.

Eu tinha certeza de que algo estava rolando com o Asa. Ele parecia mais ousado, mais intenso do que na época em que comecei a correr atrás dele. Ele estava me testando, e eu estava prestes a ser reprovada porque, por mais que o deseje, não vou corromper meus princípios morais para ficar com ele.

Uma moça vestida como uma vendedora de cigarros de antigamente parou na nossa mesa e sorriu. Ela era adorável, e me senti no *set* de filmagem de um filme de gângsters. Só Deus sabe que o Asa pode interpretar o papel de Bugsy Siegel, o sanguinário chefe dos anos 1920, com a maior naturalidade.

– Vocês querem beber alguma coisa? – a moça perguntou.

O Asa abriu a boca para responder por nós dois, mas o interrompi, curta e grossa:

– Sei lá. Por acaso este lugar tem alvará para vender bebidas?

Juro que, se eu estivesse com o meu distintivo, teria esfregado na cara da moça. Estava furiosa com o Asa por ele ter pensado que poderia me trazer para uma boate ilegal e que eu simplesmente não o questionaria.

A moça continuou sorrindo, como se eu não tivesse sido grosseira, balançou a cabeça e respondeu:

– Claro que sim. Fazemos esses eventos pelo país inteiro. Se tivermos que fechar por falta de alvará, quase todo mundo fica sem pagamento.

Senti que estava ficando vermelha, e o Asa pediu dois drinques no estilo antigo para nós. Seus olhos dourados me queimavam de tão claros e quentes, e só consegui encará-lo.

– Você conseguiu de novo – falei baixinho. Com todo o barulho que tomava conta daquele espaço grande e cavernoso, me surpreendi por ele ter entendido o que eu disse. – Você armou para mim de novo, Asa. Queria que eu pensasse que tudo aqui é ilegal, queria que achasse que você iria me convencer a fazer algo errado e

queria que eu ficasse louca da vida, tinha certeza de que era assim que eu ia ficar, não? Por quê? Por que continua a fazer esses joguinhos comigo?

Ele também tinha acabado com a minha animação e a minha capacidade de aproveitar nosso primeiro encontro oficial.

– Não é um joguinho, Ruiva – respondeu, carregando no sotaque sulista e charmoso. – Você tirou conclusões precipitadas, que estavam erradas.

Tive vontade de, literalmente, bater o pé no chão de tanta frustração.

– Porque te perguntei cem vezes aonde a gente ia, e você não disse nada. Você queria que eu tirasse conclusões precipitadas e erradas. Foi *você* que me fez pensar assim.

O Asa suspirou e esticou o braço. Então pegou na minha cintura e me arrastou para perto dele à força, até eu ficar de pé, parada entre suas pernas abertas. Continuei de braços cruzados, por mais que meus dedos estivessem coçando de vontade de fazer cafuné em seus cachos loiros, que estavam ali, tão perto. Quando ele me olhou, vi o arrependimento refletido em seus olhos, mas, pela primeira vez, essa emoção não parecia estar matando ele.

– Achei que seria divertido ir a um lugar fora do circuito de sempre, algo que combinasse com seu conceito alternativo de diversão. Não tive a intenção de transformar isso em um desafio e não queria que você pensasse que se tratava de uma armadilha. Tive uns dias não muito legais nesta semana, e acho que só estava tentando ver se você iria pensar o pior de mim automaticamente.

O que ficou implícito na sua última frase é que agi exatamente como ele esperava, mas me recusei a levar a culpa sozinha.

– Falei que vou a qualquer lugar com você. Não menti, mas não vou abrir mão do meu senso de certo e errado por sua causa, Asa. Se você tivesse me explicado direito o que é este lugar, eu teria adorado, teria ficado mais animada do que já estava com o nosso encontro. Você quis que eu fracassasse nesse teste.

Meu Deus, ele é sempre tão escorregadio e complicado, que jamais vou conseguir me aproximar dele o bastante para ter um relacionamento duradouro.

O Asa se inclinou para a frente, e fui obrigada a mexer os braços, porque ele encostou a testa no meio do meu corpo. Desisti da briga e enfiei os dedos no cabelo supermacio que ele tem na nuca.

– Você tem toda razão – falou.

Queria muito que essas palavras tivessem me deixado feliz, mas só conseguiram me deixar triste.

Suspirei e olhei para a garçonete, que havia aparecido com nossas bebidas. Ela me lançou um olhar malicioso ao ver que o Asa estava enroscado em mim, e tive vontade de dizer que aquilo não era nada romântico ou fofo como estava parecendo.

– Senta, o show já vai começar – ela disse.

Então foi embora, e o Asa levantou a cabeça e segurou minha cintura de um jeito quase desesperado.

– Se eu pedir desculpas, você aceita?

Não tinha como responder, porque eu não sabia a resposta. Ele pedia desculpa por tantas coisas que eu não sabia se encararia ser mais uma delas. Então fiquei em silêncio e deixei ele me puxar e me sentar na cadeira ao seu lado. Peguei o drinque elaborado e, em vez de tomar, de saborear os bons ingredientes e a habilidade dos *barmen* de antigamente, engoli o negócio de um gole só e engasguei porque o uísque ardeu na minha garganta.

– Que tipo de show? – perguntei, enquanto o Asa beijava meu ombro à mostra.

A tensão havia se dissolvido, mas o clima tinha ficado mais tenso e pesado.

– Dança burlesca. E, sim, eles têm alvará para exibir mulheres nuas.

O Asa empurrou seu drinque na minha direção, e eu o peguei, grata. Mais uma vez não sabia se queria machucá-lo fisicamente, porque ele não hesita em brincar com as minhas emoções, ou se queria grudá-lo na superfície plana mais próxima e pular em cima para demonstrar que, não importa o que ele faça, eu ainda o desejo.

– A Salem conhece uma das dançarinas da época em que morava em Los Angeles. Ela que me falou que esse pessoal ia passar por Denver.

A Salem teve uma vida bem interessante antes de vir morar em

Denver. Não fiquei surpresa em saber que ela conhece uma dançarina burlesca.

– Nunca assisti a um show de dança burlesca.

As luzes do armazém diminuíram, e a única claridade vinha do palco. O som *indie* da banda Killers começou a tocar no sistema de som que não dava para ver. Era uma seleção musical moderna estranhamente perfeita para um lugar que se esforçava tanto para recriar a atmosfera da Era da Proibição.

O Asa pôs a mão na minha nuca, por baixo do meu cabelo, e senti seus lábios beijarem minha orelha. Estava tão escuro que eu só conseguia sentir seu toque, sem enxergá-lo, e isso era bastante erótico e excitante. Voltei a respirar quando ele sussurrou no meu ouvido:

– Desculpe, sinto muito mesmo.

Fiquei vendo uma loira de pernas compridas entrar no palco, obviamente tentando imitar a Ingrid Bergman no clássico filme *Casablanca*, dos anos 1940.

– Sei que sente. Só queria que você não precisasse pedir desculpas.

E essa frase resume muito bem meus sentimentos em relação a tudo o que o Asa sente muito na vida. Ainda bem que o ambiente estava escuro, porque, de repente, meus olhos se encheram de lágrimas. Aquele foi um encontro que jamais vou esquecer, mas não por um bom motivo.

## Asa

**S**E A ROYAL TIVESSE FICADO APENAS LOUCA DA VIDA comigo, irritada por eu tê-la feito acreditar, de propósito, que estávamos fazendo algo errado, algo ilegal, bastaria eu beijar seu pescoço e fazer carinho em seu braço. Certamente teria me perdoado e deixado por isso mesmo. Mas ela estava magoada, decepcionada por eu ter estragado a nossa noite. Queria poder dizer que não sabia o que ia acontecer quando a levei para o meio do nada sem dar nenhuma explicação, para um lugar que mais parecia cenário de história em quadrinhos ou de filme, mas eu sabia muito bem. Por algum motivo, todas as coisas que fiz e as que vou fazer se encontraram no mesmo ponto, e me pareceu uma boa ideia testar o que a Royal faria para ficar comigo. Não que eu fosse pedir algo errado. Caramba, passei um mês inteiro tentando impedir que essa mulher fizesse coisas das quais poderia se arrepender. Mas por causa do jeito que meu sangue ferve perto dela, do jeito como essa mulher ilumina meus lados mais sombrios, me deu vontade de desafiá-la.

A Royal ficou sentada toda dura ao meu lado, de braços cruzados e com a postura ereta para evitar relar no meu braço, que estava apoiado atrás da sua cadeira. Não tirou os olhos do palco, no qual aparecia uma moça seminua atrás da outra, dançando e balançando os peitos. Se eu não fosse tão imbecil, ela bem que poderia ter se divertido, mas, como sou, ela ficou com os lindos lábios apertados e com um leve tremor na bochecha, porque seus dentes estavam cerrados. Sua postura mostrava que era melhor a gente ir embora e que era melhor eu deixá-la sozinha, coisa que eu sabia mesmo antes de isso acontecer. É assim que vai ser quando eu finalmente fizer algo imperdoável. Só que, aí, haverá sentimentos envolvidos e será mil vezes pior.

Mexi a mão para passar de leve os dedos em seus longos

cabelos. Na quase escuridão do armazém, eles pareciam mais escuros, sem os belos tons de vermelho, mas ainda eram sedosos ao toque. Disse que sentia muito e fui sincero. Se ela não quer me perdoar, não posso condená-la.

De repente, ela virou o rosto e fixou os olhos castanho-escuros nos meus. Eles brilhavam na luz escassa do ambiente, e me odiei mais um pouquinho quando me dei conta de que aquele brilho era de lágrimas. Eu já não deveria mais fazer mulheres bonitas e fortes chorarem por minha causa, e fiquei perplexo com minha vontade de me ajoelhar na sua frente e implorar perdão, explicar que eu tentei ser bom, de verdade.

A Royal puxou a cadeira mais para perto da minha, e ficamos com os quadris encostados. Passei o braço em volta dos seus ombros, e ela encaixou o rosto na curva do meu pescoço. Então encostou os lábios na minha orelha e sussurrou:

– Vai ser sempre assim com você? Nunca vou saber se está brincando ou não porque você é um filho da puta perturbado?

Apertei seu ombro descoberto, e a Royal espalmou a mão na minha barriga, o que deixou meus músculos tensos.

– Não sei.

Podia não ser a resposta que ela gostaria de ouvir, mas pelo menos estava sendo sincero. Nunca quis mentir para a Royal. Aliás, para ninguém.

– Você é a única mulher com quem fiquei sem segundas intenções. Passei a maior parte da minha vida tentando convencer os outros de que sou legal, honesto. Menti sobre quem sou e o que planejava a cada passo do caminho. Com você, parece que estou fazendo o contrário, tentando mostrar o tempo todo o quanto posso ser horrível. Estou sempre te dando o pior de mim, e você está sempre aceitando.

Ela suspirou colada no meu pescoço e começou a passar a ponta da língua na veia que pulsava mais forte. Senti um arrepio percorrer minha espinha.

– Por que você não consegue apenas ficar comigo aqui, agora? Por que precisa tentar provar alguma coisa, que é bom ou que é mau? Sei muito bem como você funcionava no passado e também

sei muito bem que isso pode voltar a acontecer se continuarmos juntos, Asa. O que eu não sei, e quero, é como é viver este momento com você. Este exato segundo no tempo em que estamos juntos, e o que aconteceu ou vai acontecer não existe. Por que não podemos fazer isso? Só por um instante?

Queria poder dizer que não sei fazer isso. Estou muito apegado a tudo que fiz de errado para não perder isso de vista, para evitar que essas atitudes nefastas ocorram de novo. Ficarei sempre preso entre o passado e o futuro. O presente apenas passa por mim, e isso não tinha nenhum problema até essa mulher aparecer na minha vida, toda trágica e resiliente, com ar desafiador e ardente. Queria mostrar minhas trevas para a Royal, deixá-la banhar minha escuridão com sua luz, mas não posso dizer nada disso para ela. Jamais quero ser um peso em sua vida. Em vez disso, pensei em apenas perguntar se ela queria ir embora. Podia levá-la de volta para casa, levá-la para a cama, sem me preocupar com o passado, o presente ou o futuro. Não tive a oportunidade de pronunciar essas palavras porque, entre uma moça pelada no palco e outra, a Royal pegou a sua mãozinha e enfiou dentro da minha calça, mais ou menos como havia feito na primeira vez em que a gente se beijou.

Soltei um suspiro de susto, o que deu mais espaço para as manobras da Royal, e ela inclinou a cabeça para me olhar nos olhos, com uma expressão de tristeza e malícia.

– Há coisas maravilhosas acontecendo com a gente neste exato momento, Asa. Seria uma pena você perdê-las porque está preso no passado e ocupado demais tentando sabotar o futuro.

Diferentemente da última vez em que a Royal enfiou a mão nas minhas calças, não estava frio, e nós não estávamos sozinhos no meio da rua, apesar de ali estar escuro e de o veludo vermelho que cobria a mesa disfarçar o que ela fazia. Se alguém se desse ao trabalho de prestar atenção, não notaria o deslizar delicado de sua mão para cima e para baixo, por dentro do tecido da minha calça, nem minha respiração quase ofegante, que fazia meu peito subir e descer rapidamente.

– Royal? – falei, em tom de pergunta e ao mesmo tempo de súplica.

Ela havia acabado de acariciar a pontinha do meu pau, que passou de interessado a duro como uma rocha. Senti minhas bolas enrijecerem e fiquei me mexendo na cadeira. Ela continuou com carícias leves como o bater das asas de uma borboleta e começou a passar os lábios no meu pescoço.

– Há brincadeiras divertidas, Asa, mas quando a pessoa perde o jogo antes mesmo de começar, não faz o menor sentido.

Ela enrolou os dedos no meu pau, que estava cada vez mais inchado. A garçonete apareceu na nossa mesa de repente, e eu fiquei duro como uma estátua. Engoli em seco e esperei, de verdade, que a Royal parasse o que estava fazendo, mas ela não parou. Nem se deu ao trabalho de olhar para cima quando disse à garçonete, com a voz entrecortada, que estávamos satisfeitos e só queríamos a conta. A moça me deu uma olhada sugestiva e, se não me engano, de aprovação. Depois foi embora. Enrosquei os dedos na parte de trás da cabeça da Royal até eles ficarem completamente presos em seus cabelos e levantei sua cabeça, que estava apoiada no meu ombro, para conseguir beijá-la. Ela enfiou a mão ainda mais fundo e gemi, com a língua encostada na dela.

– Você precisa parar – falei, de um jeito seco, porque não queria dizer aquelas palavras. Estávamos em um espaço público e, por mais que ela tenha um lado rebelde, duvido que me deixasse jogá-la em cima da mesa e comê-la do jeito que minha alma inteira estava pedindo.

A Royal enfiou os dentes no meu lábio inferior com certa força. Isso mais seu aperto suave na base do meu pau me deixaram pronto para gozar ali mesmo.

– Você também precisa parar.

A mensagem foi bem óbvia. A garota está super a fim de uma brincadeira, desde que seja divertida e sensual, mas não vai ser um peão de um jogo qualquer. Se eu quiser aproveitar enquanto estou com ela, é melhor tomar jeito rapidinho. A Royal tirou a mão da minha calça, foi para debaixo da minha camisa e acariciou meus músculos do abdômen. O roçar das suas unhas na minha pele me deixou pronto para decolar como um foguete. Joguei um dinheiro na mesa que, provavelmente, dava para pagar a nossa conta e a da

mesa do lado e a arrastei para fora daquele armazém com a rapidez de quem está fugindo de um incêndio.

A Royal riu, e isso me deu uma sensação muito boa no peito. Eu havia enchido seus olhos de lágrimas, mas ela é tão incrível que entende as coisas que faço melhor do que eu e estava rindo daquele desastre. Era como se o sol aparecesse através das nuvens no meio de um dia chuvoso. Essa mulher é pura luz, que a escuridão tenta engolir. Queria tanto trepar com ela que não conseguia nem pensar direito.

Grudei a Royal na lateral do meu carro velho e toquei seus lábios com os meus. Enfiei os dedos em seus cabelos, na altura das têmporas, e a beijei com toda a urgência que eu estava sentindo. O engraçado é que precisei me soltar de algumas das amarras que me prendiam ao passado para conseguir transmitir a ela a mensagem que eu queria. De repente, com a pressão da sua boca contra a minha, com o roçar da sua língua, me senti mais leve, mas não sei o porquê.

– Quero te levar para casa e depois te levar para a cama – falei, meio grosso.

Não usei a doçura do meu sotaque bem ensaiado. Falei de um jeito impaciente e carente, duas coisas que não lembro de ter sido antes de ficar com essa mulher.

– Quero a mesma coisa.

A Royal estava com as mãos por baixo da minha camisa, acariciando minhas costelas. Também estava ofegante e não parava de passar a língua no centro do meu lábio superior, como se quisesse sentir meu gosto para todo o sempre. Seu olhar não era tão escuro quanto o céu noturno sobre nossas cabeças, mas brilhava tanto quanto as estrelas. Ela inclinou a cabeça para trás e me olhou nos olhos. De repente, um pouco da paixão inebriante que rolava entre nós virou algo mais sério.

– Antes de eu ir para casa com você, Asa, precisa fazer uma coisa por mim.

Odeio ultimatos, mas, por ela, àquela altura, não me recusaria a nada.

– Vou tentar. É tudo que posso prometer, Ruiva.

Ela soltou um suspiro e se inclinou para a frente, pousando a bochecha no meu coração, que batia sobressaltado. Foi um gesto tão doce, tão tocante e tão diferente de tudo o que já havia acontecido na minha vida, que quase a empurrei para longe, por não saber como lidar com aquilo.

– Gosto de você, Asa. Gosto mais do que seria prudente para nós dois, mas não posso continuar deste jeito. Não posso continuar ultrapassando todos os obstáculos que você cria para o nosso relacionamento se não for capaz de me dizer uma coisa, uma coisinha só, de que você gosta em si mesmo. Entendo que fez coisas ruins e que era um homem mau, mas parte de deixar isso para trás é se dar conta de que você não é mais essa pessoa. Se não puder fazer isso, não posso ficar com você.

Então ela se afastou de mim, e pude ver convicção e seriedade estampadas em seu rostinho perfeito e hipnotizante. A sorte havia sido lançada, e a Royal estava me obrigando a decidir o que fazer com ela. Enfiei os dedos em seus quadris e tentei sorrir, apesar do aperto que sentia no peito.

– Gosto do fato de você gostar de mim a ponto de não ser prudente. Isso conta?

A Royal nem se mexeu, não piscou, não fez nada. Apenas me encarou até eu soltar um suspiro e jogar a cabeça para trás e olhar o céu estrelado.

– Uma coisa?

– Só uma – ela respondeu, baixinho, com a voz triste.

Essa tristeza não era por ela, mas por mim, e não posso condená-la. O que ela me pediu não deveria ser uma tarefa difícil, mas para mim parecia quase impossível.

Fiquei em silêncio por um tempo. Precisava pensar. Não paro muito para pensar se gosto ou não de mim mesmo. Sei o que fiz, por onde andei e sei que nunca mais voltarei a ser assim. É nisso que costumo me concentrar, e não no que estou fazendo agora que tenho minha irmã de volta na minha vida e mais um monte de gente que apostou em mim. Puxei a Royal para perto do meu peito e passei o queixo no alto da sua cabeça. Algo dentro de mim se soltou, aquecendo minha alma, porque ela não pensou duas vezes e

também me abraçou, na altura da minha cintura.

– Gosto do fato de que, por mais que eu e a Ayden não tenhamos sempre a mesma opinião, e mesmo quando ela me deixa muito puto, nunca deixo de amá-la. Mesmo quando não sabia como amar, quando só estava querendo me dar bem, eu a amava. E gosto de saber como amar agora. Gosto de não ter desperdiçado a segunda chance de ser seu irmão mais velho. Pelo menos não até agora.

A Royal, que estava aninhada no meu peito, soltou um gemidinho e enroscou os dedos na base da minha coluna, bem em cima da minha bunda.

– Você já disse isso para a sua irmã?

Pisquei por alguns instantes, porque a Royal tirou a mão de mim e passou em seu cabelo comprido.

– Não, mas já pedi desculpas tantas vezes que até perdi a conta.

A Royal se soltou completamente do meu abraço, baixando os longos cílios por cima dos olhos.

– Quando a Ayden vier para cá na semana que vem, diga isso a ela, Asa. Pedir desculpas pelo que aconteceu ou poderia ter acontecido é perder a oportunidade de dizer a ela que gosta de quem você é agora. É nisso que deveria se concentrar quando sua irmã estiver aqui.

Ficamos nos olhando intensamente por um bom tempo. Então a Royal segurou minhas duas bochechas, puxou minha cabeça para baixo e me deu um beijo bem dado.

– Agora me leva para casa e para a cama.

Retribuí seu beijo e a fiz entrar correndo no carro para voltarmos a mil para Capitol Hill. Quando estacionei na frente do Victorian, fez bem para o meu ego perceber que ela estava com tanta pressa de passar pela porta da frente quanto eu. Ela jogou a bolsa de qualquer jeito na mesinha que fica perto da porta. Suas chaves caíram no chão com um estrondo, e eu fechei a porta. A Royal virou de frente para mim, e senti todos os meus instintos predatórios me ataçarem para eu cair em cima daquela mulher, fazê-la se submeter e me dar tudo o que eu queria. Comecei a ir em sua direção. Não sei o que ela viu no meu rosto, mas se assustou e deu um passo para trás.

Até que enfim estava ficando esperta e fugindo de mim. Pena que ela não tinha para onde ir e estava presa naquela sala com meu desejo voraz e a minha excitação bruta e insatisfeita que ela mesmo havia despertado com a brincadeira lá no armazém.

– Posso não conseguir dizer que gosto de um monte de coisas em mim, mas com certeza gosto de mil coisas em você, Ruiva.

A Royal continuou indo para trás com os olhos escuros arregalados e passando a língua no lábio. E eu continuei indo para cima dela.

– É mesmo?

Balancei a cabeça e continuei a avançar até ela encostar as coxas nas costas do sofá que ocupava quase toda a sala. Sua fuga havia chegado ao fim de repente, e eu pude prendê-la entre meus quadris e o braço do sofá.

– É. Gosto de você não abrir mão dos seus princípios. Gosto quando finca o pé e joga as merdas que eu faço na minha cara.

Enquanto eu falava, fui enroscando as mãos pelas coxas torneadas dela, até chegar à bainha de sua saia, que batia nos joelhos. A Royal ficou sem ar por um instante quando comecei a levantar o tecido, fazendo questão de arrastar meus dedos por cada centímetro da pele lisinha que estava ao meu alcance.

– Gosto do fato de não ver problema nenhum em assitir mulheres dançando e tirando a roupa. Gosto de você ter tido a pachorra de enfiar as mãos dentro da minha calça em público.

Soltei um grunhido surpreso quando minhas mãos alcançaram a doce curva da sua bunda. A surpresa foi por me deparar com aquela pele desnuda, mas aí lembrei do dia em que ela apareceu na minha casa no meio da noite só de casaco e salto alto, e sorri de satisfação.

– Gosto muito do fato de você, pelo jeito, odiar calcinhas. Agora que sei disso, da próxima vez em que sairmos, eu é que vou enfiar a mão no meio das suas pernas.

A Royal levantou as duas sobrancelhas e começou a desabotoar minha camisa sem falar nada. Ela estava com os olhos fixos nos meus, e percebi que ela estava tentando saber se minhas palavras eram verdadeiras ou não. Então fiz questão de ser o mais direto e

sincero possível. Assim que subi sua saia até a cintura, deixando-a nua e exposta na região em que nossos quadris se encostavam, apertei sua bunda com firmeza e pus um joelho entre suas pernas.

– Gosto de você ter me deixado vir para cá, mesmo depois de eu ter te feito chorar. Gosto de você querer que eu seja melhor do que sou, mas de estar disposta a aceitar o que está bem na sua frente. E gosto muito, muito mesmo, do fato de me querer, apesar de saber tão bem quanto eu que merece muito mais.

A Royal espalmou as mãos sobre o meu peito, depois de ter aberto todos os botões da minha camisa, e começou a alisar meus músculos, tirando o tecido da frente. Sacudi os ombros para me livrar da peça de roupa, pus a mão por baixo da blusa chique dela e segurei um dos seus peitos pesados. O mamilo se eriçou instantaneamente, pressionando a palma da minha mão. A Royal baixou um pouco as pálpebras e sussurrou:

– Eu te quero, sim. Este você, Asa. Não um melhor. Apenas você.

Fiquei passando o dedão em seu biquinho túrgido e pressionando ele com a mão até ela começar a esfregar seu sexo contra minha coxa, dobrando o corpo para chegar mais perto.

Me inclinei para a frente, mais para perto dela, e consegui beijar sua garganta, cuja curva elegante estava dobrada de prazer. A Royal segurou meus bíceps com força para conseguir continuar de pé, enquanto eu mordiscava e chupava uma trilha sedutora em sua orelha. Quando alcancei a parte que queria, passei a ponta da língua em sua orelha e falei:

– E gosto muito de você deixar eu te virar e te comer encostada neste sofá.

A Royal soltou um suspiro de surpresa muito leve e tentou se afastar um pouco de mim, mas suas mãos, por instinto, apertaram minha pele. Senti com meus lábios ávidos sua veia pulsando descompassadamente. Capturei o mamilo que tinha entre os dedos e dei uma beliscada quase forte. Surpresa, ela soltou um “Oh”.

– Lembra que você me disse que certas brincadeiras são mais divertidas a dois?

Achei que precisava lembrá-la de que foi ela que começou, com suas mãozinhas bobas, lá na boate de dança burlesca.

Acho que a Royal conseguia sentir todo o meu desejo represado, porque apenas respirou fundo e pôs a mão no meu cinto. Então abriu a fivela rapidinho, o zíper também, e seus dedos roçaram de leve meu membro duro e ereto quando ela o libertou. O chocolate dos seus olhos havia derretido e estava quente.

– Não há outra pessoa, Asa – disse.

Não consegui entender se era uma pergunta ou uma declaração mas, no que me diz respeito, a resposta era “não”. Não havia mais ninguém frequentando a minha cama. Não havia mais ninguém capaz de acabar com a minha escuridão e quebrar os grilhões de ferro que me prendem ao passado, deixando-me leve o suficiente para poder estar com aquela mulher.

– Não existe mais ninguém na minha vida, Royal.

Ela sorriu e, mais uma vez, senti que algo se soltava dentro de mim e aquecia minha alma, me tornando uma pessoa melhor.

– Que bom, porque isso significa que não precisamos usar camisinha.

Ela se virou, se livrou da blusa justa e ficou de frente para mim, só com a saia levantada e seus quilômetros de cabelos ruivos que cascadeavam por suas costas. Por uma fração de segundo, achei que tinha morrido de novo e chegado ao céu. Estiquei a mão para tirar seus longos cabelos da frente e acariciar suas costas. Dei um passo para a frente e beijei sua nuca, e a Royal miou baixinho esfregando a bunda desnuda no meu pau pulsante. Depois disso, não conversamos mais. Não tentei mais convencê-la de nada, porque essa mulher sabe que eu a desejo, e ela também me deseja. A fase dos joguinhos chegou ao fim.

Cheguei mais perto de suas costas e passei o braço em sua cintura, para poder dobrar seu corpo e segurá-la bem onde eu queria. Abri mais ainda suas pernas com as minhas e pedi que ela se segurasse nas almofadas do sofá. A Royal virou o rosto para trás e me mandou um olhar curioso. Eu apenas sorri de orelha a orelha. Depois ela mordeu o lábio, e gemi, porque seu cabelo havia caído pelo ombro de um jeito muito sensual. Tudo nessa mulher é uma perfeição, por isso eu precisava me concentrar em fazer exatamente o que ela tinha me pedido e aproveitar cada coisinha de cada

instante que passo com ela.

Cheguei bem perto, e a Royal murmurou de prazer quando meu pau deslizou por suas dobrinhas escorregadias. Eu estava indo rápido, mas vi que ela estava pronta, e nada pode ser mais sensual do que isso. Fui mais fundo, e ela jogou os quadris para trás para me encontrar. De repente, fui absorvido por seu fogo e por seu doce calor. Soltei um monte de palavrões, porque a Royal sentou com força contra o meu corpo, e comecei a meter. Não tinha a intenção de enfiar tudo nela de uma vez, de meter de um jeito bruto e pouco atencioso, mas estar dentro dela sem nada entre sua carne trêmula e a minha e o jeito como ela me olhava, com o rosto virado para trás e me incentivando com seu olhar ardente, era tentação demais para resistir.

Puxei a Royal mais para perto de mim, meti nela até o sofá se mexer e fechei os olhos, sugado por um vórtice de sensações tão boas e tão poderosas que não tenho sequer como nomear. Em algum momento, fiquei feliz ao lembrar que tinha uma mão livre e a coloquei naquele pontinho escondido no meio de suas pernas. A Royal estava escorregadia e úmida. Quente e apertadinha. Estava tão perto do orgasmo quanto eu. Só precisei remexer o indicador e beliscá-la para fazê-la gozar. Assim que ela disse meu nome, ofegante, e se soltou em cima de mim em uma inundação de satisfação e êxtase, também alcancei o clímax.

Foi um orgasmo que começou embaixo dos meus pés e subiu queimando pelas minhas pernas até chegar à base da minha coluna e quase me fez desmaiar em cima da Royal. Nós dois caímos no sofá, e precisei me mexer para não esmagá-la. Acabamos meio pendurados, meio vestidos, ela de costas para mim, ambos ofegantes e tentando recuperar o fôlego. Nunca estive com alguém de modo tão profundo antes, e isso é algo diferente. Não só no nível físico, mas também no emocional. Passei as mãos espalmadas em sua barriga lisinha e fiquei olhando para o teto e piscando feito um bobo.

– Você tem razão. Há coisas maravilhosas acontecendo neste exato momento.

Minha intenção era ser meio cafajeste e divertido, como sempre

sou depois que transo com alguém, mas o tom da minha voz foi carinhoso.

A Royal pôs as mãos sobre as minhas e ficamos lá deitados, absorvendo as mudanças que haviam ocorrido entre nós naquela noite.

– Nós é que escolhemos o que fazer com cada momento, Asa.

Fiquei só imaginando se poderei passar momentos suficientes com ela, porque, até agora, são minhas experiências preferidas... Mesmo os maus momentos que passei com a Royal foram melhores do que os momentos incríveis que passei com qualquer outra pessoa.

*Royal*

— ENTÃO, VOCÊ E O MEU IRMÃO, HEIN?

— Passei a noite inteira me preparando para esta conversa. Até este momento, tinha dado sorte, a conversa sobre os bebês havia predominado, e a Ayden queria saber das novidades que estavam acontecendo na vida das outras meninas, mas eu tinha certeza de que não ia conseguir passar a noite toda sem tocar no assunto.

A Shaw e a Cora estavam perdidas nas conversas de mãe. A Salem estava tendo um papo sério com a Sayer, irmã do Nash, seu namorado. Ela queria que a elegante loira contasse como sua própria irmã estava, já que ela não foi à noite das meninas. Pelo jeito, isso não era incomum, porque, segundo a Salem, a Poppy mal sai de casa se não for para trabalhar. A Saint tinha me mandado uma mensagem há uma hora, dizendo que ia tentar nos encontrar, mas que estava com uma emergência do hospital. Um menino havia entrado no Pronto-Socorro com o corpo coberto de queimaduras graves. Então, mesmo que saísse do trabalho a tempo de tomar um drinque conosco, não ia ficar muito no Bar. E tudo isso levou a Ayden a aproveitar a oportunidade para perguntar o que estava rolando entre mim e o Asa e a cair matando em cima de mim.

Seus olhos têm o mesmíssimo tom de âmbar polido que os do irmão, o que era um pouco desconcertante. Além disso, ela ficou me encarando sem parar. Não consegui entender se a garota queria uma resposta simples, uma explicação ou, ainda, se apenas estava afirmando que eu ando dormindo com o irmão dela com frequência. Limpei a garganta, meio nervosa, e comecei a rolar a garrafa de cerveja entre as mãos.

— Eu gosto dele — respondi. Me encolhi um pouco quando a Ayden levantou as duas sobrancelhas negras. Depois encolhi mais os ombros, meio sem jeito. — Me preocupo muito com o Asa.

Pelo andar da carruagem, eu estava prestes a me apaixonar perdidamente por ele, por mais que essa carruagem sacolejasse de vez em quando. Nunca sei qual versão do Asa vou encontrar quando vou à sua casa depois que o Bar fecha ou quando ele aparece na minha porta no meio da noite. Às vezes é o Asa charmoso, divertido e meio cafajeste que só quer se divertir. Outras, o menino quieto e mal-humorado preso ao passado, engasgado pelo arrependimento e pelo remorso, mas nada disposto a superar essa situação. Outras, ainda, é o homem bruto e mandão que quer muito mais do que estou disposta a oferecer, o homem que ainda gosta de fazer joguinhos. Também há vezes em que encontro o homem inteligente que quer muito mais da vida do que ser *barman* em um boteco.

Tolero todas essas versões do Asa porque, na maioria das vezes, encontro o sujeito com quem quero passar o resto da minha vida: o Asa espirituoso, metido a esperto, diabólico e cativante que só aparece quando ele deixa de se preocupar com tudo o que já fez e ignora tudo de errado que pode acontecer com esse lance inegavelmente significativo que rola entre nós. Por este, vale a pena aguentar todos os outros, mesmo que ele só apareça muito de vez em quando.

– Se preocupar com o Asa pode ser uma tarefa bem exaustiva – a Ayden comentou, com a rouquidão intensificada pela tequila que passou a noite inteira bebendo.

Se eu bebesse tanto quanto ela, estaria em posição fetal debaixo da mesa. A Ayden ainda não estava nem alegrinha e ficou me encarando de um jeito sugestivo. Percebi que ela tentava decidir o que pensar a respeito do meu envolvimento com seu irmão mais velho.

– Pode ser mesmo.

Mas quando o Asa que quero amar aparece, ele faz a exaustão valer a pena.

Nós duas olhamos para o balcão, de onde o Asa observava nossa conversa com os olhos espremidos. O Bar estava bem lotado e, por isso, quem nos atendeu foram a Dixie e a Becca, a nova garçonete. Ele só passou na nossa mesa para dar um abraço na irmã e um beijo bem dado na minha boca. Depois lançou um olhar de reprovação

para a Ayden e voltou para trás do balcão. Essa foi uma declaração que não passou despercebida. Eu tinha certeza de que ela ia querer dar sua opinião, mas até então nada havia acontecido como eu imaginava. Em vez de me interrogar ou me reprovar de forma ostensiva, a Ayden me pareceu estranhamente curiosa ao observar a minha maneira de observar seu irmão.

– Ainda me preocupo o tempo todo com ele – comentou, esboçando um sorriso. – Todos os dias tenho que me segurar para não ligar e perguntar como ele está. Deixar o Asa sozinho aqui bem quando tudo estava começando a entrar nos eixos foi uma das coisas mais difíceis que já fiz.

Limpei a garganta, me remexi na cadeira e falei:

– Seu irmão me parece bem capaz de cuidar de si mesmo, e um de seus maiores medos é te desapontar de novo. Isso é o que o faz andar na linha.

A Ayden suspirou, e o ar fez sua franja voar na frente das sobrancelhas erguidas.

– Certamente ele é guerreiro, mas existe uma diferença entre apenas sobreviver e ter a vida que você sempre quis. Quando conheci o Jet, não fazia ideia do que é o amor. Não levava uma vida plena até ele me dar forças para esquecer de todo o resto.

Seus olhos brilharam com paixão, no mesmo tom de dourado que os do Asa ficam quando ele se anima com alguma coisa. Fiquei com uma pontinha de inveja de ver que, só de falar o nome do namorado, a Ayden já ficava daquele jeito.

– Quero que o Asa faça mais do que apenas sobreviver, Royal. Quero que, finalmente, ele seja feliz, pela primeira vez na vida. Não quero que ele fique só vendo a vida passar. Quero que meu irmão tenha algo só dele e que não precise lutar tanto para conseguir.

Engoli em seco porque a emoção fechou minha garganta. Pus minha garrafa de cerveja, que estava quase vazia, em cima da mesa e fiquei brincando com meus dedos.

– O Asa tem tudo isso ao alcance das mãos, só que suas mãos estão ocupadas, agarradas ao passado e tentando alcançar o futuro.

A Ayden abriu a boca, fechando-a logo em seguida, depois se encostou na cadeira. Aí cruzou os braços, tapando a estampa de

uma valquíria montada em cima de uma guitarra em chamas e a palavra "Enmity". A camiseta, com as mangas arrancadas e as laterais do sutiã preto à mostra, não combinava muito bem com as botas de caubói vermelhas que ela estava usando, mas era a Ayden, e a menina é estilosa e fica perfeita assim.

Ela sacudiu a cabeça, balançando os cabelos pretos, e disse:

– Sei disso. Minha esperança é que, como ele não consegue parar de te olhar e fica me olhando como se quisesse me atirar por cima do balcão, você tenha conseguido fazer o meu irmão soltar algumas dessas coisas. Não dá para voltar no tempo nem prever o futuro. Ele está vivendo como um zumbi.

Me remexi na cadeira novamente, e a *jukebox* começou a tocar uma música antiga da Christina Aguilera. Várias senhoras de meia-idade se levantaram e começaram a rebolar, animadas. Quis sorrir, por mais que o assunto da conversa não fosse exatamente alegre.

– De tempos em tempos ele deixa tudo isso para trás, e sinto que está tentando encontrar uma tábua de salvação para não afundar. Isso me dá esperança e desejo ficar por perto para ver no que vai dar.

A Ayden passou o dedo na borda do copinho de tequila e lambeu o sal.

– E o que você vai fazer se um dia precisar prender o Asa de novo? Meu irmão vive se metendo em encrenca, mesmo quando tenta ficar longe delas.

Soltei um suspiro, passei a mão no cabelo e respondi:

– Vivo tentando me convencer de que farei isso, se esse dia chegar.

Cheguei mais perto da Ayden, porque as senhoras que estavam dançando também se aproximaram e estavam rindo bem alto.

– Você sabia que o seu irmão estava disposto a ir para a cadeia por um crime que não cometeu de tão perturbado que está com tudo o que aconteceu no passado? Como alguém consegue viver carregando esse tipo de culpa?

Fiquei quase sem voz e soltei o ar, tremendo. Tomei um susto quando a Ayden pôs a mão em cima dos meus punhos que estavam cerrados e eu nem tinha percebido. Entendo bastante de culpa e de

como isso afeta a forma de pensar de uma pessoa. Minha própria culpa me afastou do Dom quando ele mais precisou de mim, mas me liberei dela ao perceber que estava envenenando minha vida. Sempre vou me sentir mal pelo que aconteceu naquela noite, no beco, e nunca vou me esquecer da imagem do meu amigo caindo daquela escada de incêndio, mas esse não pode ser o momento capaz de definir minha vida ou minha carreira. Preciso que o Asa se dê conta do que está perdendo por se recusar a deixar o passado para trás.

A Ayden apertou a minha mão, e tive que apertar a dela, porque ela é a única pessoa viva, além de mim, que consegue entender como é gostar de um homem como o Asa.

– Por isso eu me preocupo. Desde que o trouxe para Denver, tudo o que o Asa tem feito é lidar com obrigações. Nada mais, nada menos. Isso não é vida, mas agora meu irmão te olha com jeito de quem se importa, demonstrando que tem medo de que você vá se assustar e sair correndo com as histórias sobre os erros que ele cometeu no passado. Então tenho esperança, um fio de esperança muito fino, de que ele vá, finalmente, se jogar no mundo e se dar conta de que precisa acordar para a vida.

Olhei para trás, na direção do balcão. O Asa estava encostado no tampo e conversava com um homem muito bonito, de barba preta e cheio de tatuagens até o pescoço. Parecia superabsorvido pela conversa, mas não tirava os olhos da nossa mesa, e vi que observava a Ayden e a mim com atenção. Sorri de leve, com o intuito de avisar que todo mundo sairia vivo daquela situação, e ao observar seus ombros notei que ele estava menos tenso. Virei para a Ayden e levantei o queixo em uma pose desafiadora.

– Quero acordar o Asa.

A Ayden deu uma risada calorosa e meio rouca, que combinou com seu olhar cor de uísque, e falou:

– Boa, garota!

De repente a Cora ficou de pé, do outro lado da mesa, e bateu palmas. Incrível como, em poucas semanas, a gravidez se manifestou no restante do seu corpo, e não apenas nos peitos. Seu rosto estava mais arredondado, e a barriguinha começava a

aparecer em sua silhueta magra. Ela deve ser a grávida mais fofa e mais *rock'n'roll* do mundo, e não pude deixar de notar como a Salem olhava sua barriga com uma inveja descarada.

– Devíamos dançar – comentou Cora, apontando para trás, no local em que as senhoras mais velhas ainda se chacoalhavam em um show de falta de coordenação e de alegria explícitas. – Um dia, vamos ser bem assim, madames fugindo dos maridos e dos filhos para conseguir uma noite só nossa – completou, dando risada. – É óbvio que vamos ser mais coloridas e teremos cortes de cabelo melhores, mas vamos ficar bem assim.

A Sayer levantou as mãos e ficou de pé. Essa moça é absurdamente classuda e parece que acabou de sair de um tribunal.

– Desculpe, mas eu não danço, nunca – declarou.

Então jogou o cabelo loiro perfeitamente liso para trás do ombro e olhou para o balcão. Alguma emoção passou por seus olhos azuis e, no começo, achei que ela observava o Asa e fiz careta, mas quando me virei reparei que o homem-urso sentado no balcão havia se mexido, e que os dois estavam se encarando sem pestanejar.

– Hmmm, vou dar um “oi” para o Zeb rapidinho – disse a Sayer.

Não sei como, mas aquele “oi” mais pareceu um “quero tirar a roupa e trepar ali mesmo no balcão”. Havia muita tensão sexual rolando entre os dois, tanta que tomava conta do ar que eles respiravam. Não posso condená-la, porque o Zeb estava vestido como um atual homem das montanhas, e seus músculos definidos marcavam a camiseta branca e lisa. Homens com jeito de que dão conta do recado sempre são atraentes, não importa qual seja o recado.

A Ayden me puxou para que eu me levantasse e, quando vi, estava rebolando com elas e tomando doses de tequila. A noite acabou virando um misto de bebida, risadas, dança – quem diria que a Ayden é uma máquina da dança country? –, muitos abraços e conversas abafadas sobre como é transar com um homem que tem *piercings* “lá embaixo”. Parece bem divertido, mas prefiro mil vezes pegar um garoto que sussurre palavras sensuais e safadas no meu ouvido, com o sotaque arrastado do sul, do que um com *piercings* no pau. Também rolou muito papo sobre os homens e os filhos, e é

óbvio que todo mundo fez o maior interrogatório com a Cora, para saber quando ela e o Rome vão casar de verdade. Foi tão divertido que mal pude acreditar que havia hesitado em me jogar de cabeça nessa turma. Para alguém que nunca teve amigos, que nunca se sentiu à vontade no meio de outras mulheres, dei muita sorte de encontrar essa galera.

Como a Cora e a Shaw não podiam beber por causa de seus bebês, ficaram encarregadas de entregar a Ayden e a Salem sãs e salvas a seus homens. A Sayer saiu de fininho sem se despedir quando estávamos dançando Guns N' Roses. Eu poderia ter pego carona com uma das meninas, mas, enquanto eu me acabava de dançar uma música do Eminem, a Dixie foi me avisar que o Asa havia pedido para eu esperar ele fechar o Bar, porque queria muito que eu fosse para casa com ele. Hmmm. Sim, por favor.

Pedi para a Dixie responder que tudo bem, mas que, se eu ia ter que esperar, ele ia ter que me recompensar. Então ele me mandou o amigo barbudo com mais uma rodada de tequila e pediu para que ele me fizesse companhia, evitando que eu arrumasse encrenca até o Asa terminar o trabalho.

Para minha surpresa, por trás daquela aparência intimidadora o Zeb é muito legal e superdivertido. Gosto do bom humor que se reflete em seus olhos cor de esmeralda e como seus dentes brancos e retinhos brilham no meio de seu rosto de beleza rústica. Isso sem falar em seus músculos de babar. Valia muito a pena prestar atenção quando o Zeb os flexionava para levar a garrafa de cerveja até a boca. Preciso admitir, a Sayer tem bom gosto. O moço parecia fascinado pelo fato de eu ser policial e ficou me fazendo um milhão de perguntas sobre o meu trabalho. Em algum momento, contou que ficou preso por um tempo. Normalmente isso me deixaria constrangida e estragaria a conversa, mas o Zeb falou de um jeito tão aberto e objetivo que eu apenas ouvi atenta. Depois perguntei como ele conhecia a irmã do Rowdy.

Falar sobre a loira fez a conversa ir de leve para intensa. O Zeb me contou que a Sayer o havia contratado para reformar sua casa de estilo vitoriano, que está caindo aos pedaços. É óbvio que ele está interessado na bela advogada e parece meio incomodado com

isso. Muito fofo. Bom, tão fofo quanto um tipo masculino e forte quanto o Zeb consegue ser.

A gente ficou batendo papo até a Dixie vir na nossa mesa. Ela disse que estava pronta para ir embora e que queria trancar a porta quando saísse. O Zeb falou que a acompanharia até o carro, e nós dois nos levantamos.

Olhei para o balcão e me deparei com o Asa apoiado em seus braços bem abertos nos olhando. Dei um sorriso meio desengonçado, e ele fez um sinal com o dedo, pedindo para eu me aproximar.

Soltei um suspiro, e meu coração disparou.

– Meu Deus! Que *sexy!* – falei.

A Dixie deu uma risadinha abafada, e o Zeb também riu. A garçonete deu um puxão no braço do grandalhão e comentou:

– Aaaaah. Essa é a deixa para irmos embora. Boa noite, Royal. Divirta-se.

Acenei para ela sem prestar atenção e andei na direção do balcão. O Asa se afastou da beirada e pegou algo na prateleira atrás dele. Quando me aproximei, ele já havia apagado quase todas as luzes, menos as que iluminam o balcão e o espaço atrás dele. Também havia saído lá de trás e, quando cheguei ao seu lado, ele baixou a cabeça e me deu um beijo tão ardente que fui obrigada a me segurar em sua camisa xadrez com as duas mãos.

– Deu tudo certo com você e a Ayd? – perguntou, com a voz rouca.

O Asa afastou algumas banquetas do balcão, abrindo espaço para nós, e colocou uma garrafa gordinha sobre o tampo. Como eu já estava bem bêbada, apenas balancei a cabeça e fui no embalo, já que ele havia passado os braços pela minha cintura e me levantado. Soltei um gritinho de surpresa, porque o Asa se virou, comigo nos braços, e me colocou em cima do balcão com as pernas penduradas. Então pôs uma mão em cada lado dos meus quadris e ficou me olhando nos olhos.

– É sério. Sei que você estava preocupada com o que a Ayden ia dizer sobre estarmos saindo, e minha irmã consegue ser bem agressiva quando quer.

Me inclinei para a frente, pus as mãos em seu cabelo loiro e grosso, suspirei e respondi:

– Sua irmã te ama muito. Ela quer que você tenha uma vida boa.

Dobrei o corpo só um tantinho, o suficiente para lhe dar um beijo na ponta do nariz.

– É preciso ser uma boa pessoa para ter uma vida boa. Acho que a Ayden está querendo um pouco demais.

Essas palavras fizeram meu peito roncar, e ele deu um passo na minha direção. Tive que abrir as pernas para ele se encaixar em mim. Suas palavras me deixaram tão triste que, de repente, me deu vontade de chorar, mas acho que isso também pode ter sido causado pela grande quantidade de tequila que consumi naquela noite.

– Todo mal tem um pouco de bem misturado, Asa. Você só se recusa a ver ou a aceitar isso.

Ele resmungou e passou as mãos por baixo da bainha da blusa soltinha e caída no ombro que eu estava usando com uma *legging*. As palmas quentes e ásperas de suas mãos foram subindo pelas minhas costelas, levando o tecido junto. Meu cabelo se arrepiou e caiu, todo bagunçado, nos meus ombros que haviam ficado à mostra. O olhar do Asa era lânguido e passava pelo meu torso descoberto e meus peitos protegidos por um sutiã de renda roxo.

– Eu vejo você, Royal. Há tanto bem em você que nem sei o que fazer com tudo isso.

Ele serpenteou as mãos atrás de mim e encostou no fecho do meu sutiã. Meu cérebro embriagado demorou para se dar conta das intenções do Asa e, de repente, fiquei sem nada, sentada em cima do balcão. Suspirei surpresa e, automaticamente, olhei para as esferas pretas presas no teto que escondiam as câmeras de segurança. Eu sabia que havia câmeras espalhadas por todo o espaço. Na mesma hora, quis levantar os braços para me cobrir, mas o Asa não deixou.

– Asa, tudo está sendo filmado – falei, com a voz entrecortada, porque ele havia se inclinado para a frente e estava roçando a ponta do nariz em um dos meus mamilos durinhos.

– Vou dar um jeito nisso. Você nem vai querer saber o que vi o

Brite e a Darcy fazendo lá no estoque. Ah, e faço questão de bater antes de entrar no escritório quando a Cora está aqui e a porta está fechada. Isso sem falar da tendência que a minha irmã tem de sumir dentro de qualquer banheiro com o Jet... Quero tomar uma antes de te levar para casa, Ruiva. Aguenta só um pouquinho.

O Asa deu atenção ao outro mamilo, e soltei um gemido. Em seguida, pôs as mãos na minha bunda e me trouxe mais para a frente. A saliência em suas calças começou a fazer pressão bem no meio das minhas pernas.

– E eu preciso ficar sem blusa para você tomar mais uma? – perguntei.

Seu cabelo parecia uma seda bruta no meio dos meus dedos. Ele começou a girar a língua daquele jeitinho dele em volta dos meus dois mamilos e me fez me esquecer até do meu próprio nome.

– Precisa, sim – respondeu.

O ar que saiu da sua boca me fez tremer da cabeça aos pés ao chegar na minha pele úmida.

O Asa deu um passo curto para trás, e tive a impressão de que ia me afogar nos rios de desejo e uísque que são seus olhos dourados. Então ele colocou a mão entre meus seios e me empurrou para trás, até eu ficar apoiada nas mãos, com a cabeça quase pendurada do outro lado do balcão. Não conseguia mais enxergar seu rosto daquele ângulo, mas seu reflexo era bem visível no espelho que corria por toda a parte de trás do balcão. Ele me olhava como se quisesse me possuir. Aquele olhar em seu rosto lindo era o suficiente para eu ficar toda lubrificada e tensa de desejo, ardendo com uma vontade tão forte que chegava a doer.

– Asa?

Ele fez *shhhhh* e começou a traçar um padrão aleatório na pele esticada da minha barriga com a ponta áspera da unha, e fiquei toda tensa quando ele enfiou os dedos por baixo do tecido maleável do cós da minha calça.

– O que você pensa que está fazendo?

Foi uma pergunta imbecil. Eu sabia o que ele estava fazendo, mas estava difícil processar o fato de eu deixá-lo tirar a minha roupa em cima do balcão do Bar. Eu sentia que devia reclamar mais, usar

um argumento racional para evitar que aquilo fosse até o fim, mas não fiz nada disso. Era tudo muito sensual. Aquela visão do Asa em pé no meio das minhas pernas, tirando minha calça e apoiando meus tornozelos em seus ombros, era demais. Como eu havia previsto, ele suspirou de prazer ao ver que eu não estava usando nada por baixo, mas eu tinha achado que isso iria acontecer na casa dele, não ali. Não sei se ele tinha se dado conta de que eu podia vê-lo no espelho, mas foi a primeira vez que vi o que as outras pessoas veem quando o Asa me olha. E foi lindo.

Seus olhos estavam entreabertos, concentrados apenas em mim. Suas narinas se abriam de excitação, e ele lambia os próprios lábios de prazer. Parecia faminto e quase tão carente quanto me sinto quando estou perto dele. É esse Asa que me faz virar estátua. É esse Asa que posso ter caso ele deixe para trás tudo o que o prende ao passado. É esse Asa que não quero mais negar que amo.

Ele abaixou a cabeça e me beijou bem em cima do umbigo, pondo e tirando a língua da pequena saliência. Tive vontade de rir, e ele finalmente levantou a cabeça e encontrou meu olhar no espelho. Senti que o calor que irradiava de seus olhos brilhantes ia nos fundir para sempre.

O Asa sorriu, e meu coração tentou sair do peito e aterrisar em seus pés. Em seguida, ele se endireitou e pegou a garrafa que havia deixado no balcão pouco antes.

Ouvi o leve *pop* da rolha e senti o aroma inebriante e almiscarado do *scotch*. Eu sabia o que o Asa estava prestes a fazer e achei que estivesse preparada, mas não há muito o que fazer para se preparar para um homem lindo que despeja uma dose de bebida perto da sua garganta e que está prestes a bebê-la por todo o seu corpo.

A bebida escorreu por cima e pelas laterais do meu peito. Um pouquinho desceu pela minha barriga e parou em meu umbigo. Um rastro chegou até a região em que meu corpo se enroscava no dele e escorreu pela parte de dentro da minha coxa. O Asa lambeu tudo, até a última gota. A sensação de sua boca percorrendo toda a superfície da minha pele foi eletrizante. Quando ele finalmente chegou ao ponto sensível a que minhas pernas levam, às partes do meu corpo que tremiam de tão ávidas, perdi a habilidade de

sustentar meu corpo no ar e caí em cima do balcão. Só Deus sabe para que lado o meu cabelo foi parar. Eu conseguia ver a cabeça loira do Asa entre as minhas pernas e sentia a tortura maravilhosa a que ele me sujeitava com sua boca e sua língua. Quando ele levantou a mão livre, a que não estava me excitando e brincando com o calor úmido da região central das minhas pernas, e entrelaçou seus dedos aos meus, não me aguentei.

Foi um gesto tão doce, tão terno e tão fora do comum para ele, que explodi em um milhão de pedacinhos de amor e prazer. Pelo espelho, vi o Asa me observar gozar por ele. Seus olhos tinham um brilho profundo, e imaginei como algo conseguia sobreviver ao fogo de sua alma.

Fiquei lá deitada, sem conseguir me mexer, e o Asa se levantou. Então apoiou as mãos no balcão, ao lado do meu corpo, e se inclinou sobre mim. Deu um beijinho leve na minha clavícula, depois um em cada bochecha. Quando sua boca encostou na minha, senti meu próprio gosto e o do *scotch*. Foi o suficiente para as minhas partes femininas se animarem de novo. Passei o outro braço em volta de seus ombros e enrosquei os dedos no cabelo de sua nuca.

– Ter uma vida boa não me parece algo tão inalcançável com você deitada na minha frente e com seu gosto na minha língua, Ruiva.

Ele falou tão baixinho que pensei ter imaginado, mas então me beijou de novo tão de leve, com tanta doçura, que, juro, seu beijo tinha pedaços do seu coração, e tive a certeza de que daria qualquer coisa para acordá-lo e trazê-lo para o aqui e agora, ao meu lado. Era algo bom demais para ser desperdiçado, e o Asa merece viver isso, mesmo achando que não.

Passei o dedo ao redor de sua orelha, e ele tremeu.

– É melhor você tomar providências para o Rome não ver mais do que o necessário ao conferir os vídeos de segurança amanhã cedo – falei.

O Asa deu uma risadinha e se endireitou. Depois se afastou de mim, pegou minhas roupas espalhadas pelo chão e me ajudou a me levantar do balcão, para eu poder me vestir. Fiquei meio tonta, e ele precisou me segurar, o que acabou levando a mais uma rodada de

beijos e pegação bem intensa, já que eu ainda estava pelada. Nós dois gememos, e ele se afastou com relutância, dizendo que ia dar um jeito no vídeo, para que não se perdesse e nos assombrasse no futuro. Seu sorriso divertido mudou para o padrão predador em um piscar de olhos. Ele começou a andar de costas e disse:

– Quando chegarmos na minha casa, é a minha vez.  
Ai, meu Deus. Eu ADORO esse revezamento.

## *Asa*

—VOCÊ FALOU COM A MÃE RECENTEMENTE? – perguntou Ayden, sentada no banco do passageiro, enquanto tentava se entender com o cinto de segurança do meu carro antigo e olhava para fora.

Minha irmã ia voltar para Austin com o Jet no sábado e pediu para passar o dia comigo antes de ir embora.

Tenho saudade da Ayden, mas ficar o dia inteiro no meu apartamento jogando conversa fora não me pareceu nada divertido. Por isso, fui buscá-la e pedi para ela ir comigo realizar uma tarefa que, há um mês, eu estava louco para realizar. Até ali, a conversa havia sido bem tranquila e superficial, mas, quando minha irmã tocou no assunto família, tive certeza de que não ia continuar assim por muito tempo.

– Falei com ela há uns dois meses. A mãe me ligou de alguma cidade no estado de Nevada. O sujeito com quem estava a tinha largado em uma parada de caminhoneiros, e ela queria dinheiro para voltar para casa.

Só que não sou burro e sei que “dinheiro para voltar para casa” significa dinheiro para enfiar em um caça-níqueis até o próximo caminhoneiro aparecer.

– E você mandou?

A Ayden parecia furiosa. Sempre fica assim quando nossa mãe aparece na conversa. Pelo forma como fomos criados, poderíamos não ter tido nenhuma chance. Tenho muito orgulho da minha irmã, por ela ter saído daquele buraco sozinha.

– Não. Falei que eu poderia ir buscá-la, se ela voltasse e ficasse comigo até conseguir se reestabelecer. Então, a mãe desligou na minha cara e nunca mais me ligou.

Minha irmã suspirou, virou para fora de novo e comentou:

– Bem ela mesmo.

Como não era possível discordar e não tinha nada a acrescentar, a conversa meio que parou por aí até chegarmos a um bairro bem desagradável e barra pesada. A Ayden me olhou de novo e espremeu os olhos.

– Por que você quer conversar com essa menina mesmo? Ela roubou dinheiro do Rome e me parece uma ingrata sem o menor remorso. Por que está perdendo seu tempo com ela?

Há semanas eu pensava na Avett, no jeito como ela sumiu e no fato de ninguém, nem seus pais, terem notícias dela. Não conseguia me livrar da impressão de que havia algo por trás de seu comportamento terrível, além do fato de a menina ser uma pirralha mimada e ingrata. Sabia muito bem que esse nível de pirraça, frieza e falta de consideração pela consequência de suas atitudes na vida de outras pessoas tinha causas profundas e sombrias. Tão profundas e enraizadas que poucas pessoas conseguem entender ou reconhecer. Sou íntimo do autodesprezo e conseguia senti-lo tomar conta daquela jovem.

Eu inclinei a cabeça na direção da minha irmã e mandei um olhar inquisidor.

– Muita gente poderia perguntar por que você perdeu não só o seu tempo, mas boa parte da sua infância, comigo, Ayden. No fim das contas, todos precisamos que alguém tente nos salvar, mesmo que esse alguém não consiga. Só o fato de terem tentado já é bem importante.

A Ayden piscou os olhos, igualzinhos aos meus, cruzou os braços e respondeu:

– Você mesmo se salvou. Lutou para sair do coma. Mudou de vida quando veio morar em Denver. Pediu desculpa mais de um milhão de vezes por tudo o que aconteceu no passado. Você foi seu próprio salvador, Asa. Ninguém precisou fazer o trabalho sujo por você.

Parei o carro na frente de uma casa geminada que, obviamente, já tinha tido dias melhores. Não era um *trailer* enferrujado no Kentucky, mas bem que poderia ser. Desliguei o motor e encostei o corpo no banco do carro, para conseguir olhar a Ayden. Ela me observava com atenção e, pela tensão em seus ombros e pelos

punhos cerrados sobre seu colo, vi que aquela conversa toda a deixava frustrada. Era assim que minha irmã ficava sempre que eu me metia em encrenca, e ela precisava tomar medidas drásticas e desesperadas para me livrar da confusão. Pus a mão em cima de um dos seus punhos cerrados e falei:

– Eu morri naquele hospital, Ayd. E não vi nenhum anjo tocando harpa. Não teve nada de redenção ou de arrependimento. Eu morri, e ficou bem evidente que eu teria exatamente o destino que andei procurando com todas aquelas merdas loucas que fiz para os outros. Vi apenas todos os erros que já tinha cometido e todas as decisões erradas que havia tomado explodirem à minha volta. Pela primeira vez, enxerguei como tudo aquilo te afetava. Eu estava morrendo e tinha certeza do que me esperava do outro lado da vida, mas não pude ir sabendo que você só se lembraria de mim por essas coisas. Eu precisava voltar e te dar outras lembranças, alguma coisa boa para acompanhar os quilômetros de maldade que joguei em cima de você. Queria ter a oportunidade de ser o irmão que sempre mereceu ter. Então, não mesmo, eu não me salvei. Você me salvou. Como sempre fez, minha vida inteira.

Vi que seu lábio inferior tremia, até que ela o mordeu para a tremedeira parar. A Ayden abriu as mãos embaixo da minha, enrolou os dedos trêmulos em volta da minha mão, e sua voz, normalmente rouca, ficou ainda mais por conta da emoção. Ela me disse o que acho que precisava escutar dela desde sempre.

– Sempre tive orgulho de te ter como irmão, Asa. Sim, houve vezes no passado em que morri de vontade de te servir de comida para os lobos, e não é nenhum segredo que fui embora de casa porque não sabia mais o que fazer para te ajudar. No entanto, nós dois sobrevivemos a tudo isso e somos pessoas melhores por causa de tudo o que passamos. Sei que você lamenta as coisas que aconteceram quando éramos mais novos, mas preciso que abra os seus olhos e perceba que o mérito é seu por ter mudado e estar na situação em que está agora. Faz tempo que fiz as pazes com o Asa da minha infância. O que eu quero é amar o Asa que está comigo agora. Você precisa se livrar do peso que carrega por todas as coisas ruins do passado, peso que te coloca para baixo, antes que esse

peso te esmague.

Era estranho de tão parecido com as coisas que a Royal me diz quanto mais me envolvo com ela. Acho que ainda não estou preparado para me livrar de tudo isso, mas uma certa ruiva sensual anda aliviando esse peso aos poucos. Quem sabe, quando ela terminar, possa me sentir mais leve, um ser humano que valha a pena, alguém de quem não sinta nojo ao me olhar no espelho.

Me inclinei para dar um beijo bem no meio da testa da Ayden, entre suas sobrancelhas preto-azuladas. Minha irmã soltou um suspiro trêmulo.

– Nunca mais vou te decepcionar, Ayd. Essa é a única coisa neste mundo que posso prometer, e tenho certeza de que é uma promessa que vou cumprir.

Ficamos nos encarando em silêncio por um tempão. A seriedade das minhas palavras e o fato de eu perceber que ela havia entendido que eu estava sendo muito, mas muito sincero, finalmente conseguiram me absolver de um pouco da culpa que me sufoca toda vez em que penso nas coisas que minha irmã fez para me salvar.

Tanto eu quanto ela precisávamos tomar um ar e pensar. Estávamos ansiosos para sair do carro. Disse que ela podia esperar na calçada se quisesse, mas minha irmã só revirou os olhos e foi comigo até a porta da casa. Bati e me encolhi todo, porque a porta balançou no batente. Vários pedaços grandes de tinta caíram no degrau, perto das minhas botas, e as lembranças de um *trailer* apertado como uma lata de sardinha surgiram diante dos meus olhos. O motivo de a Avett querer ficar ali, quando seus pais estavam tão dispostos a lhe estender a mão, está além da minha compreensão, mas algo me diz que a história é mais pesada do que aparenta.

Como nada aconteceu após duas batidas, a Ayden perguntou se a gente não podia simplesmente ir embora. Cheguei a pensar em arrombar a porta, mas, com o azar que tenho, alguém poderia chamar a polícia, e eu ia acabar no banco de trás da viatura da Royal, desta vez por invasão de propriedade. Sem contar que eu não tinha nenhuma prova de que algo suspeito estivesse mesmo acontecendo com a Avett. Eu só tinha um pressentimento de que a

esquentadinha de cabelo rosa havia dado um passo maior do que a perna com aquele namorado viciado.

A Ayden virou as costas e resmungou consigo mesma, dizendo que certas meninas não sabem o que é bom para elas. Nessa hora uma fresta surgiu na porta. Um dos olhos castanhos da Avett apareceu. Mesmo só com essa frestinha, vi que a garota estava um caco. A raiz de seu cabelo castanho escuro aparecia no lugar do rosa de sempre, e ela estava magra e pálida. Também tinha um arranhão bem feio na bochecha. Todas as unhas da mão que segurava a porta estavam quebradas, e ela tinha feridas em todos os nós dos dedos. Ela parecia ter se metido em uma briga. Eu não tinha certeza, mas, se foi isso mesmo, não foi ela quem ganhou o embate.

– O que você está fazendo aqui, Caipira?

A voz da Avett era fraca, meio rouca, como acontece quando alguém grita por muito tempo. Toda aquela cena me fez enrugar a testa, e minha ira veio à tona.

– Todo mundo está preocupado com você. Pensei em passar aqui para ver como está e tranquilizar o pessoal.

Só que isso não ia acontecer. O Brite é capaz de perder a cabeça se vir a filha naquele estado.

– Foi seu namorado drogado que fez isso com você?

Cruzei os braços para ela entender que eu não ia sair dali, e a Avett abriu um pouco mais a porta. Seu lábio inferior estava cortado, e precisei usar cada gota do meu autocontrole para não morrer de raiva ao ver as marcas roxas que formavam uma espécie de colar pavoroso em seu pescoço.

A Avett tirou várias mechas de cabelo rosa do rosto e ficou em uma posição muito parecida com a minha. Mesmo toda machucada, ela ainda era uma coisinha invocada. Admirei sua força, por mais que estivesse direcionada ao alvo errado.

– Faz umas semanas que não o vejo. Ele disse que estava encrocado e se mandou logo depois de eu lhe entregar o dinheiro que roubei do Bar. Isto é obra dos rapazes que vieram procurá-lo. Pelo jeito, o Jared está metido em uma encrenca muito maior do que deu a entender. Os sujeitos acharam que eu estava mentindo ao dizer que não sabia onde ele estava. Este – a Avett apontou para o

rosto machucado – foi o jeito de me persuadirem a contar a verdade sobre o paradeiro dele.

Sua voz rouca falhou, e um arrepio percorreu a minha espinha. Sei muito bem como os tipos maus agem para conseguir informações de quem faz parte da vida de outros tipos maus. Aposto todas as minhas poucas posses que o que podíamos ver era só parte do que a Avett havia precisado aguentar para proteger o inútil do namorado.

– Por que ainda está aqui, Avett? Vai para casa. Deixa o seu pai tomar conta de você, deixa a sua família te ajudar. Onde é que você acha que vai parar desse jeito?

A Ayden deu alguns passos na direção da porta, e a Avett olhou minha irmã, que foi logo lhe dizendo:

– Você vai acabar se odiando e se afastando das pessoas que te amam. Vai parar em um beco sem saída, sentada ao lado da cama de alguém que você ama, e vai rezar para essa pessoa se recuperar dos ferimentos que a deixaram à beira da morte por se meter em encrenca de novo e, uma hora ou outra, será preciso pagar o preço. E você vai ter que pagar também.

A menina sacudiu a cabeça, entrelaçou as mãos, abriu a porta e deu um passo para trás.

– Vocês não entendem – respondeu. – O Jared não é mau. Ele me ama, só está com problemas. E precisa de mim.

Eu e a Ayden trocamos um olhar. Minha irmã sabe tão bem quanto eu que não adianta tentar ajudar alguém que não está disposto a se ajudar.

A Ayden falou, com a voz bem dura:

– Os problemas do seu namorado não precisam automaticamente ser seus problemas.

– O Rome não registrou queixa, seus pais fariam de tudo para lhe dar outra oportunidade de uma vida normal e estável. Vim até aqui porque você me lembra demais de como eu era pouco antes de tudo virar uma grande merda na minha vida. Quantas chances pensa que tem antes de sua sorte acabar? – perguntei. Então dei uma risada seca, passei a mão na nuca e continuei: – Porque, deixa eu te falar, quando a sorte acaba, é muito assustador, e o que te espera é algo

que não desejo ao meu pior inimigo.

A Avett apenas sacudiu a cabeça outra vez, enfiou os dedos machucados no meio do cabelo e sussurrou:

– Eu amo o Jared.

Então me olhou, dando a entender que a conversa tinha acabado, deu meia-volta e sumiu dentro da casa.

Fiquei lá parado, em silêncio, por um bom tempo, tentando entender como me sentia em relação ao que havia acabado de acontecer. Não estou acostumado a me sentir impotente quando quero ajudar alguém e não posso dizer que estava me importando muito com aquilo. A Ayden segurou meu cotovelo e deu um puxão, para eu me mexer. Então inclinou a cabeça, a apoiou no meu ombro e disse:

– Esse tipo de amor mata.

Sua voz estava tão baixinha que pude ouvir o eco das lembranças e do medo.

– Isso não é amor.

Minha irmã murmurou, concordando comigo. Voltamos para o carro em silêncio e fomos ao centro da cidade.

– E então, o que você vai fazer? A menina não pode ficar naquele lugar, com as pessoas que procuram o namorado viciado dela dispostas a usá-la como moeda de troca.

Ela conhecia aquilo tudo tão bem que me arrependi de tê-la deixado vir comigo. Minha irmã não precisava reviver essas coisas do nosso passado.

– Vou falar com o Brite e acho que ele vai entrar lá e tirar a garota à força daquele antro de *crack*. Sei que ele anda frustrado com as decisões que a Avett tem tomado nos últimos anos, mas não vai ficar sentado vendo a filha arriscar a própria pele por causa de um vagabundo qualquer viciado em drogas. De jeito nenhum.

A Ayden soltou a cabeça no encosto do banco e pôs as botas em cima do painel. Se meu carro estivesse em condições impecáveis, eu teria dado um piti, mas, como a restauração ainda está em andamento, deixei passar batido.

– O Brite pode não ter escolha.

Sabia que minha irmã falava de mim e de todos os problemas em

que nos meti. Ela me olhou, e senti meu coração e minha alma, que acreditei estarem perdidos, se encontrarem e funcionarem juntos quando ela me disse, baixinho:

– Você é um homem bom, Asa. Pode até não enxergar isso, porque está acostumado a ver a pessoa que costumava ser, mas agora está bem aqui na minha frente, e posso ver o bem brilhar em você. O fato de eu conseguir enxergar isso significa que também deveria ser capaz de enxergar.

Depois dessa, não pude dizer nada, fiquei sem palavras. Mesmo que eu as tivesse, tinha medo de estragar o momento, aquele segundo pelo qual esperei desde que acordei do coma. A Ayden me vê como um homem bom e, quando me disse isso, senti que estava sendo perdoado por tudo que a fiz passar. Literalmente senti que alguns dos tijolos de culpa que formam o muro que me impede de estar envolvido com o presente começarem a ruir.

Eu ia levar a Ayden para a casa do Rule e da Shaw, onde ela estava hospedada com o Jet. A Ayden não parava de falar de como o bebê deles é fofo, e perguntei se ela e o Jet estavam pensando em ter um também. Ela deu risada. Minha irmã me contou que o Jet é louco para ter filhos, mas, considerando a nossa criação e a mãe nada exemplar que temos em casa, ela não se anima muito para pôr uma criança no mundo. A Ayden disse que os dois concordaram em adiar a discussão até ela terminar a faculdade, mas conheço bem a minha irmã, e já a vi ao lado do Jet. Os dois seriam pais maravilhosos, e aposto que ele vai convencê-la a engravidar bem antes de ela receber o diploma.

Parei em um sinal vermelho, meu celular tocou, e o rostinho lindo da Royal apareceu na tela. Meus planos de manter uma distância segura dessa mulher foram por água abaixo, porque, só de ver seu nome no telefone, meu coração dispara e minha pulsação acelera.

Passei o dedo na tela e pus o aparelho perto da orelha.

– E aí, Ruiva? – perguntei.

Sem muito esforço, senti seu gosto misturado com o do *scotch*, uma sensação quente e terrosa na ponta da minha língua. Me mexi todo no banco, e minha irmã me mandou um olhar inquisidor.

– A que horas você precisa entrar no trabalho hoje à noite?

O fato de ela parecer feliz ao falar comigo mexe com meu coração de verdade. Não tenho como não perceber que sou importante para essa mulher, o que reconheço em todos os modos sutis que ela tem de demonstrar isso.

– Preciso estar no Bar lá pelas cinco – respondi. Ela suspirou e ficou em silêncio. – Royal, se você precisa de alguma coisa, é só pedir.

Minha irmã deu uma risadinha debochada, e a olhei feio.

– Minha mãe pediu para eu jantar lá na casa dela. Sei que a gente não é o tipo de casal que conhece a família um do outro nem nada, mas pensei que você poderia ir comigo. Eu amo minha mãe, mas ela pode ser bem cansativa e tem andado meio de baixo-astrol. Acho que ia gostar muito de te conhecer, sem falar que é uma delícia te olhar, mesmo quando está vestido.

Dei risada. Conheci muitos pais de garotas nos meus tempos áureos, mas normalmente estava fingindo ou tão emaranhado em um golpe que nunca ninguém me conheceu de verdade. Era libertador e emocionante a Royal me convidar para ir à casa da mãe, considerando que essa mulher conhece todos os meus defeitos e fracassos. A Royal não faz nenhum segredo de como sua relação com a mãe é próxima. Só de pensar que preciso ser aprovado por alguém da família para que ela continue fazendo parte da minha vida fiquei uma pilha de nervos.

– Vou ligar para o cara novo e perguntar se ele pode ficar um pouco mais até eu chegar. Acho que não tem problema... E você sabe que eu adoro quando fica me devendo um favor, Ruiva.

A Royal deu risada, e o som carinhoso fez faíscas da mais pura felicidade explodirem por todo o meu corpo. Essa mulher me esquenta muito mais rapidamente do que o melhor *scotch* que já tomei na vida.

– Pagar o que devo é uma das coisas que mais amo nesta vida, Asa. Passo na sua casa para te buscar quando sair do trabalho. Tudo bem por você?

Soltei um gemido e falei:

– Você e essas suas algemas... Qualquer dia vou cumprir minha ameaça de usá-las, viu?

Ela riu outra vez e respondeu:

– Mal posso esperar. Até mais tarde.

Quando desliguei o telefone, a Ayden se virou completamente para o lado e me olhou como se nunca tivesse me visto.

– Que foi?

Sei que fui meio grosso, mas não estava preparado para ter minha irmã dissecando meu relacionamento complicado com a Royal. E, para falar a verdade, nem eu entendo o que rola direito para poder explicar a alguém.

– Você está caidinho pela policial, não está? Desde quando aceita conhecer os pais de uma mulher?

Estou *muito* mais do que caidinho.

– Acho que, a esta altura, estou é de quatro por ela. E sempre conheço os pais da garota quando me interessa.

– Você está com medo?

Lembrei de como a Ayden correu rapidinho para os braços do Jet quando se deu conta de que ele era o homem da sua vida.

– Tenho medo por ela. Eu acabo fodendo tudo o que é importante para mim, mas sempre fui sincero com a Royal, e ela continua comigo. Ela vive me falando que vale a pena se arriscar por mim.

Tenho que causar uma boa impressão na mãe da garota, mesmo que precise usar um pouco dos meus velhos truques.

– A Royal tem um relacionamento bem próximo com a mãe. Como ela cresceu sem o pai, seria legal conseguir o selo de aprovação da mamãe.

A Ayden balançou a cabeça e falou:

– Vale muito a pena se arriscar por você... e por ela também. Se parar de se preocupar com o que *pode* acontecer entre vocês dois e se concentrar no que *está* acontecendo, irá enxergar isso. Acho que você ama a Royal, mas está tão preso ao passado e tão preocupado com o futuro que nem consegue ver o presente.

– Não faço a menor ideia de como se ama outra pessoa além de mim, Ayd.

Minha irmã esticou o braço e me deu um soquinho na lateral da cabeça. Fiz uma careta e parei o carro na frente de uma casa bem

conhecida, no bairro de Capitol Hill.

– Para de inventar desculpas. É mais inteligente do que isso, Asa. Você me ama, ama a mamãe, apesar de ela não merecer, e acho que, finalmente, depois de muito tempo, está começando a se amar um pouquinho. Você pode amar a Royal se conseguir se permitir.

A porta da casa se abriu, e os olhos da Ayden brilharam ao ver um homem alto, de cabelo escuro bagunçado e calça jeans preta muito justa sair pela porta. Nunca pensei que o Jet Keller, com seu jeitão de roqueiro, poderia ser a alma gêmea da minha irmã, mas isso estava estampado em cada traço de seu rosto expressivo. Era o homem da vida dela e sempre será. A Ayden sorriu sem querer, pôs a mão na porta do carro, se virou para mim e falou:

– Você precisa se permitir amar alguém completamente, Asa. Isso é que vai te libertar do passado. Quando somos preenchidos por esse tipo de amor, não sobra espaço para mais nada, para nenhum arrependimento ou recriminação. Sei que você disse que acordou do coma por minha causa, mas não tem vivido de verdade, e acho que a Royal pode ser quem vai te dar motivo para, finalmente, começar a viver.

Minha irmã saiu do carro, e o Jet começou a descer as escadas na direção dela como se aqueles quatro metros que os separavam fossem uma distância grande demais para suportar. Chamei a Ayden, e ela se abaixou e colocou a cabeça dentro do carro.

– Sinto sua falta. Só queria que você soubesse disso – falei.

Minha irmã me deu uma piscadinha, e duas mãos cheias de pesados anéis de prata cobriram sua cintura.

– Eu também sinto sua falta, mas acho que vou começar a me preocupar menos com você depois dessa viagem.

O Jet se abaixou e me deu “oi”, depois puxou a minha irmã e a beijou como se não a visse há semanas. Se isso é que é viver de verdade, eu tenho feito tudo errado nesses últimos dois anos, e a Ayden está coberta de razão.

*Royal*

**N**ÃO SEI POR QUE FUI PEDIR ao Asa para conhecer minha mãe. Talvez tenha sido a necessidade de lhe mostrar que para mim é importante que tudo entre a gente dê certo, mais importante do que qualquer outra coisa a que ele possa estar se apegando. Ou talvez eu só quisesse ver como ele lidaria com minha mãe temperamental. Seja qual for a razão, eu tinha o convidado para aquele jantar com segundas intenções e, considerando que ele é a pessoa mais inteligente que conheço, tenho certeza de que percebeu.

Mesmo assim, quando bati na porta de seu apartamento após o trabalho, ainda de uniforme, o Asa me olhou de cima a baixo e falou que nunca, nem em um milhão de anos, poderia pensar que acabaria achando uma mulher de distintivo *sexy*. Então me beijou com tanta força que meu quepe caiu. Me lembrei que minhas algemas podem ser usadas para outras coisas além de prender bandidos. Apenas revirei os olhos e fui com ele até meu carro. Qualquer dia desses, vou obrigá-lo a cumprir todas as promessas safadas que vi estampadas em seus olhos cor de âmbar enquanto ele me provocava por causa desse meu instrumento de trabalho.

A caminho da casa da minha mãe, que fica em um subúrbio chamado Littleton, expliquei rapidamente ao Asa o que estava à sua espera. Contei que ela gosta de pular de marido em marido e dei uma versão melhorada das minhas origens, o que o fez levantar a sobrancelha com um olhar inquisidor. Apenas encolhi os ombros e falei que nunca tive relação com o meu pai nem nunca quis ter. Minha mãe se matou para compensar a falta dele, e nunca fui carente de amor ou de apoio. O sujeito que contribuiu com metade dos meus genes já tinha família quando começou a se engrajar com a minha mãe, então não posso dizer que seu modelo de comportamento me fez falta. O Asa respirou fundo e comentou que

ter um conquistador barato como pai deve ser melhor do que um criminoso de carreira. Tive que concordar com ele.

– Minha mãe tem andado em uma montanha-russa emocional ultimamente. Ela nunca gostou de ficar sozinha e, desde que comecei a trabalhar em tempo integral, não para de procurar amor nos lugares errados. Me preocupo muito com ela. Às vezes, acho que ela irá ultrapassar todos os limites, e que não poderei deixar passar batido. Os homens que ela escolhe e seu comportamento com eles sempre foram uma pedra no meu sapato, mas parece que ela não me ouve. Ficarei arrasada se, um dia, a gente começar a se desentender por causa de um homem.

Fiz uma cara séria e completei:

– Se minha mãe começar a dar em cima de você, não retribua. Às vezes acho que ela perde a cabeça quando vê um homem bonito.

O Asa me deu um sorrisinho, e senti meu coração pular pela boca. Só de ele aceitar o convite já significava muito para mim, e duvido que ele tivesse consciência disso.

– Para de se preocupar. Se existe alguma coisa com a qual você não precisa se preocupar é se vou saber lidar com a sua mãe ou não.

– Não é isso que me preocupa. É se você vai conseguir aguentar a figura.

Minha mãe é a pessoa que mais amo no mundo, mas, se ela começar a lançar olhares sedutores para o Asa na minha frente, vou surtar. Nunca fui ciumenta nem possessiva, mas estou tão envolvida, tão caidinha pelo Asa, que não vou pensar duas vezes antes de dizer que ele é meu. Por mais que eu saiba, racionalmente, que minha mãe jamais me magoaria ou me deixaria chateada de propósito.

O Asa esticou o braço e pôs a mão na minha nuca, apertando de leve. Um arrepio percorreu minha espinha. Quis parar o carro e pular em seu colo. Para ser sincera, sempre tenho vontade de pular em cima desse homem, mas o fato de ele tentar me deixar segura e de estar disposto a conhecer minha mãe só para me deixar feliz me deixou ainda mais apaixonada.

– As mães são facinhas. Os pais é que costumam dar mais trabalho, mas eu também não ia querer que minha filha andasse

com um tipo como eu.

O tom do Asa era de humor autodepreciativo, e eu tinha vontade de miar enquanto ele fazia carinho em meu pescoço.

– É difícil imaginar você encarar ser formalmente apresentado aos pais de uma garota.

É difícil imaginá-lo sendo qualquer outra coisa que não esse homem complicado e difícil que se tornou o centro da minha vida.

– Eu fazia todo o necessário para conseguir o que queria, e isso inclui conhecer os pais das garotas.

Ao dizer isso, sua voz perdeu qualquer traço de bom humor.

Parei em frente da casa da minha mãe, olhei para o Asa, inclinei a cabeça para o lado e falei:

– E agora você está aqui fazendo isso por mim.

Ele me olhou por um bom tempo, e um sorrisinho se esboçou em seus lábios. Em seguida, ele se inclinou, encostou os lábios de leve nos meus e respondeu:

– E agora estou aqui.

Sei o que ele tentava dizer. Que não estava ali apenas para conhecer minha mãe porque eu havia pedido, mas que estava ali comigo, vivendo o presente. Não necessariamente por querer estar, não porque ia ganhar alguma coisa com aquilo, mas apenas porque eu tinha pedido, e ele estava fazendo um esforço consciente para estar ali ao meu lado. Não restam mais dúvidas: entreguei meu coração para um conquistador sulista que tem uma ficha criminal. Provavelmente essa não é a jogada mais esperta que já fiz na vida, mas não posso me arrepender. Não com o Asa me olhando com aquele brilho em seus olhos e aquele sorrisinho malicioso nos lábios.

Fomos até a porta, e ele pôs a mão na parte de baixo das minhas costas. Eu havia largado o quepe no carro e soltado o coque improvisado que costumo fazer para trabalhar. Gemi alto quando o Asa passou os dedos em meus cachos compridos e fez cafuné em mim. Dei a batida obrigatória na porta, entrei e gritei um “oi” para a minha mãe. Ela também gritou para me informar que estava na cozinha. Comecei a andar naquela direção, mas parei quando o Asa congelou no corredor olhando as várias fotos emolduradas e penduradas ali. Eu estava em todas. Havia várias com o Dom e suas

irmãs, mais um monte minhas com a minha mãe. Parecia que os olhos do Asa estavam colados nas imagens, e todo o seu bom humor e seu jeito carinhoso de segundos atrás haviam desaparecido atrás de uma carapaça que embaçava o brilho de seus olhos. Ele cerrou os dentes com tanta força que cheguei a ouvir um estalo. Toquei seu braço, que parecia duro como pedra.

– Você está bem?

O Asa levou um susto, parecia ter sido eletrocutado. Quando me olhou, parecia estar na frente de uma desconhecida. Seu pomo de Adão subiu e desceu, e ele cerrou os punhos aos lados do corpo. Depois sacudiu a cabeça devagar e deu um passo para trás, ficando fora do alcance da minha mão. Fiquei perplexa com a repentina mudança de atitude, dei uma risada forçada e perguntei:

– Você se assustou tanto assim ao me ver de aparelho nos dentes e com joelhos saltados?

Eu estava com uma expressão feliz em quase todas as fotos daquela parede. Minha vida antes de conhecer o Asa desfilava na frente de seus olhos, e comecei a imaginar que, de repente, ele havia começado a pensar na seriedade da situação, de vir conhecer minha mãe e fazer parte de todos os aspectos da minha vida. Parecia que ele estava tentando encontrar as palavras certas, mas então ouvi um farfalhar e minha mãe apareceu, obviamente tentando adivinhar por que estávamos demorando tanto. Ela tinha uma taça de vinho na mão, um sorriso acolhedor nos lábios e perguntou, animada:

– Vocês se perderam?

E então arregalou os olhos e ficou de queixo caído ao cruzar o olhar com o do Asa. Achei que ela havia ficado sem palavras diante da lindeza que ele é, até a taça escorregar por seus dedos e espalhar o líquido vermelho por todo o tapete chique do local. Minha mãe até pode ser meio instável, mas costuma ter o charme de uma antiga estrela de Hollywood.

– Mãe! – gritei.

Então dei um passo para a frente. Ela ficou abanando a mão, tirou os olhos do Asa e olhou para a bagunça que havia acabado de fazer. Deu uma risada meio histérica e correu até a cozinha, voltando

em seguida com um pano e desinfetante. Estava levemente vermelha, e percebi que não me olhava nos olhos, o que era muito estranho.

– Desculpe. Não sei o que deu em mim.

Em seguida, ela ficou de quatro no chão, e eu fiz careta para ela e para o Asa, que parecia uma estátua. Nunca tinha visto ele tão sério e tão distante, nem na noite que o prendi por um crime que ele não havia cometido.

– Mãe, esse é o Asa Cross. Asa, essa é a minha mãe, Roslyn Hastings.

Minha mãe olhou rapidamente para cima e voltou os olhos para o chão.

– Hmmmm... Prazer em conhecê-lo, Asa – falou, com um tom frio e nem um pouco acolhedor.

O Asa abriu a boca, mas fechou em seguida. Levantou a mão na altura do rosto e passou pelo maxilar, como se estivesse se esforçando muito para encontrar algo a dizer. Fiz nova careta para ele e cruzei os braços. Eu estava prestes a bater os pés no chão de tanta irritação e a dar um piti daqueles.

– O que vocês têm, hein?

Sei que minha mãe é dramática e que não havia deixado a melhor das primeiras impressões, mas aquela reação de homem estátua me pareceu exagerada, ainda mais que o Asa havia me garantido que conseguiria lidar com ela sem o menor esforço.

Minha mãe nos fez ajudá-la a servir o jantar e, quando nos sentamos, não pude deixar de notar que o Asa escolheu o lugar na ponta, o mais longe possível de mim e dela. Também não tive como não perceber que ele mal tocou na comida, enquanto minha mãe tagarelava a respeito de tudo e de nada em uma velocidade alarmante. Eu nunca tinha visto ela agir de um jeito tão nervoso. Bati o garfo no prato, espremi os olhos para ela e falei:

– Mãe.

Ela fechou a boca tão rapidamente que fez um estalo. Então começou a piscar feito uma coruja.

– Esse é o primeiro rapaz que eu te apresento em anos, e você passou os últimos vinte minutos falando da lavanderia e de uma

mancha em sua blusa. Não quer saber como a gente se conheceu nem nada sobre o Asa? Você está sendo muito grosseira.

Ela balbuciou, arregalou os olhos para o Asa, depois para mim, com as bochechas muito vermelhas, e disse:

– Ai... Desculpe. Juro que normalmente tenho bons modos.

Dei um chute no Asa por baixo da mesa, e ele resmungou. Então sorriu imediatamente, encolheu os ombros e disse:

– Não se preocupe, senhora. Obrigada por fazer este jantar para nós.

Minha mãe riu de forma estridente, levantou a mão, mexeu no colar e respondeu:

– Então, pelo seu sotaque, você é do sul. De onde, exatamente?

– Do Kentucky.

O Asa continuou a sorrir, mas seu tom de voz não era nada alegre.

– Ah, aposto que lá é muito bonito.

– Não na parte de onde venho.

Me intrometi na conversa antes que ficasse ainda mais estranha:

– O Asa é *barman* naquele lugar que te contei, que ando frequentando.

– *Barman*... Parece um trabalho muito divertido – ela disse, com um tom animado demais para o meu gosto.

– Tem seus momentos.

A resposta malcriada do Asa foi a gota-d'água. O clima de tensão era tanto que eu estava ficando sem ar.

Afastei a cadeira da mesa e me levantei, com as mãos apoiadas. Olhei para um e para outro e perguntei:

– O que está acontecendo aqui, caramba?

Precisava de uma explicação para o comportamento estranho do Asa. Urgente.

O Asa também empurrou a cadeira para trás.

Ele se levantou, e o olhei com ar de súplica.

– Asa? – murmurei, e ele se aproximou de mim. – Estou me sentindo por fora, aqui. O que exatamente está acontecendo?

Ele pôs a mão na minha nuca, por baixo do meu cabelo comprido, se abaixou e beijou minha testa. Senti um gosto de

despedida e, quando olhei para o seu rosto, vi que a máscara afável que ele tinha usado durante o jantar havia sumido e que aquela estátua estranha estava de volta. Todas as perguntas que eu tinha para fazer sobre seu estranho comportamento desapareceram de repente, substituídas por ondas agudas de dor, porque vi, refletido em seu olhar embaçado, o que ele estava prestes a fazer.

– Não consigo fazer isso, Royal.

Então roçou os lábios no alto da minha bochecha e o brilho escasso que tinha em seus olhos se extinguiu completamente.

– Chega de joguinhos, de mentiras, chega. Eu te avisei que esse nosso lance ia se autodestruir mesmo que eu não quisesse.

– Do que está falando? – perguntei. Estava muito perdida, muito confusa, e tinha certeza de que, se ele fosse embora naquele momento, seria para sempre. – O que você não consegue mais fazer?

Não sabia se tinha sido demais pressioná-lo para conhecer minha mãe. Vai ver, isso era sério demais para os padrões de relacionamento do Asa, mas eu estava disposta a segurar sua mão e sair correndo daquela casa com ele se isso fosse impedi-lo de fazer o que estava prestes a fazer.

Tentei segurar o braço dele, mas o Asa se sacudiu e saiu da cozinha, em direção à porta da casa. Fui atrás, absolutamente brava e perplexa.

– Asa, o que você está fazendo? Aonde você vai?

Estávamos em Littleton, e eu é que estava de carro.

Ele parou na frente da porta e se virou para mim. Se coração partido fosse uma expressão facial, era a que eu estava vendo em seu rosto naquele momento.

– Nunca pensei que fosse capaz de sacrificar alguma coisa pelo bem de outra pessoa. Acho que estou realmente mudado.

Senti vontade de chorar.

– Não estou entendendo. É porque te pedi para conhecer minha mãe?

Será que forcei a barra para ter um relacionamento de verdade, e aquela era a maneira de o Asa impor limite?

– Sei que não está entendendo e espero que nunca entenda.

Você merece coisa melhor, Royal. Sempre mereceu.

Ele não respondeu a pergunta sobre a minha mãe, mas vi uma chama se acender em seus olhos. Pus a mão sobre o peito, porque meu coração ia sair pela boca. Mereço coisa melhor do que o quê? Ele? Para mim, isso não existe.

– Estou apaixonada por você – falei.

E minha voz falhou porque, mesmo depois disso, ele abriu a porta. Então virou para trás e me olhou.

– Sei que está. E é por isso que vou sair por esta porta.

Depois dessas palavras, o Asa foi embora, me deixando ali parada, surpresa e perplexa.

Olhei em silêncio para a porta por uns dez minutos, até minha mãe aparecer. Ela me encontrou parada feito uma estátua, tremendo, com grandes lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Royal?

Minha mãe pôs a mão em meu ombro, e pulei de susto. Abracei meu próprio corpo bem apertado porque, naquele exato momento, precisava tanto de um abraço quanto do ar que respiro. Ao olhá-la, juro que vi culpa e alívio estampados ao mesmo tempo em seu rosto.

– O Asa acabou de ir embora.

Ela balançou a cabeça de leve, mostrando ter entendido que ele não havia ido embora apenas daquele jantar desastroso.

– Mas ele não veio no seu carro?

Virei para a minha mãe. As palavras estavam presas na minha garganta, porque eu sentia uma onda de emoção tão turbulenta que achei que fosse me despedaçar.

– Ele foi embora para sempre, mãe.

Minha voz quase não saiu. Ela fez um ruído de compaixão e pôs a mão de leve no meu ombro.

– Bom, sabe tão bem quanto eu que é isso que os homens fazem. Principalmente homens como ele, que têm o demônio e a tentação estampados nos olhos.

Fiz careta para ela. Sempre soube que dar em cima do Asa tinha grandes chances de acabar em mágoa, mas eu comecei a acreditar que estávamos extrapolando as possibilidades.

Olhei para minha mãe e perguntei, com a voz entrecortada de tristeza:

– Por que você estava agindo de uma forma tão estranha com ele?

Por dentro, tudo o que eu mais queria era correr atrás do Asa, ligar para ele, implorar para ele me explicar que porra estava acontecendo.

Minha mãe demonstrou irritação e deu alguns tapinhas nas minhas costas, meio sem jeito.

– Não gostei do jeito como ele te trata. Alguma coisa no rosto daquele rapaz grita que não vale a pena o esforço. Já cometi muitos erros no quesito homem, por nós duas, Royal. Pode acreditar quando eu digo que é melhor ficar sozinha do que maltratar seu coração.

– Isso é ridículo, você está julgando o Asa sem conhecê-lo.

Ele é muito mais do que um rostinho bonito. A complexidade que se esconde por baixo da sua fachada astuta não é nada atraente, e é disso que mais gosto no Asa. Sua feiúra o torna ainda mais lindo.

– Conheço muito bem homens como ele e já fui vítima de rostinhos bonitos mais de uma vez, Royal. Seu pai não me conquistou com palavras doces e gestos grandiosos. Ele era o homem mais lindo que eu já tinha visto, e isso me impediu de ver que ele era casado e todas as coisas erradas que havia em nosso relacionamento. Você merece coisa muito melhor. Não te diria isso se não fosse verdade, querida. Só quero sua felicidade, sempre quis.

Abafei um soluço que teimava em sair e precisei piscar para conseguir enxergar através das lágrimas penduradas em meus cílios. Odiei o fato de tanto a minha mãe quanto o Asa resolverem, de repente, que havia alguém à minha espera melhor do que a pessoa que eu queria... ele.

– Não quero ninguém melhor. Quero o Asa, e ele me faz feliz, principalmente porque permite que eu o faça feliz.

Minha mãe pronunciou meu nome de novo, mas eu estava em transe. Sabia que faltava alguma coisa naquela história, uma trilha de migalhas de pão que levava ao meu coração partido, mas não conseguia me concentrar em nada além da dor que sentia. Eu

estava arrasada e, quando isso passasse, ficaria furiosa comigo mesma por ter corrido um risco tão grande, mesmo sabendo que o resultado me destruiria.

Abri a porta pela qual o Asa tinha acabado de sair da minha vida e andei até o carro, anestesiada. Queria que aquela noite começasse de novo. Queria dar um soco na cara do Asa por ele ter causado o fim desastroso do nosso relacionamento apenas por não conseguir se controlar. Queria que alguém me abraçasse e dissesse que aquilo tudo era só um pesadelo.

Resolvi ir para a casa do Dom e me acabar de tanto chorar, tentando entender como, em um piscar de olhos, tudo deu tão errado.

## Asa

**M**ESSES ATRÁS, quando o Rowdy estava tentando entender seus sentimentos pela Salem, disse a ele que os homens que se sacrificam, que se doam aos outros, merecem cada gota de felicidade que o mundo tem a oferecer. Fiquei com a Royal apenas por um minuto, uma fração de segundo, mas valeu muito mais do que os anos e as décadas que desperdicei sendo um filho da puta egoísta e inconsequente. O que ela criou dentro de mim é muito mais poderoso e duradouro do que tudo o que consegui destruir sozinho. Pela primeira vez na vida, tomei a decisão certa sem pensar duas vezes, sem recorrer ao caminho mais fácil, sem precisar mentir. Não tive o instinto de fingir, apenas o desejo de proteger a mulher que, tenho certeza, vou amar para sempre. A Royal me viu, me viu por inteiro, e não se assustou com nenhuma das minhas muitas faces. Por isso mesmo jamais vou contar que sua mãe, que a criou sozinha, que a educou e amou, propôs que eu fizesse sexo com ela por dinheiro. Eu seria o vilão desse enredo, mesmo sem ter feito nada de errado, e prefiro poupá-la da dor que essa revelação, sem dúvida, causaria. Pela primeira vez na vida posso ser o herói, por mais que a Royal não saiba que é isso que estou fazendo.

É engraçado. Precisei partir meu próprio coração e dar as costas para a única coisa que quis de verdade nesta vida para finalmente perceber que não sou mais quem costumava ser.

A Royal me liga todas as noites desde o dia em que fui embora da casa da mãe dela. Nunca deixa mensagem, nunca manda SMS nem aparece no Bar, mas, todas as noites, quando sabe que estou saindo do trabalho, ela me liga. Eu apenas olho para o celular e fico me segurando para não atender. Sei que ela deve estar sofrendo, confusa e perdida. O Nash quase me matou de porrada. Mesmo a Saint, que é tímida e na dela, passou lá no Bar para me dizer que

sou um bosta e um imbecil. Não me defendi, não tenho como explicar por que precisei terminar com a Royal, apesar de ter descoberto há pouco que ela é a mulher com quem quero ficar para sempre. Então, só levo as chicotadas e deixo todo mundo pensar o que quiser, até o Rome, que se sentiu na obrigação de me pôr contra a parede e falar que, obviamente, estou cometendo um erro terrível. Eu desconverso, digo a todos que nosso relacionamento estava fadado ao fracasso desde o começo e que ninguém deveria se surpreender com o fato de a minha relação com a linda policial não ter dado certo. Digo que a Royal queria demais, que conhecer sua mãe e fingir que sou um tipo normal, com um relacionamento normal, foi demais para mim. Não sirvo para isso. Para todos sustento a versão de que, quando alguém levou uma vida como a minha, coisas boas não fazem parte da equação. Toda essa conversa costuma calar a boca dos meus amigos. Há muitas perguntas para as quais eu não tenho resposta, então parei de tocar no assunto. A turma entendeu a indireta e me deixou em paz.

Não fiquei nada surpreso ao receber a visita de um sujeito que mais parecia um armário, com a perna inteira engessada e que andava como um velhinho de 90 anos, exceto pelo olhar penetrante capaz de transformar qualquer ateu em alguém temente a Deus. Sei que ele foi até o Bar por causa da Royal, e não posso condená-lo pelo jeito de quem queria arrancar meus intestinos pelo nariz.

Era a segunda vez que eu via o Dominic Voss. A primeira foi quando ele me prendeu. A cara que ele fazia enquanto mancava pelo Bar para me confrontar estava cem vezes mais feroz do que à daquela noite. Mesmo se arrastando em uma perna só e sentindo a dor absurda estampada em seu rosto, o Dom não parecia o tipo com quem você quer aprontar. Quando ele parou do outro lado do balcão e me encarou, só consegui olhá-lo e esperar para ver o que ele tinha a me dizer.

O Dom passou as mãos pelo cabelo castanho-escuro com irritação e me pediu uma dose de uísque com gelo. Virei de costas para atender seu pedido e logo em seguida coloquei o copo na frente dele, levantando a sobrancelha.

– Achei que fosse entrar aqui e ameaçar te encher de porrada...

mesmo em uma perna só. Achei que ia dizer que você é um completo imbecil por abrir mão da Royal e que não tem ideia do que está perdendo ao não permitir que uma mulher maravilhosa como ela te ame.

Então ele pegou o copo, deu um gole na bebida e levantou as duas sobrancelhas, ficando com uma expressão idêntica à minha.

– Mas só de olhar percebo que você sabe de tudo isso – completou. – Então vou apenas te perguntar por que você fez o que fez.

Fazia dias que eu não dormia. Estava enchendo a cara de uísque todas as noites. Não me dava mais ao trabalho de fazer a barba e estava todo desarrumado. Sabia que minha máscara de elegância havia sumido. Parecia que eu tinha acabado de sair rastejando daquele *trailer* lá no Kentucky depois de um mês bebendo compulsivamente, e era assim mesmo que eu me sentia.

O Dom continuou a me encarar, e eu continuei a olhar para ele. Era só mais uma pessoa querendo uma explicação que eu não podia dar.

– Você está com uma cara de merda. Ela está com uma cara de merda. Parece que nenhum dos dois está feliz com o fim desse relacionamento. Então por que você não toma uma providência, conquistador barato?

Soltei um suspiro e finalmente desviei o olhar daqueles olhos verdes penetrantes. Olhei para o balcão e passei a mão na nuca de qualquer jeito. Os nós de tensão na região mais pareciam bolas de aço e de ferro por baixo da minha pele.

– Não posso fazer nada a esse respeito, policial. Se eu tivesse uma resposta melhor para dar, eu daria... para a Royal, não para você.

Ele resmungou, matou o resto da bebida e disse:

– Você partiu o coração dela, porra, e só por isso já é um bosta, mas o que realmente te torna um bundão é ter partido o coração da minha amiga depois de tê-lo curado. Por que você se deu a esse trabalho se pretendia despedaçar o coração da Royal?

Aquelas palavras me fizeram sentir uma pontada no peito e cerrei os pulsos sem querer. A Royal já estava bem quando encostei o dedo

nela. Seu coração estava meio balançado de tanto que ela gosta do parceiro. Vê-lo ferido a tirou um pouco do esquadro. Eu só organizei os pedacinhos do seu coração e coleí. Se alguém tinha se dado ao trabalho de curar as mágoas de outra pessoa, esse alguém era a Royal. Eu nem tinha me dado conta de como meu coração estava partido até essa mulher começar a mexer comigo e trazer sua luz para a minha escuridão. Sem a Royal, eu jamais teria tido como saber que, por mais que a tenha magoado, foi melhor assim.

– Se existisse outra maneira de fazer isso, tenha certeza de que eu teria feito. Você pode não acreditar, mas eu fui embora *para o bem* dela, não *por causa* dela.

O Dom resmungou de novo, se apoiou nas muletas e disparou:

– É melhor você ter um motivo muito forte para o que fez com a minha amiga.

Ah, sim. Eu tinha um motivo absurdamente forte, mas não ia contar para ninguém e correr o risco de destruir a diminuta família da Royal. Às vezes, os filhos não precisam sofrer pelos pecados dos pais.

– Espero que se entenda com as suas merdas, conquistador barato. A Royal merece ficar com alguém que a apoie e saiba valorizar *todas* as coisas maravilhosas que ela tem a oferecer. Não sei como essa pessoa acabou sendo um ex-presidiário de sotaque arrastado, mas já vi coisas mais estranhas acontecerem nesta vida.

Passei as mãos no rosto. Meu coração pulsava de um jeito doloroso em meu peito. Não tenho como me entender com as minhas merdas, e era isso que tornava aquela situação impossível de ser resolvida. Quando o Dom finalmente chegou à porta do Bar, gritei:

– Cuida bem dela.

Ele olhou para trás com cara feia e respondeu:

– Sempre cuidei.

Com essa tacada de mestre, ele saiu do Bar e me deixou me sentindo pior do que eu já estava.

Na mesma semana, recebi outra visita que, juro, foi a mais longa da minha vida. Só queria que todos me deixassem em paz, queria me esquecer do mundo e viver o luto por ter perdido algo que,

tenho certeza, vai ficar comigo para sempre. Aconteceu no dia seguinte à primeira noite em que a Royal não me ligou. Eu já estava estressado e furioso comigo mesmo pela situação. Nunca fiquei reclamando de todas as coisas ruins que aconteceram na minha vida, nunca liguei de ter uma penitência a pagar, mas parecia que esse era o sacrifício que finalmente ia acabar comigo, ia me afogar.

Sou apenas uma concha. Uma casca vazia de homem vivendo um dia depois do outro, porque é o que os outros esperam de mim. Não preciso mais me preocupar com o bem ou o mal que faço, nem me torturar por isso, porque não há mais nada dentro de mim. Sinto que, sem a Royal, sem sua luz e sua chama, não existe presente nem tempo nenhum. Apenas estou preso em um instante neutro, enquanto o resto do mundo continua a funcionar e a progredir à minha volta.

Ela veio no início do meu turno. Estava de óculos escuros e um chapéu de aba larga, como se não quisesse ser reconhecida. Era um pouco tarde para isso. A mãe da Royal, a mulher que havia me oferecido dinheiro para fazer sexo com ela, sentou-se perto do balcão, tirou os óculos e ficou me observando com olhos arregalados e cheios de terror. Agora que vi as duas juntas, não consigo acreditar que não notei a semelhança. Tirando a cor do cabelo, a Royal é a imagem e semelhança daquela deslumbrante mulher mais velha.

A Roslyn limpou a garganta com delicadeza e pousou as mãos sobre o balcão, como se precisasse segurar algo para se manter presa à realidade.

– Não fazia a menor ideia de que estava saindo com a Royal quando comecei a vir aqui. Minha filha me falou do Bar, que era um lugar divertido, cheio de rapazes bonitos. Nunca falou de você especificamente nem mencionou que estava saindo com alguém que trabalhava aqui.

Isso não é desculpa para a coroa ter feito a proposta que me fez. Não importa se eu estava ou não envolvido com a filha dela. Agora que eu havia caído fora, que havia feito a coisa certa pela primeira vez na minha vida, sem sequer duvidar da minha decisão, conseguia enxergar as consequências mais remotas dessa escolha, com a mãe

da Royal se remexendo, nervosa, na minha frente.

Sim, eu cáí fora, mas de que vale isso se essa mulher continua livre para agir de modo tão irresponsável e sem assumir a responsabilidade por seus atos? A Royal vai se machucar de qualquer jeito, e o meu sacrifício não terá valido nada.

Ignorei a Roslyn e fui atender ao pedido de um cliente fiel. A Dixie me observava com atenção, e fiz sinal para ela ir embora, só para minha colega saber que eu estava bem. Precisava de um tempo para bolar uma tática, um segundo para tirar alguns truques do meu velho chapéu de manipulador. Para falar a verdade, a Roslyn ter demorado tanto para aparecer no Bar me surpreendeu. A sua relação com a filha estava na palma da minha mão, ela devia saber disso. Se eu fosse a mãe da Royal, teria aparecido lá bem antes. Se eu não estivesse chafurdando na minha própria perda, na minha própria mágoa, com pena de mim mesmo, talvez eu tivesse tomado a iniciativa de procurá-la. A última coisa que eu queria era abrir mão da única mulher que desejei para mim só para a mãe dela sem noção magoá-la quando não estou por perto.

Deixei a mãe da Royal esperando por quinze minutos, de propósito, e só então me aproximei dela. Ao chegar ao seu lado, apoiei os braços no balcão, me inclinei e falei baixo, para que ninguém mais ouvisse.

– Não saber que eu estava saindo com a Royal não é desculpa para o seu comportamento. Você me ofereceu dinheiro para te levar para a cama. Mesmo que eu não estivesse dormindo com a sua filha, correr esse tipo de risco é uma tolice, uma coisa desnecessária. Pense na sua filha antes de pensar em si mesma. Ponha o bem-estar dela acima da sua necessidade incessante de receber atenção do sexo oposto. Mesmo se não tivesse sido comigo, como você acha que a Royal vai se sentir se descobrir o que anda fazendo? Oferecer dinheiro para homens estranhos transarem com você é inacreditavelmente arriscado. Não faz ideia da devastação que eu causaria na sua vida se tivesse aceitado a sua proposta alguns anos atrás. Além disso, a sua filha é policial, santo Deus. Isso poderia acabar com a vida profissional dela, além da pessoal. Você por acaso parou para pensar nisso?

A Roslyn se encolheu toda e começou a torcer as mãos.

– Eu nunca magoei a Royal de propósito.

Respirei fundo, me afastei do balcão e disparei:

– Exatamente. Pode até não ser de propósito, mas as suas atitudes egoístas e impensadas magoam a Royal, sim. E já a magoaram antes de tudo isso acontecer. Você acha que ela gosta de te ver pulando de homem em homem? Acha que ela gosta de te ver agir sem pensar por causa da solidão? Acha que sua filha gosta de se preocupar com o que a mãe anda fazendo por aí porque você não sabe se cuidar sozinha? Tem sorte de ter uma filha como a Royal e nunca deu o devido valor a ela.

A Roslyn espremeu os olhos de leve e retrucou:

– E você está me dizendo que soube dar o devido valor à minha filha enquanto estive com ela, Asa?

Encolhi os ombros e respondi:

– Eu estava aprendendo a dar. Soube que a Royal era especial, que era boa demais para mim, desde o primeiro instante em que a vi, e sabia que precisava aproveitar cada segundo com ela.

– Você está apaixonado pela minha filha?

Suas palavras saíram sussurradas, e a mãe da Royal foi a única pessoa que me fez a única pergunta que eu tinha como responder.

– Sim, estou.

Para minha surpresa, dizer isso finalmente me despertou. A Ayden tem razão. Tenho vivido como um sonâmbulo, e me permitir amar a Royal a ponto de abrir mão dela foi o que me fez acordar. Só que é uma bosta ficar acordado. Tudo o que tenho é sofrimento, e eu bem que podia passar sem essa dor. Viver anestesiado tem suas vantagens, mas sei que jamais poderei voltar àquele estado. O passado precisa ficar para trás. O futuro será o que tiver de ser, e preciso me concentrar em tudo o que está bem na minha frente, aqui e agora.

A Roslyn levou a mão à garganta, em um gesto muito parecido com o que tinha feito no jantar. Então piscou e disse:

– E o que vai acontecer agora?

Cerrei os dentes, respirei fundo e falei:

– O que vai acontecer é que você vai tomar jeito. Ajude a Royal a

superar o término do nosso relacionamento, sei que ela está sofrendo e confusa. Convença a sua filha de que ela merece coisa melhor do que eu. E tenha certeza de que, se algum dia eu te pegar fazendo uma coisa imbecil como oferecer dinheiro para um estranho transar com você, vou contar tudo a ela. Se ela não acreditar em mim, conto para o Dom. Ele ficará de olho em você, e não poderá dar um passo sem ser observada. Tudo isso para garantir que nunca mais faça bobagens desse tipo. A Royal nunca te perdoaria, e o Dom nunca mais vai largar do seu pé. Você sabe disso tão bem quanto eu. A sua filha te ama, mas o que está fazendo é perigoso e imperdoável. Vai ser a gota-d'água. Ela já está de saco cheio com o seu comportamento em relação aos homens mesmo sem saber desse fato. Toma jeito ou você vai perdê-la.

Não tenho nenhum problema para cumprir essa ameaça e não sentiria nenhum remorso. Quis que a mãe da Royal entendesse isso quando ela finalmente olhou nos meus olhos.

– Por quê? Por que você está fazendo isso, em vez de contar a verdade para a Royal? Por que me dar uma chance se pode simplesmente puxar o meu tapete e viver feliz para sempre com a minha filha?

Rosnei para a Roslyn, porque queria muito que ela fosse embora.

– Estou fazendo isso porque a Royal te ama há mais tempo do que me ama. Estou fazendo isso porque ela precisa mais da mãe do que de um namorado e porque nunca pensei que seria capaz de dar as costas para o grande prêmio se pusesse as mãos nele. Estou fazendo isso porque é a coisa certa a fazer.

E, caramba, fazer a coisa certa sem hesitar nunca passou pela minha cabeça antes de eu conhecer a Royal.

Era tudo o que eu tinha a dizer. Me afastei da Roslyn e espero que nunca mais precise ver essa mulher. Não conferi se ela se levantou e foi embora naquele instante. Apenas voltei ao trabalho e fiz tudo como um zumbi o resto da noite... e na noite seguinte... e na noite depois dessa.

Mais uma semana se passou. O Rome me chamou no escritório e disse para eu tirar uns dias de folga. Falei que a última coisa de que eu precisava era de tempo livre. Meu chefe disse que não se tratava

de uma sugestão, mas de uma ordem. Mandei o Rome se foder e, a partir daí, as coisas foram ladeira abaixo rapidamente. Não lembro direito de ele me tirar do Bar à força e me xingar de tudo quanto é nome possível e imaginável. Não me lembrava de ele ter me dado um soco na cabeça, que, de tão forte, fez meus ouvidos zumbirem. Só lembro de o Rome me dizer que eu precisava parar de fazer merda antes de ele ter que me machucar de verdade. Foi o bastante para eu tomar uma atitude e voltar para casa.

Passei vários dias chafurdando na bebida, deitado na minha cama vazia. Quem diria que eu ia me sentir cem vezes pior fazendo a coisa certa?

Um dia, eu estava tomando banho, tentando me livrar dos vestígios de estupor e pensando se iria me sentir vazio daquele jeito para sempre, quando ouvi o celular tocar no quarto. Considerando que todos os meus amigos e aliados estavam putos comigo ou me dando um tempo para pensar, não pude controlar meu coração traidor: pensei que só podia ser a Royal. Mesmo que eu resistisse à tentação e não atendesse, ainda podia ver seu rostinho lindo na tela enquanto o aparelho tocava "You're mine", dos Black Angels, o que me deixava mais arrasado.

Comecei a secar o rosto com outra toalha. Quando achei o celular, congelei, porque o rosto que aparecia na tela não era o que eu queria ver, mas um que eu tinha quase esquecido. Sentei na beirada da cama e atendi a chamada dizendo, curto e grosso:

– Em que confusão você se meteu agora, mãe?

Os acontecimentos do último mês me deixaram de saco cheio de problemas com mães pelo resto da vida.

Parecia que ela estava em uma parada de caminhoneiros. Ouvi barulho de vento, buzinas e motores ao fundo.

– Nenhuma. Por que essa é sempre a primeira pergunta que você me faz?

O sotaque da minha mãe é duas vezes mais arrastado do que o meu, e sempre faço essa pergunta porque só tenho notícias quando ela precisa de alguma coisa ou se meteu em confusão. Acho que tenho a quem puxar.

– Onde você está? – perguntei rosnando.

Eu me joguei na cama e olhei para o teto. Nos últimos dias, tenho passado muitas horas nessa mesma posição.

– Nos arredores de Chicago. Olha, acabei de receber uma ligação do Departamento Penitenciário do Kentucky.

É, não podia ser nada de bom mesmo.

– Sobre?

Minha mãe gritou algo que não consegui entender e então voltou a falar comigo.

– Sobre o seu pai.

Meu pai parece personagem de uma história de fantasma. Ouvi falar dele minha vida inteira. Ele é um espectro que, em teoria, existe e que me assustava quando eu não me comportava direito. No entanto, nunca tive nenhuma prova verdadeira de que ele é um ser humano de carne e osso.

– Que tem ele? Finalmente conseguiu a condicional e está procurando pessoas que testemunhem seu bom caráter?

Falei isso de modo irônico, já que nunca vi o sujeito na minha vida e, levando em consideração meu passado glorioso, todas as minhas piores falhas de caráter vieram da sua parte da minha herança genética. Por mim, ele pode apodrecer atrás das grades.

– Asa! – gritou minha mãe. Em seguida, foi para um lugar com menos barulho ao fundo. – Faz tempo que seu pai está doente.

Sei que ouvir essas palavras deveria despertar algum tipo de sentimento em mim, mas não conseguia, por nada neste mundo, descobrir que sentimento era esse.

– Ok – respondi.

Minha mãe suspirou, repetiu meu nome e disse:

– Seu pai faleceu na prisão ontem à noite. Teve um ataque cardíaco fulminante. Ninguém pôde fazer nada.

Mais uma vez, fiquei sem saber o que sentir ou que tipo de reação ela esperava que eu tivesse.

– Ok.

Minha mãe soltou um palavrão e ouvi ela bater o pé no chão, toda impaciente.

– Asa, você é o único parente dele. Seu pai nunca se casou, e os pais dele faleceram há muitos anos. Além disso, ele era filho único.

Você precisa ir ao Kentucky ver os bens dele.

Soltei um gemido e pus a mão que estava livre sobre os olhos.

– Mãe, ele ficou preso por trinta anos. Que tipo de bem você acha que ele tinha? Deixa o governo resolver isso. Não estou interessado em voltar para lá.

Muito menos por causa de um homem que eu nunca vi na vida, o tipo de sujeito que eu teria me tornado se o destino e um bando de motoqueiros putos da vida não tivessem virado meu mundo de cabeça para baixo.

– Você devia pensar melhor, filho. Mesmo a alma mais perturbada tem alguém que a ama. Seu pai pode ter cometido erros muito graves, mas a sua família nunca lhe deu as costas. Eles eram donos de uma bela fazenda nos arredores de Woodward, onde seu pai cresceu. Como ele morreu, o terreno e tudo o que tiver nele é seu.

Soltei um palavrão, sentei em um pulo e falei:

– Você só pode estar de brincadeira.

– Você acha que estou com jeito de quem está brincando, Asa?

Não. Minha mãe falava como se estivesse irritada por ter de lidar com tudo aquilo.

– Seus avós nunca se importaram com o meu relacionamento com o seu pai nem com o fato de você ter nascido antes de ele ir para a cadeia. Achavam que eu era um lixo, que eu estraguei a vida dele, mas nunca perderam a esperança no seu pai.

– E por que eu herdo a fazenda, e não você? Se eles nos odiavam, porque é que eu recebo alguma herança?

Vai ver, era por isso que minha mãe estava tão brava.

– Falei que seu pai nunca se casou. Nem comigo. Meu nome estava na lista de contatos quando ele foi preso porque morávamos juntos na época. O pessoal da prisão ligou para mim e para o advogado do seu pai para dar a notícia.

Minha mãe murmurou alguma coisa, e ouvi de novo a barulheira ao fundo.

– Vai para casa, Asa. Enterre seu pai. Vá ver a fazenda. Fique com ela ou venda. Seja lá como for, você tem uma oportunidade de recomeçar sua vida, como a sua irmã teve.

Ela nem disse “tchau”, apenas desligou. E eu fiquei olhando o

telefone, chocado e surpreso. De repente, não precisei mais me preocupar com qual emoção sentir, porque todas vieram ao mesmo tempo. Felicidade, raiva, medo, tristeza, confusão... Tudo veio à tona. Já não me sentia vazio, sem nada por dentro. De repente, estava repleto de tudo aquilo que passei a vida inteira evitando, e a única coisa que eu podia fazer era rir como um maluco e jogar o celular na parede. Dei tanta risada que até lágrimas escorreram e minha barriga começou a doer de cansaço. Achei que estava ficando louco, mas sabia que a única coisa a fazer era pegar o próximo avião para o Kentucky.

NEM PRECISEI OLHAR PARA CIMA ao ver aquelas botas nos degraus da varanda para saber que minha irmã havia me encontrado. Ela sempre dá um jeito de aparecer quando eu mais preciso. Saí de Denver sem contar nada a ninguém. Não falei para o Rome que ia viajar nem contei para a Ayden o que estava acontecendo. Mas, bastou sair do avião e tomar um táxi até o escritório do advogado do meu pai para eu mudar de opinião. Na hora, me inundaram com tantas informações, me pediram para tomar tantas decisões, que precisei de um tempinho para pôr a cabeça em ordem. Percebi que não podia definir minha vida sozinho, que precisava da Ayden para me ajudar a fazer isso de uma vez por todas.

Liguei para a minha irmã mais nova e lhe contei tudo. É claro que a Ayden gritou comigo por uns cinco minutos, por eu ter tentado resolver tudo isso sozinho. Assim que desliguei o telefone, tive a certeza de que ela apareceria o mais rápido possível naquele lugar para o qual nenhum de nós dois queria voltar.

Liguei para o Rome e fiz um resumo da situação. Meu chefe encarou tudo de um jeito mais estoico e disse para eu levar o tempo que precisasse. Além disso, me lembrou de que estava do meu lado, que todo mundo estava do meu lado para me apoiar se eu precisasse, e me disse para não me esquecer disso. Falei que já estava mais do que na hora de eu aprender a valorizar as coisas boas que tenho na vida e que ligaria para contar como tudo havia se resolvido.

Levou dois dias para a Ayden vir de Austin para Woodward. Dois dias durante os quais eu dei permissão para cremarem o desconhecido do meu pai e herdei uma fazenda de tabaco de quarenta hectares, que se esparrama lindamente por uma zona muito valorizada do Kentucky. O lugar é maravilhoso. Parece um cartão-postal, com uma casa branca gigantesca, estábulos para os cavalos e tudo. Daria mil golpes para conseguir entrar em um lugar como esse quando morava no *trailer*. Quem diria que o local foi meu quintal esse tempo todo? Parecia um lugar antigo e importante, e eu não conseguia acreditar que tudo aquilo era meu. Não conseguia acreditar que algo tão bom havia surgido no meio de tanta coisa ruim que permeia esse pedaço da minha história.

As botas da Ayden fizeram barulho nos degraus que levam à varanda da casa. Não a olhei. Em vez disso, fechei os olhos enquanto ela se sentava ao meu lado, no último degrau, e apoiava a cabeça no meu ombro.

– O Jet te deixou vir até aqui sozinha, estou surpreso.

Encostei a cabeça na da Ayden. A gente nunca pôde fazer isso quando era criança. Ficamos tranquilos e só. Foi sempre uma luta para sobreviver, sem trégua para parar, apreciar a vida e a paisagem.

– Aqui não é o lugar dele – respondeu, com a voz rouca e baixa.

Concordo plenamente.

– Não é mesmo.

Ficamos sentados em silêncio, tentando digerir a grandeza do fato de estarmos em um lugar na nossa cidade natal em que jamais imaginaríamos estar. Era surreal, e tenho certeza de que a Ayden ficou tão perplexa quanto eu.

– E agora? O que você vai fazer?

Conheço a Ayden muito bem para saber que ela não estava me perguntando sobre a fazenda.

Fechei os olhos de novo e respirei fundo. Minha irmã é a única pessoa para quem eu vou contar, a única em quem confio para revelar toda a história sórdida. Sei que a Ayden vai guardar meus segredos e proteger a mulher de quem tanto gosto. Por isso, falei tudo para ela. Da mãe da Royal, da sua proposta, do meu dilema

entre mentir para a única mulher que vou amar na vida para poder ficar com ela ou contar a verdade e magoá-la, destruir sua vida. Minha irmã entenderia que essa situação é impossível de ser resolvida. À medida que a história se desenrolava, e eu ia mergulhando em direção ao fundo do poço, ela suspirava surpresa e soltava palavrões. Falei dos joguinhos que eu gostava de fazer só porque não conseguia me controlar, e que a Royal foi esperta e teve culhões a ponto de me desmascarar todas as vezes em que fiz isso. Contei que nem ligava mais para o distintivo e que não surtava mais quando pensava estar apaixonado por uma policial, porque tinha certeza, certeza mesmo, que jamais voltaria a ser aquela pessoa que é um perigo para si mesma e para os outros. Amar a Royal me deu forças para esquecer o passado e parar de tentar prever o futuro. Agora só me importa o momento presente.

Quando terminei de falar, quando terminei de expurgar tudo o que havia dentro de mim, as lágrimas escorriam pelo rosto da Ayden, que estava em silêncio. Ela sacudiu a cabeça e se inclinou para secar a bochecha molhada no ombro da minha camiseta, o que me fez rir.

Então falou tão baixinho que eu mal ouvi:

– Tem um brilho em você, Asa.

Minha irmã estava falando do bem, e finalmente achei que ela tinha razão.

– Deixei o estado cremar meu pai. Trouxe as cinzas dele para cá e vou espalhar pelos campos. Depois vou ligar para o advogado que está cuidando do testamento e ver as ofertas que ele recebeu desde que os pais do meu pai faleceram. Pelo jeito essa propriedade é muito disputada, e o pessoal espera há anos, ansiosamente, que ela esteja à venda.

A Ayden fez um barulho abafado e perguntou:

– Tem certeza de que não quer ficar com a fazenda? É tão linda...

Dei uma risada seca e respondi:

– Não é minha. Meu lugar não é aqui, e você sabe tão bem quanto eu que beleza não é tudo nesta vida. Além disso, as cifras que o advogado me passou são bem consideráveis. Posso pagar minha dívida médica. Posso te dar dinheiro para pagar a faculdade.

Minha irmã levantou a cabeça, surpresa, e ficou me olhando de queixo caído.

– Posso entrar de sócio no negócio que o Rome me ofereceu. Posso consertar meu carro. Posso até procurar meu próprio bar e sair do meu apartamento de merda. É dinheiro suficiente para recomeçar a vida com a ficha limpa.

– Uau! Tudo isso por um monte de erva daninha?

Dei risada.

– Faz muito tempo que você saiu da roça. Você é uma verdadeira menina da cidade agora.

A Ayden encolheu os ombros e retrucou:

– É verdade, mas ainda uso minhas botas com muito orgulho.

Nós dois sorrimos, e a Ayden me disse, tão emocionada, que senti uma dor no peito:

– Quero que você faça o que te deixa feliz.

Foi exatamente isso que disse à minha irmã quando ela me contou que ia embora de Denver para morar em Austin e poder passar mais tempo com o Jet.

– Já tentei ser feliz. Não deu muito certo para mim.

Minha irmã suspirou de novo e ficou de pé comigo. Peguei a urna simples que estava no degrau, perto dos meus pés, e levantei a sobancelha para ela. A Ayden balançou a cabeça solenemente e foi comigo até um dos campos de tabaco.

– Você não pode deixar as coisas com a Royal como estão, Asa. Nenhum dos dois merece isso, e ela é inteligente. Assim que seu coração parar de doer tanto, ela vai começar a juntar dois mais dois sozinha.

Realmente não merecemos isso, e talvez a Royal descubra tudo algum dia, mas não sei como consertar a situação neste momento. Apenas passei o braço pelos ombros da Ayden, e fomos andando em silêncio até um dos campos para dar adeus ao passado e a todas as coisas ruins e aos demônios que vivem em sua escuridão. De uma vez por todas. Não existe mais antes e depois. Só existe este momento. Apesar de ele ser uma merda e de eu me sentir terrível, ainda é o único momento que quero viver.

*Royal*

**M**EU PRIMEIRO INSTINTO foi aparecer na casa do Asa cinco segundos depois de ele me dar as costas. Queria exigir explicações enquanto o enchia de porrada. O segundo instinto foi o de me encolher toda e me acabar de chorar por dias a fio, porque, mesmo que tudo isso fosse só mais um de seus joguinhos doentios, eu havia cansado de brincar. Então cheguei a um denominador comum e liguei para ele todos os dias, durante uma semana, rezando para ele atender e, ao mesmo tempo, esperando que o Asa aparecesse na minha casa com uma desculpa brilhante, cheia de palavras bonitas, que faria tudo voltar ao normal. Fiz tudo isso escondida no apartamento do Dominic ou enfurnada na minha cama com a Saint ao meu lado, tentando me convencer a sair da fossa. O fato de a minha mãe, de repente, não largar do meu pé, na tentativa de ganhar o título de mãe do ano, não tem ajudado nada. Não posso nem piscar sem que ela me pergunte como estou ou fale que tem muito homem por aí e diga que alguém como o Asa não vale um segundo do meu tempo, muito menos a minha tristeza. Ela está tentando me distrair, mas na verdade está me irritando bastante.

Estou frenética e furiosa, principalmente porque sei que algo aconteceu, algo que não consigo entender. Alguma coisa obrigou o Asa a se afastar de mim, e preciso descobrir o que foi para, um dia, ter a chance de superar o fato de ele ter despedaçado meu coração de propósito.

Quando ficou ridiculamente óbvio que o Asa não ia atender minhas ligações, derramei minha última lágrima e resolvi que era hora de por fim à situação. Chega de me preocupar com os motivos dele. Chega de tentar justificar suas ações, quaisquer que elas sejam. Chega de sofrer por um homem que só prometeu me machucar desde o começo. Pelo menos, ele manteve a palavra.

Transformei tudo o que estava sentindo em uma bola e tenho feito de tudo para ignorá-la, me jogando de cabeça no trabalho. Esqueço de comer. Esqueço de entrar em contato com o Dom. Esqueço de ir para a academia. Só trabalho e vou para casa, trabalho e vou para casa e depois trabalho mais um pouco. Meu novo parceiro me perguntou umas cem vezes se estou bem, e só desconversei. Por sorte, mais ou menos na mesma época em que resolvi me transformar em um androide sem sentimentos, o Barret e eu fomos escolhidos por nosso tenente para fazer parte de uma força-tarefa que investiga uma série de arrombamentos a estabelecimentos com licença para vender maconha medicinal que começaram a surgir em Denver desde que a droga foi legalizada no estado. É a desculpa perfeita para eu não fazer mais nada e dispensar todo mundo que liga para saber como estou. Me joguei no trabalho e finjo que nunca ouvi falar em Asa Cross.

Estava dando supercerto... Exceto pela úlcera que ganhei, por acordar no meio da noite com lágrimas escorrendo em meu rosto e pelo aperto gigante no coração. Comecei a fingir tão bem que minha mãe finalmente me deixou em paz, e o Dom parou de ameaçar se mudar para o meu sofá se eu não abandonasse o baixo-astral. Conto a mentira de que estou bem com a mesma facilidade com que falo a verdade. Menti tantas vezes que, quando estou acordada, quase consigo acreditar que é verdade.

Consegui estabelecer um ritmo de negação e bloqueio dos meus sentimentos e decidi que é assim que a minha vida vai ser daqui para a frente. Até que, um dia, a Saint apareceu à noite, depois do trabalho, com uma garrafa de vinho e uma notícia impactante. Depois do primeiro copo, contou que o Nash havia ido visitar o Asa e disse que o *barman* loiro estava péssimo. Depois do segundo copo, me informou que a Cora havia deixado escapar que o Rome havia dado uns dias de folga ao Asa, porque ele estava em um estado lamentável. E, depois do terceiro, falou que o pai do Asa havia morrido na prisão e que ele tinha ido para o Kentucky receber a herança. Também disse que aquela era a primeira noite do Asa no Bar depois da viagem, e a turma ia dar uma passada lá para ver como ele está. Eu havia tomado apenas alguns goles do primeiro

copo, porque estava tão ávida por qualquer informação sobre meu conquistador dos olhos cor de uísque que me esqueci do vinho.

Fiquei tão perplexa com a notícia de que o pai do Asa tinha morrido que quase deixei o copo cair. Meus dedos ficaram dormentes de repente. Não queria sentir pena do Asa. Não queria ter compaixão nem sentir necessidade de ver como ele está – tanta que me comeu por dentro –, mas foi exatamente isso que aconteceu. Matamos a garrafa, a Saint me deu um abraço e disse que não tinha problema nenhum sofrer por alguém que eu ainda amo. Isso me deu vontade de despedaçar a muralha de gelo que eu havia construído à minha volta e começar a chorar e a ficar histérica outra vez. Do momento em que minha amiga saiu do meu apartamento, atravessou o corredor e foi para o dela, levei meio minuto para pegar a chave do carro que, graças a Deus, estava em seu devido lugar pela primeira vez na minha vida, e ir ao estacionamento. Eu agia no piloto automático. O Asa não tinha dado nenhum sinal de que queria me ver, que se importava com o fato de a gente ter terminado, mas alguma coisa dentro de mim me mandava para perto dele. Pelo jeito, ele sempre vai ser o norte magnético da minha bússola.

Cheguei ao estacionamento do Bar, que para minha surpresa estava vazio, logo depois da meia-noite. Desci do carro e vi a Dixie e o novo segurança passarem pela porta. A bela garçonete me reconheceu, parou e inclinou a cabeça, fazendo sinal para o homem gigante e impressionante seguir em frente. Ele me olhou de cima a baixo e depois foi até uma moto invocada. O som do motor parecia tão malvado quanto ele. A Dixie enrolou uma mecha de seu cabelo cor de morango no dedo e me deu um sorriso simpático.

– Hoje todo mundo passou aqui para ver como o Asa está. Não posso dizer que estou surpresa por você ser a última.

Mordi o lábio e fiquei me mexendo, toda sem jeito, no mesmo lugar.

– E como ele está? – perguntei.

A Dixie encolheu os ombros e fez um sinal de mais ou menos.

– É o Asa, fica meio difícil saber. Acho que ele está feliz por ter voltado para casa, mas o que rolou entre vocês dois ainda é um

peso para ele. Ele disfarça bem, mas trabalho com ele há bastante tempo, então percebo que não é bem assim. Seus olhos não brilham mais.

Ouvir isso me deixou sem ar, e minhas duas mãos ficaram coçando.

– Só queria ver se ele está bem. Sei que o Asa e o pai não eram próximos, mas, mesmo assim...

A garçonete balançou a cabeça, concordando comigo, e falou:

– Acho que o Asa vai ficar feliz em te ver. A noite foi bem devagar. O Rowdy e o Zeb foram os últimos a ir embora e, uns dez minutos depois, eu e o Church caímos fora. O Asa deve estar se preparando para sair, entra um pouco antes que ele tranque a porta da frente.

A Dixie apertou meu braço e completou:

– Não sei por que o Asa fez o que fez, Royal, mas sei que está péssimo por isso e sofrendo tanto quanto você.

– Saber disso deveria ter feito com que eu me sentisse melhor.

A garçonete fez *hãh-hãh* e me deu um tchauzinho com a mão, depois andou em direção a seu carro esportivo. Quando toquei a maçaneta da porta do Bar, minha mão tremia. Não sabia se era melhor o Asa estar sozinho lá dentro ou se vê-lo pela primeira vez depois de ele ter despedaçado meu coração seria mais fácil com um monte de gente em volta. Pensei que, se eu caísse no choro ou pagasse algum outro mico, pelo menos o Asa seria a única testemunha, e ele já me viu em vários estágios dos meus piores momentos.

As luzes ainda estavam ligadas, brilhando muito. A *jukebox* tocava uma música triste que não conheço. O Asa estava atrás do balcão e, quando a porta se abriu, ele se virou para ver quem estava entrando. Eu só conseguia pensar que a Dixie estava redondamente enganada. Os olhos dele brilhavam mais do que o Sol, com um calor maior do que as luzes de neon dos anúncios de cerveja pendurados na parede. Ele mais parecia um farol dourado e brilhante mostrando o caminho para tudo o que eu sempre quis. Ele me encarou, e eu virei estátua.

Ele parecia meio acabado. Havia perdido peso, e seu cabelo loiro,

que costuma ser bem curto, tinha crescido e estava bem bagunçado, com uns cachos rebeldes que tornavam sua beleza devastadora. Ele estava com uma barba loira por fazer há alguns dias e, no lugar do sorriso sedutor, uma careta tensa. Respirei fundo e tentei me convencer de que, por mais que o Asa tenha me magoado, por mais que estivesse fazendo um joguinho terrível comigo, sou uma pessoa madura o suficiente e que só queria me certificar de que ele está bem. Posso viver sem o Asa Cross, por mais que esse não seja o meu desejo. Comecei a andar em direção ao balcão, e ele ficou todo tenso, com os braços apoiados um bem distante do outro.

– O que você está fazendo aqui, Ruiva?

Pelo tom, ele não parecia chateado, mas também não estava feliz em me ver.

Fui até o balcão e tirei umas duas banquetas do caminho para conseguir sentar bem na frente dele, só com o balcão de madeira entre nós dois.

– Fiquei sabendo sobre o seu pai, só queria ver como você está.

O Asa me encarou por um bom tempo, depois se afastou do balcão, pegou dois copos baixos e começou a servir um líquido cor de âmbar. Pelo cheiro defumado, meio de trufa, adivinhei que era *scotch*. Na mesma hora, minhas bochechas ficaram vermelhas, e minha respiração ficou agitada, porque me lembrei da última vez em que tomamos um *scotch* naquele balcão. Ele pôs um dos copos na minha frente, e eu o segurei hesitante.

– Me sinto um merda todos os segundos de todos os dias, mas isso não tem nada a ver com o fato de o meu pai ter falecido.

Essa sinceridade brutal, depois de um mês de silêncio, foi o que bastou para acabar comigo. Cerrei os dentes por reflexo, e um pouco da raiva que eu estava sentindo veio à tona.

– Eu não fui a lugar nenhum, Asa

Meu Deus, eu queria que ele se explicasse mais do que tudo neste mundo. Queria que o Asa abrisse aquela boca e fizesse tudo voltar ao normal, mas ele não fez isso. Só continuou me encarando, e eu continuei a encará-lo também.

Ele pegou o copo e o levantou até tocar seus lábios. Vi todas as lembranças passarem no brilho líquido de seu olhar ardente. O Asa

engoliu a bebida e continuou me observando em silêncio.

Percebi que aquilo não ia dar em nada. O Asa não ia ceder e romper seu silêncio. E eu não ia conseguir aguentar ficar ali enquanto ele me olhava e lambia os lábios como se estivesse no corredor da morte e eu fosse sua última refeição. Ou eu subia naquele balcão ou dava um soco na cara dele ou sentava nele... ou tudo isso. Nenhuma dessas atitudes ia me trazer paz de espírito, já que ele estava sendo tão evasivo e cheio de segredos. Empurrei minha bebida intocada na direção dele e fechei os olhos por um instante.

– Então está tudo acabado entre nós? – perguntei, e o tom da minha voz denunciou como me doía dizer aquelas palavras.

O Asa fez um ruído abafado e voltou a se encostar no balcão. Eu abri os olhos. Naquele instante entendi o que a Dixie havia falado. Os olhos dele não brilhavam mais, não havia mais aquela cintilância metálica. Seus olhos só pareciam sem expressão e tediosos, como os de qualquer outro sujeito. O que, definitivamente, o Asa não é.

– Acabou.

Tive a impressão de que aquela palavra precisou derrotar dragões à beira de um penhasco para sair de sua boca.

Pus o cabelo para trás e abracei minha própria cintura. Mais uma vez, ele me fazia precisar de um abraço.

– Você valeu cada segundo do meu sofrimento. Só queria que você soubesse disso.

Fui obrigada a dizer que, por mais que ele tenha me destruído, o tempo que passamos juntos havia valido a pena, no fim das contas. Foi um período repleto de momentos que vou guardar para sempre. O Asa tirou os olhos de mim por um segundo e baixou a cabeça, encarando o balcão.

– Você também, Royal.

E foi isso. Um ponto-final, quando tudo poderia ser resolvido com uma simples explicação que, tenho certeza, o Asa jamais vai me dar.

Meu Deus, ele vai assassinar meu coração e sairá impune desse crime. Virei as costas para ir embora, e o Asa se virou também para não assistir minha partida, só que, nesse momento, a porta se escancarou, e um moço maltrapilho entrou correndo.

Tenho bastante experiência em patrulhar as ruas para reconhecer se alguém está drogado, e aquele sujeito estava completamente chapado. Ele se mexia sem parar, suava frio, e seus olhos percorriam o balcão de um modo alarmante. Ele usava uma calça jeans suja e detonada e um casaco de moletom de capuz fechado até o pescoço, apesar de já ser o começo do verão e de a temperatura estar em uns 18°C. Olhei para o Asa de soslaio, mas ele estava olhando feio para o invasor, de um jeito ameaçador e despreocupado.

– A Avett não trabalha mais aqui, Jared. Foi demitida por sua causa.

O Asa falou com calma, mas com o sotaque bem arrastado, então percebi que ele queria se livrar logo do homem.

O drogado ficou olhando para mim e para ele sem parar e deu alguns passos cambaleantes na direção do balcão. Sua pele tinha um tom assustador de amarelo, e suas pupilas estavam tão dilatadas que a cor da íris não aparecia, só se via um preto interminável e amedrontante.

– Esse bar é do pai dela. A Avett tinha direito àquele dinheiro. Você e aquele bundão do Exército roubaram o que é dela por direito, portanto pegar aquela grana não foi roubo.

O Asa resmungou e cruzou os braços. Tive vontade de lhe falar que o rapaz estava muito chapado para conversar civilizadamente ou se sentir intimidado, mas não conseguia parar de prestar atenção no que eu sabia que era uma ameaça séria. Viciados não ficam andando por aí no meio da noite só para bater um papinho com os amigos.

– É mesmo? Bom, e a droga que você pegou do seu fornecedor, o que fez uns homens irem lá na casa dela e encherem a menina de porrada? Pelo jeito, isso também não é roubo. Eles podiam ter matado a Avett por sua causa.

Não dá para discutir nem argumentar com um drogado, e o Asa precisava saber disso. Mudei discretamente de posição, o suficiente para conseguir ficar de olho no Jared e enxergar o Asa pelo espelho que fica atrás do balcão. Ele balançava a cabeça para o lado enquanto falava, dando a entender que era para eu ir ao escritório, nos fundos do Bar. Espremi os olhos para ele pelo espelho e sacudi a

cabeça bem de leve. Meu trabalho é lidar com tipos como o Jared, e eu estava armada. O revólver que uso quando estou à paisana estava escondido na minha bolsa para qualquer emergência.

– Isso foi um erro. Não era minha intenção machucá-la.

O sujeito chegou ainda mais perto do balcão, e sua atenção estava toda concentrada no Asa.

– Bom, mas ela se machucou. Tudo por sua causa e do seu vício.

– A Avett me ama.

O drogado passou a mão no rosto, e minha coluna se eriçou quando ele colocou a mão no bolso do casaco de moletom. Pus a mão na abertura da minha bolsa. Não queria deixar nada nas mãos do destino.

– É, e porque ela te ama vai acabar com uma bala na cabeça, caramba. Se você quer se drogar, deixa a sua namorada fora dessa.

O rapaz soltou um palavrão e ficou completamente vermelho. Então, foi para cima do balcão gritando, quase babando como um cão raivoso:

– Você não sabe de nada!

O Asa apenas riu e, se eu estivesse mais perto, teria lhe dado um chute por provocar aquele homem imprevisível. Sei que estava fazendo isso de propósito, mas mesmo assim...

– Sei mais do que você pensa – falou o Asa, com um tom de aviso cheio de lembranças.

O Jared endireitou o corpo e passou a mão na boca. Olhou para mim e depois para o Asa. Então puxou uma arma pequena e preta do bolso do moletom. Eu respirei fundo e lentamente. O sujeito apontou a arma bem no meio do peito do Asa, e o mundo parou. Só enxerguei o cano do revólver e o lugar para onde ele estava apontando.

Vi que o Asa levantou as sobrancelhas e fez uma careta, mas não mexeu outro músculo além desses.

– Você vai me dar cada centavo que está dentro desse caixa. Vou pegar o dinheiro, a minha mulher e cair fora desta cidade.

Que merda. Desespero e drogas não são uma boa combinação. O Asa levantou os olhos e olhou para mim por cima da cabeça do drogado.

– A Avett sabe que você está fazendo isto?

Aposto que a resposta para essa pergunta não ia deixar o Asa nada feliz.

O Jared apenas riu e apontou a arma com mais animação.

– Me entrega logo o dinheiro.

O Asa se virou lentamente para o caixa, sem parar de perguntar sobre a Avett para o Jared. Eu via a agitação e a tensão aumentarem. Lidar com alguém sob o efeito de drogas é sempre arriscado. Lidar com alguém sob o efeito de drogas que tenta sair da confusão em que ele mesmo se meteu me levou de volta ao beco em que tudo deu muito errado com o Dominic, bem perto do Natal. Eu me recusei a viver aquela noite de novo. Me recusei a ficar assistindo o Asa ser ferido daquela maneira. Com movimentos lentos como os de uma geleira, tirei minha arma da bolsa, com cuidado para não fazer barulho ou um movimento brusco que chamasse a atenção do Jared.

– Foi você que mandou o pai da Avett atrás de mim ou foi o sujeito do Exército?

Continuei observando o Jared apontar a arma para a nuca do Asa, enquanto ele estava de costas, mexendo no caixa. As mãos do viciado tremiam, e as drogas haviam deixado suas emoções à flor da pele, mas, àquela distância, seria quase impossível a bala não acertar o alvo se o rapaz puxasse o gatilho. O Asa parou o que estava fazendo, e a gaveta do caixa não se abriu. Ele ficou de costas por alguns minutos, depois virou a cabeça de leve, e vi que arregalou os olhos ao ver a arma apontada diretamente para ele.

– Que diferença isso faz? Todo pai tem direito de confrontar o merda que bate na sua filha. Espera só até ele ficar sabendo que você tentou assaltar o Bar. Você não vai ter onde se esconder.

O Asa estava provocando aquele homem imprevisível de forma muito perigosa, e eu não queria esperar até ele ultrapassar os limites. Larguei a bolsa no chão, que fez um estrondo, e apontei minha arma para o viciado. O Jared arregalou os olhos, deixou de apontar o revólver para o Asa e o apontou direto para mim. Eu me recusei a esboçar qualquer reação ou olhar para o lado, mesmo quando o Asa gritou meu nome como um palavrão.

– Jared, você precisa me ouvir e largar a arma.  
– Caralho! – gritou, parecendo assustado, o que não era nada bom.

– Solta a arma, Jared.

Fiz questão de falar com toda a calma, mantendo a atenção do garoto focada em mim.

– Quem é você, porra?

– Isso não importa. O que importa é que queremos que você saia daqui sem que ninguém se machuque.

– Vai se foder, moça.

O Asa berrou, ele começou a se virar na direção do sujeito, mas, de repente, começamos a ouvir sirenes do lado de fora. O Jared me olhou, em seguida olhou para o Asa, que apenas encolheu os ombros e mostrou o celular. Em vez de abrir o caixa quando ficou de costas, havia entrado em contato com a polícia.

– Não vou deixar você assaltar este bar.

O Jared gritou como um animal ferido e voltou a apontar a arma para o Asa. Sabia que ele ia puxar o gatilho, e não hesitei em puxar o meu primeiro. O estrondo dos dois tiros simultâneos foi ensurdecedor. Meus ouvidos zumbiam, e meu nariz começou a coçar por causa da pólvora. Uma garrafa se estilhaçou atrás do balcão. Vi o Asa pular de repente por cima do móvel comprido e dar um salto no ar para jogar o Jared no chão. Não atirei para matar, apenas queria que ele soltasse a arma. O revólver ficou caído no chão, perto dos pés do Jared, que lutava para conseguir se soltar do Asa. Ele, por sua vez, o segurava sem dar trégua. O sangue escorria do ferimento a bala que eu acabara de fazer no viciado.

Cheguei perto e chutei a arma para longe dos dois bem na hora em que a porta do Bar se escancarou e vários colegas meus entraram correndo no lugar. Pus minha arma no chão e levantei as mãos, sabendo que os policiais iam levar um tempinho para entender quem era quem. Por sorte, um deles tinha feito Academia de Polícia comigo e com o Dom. Baixei as mãos e fiz um resumo da situação caótica. Sabia que eu seria alvo de outra investigação, por ter atirado sem estar em serviço, mas, por sorte, o Bar tem câmeras, e havia uma testemunha confiável, então nem fiquei muito

preocupada. Fiz questão de explicar para a polícia que o Asa era a vítima, e não um suspeito, porque, se checassem seus antecedentes, fariam muito mais perguntas do que o necessário, e já chega de ele ser acusado de crimes que não cometeu.

Fiquei sentada em uma das banquetas perto do balcão, contando o que havia acontecido a um detetive, enquanto o Asa ficou sentado ao meu lado contando sua versão dos fatos a outro. Não sei quando isso aconteceu, mas, em certa altura, ele esticou o braço e segurou uma das minhas mãos. Entrelaçou os dedos nos meus, e as pontas dos meus dedos ficaram em cima de seu pulso, que tinha um ritmo estável e forte. Mesmo que tudo estivesse acabado entre nós, estava feliz por não ter acontecido nada de ruim com ele.

– E algum de vocês dois conhece a garota?

O detetive que estava falando com o Asa olhou para nós dois e fez a pergunta. Cheguei mais perto do Asa, encostando meu corpo no seu.

– Que garota? O Jared entrou aqui sozinho.

– Ele pode até ter entrado sozinho, mas não chegou sozinho. Havia uma garota esperando na frente do prédio, com o motor do carro ligado, quando chegamos. Ela disse que estava só esperando o rapaz, que havia entrado para se desculpar por uma confusão que aprontou, mas isso me pareceu muito suspeito. Que viciado precisa pedir desculpas no meio da noite?

O Asa soltou um suspiro e perguntou:

– Essa garota, por acaso, tinha cabelo cor-de-rosa?

Os dois detetives se olharam e responderam:

– Mais ou menos.

– É a namorada dele. Seu pai é o antigo dono do Bar. O Jared virou a cabeça dela, fez a menina agir como uma louca. Provavelmente ela nem sabia que o sujeito estava pensando em assaltar o lugar.

– Ela estava em um veículo com o motor ligado enquanto um assalto à mão armada estava acontecendo. Será indiciada como cúmplice.

O Asa ficou todo tenso e disparou:

– Não faça isso. Eu realmente duvido que a menina soubesse o

que ele ia fazer.

Apertei a mão do Asa e expliquei:

– Ela precisa ser indiciada, Asa.

Ele respirou fundo e comentou:

– Jesus. O Brite vai perder a cabeça.

Um dos detetives suspirou e soltou:

– Não vai ser a primeira menina a se dar mal por causa de um homem que não presta. Arrumem um bom advogado para ela e rezem para que tudo dê certo.

O Asa deixou escapar um palavrão. O detetive fez logo o restante das perguntas, enquanto os peritos terminavam de tirar as fotos e tomar as medidas necessárias. Demorou horas, e o sol já estava quase nascendo quando o Asa e eu finalmente ficamos a sós. Ele parecia exausto, ainda mais abatido do que quando entrei pela porta do Bar. Uma eternidade parecia ter se passado. Encostei a cabeça em seu ombro e perguntei:

– Você está bem?

Ele deu uma risada feia e amarga.

– Estou, mas não faço a menor ideia de como explicar isso ao Rome nem de como contar da Avett para o Brite.

– Acho que você pode se preocupar com isso depois de tirar um tempinho para ficar feliz por nada grave ter acontecido. Acabaram de disparar uma arma em cima da sua cabeça, Asa.

Ele se virou até seus lábios tocarem o meio da minha testa e disse:

– Eu sei, mas isso foi muito menos assustador do que ver o moleque apontar a arma para você.

– É meu trabalho.

– Seu trabalho é uma bosta.

Dei uma risadinha e falei:

– Às vezes é, mas hoje fiquei muito feliz por poder cumprir minha missão.

Caímos naquele silêncio pesado de novo, e eu sabia que precisava levantar e me afastar do Asa de uma vez por todas. Só não sabia se ia conseguir.

– Está mesmo tudo acabado, Asa?

Ele fez um ruído abafado, depois se levantou da banquetta ao meu lado, parou na minha frente e segurou meu rosto com as duas mãos. Então, levou minha cabeça para trás e se abaixou até seus lábios tocarem os meus.

– Não sei, Royal. Acha que consegue me amar a ponto de me deixar mentir para você pelo resto da nossa vida?

Me afastei de leve, pisquei repetidas vezes e perguntei:

– Como assim?

O Asa me beijou de novo e, dessa vez, com intensidade. Ele encostou a língua no meio dos meus lábios, e senti seus dentes roçarem em mim quando abri a boca. Então me beijou até nós dois ficarmos sem ar, e fui obrigada a me agarrar nele para não derreter.

– Eu te amo, Royal. Te amo a ponto de viver para você, acordar para você, viver o momento presente enquanto estiver comigo. Te amo a ponto de revelar todos os meus segredos escandalosos, todas as coisas terríveis que fiz e as marcas que essas atitudes deixaram na minha alma. Te amo de um jeito que me faz querer ser mais do que já fui, mas também te amo a ponto de querer te proteger de coisas que sei que te magoariam. Se me ama e confia em mim o suficiente para me deixar esconder essas coisas de você por toda a eternidade, talvez tenhamos uma chance. Sei que estou pedindo o impossível, mas é o único jeito de ficarmos juntos.

– Você só pode estar brincando!

Empurrei o Asa para longe de mim e fiquei de pé.

– Você me ama, mas não vai me contar o motivo para ter se afastado, e eu tenho que simplesmente aceitar isso? É mais um dos seus joguinhos, Asa? Por que, se for, vai sair perdendo, e feio.

– Nada de joguinhos, Ruiva. Só você, eu e um segredo que vai ter que aceitar se quiser que a gente fique junto. Acredita em mim, vou entender se você não puder fazer isso.

– Por que você sempre me faz te amar e te odiar ao mesmo tempo?

– Faz parte do meu show.

Então o Asa esboçou um sorriso, e enfiei as mãos nos cabelos, de tanta frustração.

– Sou policial. Não gosto de segredos.

Ele esticou o braço e me puxou para perto dele. Finalmente eu ganhava o abraço de que tanto precisava desde que aquele homem havia saído pela porta da casa da minha mãe.

– Eu sei. E é por isso que é impossível resolver a nossa situação – disse. Em seguida, roçou o rosto no alto da minha cabeça, me soltou e completou: – Ficar com você me deu algo que nunca tive.

– O quê?

– Algo pelo qual me sacrificar. Nunca quis nada nem ninguém tanto quanto quero você, Royal. Se tiver que sacrificar isso pelo seu bem, pode acreditar que vou.

Ele estava falando de um jeito enigmático, e isso era tão frustrante que eu tinha vontade de gritar.

– Não sei se posso seguir em frente desse jeito, Asa.

O brilho dos seus olhos diminuiu, mas o sorriso em seus lábios, não.

– Eu achava que não mesmo. Te amo de verdade.

– Também te amo.

Ficamos apenas nos olhando. O Asa implorava em silêncio para que eu aceitasse seus termos, e eu rogava para que ele abrisse o cofre e me mostrasse o que estava escondendo. Ficou evidente que nenhum dos dois ia ceder. Depois de cinco minutos, dei meia-volta e fui em direção à porta, rezando para que o Asa me ligasse.

Mas ele não ligou.

## Asa

**A**CORDAR O ROME AO NASCER DO SOL para explicar a loucura que aconteceu na primeira noite desde que voltei de viagem foi a parte mais fácil. Conversar com o Brite e a Darcy sobre o envolvimento da Avett foi bem mais difícil. A Darcy queria pagar a fiança e tirar a menina da cadeia o mais rápido possível, e o Brite ficou tão furioso com a falta de noção da filha que queria deixá-la mofando lá. Passei o contato do advogado que me ajudou quando me meti em confusão no ano passado e lhes desejei boa sorte, independentemente do caminho que escolherem. O serviço desse advogado custa uma pequena fortuna, mas ele tem a reputação de ser um oponente impiedoso nos tribunais de Denver. Tenho certeza de que, uma hora ou outra, o Brite vai ceder e salvar sua filhinha. Se existe alguém que pode arrumar a bagunça que a Avett fez na própria vida, esse alguém é o Quaid Jackson.

O Rome resolveu fechar o Bar por alguns dias, até as coisas se acalmarem e eu colocar minha cabeça em ordem. Preciso desse tempo mais para lidar com o fato de ter perdido a Royal para sempre do que para digerir o fato de ter tido uma arma apontada contra mim pela segunda vez desde que havia começado a trabalhar no Bar. Mas não contei isso ao Rome. Em vez disso, perguntei se podia ir na casa dele uma noite dessas. A Cora fez o jantar, e a RJ ficou correndo pela cozinha, batendo frigideiras. Fiz um cheque de cem mil dólares e perguntei se ele queria ser meu sócio.

Meu chefe ficou em silêncio por um momento, tentando decidir se ia ou não aceitar o dinheiro, até que a Cora saiu da cozinha e gritou:

– Pega essa grana, Rome.

O Rome, então, parou de maquinar. Ele pegou o cheque e me deu um aperto de mão. Pela primeira vez, desde que virei adulto,

tenho oportunidades infinitas e dentro da lei. Quase não sei o que fazer com tanta sorte. A sensação de satisfação, de ter um rumo na vida, durou apenas até eu ir para casa e entrar em meu apartamento vazio, com um telefone que não toca.

Passei semanas sem ter notícias nem ver a Royal. Voltei a trabalhar. Pedi para o Machina restaurar meu carro e até comecei a procurar um novo lugar para morar. Olhei alguns apartamentos e casas, mas não me apaixonei por nada. Levei um tempinho até entender que não queria me mudar para um lugar temporário. Queria um lar, mas não para viver lá sozinho. Quanto mais o tempo passa, mais penso que, às vezes, só amor não é o suficiente.

A Ayden me liga uma vez por semana para ver como estou. É legal nossos telefonemas não consistirem mais em minha irmã entrar em pânico, preocupada com as encenanças em que vou me meter. Agora, ela só quer se certificar de que eu ainda estou andando para a frente, mesmo de coração partido. A Ayd me diz para desistir logo e contar a verdade à Royal, mas sempre respondo que a única pessoa que vai se beneficiar dessa minha sinceridade sou eu. Posso ter minha mulher de volta se der com a língua nos dentes e revelar o quanto a mãe dela é problemática, mas isso afastaria uma mãe de uma filha, e me recuso a obrigar a Royal a entrar nesse tipo de furacão. Ela não precisa sentir na própria pele a dor de perceber que a mãe chegou ao fundo do poço. Além disso, sei por experiência própria que uma pessoa verdadeiramente má pode fazer coisas muito boas se tiver uma segunda chance e souber aproveitá-la. Quem sabe isso aconteça com a Roslyn. Pelo bem da Royal, tenho esperança de que sua mãe aproveite a oportunidade e faça alguma coisa a esse respeito. A Ayden diria que a Roslyn é apenas mais uma pessoa que precisa aceitar ser amada e parar de sabotar a própria felicidade.

Uma hora, a Ayden desistiu de tocar no assunto e resolveu se concentrar nas coisas boas que têm acontecido comigo. Quando contei que estava pensando em comprar uma casa no bairro de Baker, onde fica o Bar, ela quase chorou.

– Não vou questionar nada que você resolva fazer com esse dinheiro, Asa, mas fico absurdamente feliz que tenha resolvido usá-

lo para criar raízes.

A ideia de ter raízes, de construir algo permanente aqui no Colorado, é muito estranha, mas me parece a coisa certa a fazer e é um jeito de mostrar à minha irmã, de provar a todo mundo que duvida de mim, que acordei para a vida oficialmente e vou aproveitar ao máximo cada instante a partir de agora.

– Pode deixar que vou encontrar um lugar com espaço para você e o Jet ficarem quando vierem a Denver.

Ela suspirou e disse:

– Eu, o Jet e o bebê que acabamos de descobrir que vamos ter.

Minha irmã falou de um jeito tão despreocupado que quase deixei o celular cair no chão.

– Você está grávida?

A Ayden deu uma risadinha, e quase consegui enxergá-la andando para lá e para cá mordendo o lábio.

– Estou. Ainda está bem no começo, talvez ainda seja cedo para contar, mas não consigo guardar segredo, sabe?

Minha irmã estava me contando o seu segredo, assim como eu tinha contado o meu para ela.

– Achei que você quisesse esperar mais um pouco.

Não consegui evitar o tom de pura alegria na minha voz. Ela e o Jet merecem ter uma família feliz, depois do pesadelo que foi a infância dos dois.

– O que é que eu posso dizer? Casei com um homem extremamente persuasivo, e aquelas calças justas tornam impossível dizer “não” para ele – respondeu. Depois deu um suspiro de felicidade e completou: – Além disso, voltei diferente do Kentucky. Foi como se todas as coisas ruins tivessem evaporado. Não sobrou nenhuma teia de aranha, nenhum ressentimento, nenhuma dúvida. Quero ter uma família com o homem que me amou tanto que me deixou sem escolha, a não ser eu me amar por inteiro, com todos os meus defeitos.

– Sei exatamente do que você está falando.

Ri alto e falei:

– Você vai ao casamento da Cora e do Rome grávida.

Os dois finalmente resolveram se casar no Dia dos Namorados,

em fevereiro do ano que vem. O Rome não podia estar mais feliz: seu foguetinho finalmente será sua esposa de papel passado pelo resto da vida.

– É. Bom, a Cora estava supergrávida no casamento do Rule e da Shaw e, pelo andar da carruagem, sempre vai ter alguém grávida ou casando na turma.

A Ayden tinha razão. Um passarinho me contou que o Nash comprou um anel de noivado para a Saint, e o Rowdy já falou que a Salem vive dando indiretas bem diretas de que está louca para começar a ter filhos. Há muita felicidade e promessas de futuro no universo que me cerca e, por mais que nada disso esteja acontecendo comigo, fico muito feliz de poder testemunhar essa alegria na vida das pessoas que amo.

– Parabéns, Ayd. Estou muito feliz por você e por seu guitarrista.

– Obrigada. Estou morrendo de medo, mas acho que, se o Rule consegue, eu também consigo.

Dei risada ao me lembrar da expressão de pavor no rosto do Rule no dia em que ele não conseguia descobrir o que estava incomodando seu filhinho.

– Você vai mandar bem. Fica tranquila, que minha casa nova vai ter lugar para vocês dois e para o bebê.

Conversamos mais um pouco. Acho que minha irmã precisava desesperadamente falar sobre o bebê com outra pessoa além do Jet. Não cansei de ouvir o tom nervoso de animação em sua voz. Desde o dia em que acordei naquele hospital de Louisville, tudo o que mais quero é que a Ayden tenha a melhor vida possível. E ela deseja a mesma coisa para mim. Quero que minha irmã seja feliz de verdade. Saber que a Ayden está bem e que está ao meu lado é mais uma das coisas que me fazem sentir que minha vida está quase completa. A Ayden está feliz, tendo a vida que sempre mereceu. E fico meio chateado de saber que jamais terei isso com a Royal.

No fim de semana seguinte, encontrei a casa dos meus sonhos. Era um pouco mais longe do Bar do que eu queria, a algumas quadras do parque Phil Milstein e do rio Platte. É muito casa de família. Grande, tem um quintal enorme com deque, hidromassagem e cerca alta. Tem garagem para dois carros e uma sala de TV com

máquina de pipoca e tudo. A cozinha é *gourmet*, cheia de utensílios, muito impressionante. O que não deixa de ser engraçado, porque não tenho sequer uma panela. Além disso, tem muito mais quartos do que um tipo solteiro e sem família precisa, mas eu adorei. Parecia o lugar certo. Ter que comprar um cortador de grama para cuidar do meu próprio quintal, por algum motivo, tornou essa casa muito mais atraente do que qualquer uma das outras, mais próximas do centro, que vi.

Pedi para a corretora que estava me atendendo, uma loira muito gata mais interessada em transar comigo do que em ganhar comissão, dizer ao vendedor que eu queria pagar o preço que ele estava pedindo. Ela tomou um susto e comentou que a casa estava à venda há muito tempo e que eu poderia negociar o preço, mas eu não queria arriscar nem fazer joguinhos. Só queria comprar aquela casa. Queria viver o presente, com os olhos bem abertos, focados no aqui e no agora. Reiterei minha vontade, é óbvio que o vendedor aceitou, e recusei o convite da corretora para beber algo em comemoração. Uma hora ou outra, vou me livrar da névoa que a Royal deixou na minha cabeça, quando outra mulher se interessar por mim, mas, por enquanto, ainda não me sinto preparado para seguir com essa parte da minha vida.

Nesse dia, fui ao Bar meio perplexo. Não conseguia acreditar que tinha comprado uma casa. Pela primeira vez, desde que havia começado a trabalhar para o Rome, precisei tomar algo antes de começar o trabalho, em vez de virar um copo no fim da noite. Quando contei, a Dixie soltou gritinhos de animação, e o Church apenas balançou a cabeça solenemente, o que, imagino, deve ser o selo de aprovação dos tipos durões como ele. A Darcy não tem falado muito desde a confusão com a Avett e o Jared, mas conseguiu dar um sorriso e me abraçar. Ela falou que o Brite vai ficar muito orgulhoso quando souber. Preciso admitir: gosto de saber que o ex-marinheiro sério sente orgulho de mim. Ele é o mais próximo de uma figura paterna que já tive, e qualquer coisa que tenha sua aprovação é sempre muito bem-vinda.

Meu turno voou, principalmente porque fiquei pensando em como minha vida mudou em relação ao ano passado, agora que a

alegre primavera está dando lugar ao verão. O ano anterior se resumiu a uma fila interminável de mulheres bonitas que me fizeram companhia em minha escuridão, porque eu não conseguia encarar a dura luz do dia, e à minha tentativa de evitar confusão para provar ao Rome que ele podia confiar em mim. Fora isso, fui jogado no banco de trás de uma viatura da polícia por um crime que não cometi e estava disposto a sentar minha bunda em uma cela porque realmente achava que era isso que merecia.

Neste ano, minha família está feliz, saudável e crescendo. Não preciso ficar me perguntando se o Rome confia em mim nem se vou me meter em confusão. Tenho um trabalho empolgante que me faz sentir realizado, com muito potencial, e acho que a principal mudança é que não preciso mais ficar me preocupando se mereço ou não todas as coisas boas que estão ao alcance das minhas mãos. Não importa se mudei ou só capitulei para ser digno de toda essa sorte. Isso é meu, e não vou mais me esconder como estava fazendo. Nunca mais vou sentar minha bunda em uma prisão para tentar me redimir. Outra grande mudança é que, agora, uma única mulher pode me satisfazer. Ela é a única mulher que quero. A única que não consigo tirar da minha cabeça. A única com quem sonho, por quem sou obcecado. É a única mulher que já amei na vida, e não será substituída tão cedo. Outras podem aparecer, na devida hora, mas a Royal sempre será a dona do meu coração, e tenho certeza de que nunca mais poderei recuperá-lo. Acho mesmo que meu coração estará mais seguro em suas mãos, porque nunca cuidei bem dele enquanto fui seu dono.

A Dixie gritou para me avisar que precisava atender uma ligação e sumiu uma hora antes de o Bar fechar. Como o funcionário novo tem mandado muito bem, como um profissional das antigas, acho que minhas horas atrás do balcão sofrerão um corte drástico. Gosto de ser *barman*. Gosto de falar com muitas pessoas, de ter liberdade, de ouvir os problemas e os dramas dos outros. Sempre me sinto como se a minha própria história não fosse lá tão incomum. Não estava brincando quando falei para a Ayden que o dinheiro da venda da fazenda dava não só para eu ser sócio do Rome no negócio de restauração de carros antigos, mas também para ter meu próprio

bar. Gosto desse boteco para o qual o Rome deu uma vida nova, mas também curto o clima secreto e exclusivo daquele lugar aonde levei a Royal. Há muitas oportunidades de negócio por aí e, de repente, me deu vontade de investir em todas.

A Dixie voltou para perto do balcão dando risada. O Church perguntou se ela havia conversado com algum homem, e a garçonete apenas revirou os olhos e falou para o segurança cuidar da própria vida. Não sei o que está rolando entre esses dois além de um monte de indiretas, mas acho que eles é que têm que se entender. A Dixie é toda romântica, tem coração mole. O Church mais parece feito de aço e concreto. Uma combinação estranha, mas já vi pares mais estranhos do que esse darem certo e acabarem sendo felizes para sempre. Então, fiquei de boca calada, e nós três fechamos o Bar.

Estava exausto quando entrei no carro para dirigir as poucas quadras que me separavam do meu apartamento de merda. A velocidade em que minha vida está mudando e o fato de eu ir na direção certa, mas sozinho, me deixam um tanto acabado. Estou orgulhoso de mim mesmo por estar tomando tantas decisões certas, mas ainda me sinto triste por nenhuma dessas decisões incluir a pessoa que tanto quero.

Enfiei a chave na fechadura com a consciência de que os dias de voltar àquele lugar de merda iriam acabar logo. Ri ao pensar que precisarei de uma das meninas para me ajudar a comprar móveis para a casa inteira. As coisas que tenho cabem em apenas um dos cômodos da casa que agora é minha.

Depois de fechar a porta do apartamento, levei um tempo para perceber que não estava sozinho. As luzes estavam todas desligadas, exatamente como tinha deixado, com exceção da luz do banheiro, que lançava um fecho discreto sobre a minha cama. Larguei a chave na mesa da copa e fui até a cama, que estava bem ocupada. Meus olhos ficaram fixos naquele par de olhos cor de chocolate que me observavam com atenção.

Ela estava nua. Ajoelhada e me olhando como se eu tivesse a resposta para todas as perguntas do mundo. Seu cabelo ruivo estava solto e chegava até a cintura, cobrindo de leve seus mamilos cor-de-

rosa, que foram ficando erigidos à medida que fui me aproximando. Apenas quando meus joelhos encostaram no colchão percebi o brilho das algemas de metal em volta de seus pulsos finos, com suas mãos presas à sua frente. Meu coração disparou, e tive que piscar várias vezes para me certificar de que não estava sonhando.

Ficamos só olhando um para o outro por um instante que pareceu durar horas. Precisava perguntar por que ela estava ali, depois de tanto tempo. Precisava saber o que tudo aquilo significava. Só que, em vez disso, apenas estiquei um único dedo para tirar seu cabelo da frente e meus olhos poderem se deliciar com a cena. A Royal é tão linda. Segurei a corrente que prende os dois lados da algaema e a puxei para perto de mim. Ela se arrastou na minha direção sem dizer uma palavra.

– Comprei uma casa para você hoje.

O tom da minha voz transmitiu toda a verdade dessa afirmação. Ela abriu a boca, em um suspiro de surpresa.

– Do que você está falando?

Puxei as algemas de novo, até levantar seus braços o bastante para colocá-los em volta do meu pescoço. Suas curvas macias e nuas roçaram o meu corpo e, finalmente, me senti preparado. Era daquela mulher que eu precisava para me sentir um homem completo. Por inteiro.

– Comprei uma casa hoje, mas preciso que você a transforme em um lar, Royal.

Me abaixei para a minha cabeça encostar na dela. Não devia abrir meu coração até saber por que aquela mulher estava ali, se aquilo era tão real para ela quanto era para mim. Se a Royal for embora de novo, vai acabar comigo.

– Que acessório é esse, Ruiva?

Senti no meu pescoço a dureza e a frieza do metal que rodeava seus pulsos.

– Bom, tive essa ideia brilhante para demonstrar que confio em você, que preciso mais de você do que saber da verdade. Achei que ficar pelada e me algemar na sua cama não só ilustraria que acredito que você vai me tratar bem, mas também realizaria uma das fantasias que insinuou ter desde que começamos a ficar juntos. Mas

esqueci que sua cama não tem cabeceira, muito menos uma cabeceira que dê para prender essas algemas.

– Na vida real, ninguém tem uma cama com cabeceira feita para prender algemas.

A Royal revirou os olhos e esboçou um sorriso. Não pude mais resistir. Nunca mais vou largar essa mulher, mesmo que ela me peça, mas precisava saber por que ela tinha aparecido na minha casa de repente e perguntei:

– Precisamos conversar sobre os seus motivos para mudar de ideia, Royal.

Ela levantou uma das sobrancelhas cor de ferrugem, e seus olhos castanhos brilharam de alegria.

– Eu sei, mas eu estou pelada, algemada e morrendo de saudade de você, Asa – disse. Aí se virou um pouco para conseguir encostar os lábios nos meus, depois completou: – Além disso, comprou uma casa para mim. Acho que preciso dizer “obrigada” de um jeito que você nunca mais vai esquecer.

Meu bom senso me dizia para descobrir primeiro aonde tudo aquilo ia levar, para lembrar à Royal que eu tinha um segredo muito importante que jamais poderei revelar, mas ela me beijou de novo. Todos os meus instintos predatórios se despertaram, e senti necessidade de possuí-la, de marcá-la, de fazê-la entender que ela será minha para sempre. Afinal, bom senso nunca foi o meu forte.

Joguei a Royal em cima da cama e soltei um grito.

*Royal*

**P**ASSEI SEMANAS VACILANDO entre o amor avassalador que sinto por esse homem e minha necessidade de descobrir o que ele escondia de mim. Um dia tinha certeza de que, seja qual for o segredo do Asa, não tem importância, porque quero estar com ele mais do que qualquer coisa neste mundo; no dia seguinte, me mordida de curiosidade para saber o que ele esconde, e acreditava que jamais esqueceria isso. Era como se a minha cabeça e o meu coração estivessem em um cabo de guerra emocional, e nenhum dos dois pudesse vencer.

Minha mãe não parava de falar para eu esquecer o Asa. O Dom me falava para ir atrás dele, e eu não tinha a menor ideia de qual era a decisão certa a tomar. Eu estava me sentindo sozinha e tinha saudade, mas foi só quando a Ayden me ligou e contou que o Asa havia comprado uma casa e que jamais teria feito isso se não fosse por mim, que realmente entendi que amo mesmo esse homem a ponto de aceitar que ele minta para mim. A Ayden também deu a entender que, se eu pensar bem, posso descobrir por que o irmão está tão irredutível sobre esse segredo, e isso despertou meus instintos, que ficaram reprimidos e abafados por muito tempo. Quando algumas das peças do quebra-cabeças começaram a se encaixar, precisei avaliar se queria ou não saber a verdade. Amo o Asa e amo a minha mãe, e tenho um pressentimento de que, se eu espiar dentro dessa caixa de Pandora, vou mudar minha opinião sobre um deles ou ambos para sempre. Além disso, apesar de a Ayden não ter dito com todas as letras, deu muitas indiretas de que certos limites do imperdoável haviam sido ultrapassados, por mais que eu os ame. Sei que o que aconteceu entre as duas pessoas que mais amo no mundo não deve ser nada bonito, e me resignei a deixar por isso mesmo, se isso significa que elas continuarão a fazer

parte da minha vida.

Um segredo não é suficiente para me fazer abrir mão de um amor que, tenho certeza, só se encontra uma vez na vida. A Ayden acalmou o resto dos meus temores ao me lembrar que o único motivo para o Asa esconder algo de mim é tentar me proteger... como fez nesses últimos meses, quando eu estava indo ladeira abaixo, e ele me impediu de parar no fundo do poço. O Asa não estava mentindo para me magoar, na verdade era exatamente o contrário. Mesmo sendo enigmático e cheio de segredos, ele queria me ajudar.

Precisava confiar nele e demonstrar isso. Então, fiquei pelada e algemada e deixei ele vir para cima de mim. Era para eu ter me sentido aberta e vulnerável, mas não foi assim. Senti que estava tomando a atitude certa, como se devesse ter feito isso desde o início.

Sabia que o Asa ia precisar de um gesto grandioso, algo além de meras palavras, para acreditar que estar com ele é mais importante do que saber da verdade, e foi isso que consegui fazer, assim, no susto. Além disso, ele sempre teve um tesão por minhas algemas, então liguei para a Dixie e pedi para ela me avisar quando o Bar fechasse. Depois parei o carro na esquina do apartamento do Asa e entrei usando a chave que a Cora havia roubado para mim. Era muito excitante ficar nua e de mãos atadas em um gesto simbólico para um homem como o Asa. Me entregar de corpo e alma para esse homem poderia ser algo assustador, mas assim que ele abriu a boca e disse que tinha comprado a casa para mim, tive certeza de ter tomado a decisão certa. Nenhum segredo do mundo vale desistir de alguém que te diz que precisa de você para ter um lar.

Seu corpo pesado ficou em cima do meu, e pela primeira vez em dois meses me senti com os pés no chão, e não flutuando entre meus desejos e meu bom senso. Era ali que eu deveria estar, com ele, embaixo dele, dentro dele. O Asa faz com que eu me sinta real.

– Como é estar presa, para variar? – perguntou.

Ele pôs meus braços em volta do seu pescoço e os espichou o mais para cima que conseguiu. Roci meus mamilos em seu peito e arqueei cada linha do meu corpo sobre o dele. Seus olhos tinham

um brilho que iluminava o quarto todo, e seu olhar fez minha pele ficar quente e vermelha.

– Nessas circunstâncias, até que não é ruim – respondi, dando uma puxada no metal que me prendia sem dó.

Senti a reação do Asa na parte de baixo do seu corpo, que estava grudado no meu.

– As algemas ficam muito melhores em você do que em mim.

Não pude deixar de perceber a ironia em seu tom de voz. Ele abaixou a cabeça e grudou a boca na minha.

Há muito tempo não nos beijávamos de verdade. Um beijo que não tivesse gosto de despedida e de arrependimento. Eu tinha quase tanta saudade disso quanto do Asa. Ele enroscou a língua na minha e ficou passando as mãos em meu corpo nu, depois apertou minha bunda. Devorou minha boca. Engoliu meu desejo. Nem percebi que ele foi nos levando para a beirada da cama. Então levantou a cabeça e beijou minhas pálpebras, a ponta do meu nariz e passou para a ponta dos meus mamilos, que estavam durinhos e praticamente imploravam por sua atenção.

Quase dei um pulo com a primeira lambida que o Asa deu em um dos meus mamilos túrgidos. Sentia uma corrente elétrica passar por meu corpo inteiro com cada toque dele. Levantei a mão para fazer cafuné no Asa, mas meus dois braços foram parados sobre minha cabeça, forçando minha carne ávida a ir ainda mais para dentro de sua boca ardente. O Asa deu risada, eu resmunguei um pouco frustrada. Levantei as sobrancelhas quando ele saiu da cama e ajoelhou no meio das minhas pernas.

O Asa deu um sorrisinho malicioso, levantou uma das minhas pernas e a apoiou em seu ombro. Me contorci um pouco porque suas intenções deliciosas estavam estampadas em seu lindo rosto.

– Asa...

Não sabia direito o que queria dizer, mas, pelo jeito, só seu nome foi o bastante para transmitir toda a emoção que fervia dentro de mim.

– Eu sei, Ruiva. Pode acreditar que sei, sim.

Então sua cabeça sumiu no meio das minhas pernas, assim como a minha consciência.

Não consegui me controlar e enfiei minhas duas mãos presas em seu cabelo quando senti a primeira passada de língua nas minhas dobrinhas sensíveis. Arqueei o corpo inteiro e quase saí da cama. O Asa deu uma risadinha, e o suave sopro de ar em meu ponto mais quente fez cada músculo do meu corpo tremer. Então, ele tirou uma das mãos da minha bunda e fez cócegas na parte de dentro da minha coxa. A dupla estimulação acelerou minha respiração e fez meu sangue correr mais rápido.

Quando o Asa roçou os dentes no meu clitóris e se torceu para conseguir enfiar os dedos no calor úmido que havia despertado, quase caí da cama. Gritei seu nome de um jeito abafado e comecei a balançar a cabeça, porque ele estava me levando à loucura.

Ele me acariciou com a língua, me acariciou com os dedos e não parou nem quando comecei a puxar seu cabelo como uma maluca, com aquelas algemas batendo uma na outra entre nós. Falei que estava quase gozando, e isso o provocou ainda mais. Ele torturou meu centro de prazer, sem parar com suas carícias suaves mesmo depois de eu ter chegado ao clímax debaixo dele. Fiquei ofegante, acabada e falei que era a minha vez, mas o Asa só tirou os dedos de dentro de mim e levantou meu corpo para poder se deliciar comigo e começar tudo de novo.

Se é possível morrer de prazer, tenho certeza de que olhei bem nos olhos da morte. O Asa só me largou depois de me proporcionar outros dois orgasmos de arrasar, me fazendo perder a voz, um com a boca e outro com seus dedos ágeis e a boca em meus mamilos. Ao ficar finalmente de pé, ele começou a tirar a roupa. Eu estava transformada em uma poça de suor. Eu queria tocar, acariciar todos os seus músculos torneados que ficaram à mostra depois que ele jogou a camisa no chão. Era difícil fazer isso com as mãos presas, mas a forma como o Asa me olhou, seguindo minhas mãos enquanto eu acariciava seu abdômen até chegar mais embaixo e ajudá-lo a tirar o cinto, fez toda aquela situação desajeitada valer a pena.

– Ninguém mais faz o que você faz comigo, Royal – falou, com um tom apaixonado e toda a doçura do seu sotaque sulista.

Olhei para o Asa por baixo dos cílios, e ele libertou sua ereção

ávida da prisão da calça jeans, que a afastava de mim, e completou:

– Você fez valer a pena viver essa minha segunda chance.

Pisquei para ele e segurei a base de seu pau. Tenho que admitir que ver as duas pulseiras prateadas em torno dos meus pulsos enquanto eu subia e descia as mãos por seu membro grosso deu um toque a mais de sensualidade. Eu podia sentir o sangue circulando pelas veias grossas debaixo da sua pele, e o Asa ficou me observando com um olhar sugestivo.

– Você se preocupou comigo num momento em que eu mesma não conseguia fazer isso. Sempre me desafiou e nunca me fez me sentir apenas um belo troféu. Você sempre me valorizou, Asa, e não tenho palavras para dizer como isso foi importante para mim.

Sorri para ele, dei um puxão na carne pulsante que estava nas minhas mãos e concluí:

– E alguns dos seus joguinhos são bem divertidos, Asa. Não mude jamais.

O Asa deu um suspiro que fez todos os músculos da sua barriga se contraírem de um jeito delicioso. Eu me inclinei para a frente e passei a ponta da língua em todas as dobrinhas quentes e duras de seu pau. Ele gemeu, também se inclinou para a frente e ficou passando os dedos no meu cabelo, enquanto eu engolia seu membro, chupando minhas bochechas. Chupei seu pau e rodopiei a língua em volta da cabeça inchada. O Asa murmurou meu nome, e fui ainda mais fundo chegando a ter seus pelinhos curtos e loiros da região fazendo cócegas em meu nariz. Ele tinha um gosto almiscarado e forte, e tudo o que eu mais queria era fazer aquele homem sentir o mesmo prazer que ele havia me proporcionado.

Ele começou a puxar meu cabelo e a se mexer de um jeito cada vez menos cuidadoso à medida que a ponta do seu pau batia na minha garganta. Rocei os dentes em sua pele com todo cuidado e o obriguei a afastar um pouco mais as pernas. Eu queria pôr as mãos entre elas e segurar seu saco rígido. Fiz cócegas na superfície do seu corpo do mesmo jeito que ele tinha feito cócegas dentro de mim. Pelo jeito, foi diversão demais para o Asa, porque ele me afastou e me jogou na cama com um salto desengonçado.

Então abriu minhas pernas, colocou uma de cada lado do seu

corpo, pôs meus braços de novo em torno do seu pescoço e enterrou o pau em mim com um suspiro de satisfação. Ele me olhou como se eu fosse a única mulher do mundo, baixou a cabeça até pousar os lábios na minha orelha e começou a entrar e sair de mim em um ritmo furioso.

– Fiquei sem isso por muito tempo – disse. – Por mais que eu goste dessa sua boquinha linda, gosto muito mais de ficar dentro de você.

Bom saber.

O Asa mordeu o lóbulo da minha orelha, e fiquei sem ar. Depois, com a mão que não estava segurando o peso do próprio corpo para não me esmagar, começou a torcer e a puxar um dos meus mamilos ultrasensibilizados até eu quase sentir dor. A forma como ele se mexia e a força com a qual me possuía evidenciaram que aquela não era uma trepada para fazer as pazes nem algo que nos reconectasse depois de passarmos meses sem nos ver. Não, o Asa estava deixando sua marca em mim, dizendo que eu era sua. Isso ficava evidente a cada movimento dos seus quadris, em cada dentada que ele dava no meu pescoço. Ele estava me dizendo que era desse jeito que as coisas serão a partir de agora, e isso fez meu coração e o meu corpo deliciosamente felizes.

Senti minhas paredes internas se contraírem em volta dele, na tentativa de segurá-lo dentro de mim enquanto seu corpo se movimentava. Dava para sentir como eu estava molhadinha em volta da sua dureza e cada mínimo espasmo dos meus músculos ao redor do seu membro, enquanto o Asa metia em mim. Meus quadris se levantaram contra os dele instintivamente, tentando acompanhar o fervor com que ele me amava. Ele me enchia de emoção com sua ereção impressionante. Tudo era tão gostoso que eu não sabia se conseguiria sobreviver se o Asa continuasse a me dar atenção daquele jeito. Não que eu fosse pedir para ele parar ou pegar mais leve comigo. Gosto quando ele é mais bruto. Gosto quando, com cada gota de prazer, há um leve desconforto. Isso faz com que eu me lembre de que o Asa nunca vai ser como os homens comuns e que, enquanto eu estiver com ele, sempre precisarei ficar alerta. Ele não é um homem fácil de amar e, para ser sincera, esse é um dos

traços que mais gosto nele. Ninguém vai suprir minhas necessidades como ele supre, e ele provou isso enfiando uma das mãos por baixo do cabelo da minha nuca e dando um puxão que não foi nada gentil.

Eu não conseguia fazer muita coisa com as mãos, então precisei segurá-lo com meus olhos. Me recusei a virar o rosto. Fiquei observando tudo. O jeito com o qual o desejo e a paixão enevoavam seus olhos. Seu jeito de me observar. Como ele ficava convencido e satisfeito ao ver que, mais uma vez, eu estava prestes a chegar ao clímax que só ele sabia me proporcionar. Observei o amor que brilhava em seus olhos quando gozei e, em seguida, observei o Asa se afogar no amor que tenho por ele quando ele gozou logo depois de mim. Então, ele jogou seu corpo em cima do meu com um gemido e enterrou o rosto na curva do meu pescoço, que estava sensível de tanto que ele havia mordiscado minha pele.

Balancei as algemas por cima da sua cabeça, dei uma risadinha e disse:

– Já posso te tocar agora.

O Asa saiu de mim, e seu movimento escorregadio e sensual nos fez ficar sem ar. Em seguida, ele rolou na cama, sentou ao meu lado, passou as mãos nos cabelos e sorriu.

– Não sei se eu teria me segurado por mais do que um minuto se você estivesse com as mãos livres, Ruiva. Onde está a chave?

Eu havia colocado a chave em um lugar do qual não me esqueceria. Brincar com o Asa e as algemas foi muito divertido, mas não queria que ninguém fora daquelas quatro paredes soubesse que meu equipamento havia sido usado para outros fins que não prender um criminoso. Contei em que divisão da minha bolsa tinha escondido a chave, e ele só levou um minutinho para me soltar. A pele que estava debaixo das algemas começou a formigar na mesma hora, porque o sangue havia voltado a circular nas minhas mãos, e o Asa deu um beijinho em cada um dos meus pulsos. Senti um calor no coração e, pelo sorriso que ele deu, com os lábios grudados na minha pele, tive certeza de que ele sentiu a mesma coisa.

– Então é isso, Royal. Eu e você vamos ficar juntos daqui para a frente, e eu nunca mais vou te soltar.

Passei o dedo no arco da sua sobrancelha e falei:

– Você tem direito a um segredo, Asa. Todo o resto é meu. Não vou mais tocar nesse assunto, porque vou confiar em você e acreditar que jamais esconderia de mim algo importante que eu precisasse saber para o nosso relacionamento dar certo. Não vou fazer perguntas, mas esse é o único segredo que vou aceitar. O resto é meu.

Ele tem um passado ruim e um futuro promissor. Ele é um homem que tem muito a oferecer neste exato momento, e eu precisava saber se ele estava disposto a compartilhar tudo isso comigo. Não importava se meu pedido soava egoísta ou irracional. Eu queria tudo para mim.

– Você pode ficar com tudo o que eu tenho a oferecer, Ruiva, menos esse segredo.

Passei o dedo pela curva do seu nariz e comecei a descer, traçando seus lábios com a ponta da unha. O Asa não precisa saber que eu tenho uma excelente hipótese de qual é esse segredo tão importante. Não preciso saber de todos os detalhes. Só preciso deste homem.

– Então pronto. Daqui para a frente, eu e você vamos ficar juntos.

O Asa se jogou de costas na cama e me puxou para perto dele. Fiquei esparramada sobre a superfície plana e torneada de seu peito.

– A policial e o criminoso. Quem diria que isso ia dar certo?

Desenhei um coração com o dedo no ponto em que seu coração batia forte, debaixo do meu rosto.

– Eu diria, desde o começo. Só que levou um tempinho até você ter a mesma opinião... E, além disso, você é um criminoso *recuperado*.

Ele deu uma risadinha, enrolou as pontas do meu cabelo comprido nos dedos, e falou:

– Mas eu roubei seu coração, não roubei?

Rocei o queixo naquele músculo duro como uma pedra que, para minha surpresa, era um ótimo travesseiro, e retruquei:

– Roubei o seu primeiro, Asa.

Fechei os olhos, e ele continuou me acariciando, passando a mão

pelas minhas costas.

– Não tem como você roubar algo que já era seu, Ruiva.

Ai meu Deus. Depois dessa, meus olhos se encheram de lágrimas.

– Você é tão galante.

Meu travesseiro humano deu risada e se mexeu.

– O que você acha de sair para comprar uns móveis?

Eu estava quase dormindo, me sentindo bem como há muito eu não me sentia. Apertei de leve seu corpo, virei o rosto, encostei os lábios bem no meio do seu peito e respondi:

– Faço tudo o que você quiser, Asa.

Porque, se esse homem vai me dar tudo o que tem a oferecer, acho que posso fazer a mesma coisa.

***Seis meses depois...***

**V**IVER COM UMA POLICIAL é uma experiência bem interessante. Já me acostumei a ter o uniforme da Royal ao lado de suas peças de seda e de algodão no meu armário. Já não pulo mais de susto ao ver armas e acordo, ao nascer do sol ou no meio da noite, quando ela sai para trabalhar em seus horários estranhos. Ainda estou aprendendo a lidar com as consequências emocionais que esse trabalho lhe causa. Há noites que volto para casa, e ela está arrancando os cabelos de tanta adrenalina, e mal dá tempo de eu passar pela porta antes de a Royal pular em cima de mim querendo liberar essa energia acumulada. E há dias em que ela volta para casa e mal me olha. Nessas horas, a encontro toda encolhida no chuveiro, chorando, e preciso tirá-la de lá e abraçá-la até que ela consiga se acalmar. Logo entendi que, nesses dias, os malvados levaram a melhor. Para minha sorte, os dias em que a Royal pula em cima de mim e arranca minha roupa são muito mais numerosos, e simplesmente aprendi a amá-la em ambos os momentos. Ainda acho que esse emprego dela é uma droga, mas minha garota ama tanto o que faz que eu fico de bico calado... a maior parte do tempo.

O Dom tem se esforçado muito, com a ajuda de um fisioterapeuta bastante hábil, que tem sido útil de diversas maneiras desde que ele voltou a trabalhar. Para minha surpresa, a Royal perguntou se o amigo se importava de ela continuar como parceira do Barret. Minha namorada acha que, em sua carreira, já havia se apoiado demais no Dom e, com outro parceiro, queria se obrigar a ser a policial que deve ser. Além disso, falou que seu coração não aguentaria ver uma arma apontada para ele de novo. O Dom, sendo o amigo incrível e o homem que é, levou tudo isso na boa. Ele sempre quis que a Royal desenvolvesse todo o seu potencial, e é

exatamente isso que ela está fazendo.

Joguei minha chave na tigela chique de cerâmica que a Royal escolheu para colocar perto da porta. Mesmo com um local específico para pôr as chaves, ainda tenho que atravessar a cidade de vez em quando para abrir seu carro, porque ela continua se trancando do lado de fora das coisas e dos lugares regularmente. É muito fofo, e seu jeito de me agradecer sempre me faz sorrir. Minha policial sensual dá trabalho, mas eu não mudaria nada nela.

Nessa noite, foi minha vez de chegar tarde em casa. Tem tanta coisa rolando na minha vida que, às vezes, fica difícil de acompanhar. O negócio dos carros que o Rome toma conta está bombando. Recuperamos o dobro do nosso investimento inicial em poucos meses. Para ser sincero, sinto o maior orgulho de dar uma vida nova a negócios que precisavam de uma ajuda. Ainda trabalho uma vez por semana no Bar, mas só porque não quero deixar de ir lá. Aquele lugar é minha segunda casa, para os momentos em que preciso me sentir acolhido, e não tenho coragem de sair completamente. Costumo trabalhar nas noites de quarta ou quinta-feira, e a Dixie e o Church continuam enrolando. Parece que estou assistindo a um *reality show* ao vivo e em cores, só que muito mais divertido. A Dixie acabou de se inscrever em um *site* de namoro pela internet, e o Church vive dando umas opiniões mal-humoradas e despeitadas sobre isso. Não consigo entender por que ele não leva a garota logo para a cama e acaba com o sofrimento dos dois, mas ele não é de se abrir.

Também encontrei um botequinho no Ba-Tro que estou louco para transformar em um bar de charutos à moda antiga. Cabem no máximo umas cinquenta pessoas no lugar, que é discreto e escondido na medida certa para eu transformá-lo em um *point* exclusivo que os modernetes vão amar frequentar. Como o Rome sempre foi muito legal comigo, convidei ele para ser meu sócio e fiquei perplexo com sua recusa. Ao contar isso para a Royal, ela apenas sorriu e disse que o lugar era meu. Verdade, o Rome quer que eu tenha algo só meu, que pode dar certo ou errado, se todos os nossos investimentos não vingarem. Ele estava tentando cuidar de mim do seu jeito durão. Então, nessa noite, conversei com o Zeb,

porque finalmente assinei o contrato de aluguel do boteco e quero que ele vá lá reformá-lo. O papo levou muito mais tempo do que eu esperava, e entrei em casa sem fazer barulho para não acordar a Royal, caso ela já estivesse dormindo.

As luzes estavam apagadas. Fui tateando até nossa cozinha incrível e servi uma dose de *scotch* do meu estoque especial. A porta de correr que dá para o deque, nos fundos da casa, estava entreaberta, e ouvi Tom Petty tocando baixinho lá fora. A Royal continua gostando daquele som *pop* bem descartável, mas quando está em uma *vibe* mais melosa e precisa desopilar depois de um longo dia de trabalho, costuma escolher os clássicos do *rock* que, preciso admitir, gosto bem mais.

Peguei minha bebida e abri a porta. Meus olhos foram direto para o conjunto de cadeiras de madeira no canto do deque, na frente da hidromassagem. A Royal estava sentada lá, no escuro e no frio. Era começo de fevereiro, e a neve ainda cobria o chão. Não me surpreendi ao ver que ela usava apenas uma das minhas camisas compridas de flanela e pantufas. Aposto que ela desistiu das calças assim que passou pela porta. Não que eu seja imbecil de reclamar disso. Ela segurava uma cerveja e tinha um leve sorriso nos lábios, o que me fez lembrar todas as vezes que a vejo aqui, nesta casa, e que esses momentos, em que tento transformar o lugar em um lar, não significam nada sem ela.

– Você ficou acordada para me esperar? – perguntei.

Fui até a cadeira onde a Royal estava, toda encolhida, e a fiz ficar de pé para conseguir beijá-la. Ela tinha gosto de ar livre e de cerveja gelada. De paraíso e inferno misturados. Roubei seu lugar na cadeira e a puxei para o meu colo, e a Royal ficou com as costas contra o meu peito.

Então, levou a cerveja aos lábios e se aninhou em mim. Soltei um suspiro da mais pura felicidade e passei o braço por sua cintura fininha.

– Fiquei. Não estava a fim de deitar sozinha.

Rocei o nariz em seu cabelo macio e disse:

– Você podia ter me ligado. Eu teria voltado na mesma hora.

A Royal pôs uma das mãos sobre a minha, e coloquei meu copo

no chão, porque ela era muito mais interessante de segurar.

– Na verdade, fiquei conversando com a Ayden e perdi a noção do tempo. Sabia que você não ia demorar muito, então resolvi sentar aqui e te esperar.

– Semina.

Ela riu e passou o braço por meu pescoço.

– Óbvio – disse.

– Como vai a viagem de carro de Austin para cá?

A Ayden se recusou a pegar um avião a essa altura da gravidez. Por mais que o médico tenha dito que não há problema algum, minha irmã insistiu que não vai correr nenhum risco desnecessário com sua filhinha. Então ela e o Jet estão vindo de carro, neste tempo imprevisível, para o casamento do Rome e da Cora na semana que vem.

– Ela me pareceu bem, o Jet é que está sofrendo. Quer fazer aquela coisa de macho, de vir dirigindo direto, mas com a mulher grávida de seis meses, sentada em cima da bexiga, simplesmente não rola. Sua irmã me disse que ele parece que vai ter uma embolia pulmonar toda vez que ela avisa que precisa ir ao banheiro. Conhecendo a Ayden, aposto que ela está fazendo isso de propósito, a cada setenta quilômetros, só para irritá-lo.

– Provavelmente. Estou louco para que eles cheguem.

Falei com a Ayden pelo Skype algumas vezes, então pude ver como estar grávida afetou o lado físico da minha irmã, mas queria ver de perto como ela está lidando com isso, ver com meus próprios olhos. Sem contar que quero pôr a mão na barriga onde minha sobrinha está.

– Eu também.

A Royal ficou em silêncio por um instante, depois perguntou, baixinho:

– Você pensa em casar e ter filhos?

Tirei a cerveja de sua mão e pus no chão, ao lado do meu copo de *scotch*. Coloquei as mãos em seus quadris para poder levantá-la e virá-la. Ela ficou sentada de frente para mim, e ficamos nos encarando no escuro.

– Você quer saber se penso em casar e ter filhos no geral ou com

você, Ruiva?

A Royal pôs as mãos em meus ombros e encolheu os dela, o que fez seu cabelo ruivo escuro roçar minhas mãos de um jeito sensual e gelado.

– A Ayden vai ganhar bebê daqui a alguns meses. O Rome e a Cora vão se casar em uma semana. O Rule e a Shaw já encontraram seu paraíso na Terra. A Salem acabou de contar para todo mundo que está grávida. E a Saint não pensou duas vezes antes de dizer “sim” ao pedido de casamento do Nash, logo depois do Natal. Tem um monte de criança nascendo e de casais querendo ser felizes para sempre à nossa volta, e você nunca comenta nada. Só estava imaginando se isso faz parte dos nossos planos.

Tirei uma das minhas mãos de seu cabelo e segurei seu queixo, para que ela não pudesse desviar os olhos de mim.

– Você quer casar, Royal? – perguntei.

Ela revirou os olhos como se eu tivesse feito a pergunta mais imbecil de todas.

– Quero. Uma hora ou outra.

Balancei a cabeça, me inclinei para a frente, dei um selinho em sua boca e falei:

– Então uma hora ou outra a gente casa.

A Royal soltou um suspiro de surpresa e ficou de queixo caído, de um jeito bem engraçado.

– Você quer ter filhos comigo? – perguntei de novo.

Ela tremeu de frio aninhada em mim, porque comecei a passar as mãos em suas coxas nuas, por baixo da camisa.

– Claro – sussurrou, grudada no meu pescoço, aninhando-se ainda mais em mim.

– É só você me avisar quando estiver preparada para começar a produção, que estou superdentro.

A Royal vai ser uma mãe maravilhosa e, apesar de minha capacidade para ser pai ser, na melhor das hipóteses, questionável, acho que consigo dar um jeito. Porque não vou perder a oportunidade de ter uma família com essa mulher fascinante, divertida e incrível.

Passei as mãos em sua pele nua e quente, que já estava

molhadinha e pronta para o que eu quisesse fazer. A Royal levantou a sobrancelha, com uma expressão maliciosa, e foi para trás, para conseguir enfiar as mãos entre nós e começar a tirar meu cinto.

– Você está planejando um showzinho para os vizinhos? – perguntei, sem conseguir controlar o tom divertido da minha voz, porque ela já havia libertado meu pau duro e subia e descia a mão por ele.

– Não foi por acaso que deixei as luzes apagadas.

Ela sorriu, e senti que meu mundo inteiro estava contido nesse gesto tão simples.

Soltei um resmungo quando ela rebolou em cima do meu pau e sentou nele. Fiquei aninhado em seu corpo convidativo e pulsante. Daquele ângulo, conseguia sentir o quanto a Royal precisava se espichar para me acomodar dentro dela. Meus olhos piscaram de prazer. Usei a mão que acariciava a parte interna da sua coxa e brincava com as dobrinhas macias que levavam à área em que nossos corpos se uniam para abrir seus músculos escorregadios e encontrar seu ponto sensível de desejo.

A Royal gemeu, disse meu nome e começou a se mexer em cima de mim. Ainda estávamos quase totalmente vestidos. Tudo o que um vizinho enxergaria caso se desse ao trabalho de bisbilhotar seria um pedaço de sua bunda espetacular toda vez que ela se levantava para me cavalgar com força. Minha namorada passou o braço pelo meu ombro e encostou a cabeça na minha. Toda vez que respirava, ofegante, sentia o ar que saía dela em meus lábios. Toda vez que eu urrava de satisfação, a Royal engolia meu grito. Fiquei provocando seu clitóris sem trégua enquanto ela me enfiava para dentro de si. Seu corpo fazia um vaivém guloso no meu. Ela é linda. O jeito como transou comigo é lindo e, quando gozou dizendo meu nome, e minha mão ficou coberta com a sua paixão, foi absurdamente lindo, tão lindo que eu gozei logo em seguida.

Ficamos ofegando e tentando recuperar o fôlego juntos. Tirei a mão do meio das suas pernas e segurei sua bunda nua. A Royal roçou a bochecha na minha, suspirou e disse:

– Eu vivo para ter esses momentos com você, Asa.

Eu a peguei no colo e a levei para dentro da nossa casa, do

nosso lar, e pensei que a Ayden estava coberta de razão. A vida começa de verdade quando você se permite amar e ser amado. Eu posso até já ter voltado do mundo dos mortos, mas só comecei a viver quando me permiti amar a Royal.

– A CORA ME DISSE QUE SEMPRE FUI SEU HERÓI, então precisava ficar com jeito de herói no dia do nosso casamento.

Essa foi a resposta que o Rome me deu, em tom de resmungo, quando perguntei como ele se sentia ao usar o uniforme de gala do Exército depois de tanto tempo.

Ficamos todos no fundo da igreja, esperando a cerimônia começar. Acho que todos ficaram surpresos ao saber que a Cora quis ter um casamento tão tradicional, mas, de acordo com o Rome, a sua fadinha sempre quis viver um conto de fadas, e ele estava mais do que disposto a proporcionar isso à mulher da sua vida.

Quando ele me pediu para ficar ao seu lado no altar, fiquei um pouco perplexo. Óbvio que a Cora queria a Royal como uma das madrinhas, então fazia sentido que eu a acompanhasse. Mas o Rome me lançou um daqueles seus olhares sombrios e me informou que eu tinha tanto direito de estar ao seu lado quando o Rule, o Jet, o Nash e o Rowdy. Como é que eu poderia discutir?

A Shaw e a Ayden ficaram tentando distrair a pequena RJ, para ela não enfiar as flores na boca enquanto esperava para desempenhar o importante papel de daminha de honra. A adorável menina de cabelos loiros estava muito mais interessada em fazer bagunça com as pétalas de rosa do que no que as duas mulheres estavam fazendo para distraí-la. A garotinha olhava para o Rome, sorrindo e mostrando os dentes, e perguntava se já estava na hora de casar. O grandão apenas sorria para a filhinha preciosa e falava:

– Quase.

A Cora e o Rome tiveram um menino muito saudável há poucos meses. E também acabaram com a tradição: não apenas não escolheram nenhum nome com a letra R, mas também pularam o C. O pequeno Zowen estava no quinto sono, com a mãe e o pai do Rome, enquanto o primo o observava com toda a atenção. O filho da

Shaw e do Rule está com pouco mais de um aninho e ficou fascinado pelo primo bebê. A Shaw vive dizendo que, quanto mais ele cresce, mais a sua personalidade se firma. O menino não é rebelde e maluco como o pai, nem doce e introspectivo como a mãe. Ela jura que, a cada dia que passa, ele fica mais parecido com o tio Remy, e acho que todo mundo do clã Archer gosta disso. O bebê é um doce, está sempre sorrindo ou dando risada, e parece feliz só por receber o amor dos pais. A Shaw sempre ri ao contar que ele é muito filhinho do papai. O Ry e o Rule são grandes amigos e, naquele exato momento, o Rule espichava o peçoço na direção do fundo da igreja, onde estavam todos os convidados, para ver como seu filho estava.

A Ayden resmungou, se endireitou e chegou perto de mim. Minha irmã sempre foi muito bonita, mas agora, grávida, está uma coisa de outro mundo. Há uma certa doçura que ela nunca teve, que lhe caiu muito bem. Minha irmã me deu o braço e deu um sorriso quando pus a mão em sua barriga proeminente.

– Você está preparado para isso?

Levantei a sobrancelha, porque ela estava olhando para a Royal, que tagarelava baixinho com a Saint.

– Preparado para hoje ou preparado para fazer isso com ela?

Minha irmã pôs a outra mão sobre a minha, que estava em cima da sua barriga, me olhou e respondeu:

– As duas coisas.

Eu levaria minha irmã e a Royal até o altar, porque o Jet ia cantar “It must be love” do Madness para a Cora antes de ir para lá.

– Estou preparado para as duas coisas – respondi.

Minha irmã sorriu, e a felicidade cresceu dentro de mim. Para duas crianças que vieram do lado errado dos trilhos, conseguimos ter sorte e acabar do lado certo de um jeito espetacular.

– Está todo mundo preparado? – perguntou o Brite.

Ele é que ia celebrar o casamento, e todos prestaram atenção quando o barbudo falou, como bons soldados. Em seguida, ele e o Rome foram até a parte da frente do altar.

Quando a música começou a tocar, o Rule deu a mão para a Shaw e começou a andar na direção do irmão. Ninguém se chocou

quando, na metade do caminho, ele parou e deu um beijo em sua bela esposa de cabelos loiros. Todo mundo suspirou. O Nash e a Saint entraram em seguida. O diamante no dedo da menina brilhava quase tanto quanto seus olhos quando ela olhava para os olhos violeta do noivo, e os dois desfilaram elegantemente até o altar. Depois, vieram o Rowdy e a Salem, descolados demais para vestirem o *smoking* preto tradicional que nós, homens, vestimos, e o vestido preto simples, caído no ombro, que a Cora escolheu para as madrinhas. A Salem riu bastante quando o Rowdy, em vez de segurar sua mão e andar ao seu lado, a puxou para a frente, pôs a mão em sua barriga, que ainda não aparece, e andou com ela assim pela igreja decorada.

A Royal apareceu ao meu lado e me deu o braço. Piscou para a Ayden, ficou na ponta dos pés e me deu um beijo na bochecha.

– Chegou a nossa vez.

E tinha chegado mesmo. Aquele momento. Um momento que podia parecer tão simples, tão insignificante para algumas pessoas, mas que era tudo para mim. Aquele momento era a minha vida completando um ciclo e, se eu não tivesse prestado atenção, teria perdido esse instante e todas as coisas maravilhosas que fazem parte dele. Os amigos. A família. O amor. A união.

Levei as duas pessoas mais importantes da minha vida até a frente do altar. Não pude deixar de notar o olhar de orgulho do Rome e o de aprovação do Brite quando fiquei ao lado dos homens que me salvaram de mim mesmo.

Então foi a vez da RJ e, mesmo com a Sayer lá no fundo, dando um empurrãozinho, a menina não queria se mexer agora que tinha virado o centro das atenções. Percebi que seu lábio inferior começou a tremer, e o Rome também deve ter visto. Ele se afastou um pouco do altar, para a menina poder enxergá-lo. Depois estendeu a mão na sua direção, os olhos da Remy se fixaram nos do pai e, simples assim, ficou tudo bem. A garotinha sorriu e começou a andar, jogando pétalas de flores pelo chão como se tivesse nascido para ser daminha de honra. O Rome gargalhou quando ela parou no meio do caminho e fez uma pirueta de bailarina, só para causar um efeito dramático. Depois dessa, a RJ esqueceu das flores e foi correndo até

o Rome, que a pegou no colo. A menina deu um gritinho de alegria, seu pai lhe deu um beijinho no rosto e voltou para o seu lugar, na frente do Brite.

O Jet começou a cantar, e a Cora apareceu no fundo da igreja, com o pai. O Joe também estava usando o uniforme de gala da Marinha, o que contrastou com o vestido rosa claro bufante e exagerado da filha. É claro que a fadinha do *punk rock* não ia usar um vestido branco. Todos na igreja soltaram um suspiro coletivo quando os dois começaram a se dirigir ao altar. O Rome não conseguia tirar os olhos da mulher que o ajudou a matar todos os seus dragões. A RJ batia palmas e dizia "A mamãe está bonita". E estava mesmo. Os olhos um de cada cor da Cora brilhavam, cheios de lágrimas, e ela andou devagar até o lugar em que sua família lhe esperava... a família que todos nós somos.

O Joe deixou a Cora com o Rome, e o Rule quebrou o silêncio emocional com um sussurro relativamente alto:

– Já estava mais do que na hora, caramba.

A igreja inteira deu risada. O Jet veio dar um beijinho no rosto da Ayden, pôs a mão em sua barriga e ficou ao meu lado. Cruzamos o olhar, e eu apenas balancei a cabeça. Tive que dar muito duro para merecer estar ao lado daqueles homens, ao lado do homem que amou minha irmã quando eu mesmo não sabia como fazer isso. Jamais vou esquecer.

Todos temos nossas marcas. Algumas físicas, outras, emocionais, algumas que jamais poderão ser apagadas e, muitas, nós mesmos fizemos, tentando chegar onde deveríamos estar. Nossas marcas nos definem, nos separam dos demais e nos tornam os homens que somos hoje. Uma verdade que nenhum dos homens que estavam naquele altar podia questionar é que a marca mais importante de todas, a mais duradoura, que todos temos, tem a ver com termos nos apaixonado pelas mulheres admiráveis que estavam na nossa frente.

Somos todos marcados. Fomos marcados de modos inesquecíveis, para sempre. E todos nos tornamos homens melhores por causa disso. Homens marcados. Nenhum de nós gostaria que fosse diferente.

## *Playlist da Royal e do Asa*

**E**STA AQUI FOI COMPLICADA. O Asa é de tudo um pouco, e seu gosto musical reflete sua personalidade. Sempre imaginei a Royal como uma pessoa animada e divertida, então precisava dar a ela uma trilha bem *pop*, coisa que eu não ouço de jeito nenhum. O meio-termo foi escolher para a moça canções *pop* antigas, que faziam sucesso quando eu era mais nova, e que eu lembro de escutar no rádio. São escolhas bobas, bem chiclete e divertidas, que combinam com a personalidade da Royal, mas não têm nada a ver com o que toca na rádio de hoje (apesar de eu ter uma afinidade secreta com o Eminem, não contem para ninguém!). Esta é uma *playlist* curiosa, mas que tem a ver com a nossa despedida e lhe cai bem como trilha sonora.

Tom Petty: "You got lucky" e "Even the losers"

Shooter Jennings: "A hard lesson to learn"

Diamond Rugs: "Blue mountains"

Britney Spears: "Toxic"

Caitlin Cary ft. Whiskeytown: "The battle and the war"

U2: "With or without you"

Jason Isbell: "Streetlights"

Dirty River Boys: "Riverbed wildflowers"

Raconteurs: "Salute your solution"

Funeral Party: "Finale"

Black Rebel Motorcicle Club: "Devil's waitin'"

One Direction: "Better than words"

Justin Timberlake: "Sexy back"

Pink: "Trouble"

Eagles of Death Metal: "I want you so hard"

George Thorogood: "Who do you love?"

Them Crooked Vultures: "No one loves me & neither do I"

The Killers: "All these things I've done"  
The Duke Spirit: "Love is an unfamiliar name"  
Christina Aguilera: "Dirrty"  
Guns N'Roses: "Civil war"  
Eminem: "Berzerk"  
American Aquarium: "Northern Lights"  
Band of Horses: "The funeral"  
Slobberbone: "To love somebody"  
Black Angels: "You're mine" e "Love me forever"  
Sea Wolf: "O Maria!"  
Morningwood: "Best of me"  
Madness: "It must be love"

**A**NTES DE INICIAR OS AGRADECIMENTOS NORMAIS, me ocorreu ser necessário tirar um tempinho para mandar um salve aos autores que me ajudaram do começo ao fim dessa louca jornada que foi trazer os Homens Marcados para o mundo. Escrever é uma alegria, a minha paixão, mas também um trabalho. Um trabalho que, sem dúvida, tem o melhor pacote de benefícios que pode existir. Um trabalho também com altos e baixos bem malucos. Nos últimos anos, as chances de eu desistir da empreitada ou acabar em uma camisa de força seriam grandes se não fosse por estas damas maravilhosas e incrivelmente talentosas:

Jennifer Armentrout, minha heroína. Quero ser igualzinha a essa moça quando crescer e teria filhos literários com ela na hora em que ela quisesse.

Cora Cormack, que sempre me faz rir. É sempre bom lembrar que escrever pode ser uma diversão, e ela nunca me deixa esquecer isso.

Monica Murphy, minha irmã postíça.

Sophie Jordan, mestre em se reinventar. Ela é uma gênio e tem várias ideias e vozes narrativas. É um excelente exemplo de estar em constante crescimento e em constante desafio e de jamais temer coisas novas.

Tiffany King, o ser humano mais legal que deve existir na face da Terra. Um exemplo de como é mais fácil apoiar os colegas em vez de competir com eles. Eu simplesmente amo essa mulher e a sua filosofia de vida.

Kristen Proby, a classe em pessoa. Morro de amores por essa mulher e, sinceramente, ela é a autora perfeita para demonstrar como ter uma conduta profissional e atenciosa não apenas nessa área de trabalho, mas também na vida. Nós formamos uma dupla estranha, mas fico muito feliz por ela retribuir meu amor.

Lisa Desrochers, a primeira autora a me dizer que tenho um dom especial. Ela foi tão gentil comigo e ficou tão animada que me contagiou. Ela é uma pessoa brilhante, e sua abordagem do romance é tão nova e única que fica difícil não admirar tudo o que a torna diferente dos demais.

K. A. Tucker, irmã de agência e autora incrível. É sério, fico com

inveja das palavras dessa mulher o tempo todo. Toda vez que leio um de seus livros quero ser uma escritora melhor. Além do que, ela é um amor toda vez que nos encontramos e me dá vontade de abraçá-la até não poder mais.

Kimberly Knight, a primeira autora de quem fiquei amiga. Agora ela é minha amiga que, por acaso, também é autora. Eu adoro essa moça e amo o fato de ela fazer parte da minha vida também fora do universo dos livros.

# *Agradecimentos*

**E**VIDENTEMENTE, como este livro é o fim da série Homens Marcados, preciso agradecer, em primeiro lugar, aos leitores maravilhosos que a abraçaram e a amaram tanto quanto eu. Será que eu teria publicado mais alguma coisa depois de *Na sua pele – Rule* se não fossem vocês? Sinceramente, não posso responder “sim” a essa pergunta. Amo o fato de meus desajustados terem conquistado um lugar em seus corações, bem como sua desajustada criadora. Não me esforçaria para ser cada vez melhor sem vocês. Não me entregaria tão completamente a cada livro que escrevo se nunca tivesse prometido jamais os decepcionar. Poder compartilhar meus amores e minhas paixões com tantas pessoas, tantas e tantas vezes, é realmente uma dádiva.

Jamais duvidem de que a coisa mais importante para um autor são seus leitores. Queremos emocionar vocês. Queremos que se apaixonem. Queremos surpreendê-los. Queremos chocá-los. Queremos que vocês sintam raiva. Queremos que fiquem perplexos. Queremos que vocês continuem ao nosso lado quando tentarmos fazer algo novo. Porém, mais do que tudo isso, queremos agradecê-los por terem nos dado uma plataforma que permite a nossas histórias brilharem.

Então, muito obrigada. Um milhão de vezes, por um milhão de coisas.

Digo o mesmo aos blogueiros que deram uma mãozinha para que os meus meninos ganhassem o mundo. Agradeço a todos que acompanharam minha carreira – por meio desta série e, ainda mais importante, além dela. Sei que ser blogueiro pode ser uma ocupação pouco reconhecida, mas, por favor, saibam que sou grata por cada gota de seu apoio e de sua promoção. Caramba! Se não fosse pelos blogueiros, eu jamais teria a Karen, a Michelle e a Rosette para me ajudar em minha primeira turnê de divulgação nem em outras ações

promocionais. Não teria a Denise para me dizer “Olha, você precisa ter uma conta no Facebook e outra no Twitter”. Não teria a Mel para me falar “Você precisa de uma *fanpage* e eu vou te ajudar a administrá-la”. Nem a Mich que, com toda a sua glória neozelandesa, falou “Você vai ser uma estrela, e quero te entrevistar mesmo que ninguém saiba quem você é”. E a Lisa, que pediu para “fazer uma entrevista com o personagem... Ah, você não sabe o que é isso? Eu te ensino”. Além disso, a maioria dos eventos aos quais vou para encontrar os leitores são encabeçados por blogueiros apaixonados. Vocês são tão importantes para espalhar a paixão pelos livros no mundo que nem tenho palavras para expressar minha gratidão pelo que fazem. Sempre digo que não vou citar nomes, porque valorizo todos os blogueiros que me apoiaram nessa jornada, mas, para aqueles que estão comigo desde o primeiro dia... mando um agradecimento especial, por acreditarem em mim e terem fé de que eu seria mais do que um sucesso passageiro. Isso é muito importante para mim.

Construir *Riscos da paixão* – Asa deu muito trabalho. O personagem é um tipo complicado, com um passado difícil, e fazê-lo entender que ele merece não apenas amor, mas ser um homem melhor, não foi fácil. O Asa acabou comigo, e eu queria garantir que ele não só tivesse a história que merece, mas o resto da turma também. Eu não teria conseguido isso de jeito nenhum sem a Vilma Gonzales (minha guia espiritual dos livros) e a Denise Ting (minha *sensei* da narrativa). Precisei das duas para escrever a melhor história possível e para me guiar quando fiquei perdida. Chegar ao fim dessa série me deixa toda arrepiada. Em vez de ficar triste com o fim, sinto que realmente fiz o que precisava ser feito e levei todos os personagens a seu destino. Agora estou animada para a próxima jornada. Ao longo dela, fiz muitos amigos importantes, valiosos, interessantes e maravilhosos no mundo dos livros. Essas duas damas estão no topo da lista. Tenho todo o amor do mundo – e mais – por elas.

Também não teria me divertido tanto nem teria me conectado tanto com os meus leitores se não fosse a Melissa Shank. Ela é simplesmente a melhor pessoa do mundo. Organiza minha vida

quando não consigo fazer isso e é a ponte que me permite viajar e me encontrar com as pessoas mais importantes... os meus leitores. Ela se esforça muito para que cada detalhe seja divertido e, sempre que eu lhe passo uma tarefa, tenho certeza de que ela vai dar conta. É muito raro encontrar pessoas assim hoje. Agradeço todos os dias por essa moça estar ao meu lado. Se você quiser entrar em contato comigo e com os meus companheiros... os companheiros que adoram tudo o que tenha a ver com a Jay, venha se juntar à Turma... Nós nos divertimos muito e sempre incentivamos todo mundo a se dar bem.

<https://www.facebook.com/groups/crowoverscrowd>

Como chegamos ao fim, e eu sempre falo das mesmas pessoas: obrigada à minha mãe e ao meu pai; à minha vó, que leu TODOS os meus livros e os guarda na estante, aquecendo meu coração; ao Mike, que carrega todos os pesos pesados para mim (e eu não sabia como isso é importante até me divorciar), e aos meus cães... Acho que posso resumir o que sinto dizendo que ninguém é tão sortudo quanto eu. Sou abençoada de verdade por ser cercada de amor e de apoio no meu dia a dia. Nunca vou pedir mais nem aceitar menos do que todas as coisas maravilhosas que eles têm para oferecer.

Não preciso dizer que viver o momento, estar presente e aberto para todas as coisas maravilhosas que acontecem aqui e agora é uma batalha constante para mim. Nos dias de lançamento, essa luta sempre me deixa em crise emocional, mas desta vez estou determinada a levar a sério as lições contidas neste livro e a aplicá-las na minha vida. Não estou apenas na arena, estou vivendo o momento.

Agora, passemos aos negócios... Ah, sim. Lançar um livro dá trabalho e é um negócio. Não deixe ninguém lhe convencer de que não é.

Tenho muita sorte de trabalhar apenas com pessoas realmente maravilhosas, no sentido profissional e no criativo. Maravilhosas mesmo.

Minha editora nos EUA, a Amanda, é guerreira e fofa. Só quer levar até você o melhor livro possível e trabalha duro para garantir que isso aconteça. Ela nunca tentou mudar o que faço, e a valorizo

muito por isso. A versão publicada dos meus livros tem poucas alterações, ela é apenas um pouco refinada para que a leitura seja mais fácil e satisfatória. A Amanda também me deixa fazer coisas diferentes e ultrapassar os limites, além de abraçar toda a minha loucura... Caramba, na maior parte do tempo, ela até a encoraja. Tenho muita sorte de ela ter aberto a porta para mim, para que eu possa contar minhas histórias do meu jeito. Ouvir seus comentários, quando trabalhamos juntas, não apenas me transformou em uma escritora melhor, mas também em uma pessoa melhor.

Existe um exército de mulheres que trabalha nos bastidores de uma grande editora, dedicando-se incansavelmente a levar ao público romances e livros em geral. Quando eu era mais nova, sonhava em ter um trabalho assim. Então, ver as meninas fazerem isso tão bem alega muito a minha alma.

A Jessie e a Alaina mandam muito bem não só gerenciando os negócios da Jay, mas também gerenciando a própria Jay. Nem sempre sou a pessoa mais fácil de lidar, mas elas conseguem fazer isso de maneira impecável, transformando o lado "negócio" daquilo que faço em algo divertido. Por mais que publicar livros seja um negócio em que vendas e números são importantes, toda a equipe da HarperCollins faz com que eu sinta que sou igualmente importante. Já disse isso e vou dizer de novo: acabei chegando exatamente aonde deveria chegar e agora não consigo pensar em nenhum outro lugar.

Então, obrigada, damas, por me darem essa oportunidade e trabalharem tanto.

K. P. ... Ah, por onde eu começo a elogiar essa mulher e sua incansável dedicação a seus clientes? Ela é incrível. Fim! Sério, eu já a amava antes de precisar dela, mas agora a amo ainda mais. Minha admiração por essa mulher chega às raias da obsessão. Vivo lhe dizendo que é melhor ela guardar uma vaga para mim na InkSlinger, porque, se esse negócio de ser escritora não der certo, quero trabalhar em sua empresa. Me sinto muito honrada de fazer parte do time de autores talentosos e arrojados da InkSlinger... Fique sabendo!

Não sei como, mas passei a chamar de colegas os integrantes

desse grupo absurdamente descolado do Texas. Eles são divertidos, gentis e têm o coração tão grande quanto o estado onde moram. Esse é meu salve especial à galera do estado da Estrela Solitária, que sempre me fazer sorrir: Renee Kennedy, Heather e Brad Self, Stephanie Higgins, K. P. Simmon, Vilma Gonzales, toda a família Shank (o Jake é o melhor marido literário do mundo, e a Lizzy me faz acreditar no futuro), Danielle Sanchez e Yesi Cavazos. E a Damaris Cardinali, minha garota da Costa Oeste.

Ok, agora vem um grande... o maior de todos... para a pessoa que merece mais agradecimentos do que consigo dar conta. Minha agente, a Stacey. Ela é tudo. Meu sistema de apoio. Minha sócia. Minha pastora. Minha mãe. Minha consultora de moda. Minha líder de torcida. Meu bom senso. Minha advogada do diabo. Essa mulher desempenha tantos papéis que não tenho como agradecer nem reconhecer o tanto que ela me ajuda, na minha vida e na minha carreira. É a ela que eu devo o êxito de publicar outros livros além da série *Homens Marcados*. A Stacey acreditou nos meus meninos quando os outros falavam "essa menina não sabe nem ortografia direito e acho que nunca viu uma vírgula na vida". Ela sempre teve mais fé em mim do que qualquer outra pessoa e jamais voltou atrás em sua crença de que eu devo ganhar a vida escrevendo. Sempre me diz que é, em primeiro lugar, minha fã e, em segundo, minha agente. E eu sou sua fã em primeiro lugar e cliente em segundo. Devo à Stacey todas as grandes oportunidades que tive desde que tudo isso começou e acho que jamais vou encontrar tempo e palavras suficientes para agradecê-la.

Então, aqui estamos, no final de uma jornada que foi realmente de proporções épicas. Amei cada segundo, mesmo os segundos que odiei. Estou encarando isso, de verdade, como se uma porta tivesse se fechado, e eu estivesse pulando por uma janela aberta e procurando onde pousar. Tenho tantas ideias legais, e espero, espero mesmo, que vocês estejam a fim de pular comigo.

Como sempre, é fácil me encontrar. Se quiser me mandar um alô, mandarei um alô de volta.

Obrigada por tudo.

Com amor e *tattoos*,  
Jay

 [facebook.com/AuthorJayCrownover](https://facebook.com/AuthorJayCrownover)  
 [@JayCrownover](https://twitter.com/JayCrownover)

## **Série Homens Marcados**

*Na sua pele – Rule*

*Notas quentes – Jet*

*Armas da sedução – Rome*

*Chamas do passado – Nash*

*Desejos do destino – Rowdy*

*Riscos da paixão – Asa*

# *Série completa*

Na sua pele - Rule

Vol. 1



Notas quentes - Jet

Vol. 2



## Armas da sedução - Rome

Vol. 3



## Armas da sedução - Nash

Vol. 4



## Desejos do destino - Rowdy

Vol. 5



Riscos da paixão - Asa

Vol. 6



**SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE**

Mande um e-mail para [opinio@vreditoras.com.br](mailto:opinio@vreditoras.com.br)  
com o título deste livro no campo "Assunto".

1ª edição, out. 2016

FONTE Dante MT Std Regular 11,5/16pt; Corbert Regular 9/16pt; Dragon is Coming Regular  
65/40pt

# Table of Contents

Falso rosto

Rosto

Créditos

Dedicatória

Introdução

1 Asa

2 Royal

3 Asa

4 Royal

5 Asa

6 Royal

7 Asa

8 Royal

9 Asa

10 Royal

11 Asa

12 Royal

13 Asa

14 Royal

15 Asa

16 Royal

17 Asa

18 Royal

19 Asa

20 Royal

Epílogo - Asa

Playlist da Royal e do Asa

Pré-gradecimentos

Agradecimentos

Série homens marcados

Série completa

Sua opinião